

ESCOLAS DO CLUBE DESPORTIVO
DA COVA DA PIEDADE



AO SERVIÇO
DO ENSINO POPULAR
E DA DEMOCRACIA



O que é o homem culto?

É aquele que:

1. Tem consciência da sua posição no cosmos e, em particular, na sociedade a que pertence;
2. Tem consciência da sua personalidade e da dignidade que é inerente à existência como ser humano;
3. Faz do aperfeiçoamento do seu ser interior a preocupação máxima e fim último da vida.

Bento de Jesus Caraça

*In, A Cultura Integral do Indivíduo
Problema central do nosso tempo*

Conferência realizada na União Cultural «Mocidade Livre»
25 de Maio de 1933

ESCOLAS DO CLUBE DESPORTIVO
DA COVA DA PIEDADE

50
ANOS

1963

1974

1997

2013

AO SERVIÇO
DO ENSINO POPULAR
E DA DEMOCRACIA



Agradecimentos

Academia de Instrução e Recreio Familiar Almadense
Alma Alentejana - Associação para o desenvolvimento, cooperação e solidariedade social - Laranjeiro
Alunos das Escolas do Desportivo
Amarsul
Amigos do Museu Naval de Almada
Associação Amigos da Cidade de Almada
Associação de Colectividades do Concelho de Almada
Associação Cultural Manuel da Fonseca
Câmara Municipal de Almada
Clube Desportivo da Cova da Piedade
Cooperativa de Consumo Piedense
Corpo docente das Escolas do Desportivo
Grupo Dinamizador de Alfabetização do Concelho de Almada
Isotelas - Isolamentos, Lda.
Mecânica Piedense, Lda.
Museu da Cidade de Almada
Sociedade Cooperativa de Consumo Piedense
Sociedade Cultural de Artes e Letras de Almada
Sociedade Filarmónica Incrível Almadense
Sociedade Filarmónica União Artística Piedense
União de Resistentes Antifascistas Portugueses
URPICA - União dos Reformados, Pensionistas e Idosos do Concelho de Almada
União das Freguesias de Almada, Cova da Piedade, Pragal e Cacilhas
União das Freguesias de Laranjeiro e Feijó
e quantos colaboraram na elaboração do livro com textos, fotos e investigações ou que, de outras formas enriqueceram esta obra.

Ficha técnica

Autores	Colectivo das Escolas do Clube Desportivo da Cova da Piedade
Título	Escolas do Clube Desportivo da Cova da Piedade <i>50 Anos ao serviço do ensino popular e da democracia</i>
Edição	Escolas do Clube Desportivo da Cova da Piedade
I.ª Edição	Abril de 2019
Concepção Gráfica	4iD Design Gráfico
Impressão	Jorge Fernandes, Lda.
Tiragem	500 exemplares
ISBN	978-989-20-9478-6
Depósito Legal	

Índice

007	Introdução	094	José Paiva
009	Prefácio - Joaquim Judas	095	José Revez
010	Notas de Abertura	097	Manuel Custódio de Jesus
010	José Manuel Maia Nunes de Almeida	100	Maria Antónia Oliveira Bernardo
012	Luís Filipe Almeida Palma	101	Almirante Martins Guerreiro
013	Ricardo Louçã	102	Manuel Nobre
014	Paulo Veiga	104	Marcos Antunes
		106	Mário D'Araújo
		110	Miguel Judas
016	CAPÍTULO I	112	Numitor Napoleão Esteves Couto
	O Clube Desportivo da Cova da Piedade (1947)	113	Vítor Mesquita
018	Acerca do Associativismo na Cova da Piedade	115	Outros Professores, outros Alunos
022	Manuel Branquinho	120	Documentos referentes ao Associativismo e à génese das Escolas Nocturnas do Clube Desportivo da Cova da Piedade (1955-1971)
023	Armindo Venâncio		
025	Artur Jaime Ferreira de Castro Rodrigues		
034	CAPÍTULO II	122	CAPÍTULO IV
	As Escolas do Desportivo e o Ensino Pré-primário (1947/1963)		As Escolas do Desportivo, pequenas histórias, o convívio e a cultura (1963/1974)
037	Maria Suzana Ferreira Soares	124	Choveu! A Romeira está inundada!
039	Ivone Chocalhinho	125	Os convívios que solidificaram amizades
044	Olga Paiva	126	"O casamento dos alunos"
047	Carlos Cerqueira Afonso	127	Passeio a Alcobaça...
049	Carlos Barbosa	128	O grupo de teatro
051	Jorge Francisco	128	A equipa de futebol
053	Almirante Xavier Cabrita	129	Um livro: "Rumor Branco"
055	Luis Mesquita	130	Uma noite de música
		130	A pintura de Lima de Freitas
		131	Cine-clube: O filme "O Voo da Fénix"
		132	O Curso de Cultura Geral
		132	Publicações
058	CAPÍTULO III	134	Foto do almoço dos antigos alunos das Escolas do Desportivo
	Da Comissão Cultural da Cooperativa para as Escolas do Desportivo (1963/1974)		
060	E as Escolas do Desportivo iniciam as aulas nocturnas		
062	Gomercindo de Carvalho		
065	José Cavaco	136	CAPÍTULO V
068	Eduardo Gonçalves		Preparação de candidatos à Universidade (1998/2013)
070	Maria do Céu	138	Aprender ciência e praticar valores
072	Antónia Mota	139	O caminho percorrido pelo aluno
073	António Fontinha	139	A inscrição
075	António Reizinho	141	Os programas curriculares e as áreas interdisciplinares e complementares
077	António Santana Alho	142	O diagnóstico
079	Celeste Mesquita	144	Os trabalhos académicos e a metodologia
081	Fernando Cid Simões	145	A preparação específica
083	Gilberto Silva	146	O apoio depois do ingresso
085	Jaime Oliveira	146	Breve estudo estatístico de caracterização dos alunos
088	João Gentil	147	Documento estratégico - Objectivos gerais
090	João Neves		
093	José Carreira		

148 **CAPÍTULO VI**

Memórias e testemunhos dos Professores das Escolas

- 150 Alice Figueira
- 151 Alice Ligeiro
- 152 Anabela Silva
- 154 António Malta
- 156 António Ramos
- 157 Augusto Flor
- 159 Carlos Canhão
- 160 Carlos Nunes
- 162 Euridice Cruz
- 163 Joaquim Marreiros
- 164 Rui Gomes
- 165 Outros Professores - Ano Lectivo 2004/2005

166 **CAPÍTULO VII**

Memórias e testemunhos dos Alunos das Escolas

- 168 António Correia
- 170 António Pombeiro
- 172 Belmiro Ribeiro
- 173 Deolinda Nunes
- 175 Felismino Ribeiro
- 176 Fernando Costa
- 178 Filomena Gaspar
- 181 Isabel Marinho
- 182 Ivone Marques
- 184 João Granadeiro
- 186 João José Monteiro
- 189 João Paulo Gentil
- 191 José Augusto Gonçalves
- 192 Judite Paris
- 193 Luís Fontes Ferreira
- 194 Maria do Rosário Arriaga
- 198 Maria José Rafael
- 201 Maria Ondina
- 203 Miguel Rei
- 206 Olga Domingos
- 208 Pedro Gameiro
- 209 Pedro Lago

212 **CAPÍTULO VIII**

As Escolas e o 25 de Abril de 1974 Projectos Sociais (1998/2012)

- 214 1998 - Órgãos Sociais
- 217 25 de Abril Sempre!
- 219 As Escolas e o 4 de Outubro
- 219 Alfabetização

- 220 Campanha das tampinhas
- 221 Cine-clubes das Escolas do Desportivo
- 223 Cine-clubes
- 224 Obras literárias e outras iniciativas culturais

230 **CAPÍTULO IX**

Relações com as restantes expressões Associativas e Instituições

- 232 Colectividades Populares - Mais Participação, Melhor Democracia
- 233 Associações de Amizade
- 234 Academia de Instrução e Recreio Familiar Almadense
- 235 Amigos do Museu Naval de Almada
- 236 Associação Amigos da Cidade de Almada
- 237 Associação de Colectividades do Concelho de Almada
- 238 Associação Cultural Manuel da Fonseca
- 239 Grupo Dinamizador de Alfabetização do Concelho de Almada
- 240 Sociedade Cooperativa de Consumo Piedense
- 241 Sociedade Cultural de Artes e Letras de Almada
- 247 Sociedade Filarmónica Incrível Almadense
- 248 Sociedade Filarmónica União Artística Piedense
- 250 União de Resistentes Antifascistas Portugueses
- 251 União dos Reformados, Pensionistas e Idosos do Concelho de Almada
- 252 União das Freguesias de Almada, Cova da Piedade, Pragal e Cacilhas
- 253 União das Freguesias de Laranjeiro e Feijó
- 254 Câmara Municipal de Almada

256 **CAPÍTULO X**

Anexos

- 258 Quadro de Honra das Personalidades
- 259 Quadro de Honra dos Alunos
- 260 As Actas
- 294 Bibliografia



UM COLECTIVO COM ESTÓRIAS E A HISTÓRIA DE UM COLECTIVO

Muitas vezes assistimos ao exercício e debate inconclusivo se a família é ou não o elemento agregador dos indivíduos. Questiona-se se é a célula base da sociedade. Especula-se com o facto de não se poder escolher a família e, como tal, essa “imposição do destino”, ser determinante para que seja considerada o elo social mais eficaz. Dizem uns.

Outras teses sustentam que o principal facto agregados dos indivíduos, são os interesses comuns imediatos e os interesses estratégicos, exactamente por esta ordem. Os interesses comuns obrigam os indivíduos a construir um corpo de ideias (ideologia), a associar-se constituindo colectivos, que partilhem o conhecimento e ajam em conformidade. Esta corrente de pensamento, defende que, ser da “família”, só por si, não garante a existência deste processo colectivo.

Este livro poderia ser escrito por uma qualquer família das muitas que conhecemos. No entanto, não estava garantido que fosse um Colectivo. Na verdade ele é o produto de um trabalho colectivo com cinco décadas e muitos intervenientes, onde cada um deles é uno e o seu contributo somado ao de tantos outros não o desvaloriza, antes pelo contrário. É a prova de que, quando unidos em torno de um objectivo/projecto comum, a acção e força do colectivo é superior à soma das partes.

O facto de se completarem 50 anos (em 2013) de uma experiência que teve altos e baixos, êxitos e fracassos, vitórias e derrotas e o facto de sabermos por experiência da vida que o imaterial, o intangível se perde na espuma do tempo, diz-nos que é essencial fixar no papel aquilo em que fomos actores ou simplesmente testemunhas. Esta publicação surge, no fundo, da necessidade de cada um

que viveu esta experiência colectiva e, simultaneamente, da vontade de a partilhar como um exemplo a transmitir. Poderia ter sido já publicada (2013) mas foi necessário dar maior distanciamento temporal, aprofundar, conhecer melhor e dar oportunidade a quem quisesse partilhar a sua experiência.

Nesta publicação, poderemos encontrar parte da história do Clube Desportivo da Cova da Piedade que surge de uma fusão, tão rara no nosso associativismo e que foi muito para além disso. Os seus percursores tiveram a visão de proporcionar aos mais frágeis, económica e socialmente, os meios para se valorizarem, física e intelectualmente.

Podemos ainda encontrar histórias de vida de homens e mulheres que, se não tivessem tido esta experiência, acreditam que a sua vida seria completamente diferente. Podemos encontrar quem sonhou, trabalhou e realizou os sonhos de uma vida, porque encontrou um colectivo que deu tudo o que tinha sem pedir nada em troca. Podemos encontrar quem dando o melhor de si, reconhece que recebeu muito mais do que deu. Este foi e é o papel do colectivo das Escolas do Desportivo.

Nos capítulos que estruturam esta publicação, são percorridos cinquenta anos de lutas (1963/2013) que se fundem na luta mais geral da sociedade almadense e da sociedade portuguesa. Em vários momentos, a confiança num Mundo melhor, foi crucial e a determinação consciente foi heróica. Ninguém agiu com esse propósito mas o grau da adversidade e a resposta tenaz e persistente, conferiram-lhe esse estatuto.

Não foram anos fáceis, mesmo no que respeita à interacção interna. Houve diferenças de opinião, formas divergentes de pensar e de actuar. O projecto colectivo impôs-se em cada um desses momentos e por isso saiu vitorioso. Não houve vencedores nem vencidos. Apenas resultados que esta publicação deseja trazer ao conhecimento público e que serão escrutinados pelos leitores.

A cooperação entre as Escolas do Desportivo e muitas personalidades e entidades públicas como as autarquias locais e instituições associativas do nosso concelho, são bem a prova que as Escolas não se confinavam a uma ou duas salas de aulas, a um ou dois edifícios. Antes e depois de Abril de 1974, foram dezenas as iniciativas das mais variadas, com entusiasmantes participações que mobilizaram desde o mero curioso sedento de conhecimento ao mais prestigiado especialista.

As aulas da escola pré-primária que começaram em 1948 e só terminaram em 1978; as aulas de Cultura Geral que se iniciaram em 1963 e, ainda hoje, embora de forma diferente, perduram; as aulas de preparação ao liceu e a preparação de adultos para o acesso à universidade, foram os eixos fundamentais de um movimento imparável de ensino informal, levado a cabo por um clube que se dedicou desde sempre ao futebol e a outras modalidades mas, nunca deixou de apoiar um projecto que ao mesmo tempo que ensinava/educava, transmitia valores humanistas, progressistas e de justiça social. As actas que podemos consultar em anexo, são bem a prova disso.

Esta publicação pretende proporcionar à comunidade almadense, conhecer melhor o valor dos dirigentes associativos, dos formadores e dos muitos homens e mulheres que se empenharam num projecto que não estando esgotado, se vai renovando, rejuvenescendo, reinventando e respondendo às necessidades actuais e futuras. Foi assim nos últimos cinquenta anos, será assim nos próximos.

As Escolas do Desportivo fazendo parte do Movimento Associativo Popular, são um excelente exemplo de que, para além de executantes de actividades estatutárias, de planos de actividades e orçamentos, são também agentes de transformação social. Tal só é possível por existir a consciência, vontade e acção do colectivo.

Cova da Piedade (2017)
A Comissão de Redacção

Prefácio



Joaquim Judas

Presidente da Câmara Municipal
de Almada

A “Escola do Desportivo” está estreitamente ligada à história da resistência e da luta pela Liberdade e pela Democracia.

Ao assinalarmos os últimos 50 anos da sua existência, vêm necessariamente à nossa memória aqueles que a fundaram, aqueles que a defenderam e que têm assegurado a sua ação.

“Dar a cada homem a consciência integral da sua própria dignidade”, tal era o objetivo que Bento de Jesus Caraça dava à cultura no resumo que escreveu para a conferência que realizou na Universidade Popular de Setúbal em 22 de março de 1931. Foi esse o objetivo emancipador que a “Escola” assumiu.

A partir da necessidade material daqueles que a procuravam para obter um grau de instrução que lhes permitisse a realização pessoal e profissional, a “Escola” foi um nicho agregador de vontades. Vontades de transformação da

vida pessoal que convergiram na vontade coletiva de transformação social, económica, cultural e política que levou ao 25 de Abril de 1974.

No mesmo texto já citado, Bento de Jesus Caraça perguntava-se “Qual deve ser o agente de criação e desenvolvimento dessa cultura – o Estado ou as instituições particulares?” E respondia: “No estado atual da organização social só o Estado tem condições para ser esse agente”, e acrescentava “Mas não basta que a Escola seja gratuita; para que ela seja uma realidade acessível a todos é preciso ainda que o Estado vá mais longe, procedendo à sustentação material daqueles que a frequentam, para que não se vejam obrigados, por falta de meios, a afastar-se dela”.

Ao refletir sobre a Cultura e a Escola em 1931, Bento de Jesus Caraça afirmava que “Por várias razões, a iniciativa desse movimento de transformação e renovação não sai do Estado; às Universidades Populares incumbe portanto o dever de serem as suas impulsionadoras ativas”, e para estas apontava que “A sua utilidade e justificação da sua existência está nas possibilidades de libertação espiritual que dão às massas trabalhadoras”.

As “Escolas do Desportivo” nascem sem pretender ser “Universidade Popular”, mas o pensamento de Caraça sobre a Cultura e a Escola está na matriz da sua criação e da sua ação.

Refletido na Constituição de Abril nascida da Revolução, o pensamento de Caraça continua presente na sociedade portuguesa enquanto valor de Abril. À corruptela que sobre a Cultura e a Escola Pública tem sido promovida por políticas centrais, a vontade emancipadora das classes trabalhadoras renova a atualidade das razões que levaram à criação das “Escolas do Desportivo”, e continua a justificar ainda hoje a necessidade de promover e apoiar os instrumentos que a Democracia nos permite criar e ampliar para tornar melhor a vida e a intervenção social, individual e coletiva, de quem trabalha, condição básica essencial ao fomento da justiça e do progresso social.

Notas de Abertura



**José Manuel Maia
Nunes de Almeida**

Presidente da Assembleia
Municipal de Almada

Um as palavras de apreço, reconhecimento e homenagem por ocasião do Cinquentenário das Escolas do Desportivo da Cova da Piedade.

As raízes, a ação, a história do movimento associativo do Concelho de Almada constitui um património de inquestionável importância e são fonte do saber coletivo e de coesão comunitária.

Movimento associativo popular que também contou com uma dimensão política, desenvolvendo no seu seio uma interna atividade em defesa dos ideais de liberdade, democracia e progresso.

Foi parte importante na luta dos Republicanos e na implantação da República em 5 de outubro de 1910 em Lisboa e em 4 de outubro de 1910 em Almada, mas foi sem dúvida durante a longa noite de meio século da ditadura fascista de opressão e terror que o

Movimento Associativo teve um papel importante no apoio efetivo às carências e necessidades básicas dos trabalhadores e do povo, e uma ação destacada e determinante mesmo, na consciencialização, na mobilização e na organização dos cidadãos, das massas populares.

Regista-se a expansão e a intensificação, o desenvolvimento e a consolidação, das bibliotecas, da cultura, dos cineclubes, da formação, da educação, dos espaços de convívio, do desporto, da ação e assistência social.

As Coletividades e as Associações substituíam o Estado e assumiam-se como espaço e meio de solidariedade, de liberdade e de dignidade, que o regime fascista negava aos trabalhadores e ao povo.

Eis o contexto e o ambiente político e social em novembro de 1963 em que as Escolas Noturnas do Clube Desportivo da Cova da Piedade iniciam a sua atividade. Abriam as aulas noturnas de preparação de adultos para fazerem o exame do que é hoje o ensino básico – o 9º ano de escolaridade. Eis a ação, o empenho e o desempenho importantíssimo de Eduardo Gonçalves, Gomerindo Carvalho e José Cavaco – os três professores que asseguravam a atividade letiva.

Mas, ao mesmo tempo que asseguravam as aulas com a ajuda dos Cidadãos Jaime Oliveira e Cid Simões, desenvolviam iniciativas de cultura geral em que se destacavam as exposições de artes plásticas, visitas históricas e debates com intelectuais em que registam a presença, entre outros, dos escritores Ferreira de Castro, Bernardo Santareno, Matilde Rosa Araújo, Assis Esperança, dos atores Fernando Gusmão e Moraes e Castro e do encenador Joaquim Benite.

O Movimento Associativo afirmava-se, ganhava força e dinâmica, enraizava-se na comunidade, era povo, ninho de resistência à opressão, de luta antifascista, de união e coesão popular, assumindo-se como espaço de formação e meio para oposição à ditadura.

Eis nas Escolas Noturnas do Desportivo da Cova da Piedade, os dirigentes e ativistas locais da oposição democrática a utilizarem esse espaço singular para unir, reunir e organizar a resistência e a luta.

Mas o regime fascista estava alerta e o Movimento Associativo Popular passou a ser alvo de repressão violenta através da polícia política do regime – a famigerada PIDE.

Perseguições aos dirigentes que mais se destacavam, prisões arbitrárias, torturas e mesmo a

morte de alguns deles; o encerramento de atividades e espaços associativos, a apreensão e destruição de bens materiais de apoio aos associados, foi a brutal ação policial e repressiva contra os dirigentes associativos e contra as Coletividades e Associações.

Eis as Escolas do Desportivo e a presença da PIDE controlando as atividades desenvolvidas, até que em 1967 a repressão se abateu sobre as Escolas e o Concelho de Almada. O aluno, operário do Arsenal do Alfeite, António Reizinho é preso em 11 de junho, o mesmo sucede a Mário Araújo, também a trabalhar no Arsenal, que é preso a 17 de julho e a 19 de julho é preso o professor Gomercindo de Carvalho. O José Cavaco foi avisado a tempo e conseguiu fugir para França onde esteve exilado durante sete anos.

Apesar dos perigos, das prisões e do exílio dos pilares humanos da atividade e funcionamento, as Escolas do Desportivo da Cova da Piedade continuaram a sua função, as suas atividades, a sua missão – outros alunos e outros professores continuaram a “obra” e a “bandeira” continuou desfraldada.

Pela vontade dos homens e mulheres – alunos, professores, educadores, artistas, camaradas – foi possível não só manter como aprofundar o trabalho e a luta pela dignidade humana, exaltando valores e ideais da Liberdade, da Solidariedade, da Democracia, continuando a correr riscos por amor ao Povo.

As Escolas do Desportivo e seus ativistas foram polo de referência nas ações das Campanhas da Oposição Democrática e mantendo a elevado nível o ensino e o estudo foram intensificando as atividades políticas.

Em 1973 faziam reuniões, de preparação para o Congresso da Oposição Democrática de Aveiro, em que participaram militares de Abril, nomeadamente Miguel Judas, João Maia e Martins Guerreiro.

Quando os homens querem “o mundo pula e avança”. Importa não esquecer a ação, o exemplo, desses homens e mulheres. O regime fascista não foi capaz de submeter a vontade, a coragem, o espírito de solidariedade e fraternidade de muitos e muitos homens e mulheres do associativismo popular e com milhares de outros e outras, unidos, derrubaram a ditadura e construíram a Madrugada Libertadora e os Dias de Sol Radioso do 25 de Abril de 1974.

E eis que aí nessas lutas e vontades lá estavam as Escolas do Desportivo da Cova da Piedade, os ativistas reúnem no próprio dia 25 de abril, nas instalações da rua das Salgadeiras, para a organização do movimento popular de apoio ao Movimento das Forças Armadas.

Hoje, como ontem, as Escolas do Desportivo prosseguem a sua atividade voltada para o acesso à universidade, para o complemento dos estudos em atraso e mantendo também as atividades sociais, culturais e políticas.

A importância das Escolas do Desportivo é hoje reforçada em consideração da atual política educativa de corte de milhões na educação, de destruição da escola pública e acentuação da discriminação. Com a crise profunda em que vivemos, que agrava as dificuldades e acentua brutalmente a desigualdade social, impondo a muitos portugueses situações de pobreza e de exclusão, na educação, como nas áreas sociais e na saúde, as Escolas do Desportivo afirmam-se solidárias e interventivas.

Em julho de 2007, por deliberação unânime da Câmara Municipal, o Município de Almada atribuiu-lhe a Medalha de Ouro de Mérito Cultural da Cidade, em reconhecimento da ação desenvolvida em prol do Ensino, da Cultura, da Liberdade e da Democracia.

Hoje como ontem e desde há 50 anos as Escolas do Desportivo merecem o nosso apreço, a exaltação do nosso reconhecimento, o preito de gratidão e o aplauso dos almadenses, proclamando o nosso dever de merecer o exemplo.

Honra e Glória às Escolas Noturnas do Clube Desportivo da Cova da Piedade por ocasião do seu Cinquentenário.



Luís Filipe Almeida Palma

Presidente da União das Freguesias de Laranjeiro e Feijó

Mais do que um Clube, uma Escola

Num texto de António Sousa Gomes intitulado “O desenvolvimento socioeconómico e a Educação”, refere o autor que “o progresso social a desencadear num processo de desenvolvimento não é possível sem a existência de um esforço educacional que permita reconverter as estruturas mentais e o próprio quadro das instituições”, argumentando que importa “localizar, embora sumariamente, os obstáculos dominantes do nosso sistema de ensino, em ordem a torná-lo apto para uma transformação sociocultural”.

Certamente, foi esta a ideia fundadora que esteve na génese das “Escolas do Desportivo”, - talvez não com esta carga teórica, mas resultante do contacto com a realidade da sua comunidade - quando um grupo de sócios considerou que um clube vocacionado para a prática do futebol, era possuidor de uma outra dimensão, consciente do papel social do movimento associativo que dava corpo enquanto dirigentes, procurando desenvolver no seu clube actividades culturais e formativas, direccionadas para o ensino e o apoio à infância, tornando a sua agremiação eclética e ao serviço das populações.

Ao longo dos tempos ouvimos falar na vertente educativa das escolas de ensino pré-primário do Clube Desportivo da Cova da Piedade e nos Cursos de Cultura Geral que a voz do povo deu a conhecer como “Universidade”, espaço que

permitiu a formação da personalidade de muitos homens e mulheres que abriram os seus horizontes, e encontraram um lugar para as suas aspirações, criatividade, dignidade e consequente liberdade.

A componente educativa num clube de raízes populares, e ainda para mais como o seu nome indica, Clube Desportivo, reforça os valores de consciencialização dos seus dirigentes pela visão da necessidade de elevar os conhecimentos dos seus associados e da população em geral quando sabiam que a situação social e cultural da maior parte dos operários, muitos deles analfabetos, era desfavorável.

Ao lermos algumas publicações da época é de assinalar a adesão de centenas de trabalhadores e marinheiros que frequentaram a “Escola das Barrocas”, os quais se deslocavam àquele espaço para ouvir inúmeros intelectuais do concelho e também da capital que se envolveram no projeto e deram o seu contributo voluntário na formação cultural, política e social de todos eles.

As “Escolas do Desportivo” souberam estar na vanguarda quando um regime fascista perseguiu o pensamento livre daqueles que estiveram nas “trincheiras” – muitas delas prisões, clandestinidade, exílios – pelos anseios da liberdade. Os associativistas daquele tempo, em cenários de dificuldade, abriram caminho à democracia. A vivência democrática sentia-se nos seus modos de organização, de reuniões plenárias nas assembleias gerais das coletividades, discutindo, correndo riscos de censura e prisão, com fins objetivos de melhorar as suas vidas, mas sobretudo a dos outros, alcançando assim o seu ideal.

Hoje, numa liberdade e democracia que vamos sentindo ameaçada, as “Escolas do Desportivo” são um exemplo maior de qual deve ser o caminho. Ou melhor, a continuidade de um rumo, refletindo e adequando o trabalho aos novos tempos, onde os desafios surgem em modo frenético, numa evolução social que nos confronta todos os dias com aspetos tentadores, perante os quais temos de exercer um saber orientador para escolhermos as melhores vias de desenvolvimento.

Em toda esta complexidade que envolve a nossa sociedade, a Educação tem um papel fundamental no equilíbrio social, cultural, político e económico, evoluindo num processo múltiplo ligado à realidade social, assumindo capacidades que vão além da formação da personalidade do indivíduo, pois fornece as bases de uma consciência social em comunidade. Cada um pode escolher livremente em função dos interesses da coletividade as formas de atuação mais úteis, preparar-se para dar resposta aos problemas do seu tempo; despertar o meio humano para um nível de aspirações mais elevado, permitindo simultaneamente a sua inserção nas estruturas sociais; desencadear uma mentalidade aberta ao progresso e acesso à cultura através de uma formação humana, social e profissional.

É tudo isto que as “Escolas do Desportivo” têm vindo a proporcionar a todos aqueles que no seu “lugar” procuraram e procuram este caminho orientador nas suas vidas e que os assinaláveis resultados ao longo da sua existência têm comprovado.

Cabe a cada um de nós desenvolver uma presença que valorize e contribua para o crescimento e fortalecimento da rede associativa, matriz fundadora da identidade do povo almadense e um dos pilares estruturantes das sociedades que se afirmam nos princípios democráticos e da participação ativa das suas populações.



Ricardo Louçã

Presidente da União das Freguesias
de Almada, Cova da Piedade,
Pragal e Cacilhas

As Escolas do Desportivo

Já lá vão muitos anos (mais de 40) quando tive o meu primeiro contacto com as Escolas do Desportivo. Tudo aconteceu através de um familiar que lá estudava e que fazia parte de um grupo de teatro amador que existia na escola que, segundo creio era formado por alunos. Ensaíavam uma peça de Bertolt Brecht; e se a memória não me falha era a "Boa Alma de Sezuan", que representavam para onde fossem solicitados, conforme mais tarde vim a constatar, quando os acompanhei numa representação que fizeram e que me ficou na memória.

Eram tempos difíceis que se vivam naquela época onde a negrura era o nosso quotidiano, mas aquela escola era diferente da escola que eu conhecia, ali discutia-se debatiam-se ideias, promovia-se a cultura, formavam-se cidadãos,

por tudo isto estava sempre na mira da polícia política, a o que nunca impediu que notáveis e ilustres mestres do ensino e da cultura que ali passaram deixassem marcas indeléveis nos alunos que com eles aprenderam como também ajudaram a afirmar e a consolidar o prestígio desta instituição.

- Quando me solicitaram que escrevesse algo sobre as Escolas do Desportivo, vieram-me logo à memória os factos que atrás referi.

Reconheço que é pouco sobre tão importante estabelecimento de ensino, mas tinha que partilhar convosco estas memórias que para mim à época foram marcante e que são bem demonstrativas da importância e influência que tiveram neste meio essencialmente operário, onde a cultura e o conhecimento assumiram papel relevante nas suas (nossas) vidas. Este livro agora trazido até nós, resultado de trabalho exaustivo e meticuloso é uma justa homenagem (se me é permitido dizê-lo) a todos os Homens e Mulheres que fizeram desta instituição um estandarte na luta pela liberdade à qual eu me associo com orgulho e emoção.



Paulo Veiga

Presidente da Direção
do Clube Desportivo
da Cova da Piedade

Honrosamente foi-me solicitado um pequeno texto para falar sobre uma história de persistência e sucesso ímpar em Portugal e no mundo do desporto, as “Escolas do Clube Desportivo da Cova da Piedade”.

Nasceu em Setembro de 1963, ano também do meu nascimento, na Rua das Salgadeiras na Cova da Piedade, local onde ainda se mantêm as instalações em atividade, portanto 55 anos do início da primeira escola pré-primária do país, que transporta uma vida de ensinamento e aprendizagem para muitas pessoas jovens e menos jovens que por ali passaram, relembrando a fase escolar como uma das mais marcantes da nossa vida, por isso mesmo costumamos e devemos lembrá-la com muito carinho, não esquecendo o trajeto menos fácil de uma vida difícil e de luta sem direito à igualdade aquando da sua fundação.

E esse é o trajeto de todos que por ali passaram e muitos regressaram para em reconhecimento ensinar gentil e gratuitamente os conhecimentos adquiridos no seu percurso académico e profissional, preparando todos os anos lectivos, os alunos que procuram nesta escola a ajuda necessária para uma licenciatura se o desejarem, ou para

assimilarem os valores da sociedade em que estamos inseridos. É prova de que ensinar é também um jogo de afetos, de emoções e de reconhecimento por tudo o que outros os ensinaram e agora o devolvem já formados.

Dizer também pela história e por quem desde o início se mantém junto de nós, que nos relata que não só de geografia ou matemática se aprendeu na escola, servindo a mesma para reunir forças e ideias para combater o fascismo e lutar pela nossa consagrada liberdade. Mesmo após encerramento forçado por pouco tempo pelo Estado Novo, esta reergueu-se e continuou com o êxito de facultar o direito à aprendizagem e ao conhecimento, um direito consagrado na nossa Constituição.

É um orgulho e um objetivo para mim como Presidente e dos restantes Corpos Sociais do Clube Desportivo da Cova da Piedade, apoiar e incentivar a continuidade de uma escola de todos e para todos, sem discriminação de sexo, de cor, de ideologia política e principalmente económica, agradecendo todo o empenho e dedicação dos professores, colaboradores e diretores, depositando a todos eles, a confiança, a paciência, a integridade, o conhecimento e a responsabilidade ao longo destes longos anos, com um trabalho muito árduo e eficaz que doaram a todos os alunos que por ali passaram, ensinamentos e perseverança nos objetivos a atingir na sua vida quer académica quer pessoal.

Um bem-haja a todos os que continuam a lutar, a trabalhar e a ensinar por um direito de todos nós.

Responsabilidade dos conteúdos

Tendo em conta a subjectividade inerente à interpretação de factos e episódios da realidade em geral, no caso da história das Escolas do Desportivo, bem como da vida social da Cova da Piedade nas épocas abordadas, os autores do presente livro, acharam por bem salientar que os conteúdos relativos aos testemunhos das pessoas entrevistadas, - que muito nos honraram com o seu contributo - são da sua inteira e exclusiva responsabilidade.

As imagens foram-nos cedidas exclusivamente para efeitos de publicação no presente livro como complemento da memória colectiva que se pretendeu reproduzir, não estando implícito quaisquer proveito comercial ou outro que não seja o de homenagear as Escolas do Desportivo da Cova da Piedade.

O Colectivo de autores, por opção, não usa o actual Acordo Ortográfico.

O Colectivo das Escolas do Clube Desportivo da Cova da Piedade

Todas as histórias têm um início. Sabemos todos. Qualquer história é antecedida por um período que inclui uma série de acontecimentos e situações ainda não narradas, logo que não pertencem à história que se vai principiar mas que indubitavelmente a geraram e determinaram.

Nos finais do séc. XIX início do séc. XX o Movimento Associativo Popular, dava os primeiros passos nas colectividades de cultura e recreio onde se expressam principalmente bandas e grupos de teatro, entendendo-se desde logo a necessidade da fundação de Clubes Desportivos, vertente importante e fundamental para o equilíbrio físico-cultural dos cidadãos.

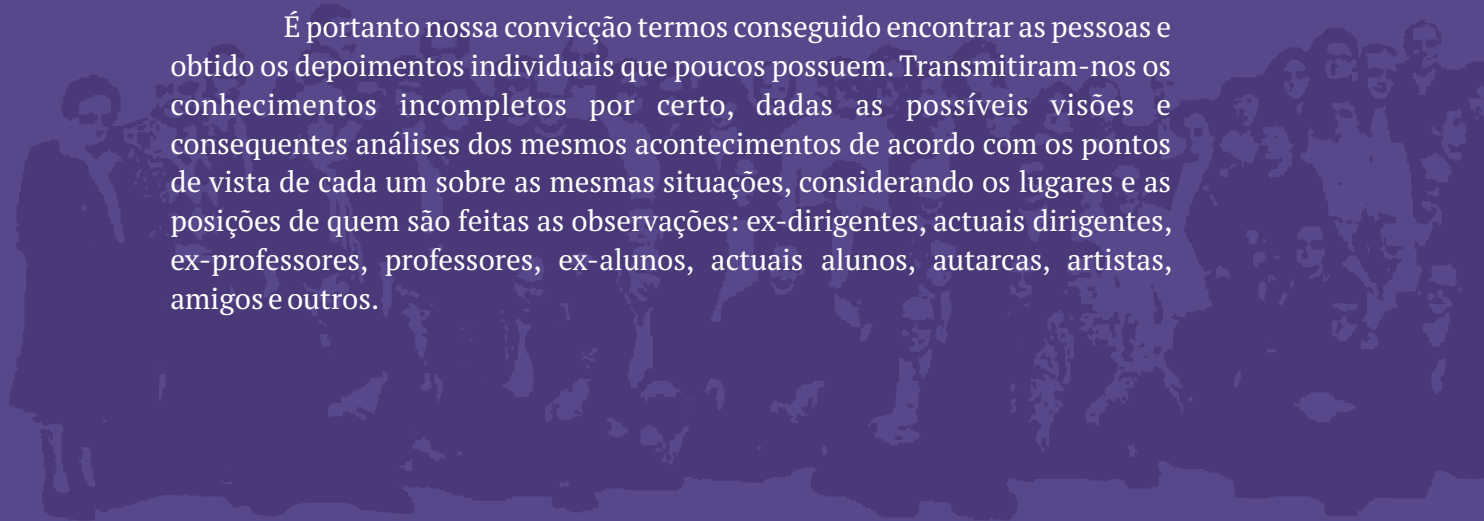
Após a queda da Monarquia e o eclodir da 1ª República – 1910 – eis que apareceram os clubes pioneiros da prática desportiva, promovendo modalidades como o futebol e as corridas pedestres. O União Piedade Futebol Clube em 1914 e o Sporting Clube Piedense em 1928 são dois desses casos.

Em 1947, dois anos após o término da 2ª Guerra Mundial o amolecimento dos corações enfraquecidos pelos seis desgastantes anos de guerra que mataram e mutilaram mais de 45.000 pessoas, levaram os responsáveis pelos dois clubes rivais existentes desde a sua fundação a encarar muito seriamente, não a extinção, mas ao invés, a fusão de ambos num só, tendo como resultado a constituição de um clube mais abrangente na freguesia da Cova da Piedade.

É por essa razão que entendemos introduzir este capítulo lembrando as raízes que sustentam e permitem uma compreensão mais fundamentada e perceptível desse período.

Nesse sentido e com esse propósito pesquisámos figuras conhecedoras dessa fase, que denominamos como, “pré-história” dos cinquenta anos das Escolas que nos propomos aqui revelar. Pessoas que possuem conhecimentos indispensáveis à melhor compreensão do pré-início, princípio e desenvolvimento do período que pretendemos expor dando sempre a maior importância possível à mais límpida transparência e veracidade dos factos.

É portanto nossa convicção termos conseguido encontrar as pessoas e obtido os depoimentos individuais que poucos possuem. Transmitiram-nos os conhecimentos incompletos por certo, dadas as possíveis visões e consequentes análises dos mesmos acontecimentos de acordo com os pontos de vista de cada um sobre as mesmas situações, considerando os lugares e as posições de quem são feitas as observações: ex-dirigentes, actuais dirigentes, ex-professores, professores, ex-alunos, actuais alunos, autarcas, artistas, amigos e outros.



CAPÍTULO

I

O CLUBE DESPORTIVO DA COVA DA PIEDADE

- 1947 -



ACERCA DO ASSOCIATIVISMO NA COVA DA PIEDADE

O Clube Desportivo da Cova da Piedade nasce enquadrado no período correspondente ao final da Segunda Guerra Mundial em 1945. A partir daí verificou-se um maior afluxo de pessoas com boa vontade e uma liberdade mais consistente passou a imperar nas colectividades. Todas começaram a ser influenciadas por essa nova concepção de vida que o pós-guerra trouxe aos países e consequentemente às populações, que passaram a desfrutar de muito mais liberdade de acção e de um pensamento mais abrangente.

Na Cova da Piedade, por essa altura, havia dois clubes que disputavam entre si a hegemonia desportiva da freguesia. O mesmo já acontecera em Almada entre o União Sport Clube Almadense e o Pedreirense Futebol Clube, razão porque fizeram a fusão que deu lugar ao Almada Atlético Clube, em 20 de Julho de 1944. O clube mais antigo, com maior número de associados e o mais popular era o União Piedade Futebol Clube. Fundado em 1914, tinha sede na actual Rua da Cooperativa Piedense, num 1º andar. O edifício situava-se onde está hoje o restaurante Porta Larga. Nesses anos a toponímia era outra, chamava-se Rua Dr. Oliveira Salazar, de má memória.

As escolinhas iniciaram-se na Rua das Salgadeiras, n.º 18, tendo sido a primeira escola pré-primária do país, de que temos conhecimento. Este espaço fora a sede do Sporting Clube Piedense fundado em 1928.

Como antes referido, o UPFC era um clube mais enraizado no meio operário, cujos dirigentes, futebolistas, outros praticantes e associados eram na sua maioria corticeiros e metalúrgicos. O seu equipamento era constituído por camisolas listadas verticalmente amarelas e vermelhas, sendo por esse motivo mais conhecido pelos espanhóis. Os calções eram pretos e as meias pretas com duas listas, uma amarela e outra vermelha, horizontais, ligadas entre si no canhão das meias. Já o equipamento do Sporting Clube Piedense era, tal como as iniciais do seu nome indicam, exactamente igual ao do Sporting Clube Portugal. Este último cedeu a esta sua filial diversas vezes alguns dos seus equipamentos, já usados.

Uma nota curiosa e importante sobre o equipamento e emblema do Desportivo: dado que os clubes que originaram o Desportivo, o UPFC tinha as cores vermelha e amarela nas camisolas e calções pretos e o Piedense, usava camisola verde e branca listada horizontalmente e calções pretos ou brancos, entendendo-se que essas cores não podiam integrar o equipamento do novo clube. Assim, foi decidido que as cores do Desportivo seriam: camisolas grená, calções azuis e meias também azuis com canhão grená. O equipamento alternativo era todo azul. Sobre o emblema a controvérsia gerou-se em torno das torres nos emblemas. O dos *espanhóis* tinha em cima uma águia e o do Piedense um leão, ficando postas de parte quaisquer destas figuras no novo emblema, pelo que a escolha recaiu no discutido símbolo olímpico de forma invertida.

Assim, o emblema é uma mescla de duas propostas cujos autores foram: um senhor Vital, funcionário administrativo do Arsenal do Alfeite e senhor Luís Álvaro Almeida, desenhador da Fábrica Mundet no Seixal. Este último era conhecido por Luís Galinha e foi o projectista das sedes da Cooperativa Piedense e da Academia Almadense.

O S. C. Piedense era um clube um tanto “elitista”, em particular no que se refere a dirigentes, tal como o Clube Recreativo Piedense onde parte deles pertencia à pequena burguesia local, pequenos empresários e comerciantes. No entanto, as massas associativas e praticantes de ambos os clubes eram na maioria, colegas de trabalho e familiares, o que, naturalmente proporcionava algum desconforto no seio dessas famílias.

Naquele tempo era assim! Por exemplo, só pude ser sócio da Academia Almadense e do Clube Recreativo Piedense depois de 1974. Antes ser sócio? Nem pensar. Era reprovado, o filho da Maria Botas não podia ser sócio da Academia Almadense, onde só conseguia entrar com a ajuda do filho da Delfina, o Joaquim Rodrigues, o mesmo acontecia no CRP, onde só entrava com a ajuda do José Alves de Almeida. Já na Incrível Almadense isso não aconteceu, onde sou sócio há 60 anos. Da SFUAP não era sócio, porque, como era familiar de alguns colaboradores, entrava sem pagar, situações que se verificavam nesse tempo.

Na geração anterior fora muito pior. Era impossível uma pessoa da minha condição social ser sócio do Clube Recreativo Piedense e muito menos dirigente nos anos quarenta/cinquenta. Só ia aos bailes de Carnaval do CRP porque conhecia umas raparigas, que através dos pais ou dos tios, me punham lá dentro, nem podia comprar bilhete. No Carnaval o bilhete custava cerca de 10\$00, mas não me vendiam bilhete a mim e eu nasci aqui, na Cova da Piedade. Mesmo não sendo fácil os mais persistentes conseguiam umas fugas para os bailes. Por exemplo, o caso do José Alves de Almeida, ligeiramente mais velho, que de uma maneira mais ou menos insidiosa, conseguia entrar e depois arranjava maneira de eu entrar também.

Relativamente às modalidades desportivas, no SC Piedense houve sempre futebol, cicloturismo e bailes. No União Piedade não havia bailes, somente em situações especiais, era só desporto, chegou a ter voleibol e cicloturismo, actividades que não tinham grande expressão, ao contrário do futebol que era de facto a modalidade principal. Juntavam-se aos domingos, em grupos grandes, às vezes com mais ou menos 40 bicicletas e deslocavam-se a várias localidades: Montijo, Barreiro, Sesimbra e outras para assistir aos jogos. Como iam equipados fazia-se a divulgação do clube. Aquilo não era cicloturismo, era um passeio de bicicleta, uma prática desportiva sem hierarquia. Não havia regras, pedalavam com sapatos ou com botas, só tinham que envergarem a camisola do União Piedade.

Outras vezes faziam excursões para ver os jogos de futebol ao Montijo, ao Barreiro, a Setúbal.

Lembro-me que no Montijo havia dois clubes, os Onze Unidos do Montijo e o Aldegalense que jogavam connosco e cuja fusão de ambos veio dar origem ao Clube Desportivo do Montijo. Embora com muita rivalidade o UPFC era mais forte que o Piedense, ganhava mais vezes e jogava em divisões superiores. Tinham equipas na primeira categoria, em reservas e em juniores. Os infantis só aparecem no Desportivo após a fusão, depois de 1947.

Em relação ao voleibol, o local de encontro era no campo ou na esplanada da SFUAP, marcavam-se as linhas e o pessoal ia para lá jogar, não eram jogos oficiais, era tudo informal pela prática do desporto. Era a malta das Barrocas contra os da Mutela e os da Piedade, havia também o Liberdade Futebol Clube. Sobre esta

modalidade sabia-se pela rádio que o Instituto Superior Técnico tinha uma grande equipa de Voleibol. Lembro-me que na Escola do Gomes se aprendia a jogar esta modalidade. Vinha cá um jogador do Técnico e outros que pertenciam a uma equipa da Marinha. No edifício das Salgadeiras faziam-se bailes e pouco mais.

Em relação a outras actividades o União Piedade tinha jogos de mesa: cartas (jogavam ao montinho, ao burro, à sueca, etc.), dominó, damas, xadrez e um jogo chamado negús. Era jogado numa mesa rectangular mais pequena que uma mesa de bilhar, com um pino com cerca de 5cm, ao meio e tinha quatro buracos aos cantos. Jogava-

se com duas bolas brancas, uma preta e várias vermelhas e tinha de se conseguir pôr a bola nos buracos sem tocar no pino, para não ser penalizado, cada buraco valia 5 ou 10 pontos, segundo as cores das bolas.

Voltando ao nascimento do Clube Desportivo da Cova da Piedade, é a partir de 1945, que as pessoas mais influentes nos dois clubes optam pela concórdia em vez da zanga, da rivalidade e da disputa estéril e iniciam um processo de conciliação tendo como finalidade juntar os dois clubes da terra num clube mais eclético e mais forte.

A fusão seria o alvo das vontades unidas. Esta seria uma forma de terminar com a rivalidade entre clubes da mesma terra, deixando esta rivalidade para com os outros clubes que não da Cova da Piedade. Mas também foi um processo muito conturbado. Decorreu entre o fim de 1945 e o início de 1947, levou cerca de ano e meio. Primeiro as pessoas, depois as comissões e depois as reuniões em locais como a SFUAP ou o CRP. Quem dirigiu as Assembleias Gerais foi o Dr. Raúl Cerqueira Afonso.

Formaram-se comissões, de ambos os clubes, para se conseguir a fusão num só. Deu uma luta tremenda. Os encontros sobre a fusão eram ao nível dos dirigentes. No final das reuniões tinham “esperas” dos sócios que lhes faziam a vida negra nos clubes e nos locais de

“ É a partir de 1945, que as pessoas mais influentes nos dois clubes optam pela concórdia em vez da zanga, da rivalidade e da disputa estéril...”

trabalho. Foi um processo muito conflituoso e algumas pessoas deixaram até de se falar depois do Desportivo se ter fundado, gerando-se inclusive a discussão de quem seria o sócio n.º 1, cuja escolha recaiu em Diogo da Silva Nunes que viria, mais tarde, a dar o nome ao campo de futebol.

Um exemplo do que era o amor clubista naquele tempo de tal modo exacerbado quase mesmo a rondar o fanatismo, foi deixado por Francisco Ferreira Soares, filho mais novo da professora Suzana, que viria a falecer ainda antes da fusão. Ao sentir que a doença que o consumia estava prestes a levá-lo do convívio dos vivos pediu veementemente à sua mãe e irmãos que lhe colocassem na lapela do casaco, que lhe viria a servir de mortalha o emblema do seu querido União Piedade Futebol Clube. Segundo ele, sentir-se-ia mais feliz.

Individualmente quem mais se distinguiu no processo da fusão dos clubes foi, por parte do União Piedade, o Diogo da Silva Nunes, na altura bastante influente e muito considerado na Cova da Piedade, bem como o Domingos Cabrita Júnior, que veio a ser o primeiro presidente do Desportivo e o fundador das escolas pré-primárias, para meninos e meninas entre os 3 e os 6 anos, na Rua das Salgadeiras, ex-sede do SC Piedense. Estas escolas são então “patrocinadas” pelo próprio, mas também por alguma indústria e comércio locais. Domingos Cabrita Júnior era dono de um fabrico, cujas instalações eram no caminho da Romeira, onde depois foram instalados os transportes Gama. A Henry Bucknall & Sons, a grande fábrica da cortiça, onde mais tarde foi instalada outra fábrica do mesmo ramo, Os Barreiras. A Bucknall tinha uma creche onde as mães e os pais deixavam os filhos quando iam trabalhar.

Por parte do Sporting Clube Piedense houve vários nomes a destacar, sem ordem de importância começo pelo Salvador Marques, um dos donos da Quinta do Serrado, onde é hoje o Largo José Braz ou Largo do Bombeiro. Era um empresário conceituado, que recebia fazendas da Covilhã para as alfaiatarias que tinha em Lisboa, onde confeccionavam fatos, que depois vendia nas grandes lojas da baixa. O Pedro Rodrigues Dias que era proprietário da Pastelaria “A Desportiva”, no Largo 5 de Outubro, ao lado da sede do Desportivo. José Rodrigues Sousa foi o primeiro tesoureiro do Desportivo, era o proprietário do edifício onde está actualmente a pastelaria Miki, também no Largo 5 de Outubro. Tenho uma história engraçada com ele: tinha corrido o boato da minha morte. Um dia ele foi à minha casa para ir ao meu funeral. Eu morava na Rua das Salgadeiras, n.º 6 no 2.º andar e, na verdade estava muito doente, mas estava vivo. Bateu à porta e naturalmente ficou muito agradado por saber que houvera um equívoco, e que o “puto russo”, como ele me chamava, afinal continuava por cá.

A sede do Clube Desportivo da Cova da Piedade foi, e é, onde ainda hoje está, no Largo 5 de Outubro. O edifício foi construído por José Pedro Rodrigues Dias, em 1946/47 para ser a sede do União Piedade, mas este clube nunca chegou a instalar-se lá,

portanto o Desportivo teve uma sede feita de raiz. O José Pedro Rodrigues Dias mais tarde chegou a ser Presidente da Direcção.

Termina formalmente o processo da fusão, com uma última reunião no Clube Recreativo Piedense, um local neutro, para que não se juntassem as duas partes em nenhum dos clubes. Assistiram cerca de 200 pessoas, das quais cerca de uma centena estariam na sala, não cabiam mais... era cerca da meia-noite e a minha avó, Júlia da Cruz Botas, estava a falecer mesmo ao lado, na casa onde morava. Vivi estes momentos com muita angústia e ansiedade. Por um lado queria a fusão por outro queria que a minha avó resistisse. A 28 de Janeiro de 1947 ocorre a fundação do Clube Desportivo da Cova da Piedade, foi no dia em que ela morreu, e por isso é uma data que jamais esquecerei. Falecera uma pessoa que eu amava tanto e nasceu um Clube a quem eu tanto devo.

Após a fusão aquele anseio de liberdade que vinha projectado dos outros países da Europa fez com que as rivalidades acabassem. Na festa da fundação as pessoas juntaram-se no jardim. Os zangados foram embora e os satisfeitos fizeram uma grande festa com garrafas de champanhe abertas e naturalmente com muita alegria. A malta miúda também foi festejar o acontecimento, tinha eu 11 anos, já havia sido a mascote dos *espanhóis* aos 3 anos e desse tempo tenho uma fotografia no Campo do Monte da Caparica em que tiveram de me atar um cordel para segurar a bota e a bola para tirar a foto.

Em pouco tempo os sócios do novo clube integraram-se, com maior ou menor dificuldade, mas não deixaram de ser do Desportivo, salvo raras excepções. Após esta fundação nasce o Romeirense, fundado por saudosistas e até herdou o equipamento do UPFC. Também o Brejense Futebol Clube nasce com as cores do UPFC, que era ali junto ao Campo Silva Nunes. O SC Piedense não tinha um campo, iam jogar a um aterro que havia no Feijó, já que para jogar no Campo do União Piedade só por empréstimo e tinha de ser tudo muito bem negociado...

Acerca das Escolas do Desportivo da Cova da Piedade

Ora, voltando às escolas pré-primárias, estas surgem através da iniciativa de Domingos Cabrita Júnior, (primeiro presidente do Desportivo), para dar continuidade às creches que existiam nas grandes fábricas de cortiça situadas por trás da Rua das Salgadeiras, onde hoje é a Fiat. A fábrica Valido Júnior & Filho e a Companhia Henry Bucknall & Sons, mais tarde os Barreiras, tal como a Rankin & Sons na Romeira tinham essas creches. O Desportivo foi mais progressista; era uma escola pré-primária, onde os miúdos usavam bata branca e

tinham uma professora diplomada, carinhosa e competente.

De acordo com a informação de que dispomos, até aos anos sessenta não se teve conhecimento de mais nenhuma escola pré-primária em Portugal. Tudo leva a crer que foram as primeiras escolas pré-primárias do país. Foi uma ideia pioneira. Até à altura só havia creches, mais tarde substituídas pelos infantários e jardins de infância. A percepção desta necessidade por parte deste homem extraordinário, que foi Domingos Cabrita Júnior, é indubitavelmente pioneira, vindo a estabelecer a ligação entre a creche com meninos até aos 3 anos e a escola primária que tinha início aos 7 anos.

Também terá sido a primeira escola mista do país dos 3 aos 6 anos, estabelecendo a ligação entre a creche com meninos até aos 3 anos, e a escola primária então iniciada aos 7 anos. Já era uma turma mista enquanto que na escola oficial havia separação. A escola oficial António José Gomes era uma escola masculina “... do sexo feminino somente as professoras!”.

Mais ou menos passados 7 anos do início das Escolas do Desportivo, em 1952 ou 1954, numa assembleia geral do clube alguém disse: “Acabe-se com as Escolas!”, o Domingos Cabrita chorou. Ele era um homem muito vigoroso mas muito sensível. – Nas creches as mães chegavam, entregavam os filhos e diziam que ao meio dia ou ao fim da tarde, vinham buscá-los. Não eram muito organizadas estruturalmente, mas ajudavam muito as famílias que trabalhavam nas fábricas. Eram lugares onde ficavam duas ou três dúzias de miúdos com mulheres que não tinham preparação nenhuma para tomar conta deles, no entanto, o seu desvelo e espírito de entreatajuda, era incomensuravelmente louvável.

A única mulher que teve formação adequada era a Dona Maria Suzana Ferreira Soares, tendo sido a primeira professora da escola pré-primária. Teve 4 filhos, só um ainda se encontra vivo, a Florbela Soares. A Professora Suzana dava aulas numa sala ao lado da casa onde morava, que era em frente à piscina da SFUAP, na Estrada das Barrocas, actual Rua da União Piedense. Não era professora oficial, era professora regente, foi preparada pela tia, a Dona Amélia da Conceição Almeida, que foi a primeira professora Diplomada que existiu da Cova da Piedade. A Professora Suzana nasceu em 1904 e veio a falecer com 84 anos. A tia era professora diplomada e a sobrinha era professora regente de ensino. Após o 25 de Abril, nos anos oitenta, os agentes técnicos passaram a ser técnicos industriais e regentes de engenharia e com as professoras acontecera a mesma coisa nos anos trinta / quarenta.

Há uma história tétrica sobre um dos filhos dela, o mais velho, Manuel Ferreira Soares (Manecas). Consta que nos anos 40 era perseguido pela PIDE. Ninguém conhecia a vida dele, nem a própria família. Certo dia foi para Lisboa e viram-no embarcar em Cacilhas e quando o barco chegou a Lisboa ele não desembarcou, não apareceu e não se chegou a saber mais dele. Comentou-se que tinha sido perseguido e atirado ao rio pela PIDE, depois de uma espera à entrada para o Cacilheiro. É uma história muito nebulosa que o associa ao Partido Comunista, disse-se na altura.

Em frente da Rua das Salgadeiras, topo norte, havia o Pátio dos Ciganos, apesar de eu nunca ter visto lá nenhum, pois não são do meu tempo. O nome vem já do fim do séc. XIX, início do séc. XX, altura em que o local fora uma colónia de ciganos. As casas eram barracas mal

construídas, com barro e tijolo que iam buscar às cerâmicas. Havia a cerâmica do Caramujo, que pertencia ao António José Gomes, junto ao rio, iam buscar os restos, para depois erguerem as casas. Entretanto foi destruído, já não é do meu tempo, depois ficaram três blocos pequenos com primeiro andar. Num deles havia uma escola onde eu andei. Era a escola da Dona Maria que morreu já com mais de 100 anos. O José Alves de Almeida morava com os pais e irmãos por baixo da escola. Havia percevejos e outros parasitas. Os banquinhos pequeninos onde nos sentávamos arranhavam e feriam-nos. A professora, que era muito pequena, tinha um ponteiro grande que chegava a todo o lado. Era com cada carecada... – Meu Deus!

A escola de futebol de jogadores infantis do Desportivo veio para a Rua das Salgadeiras, para a escola pré-primária, com o Armando Carneiro, que era o treinador e simultaneamente professor, entre 1947 e 1950. Ao fim do primeiro ano, em 1948, começaram a vir alguns juniores. Muitos não queriam ir à escola sobretudo os mais vadios. Os mais pequenitos, como era o meu caso, vinham contentes. A escola de jogadores chegou a ter cerca de 150 miúdos praticantes, mas a assiduidade era baixa, às aulas só vinham 30 a 40 crianças.

O último responsável pelas escolas pré-primárias até ao ano de 1990 foi o Luís Mesquita, o barbeiro, que completou 100 anos de idade em 2013. Era ele que estava ligado às Escolas, recebia as quotas, pagava às professoras, controlava as limpezas, etc. Presentemente vive em Arraiolos, com a filha, a Celeste e o genro, o Manuel Nobre, também eles ligados à escola num período bem difícil.

Mário D'Araújo

“ **já havia sido a mascote dos espanhóis aos 3 anos e desse tempo tenho uma fotografia no Campo do Monte da Caparica em que tiveram de me atar um cordel para segurar a bota e a bola para tirar a foto** ”

SEREI SEMPRE APOIANTE DA CAUSA DAS ESCOLAS DO DESPORTIVO

Chamo-me Manuel Branquinho e sou o actual Presidente (2012-2013) da Direcção do Clube Desportivo da Cova da Piedade. Sei, pelo que tenho ouvido comentar por alguns associados, conhecedores e fundadores das Escolas do Desportivo, que passaram por ali centenas de crianças onde aprenderam as primeiras letras e obtiveram o grau de escolaridade então obrigatória pelo regime. As Escolas do Desportivo passaram depois a funcionar também com o curso nocturno para adultos e têm-se mantido desde Setembro de 1963. Após 50 anos da sua fundação, ainda funcionam mas agora com outras características que permitem preparar os alunos para o acesso à universidade.



Manuel Branquinho

É de notar que continua a ser o único clube da nossa dimensão que, a nível nacional, proporciona na sua terra esta oportunidade aos seus cidadãos. Cumpre-se esta tarefa solidária com a voluntariedade dos professores e amigos das Escolas que se disponibilizam para ensinar meios do conhecimento.

Do que se conhece da história das Escolas do Desportivo no que concerne ao actual presidente, cumpre informar como digo antes, conhecer pouco e referir, pelo que tenho ouvido, que as salas de aula eram na Rua das Salgadeiras, primeiro e depois, na Rua da SFUAP conhecida como a Escola das Barrocas serviram também muitas vezes para realizar reuniões cujo conteúdo visava a luta anti-fascista, locais de manifesta conjugação de esforços no sentido de esclarecer e apoiar os menos informados do labirinto em que se vivia em permanente subjugação ao poder ditatorial.

Pelo que me foi dito, convém que conste a passagem pelas Escolas do Desportivo, de dezenas de militares da Marinha de Guerra que às Escolas vinham receber ensinamentos com vista à sua preparação para se proporem aos cursos de promoção de carreira, necessitando

então apenas que se inscrevessem como associados no clube forma encontrada para ajudar esta instituição.

A história das Escolas do Desportivo carece do depósito de lembranças escritas, possuindo apenas algumas fotografias onde se retrata o número de alunos que as frequentavam.

Sendo eu um fervoroso adepto das escolas principalmente na componente do ensino, não deixo de o ser menos pelas lutas nelas travadas, sinónimo do que efectivamente se tinha que fazer na tentativa da libertação dos oprimidos. Por isso, com muita pena minha não acompanhei a sua vida devido à minha profissão já que, desde 1960 até 1977, o meu percurso se traduziu em episódios de prisioneiro de guerra seguido de três comissões de serviço nas colónias e na embaixada de Portugal em Madrid, para além das missões no mar, que me privavam de fazer o que mais gosto, conhecer, ser solidário e disponível para contribuir na melhoria e progresso do nosso povo. Será uma certeza que quer comigo na presidência quer com outra pessoa que me substitua as Escolas do Desportivo continuarão, porque estarão certamente imbuídas de uma forte vontade de continuar a facultar mais conhecimento e ajuda aos que têm menos recursos e eu serei sempre um apoiante da causa.



Armindo Venâncio

COMO DIRIGENTE DO DESPORTIVO SEMPRE FACILITEI A VIDA ÀS ESCOLAS

Chamo-me Armindo Venâncio, tenho 79 anos, sou natural do Altinho, Cova da Piedade, concelho de Almada e resido na Av. 23 de Julho na Cova da Piedade. Estou reformado mas fui chefe da Secção de Pessoal da SORENA durante 26 anos, tendo depois sido empresário no ramo da reparação naval até 2004.

Vivi sempre na Cova da Piedade, tendo começado na 1ª classe numa escola sem quaisquer condições, que era a Escola da D.ª Armanda, escola essa que funcionava onde hoje está o clube de columbofilia no Brejo, depois frequentei a Escola do Gomes até à 4ª classe e mais tarde andei na Escola António da Costa até ao 4º ano (8º ano de escolaridade actual). Havia muitas escolas na Piedade, incluindo a *escola das meninas* que era na Avenida da Fundação, onde é hoje a escola primária mista.

Tive o meu primeiro contacto com o Desportivo aos 16 anos. Nessa época colaborava com os presidentes em diversas tarefas e acabei por me ir integrando no clube, tendo chegado a dirigente através da necessidade súbita de substituir o antigo presidente, o Heitor que era primeiro tenente. Ora este, ao ter sido nomeado tesoureiro da Marinha para umas construções que havia no estrangeiro, foi destacado por pertencer à administração naval, criando uma incompatibilidade com o desempenho da sua função de presidir ao Desportivo. Assim, três meses após a sua saída, alguns dirigentes do Desportivo, entre eles o Mário Araújo, acharam que eu é que devia ocupar esse lugar. Creio até que o processo nem foi lá muito legal, uma vez que eu não fui eleito, mas sim proposto, isto segundo creio em 1961. Acabei assim por ser presidente do Desportivo até 1981. Procurei

interromper a presidência mas fui obrigado a retomar o cargo, já que na minha ausência ocorreram desentendimentos de cariz ideológico entre os candidatos à Direcção, tendo o meu regresso servido sobretudo para apaziguar as hostes.

Enfim, as pessoas misturavam a política com o desporto. Nos anos em que lá passei nunca misturei os dois assuntos e lidei com gente de diferentes posicionamentos políticos.

Havia alguns choques ideológicos na Cova da Piedade e alguma perseguição política inclusivé, existindo ligações entre alguns elementos das associações e das empresas à PIDE. Apesar de poucos, alguns desses elementos vieram mais tarde a ser desmascarados, tendo sido uma enorme desilusão para todos, dadas as aparentes relações de amizade e companheirismo criadas.

Como dirigente do Desportivo sempre facilitei a vida às Escolas. Em 1963, as coisas começaram assim: o Gomerindo Carvalho e toda aquela gente davam as sessões na Cooperativa mas, entretanto tornaram-se inconvenientes e não quiseram alguns que aquilo continuasse. Então, o Pedro da Silva Gama (outro amigo das Escolas do Desportivo) veio ter comigo à sede e pediu-me que cedesse às Escolas o espaço das Barrocas para as aulas de Cultura Geral. Entretanto a escola pré-primária foi para as Barrocas, e o espaço das Salgadeiras ficou sem utilização sendo o espaço por vezes utilizado para jogar à

“Era um
prazer
enorme ver os
miúdos todos com
a sua batinha e
com o emblema
do clube.”

batota. As condições nas Salgadeiras eram muito precárias desde o tempo das pré-primárias. Há uma altura, já nas Barrocas, em que o Mesquita, o barbeiro que comemorou recentemente 100 anos de vida (outro grande amigo das Escolas) nos apresenta um desenho de um modelo de secretária escolar, que nós no Desportivo mandámos executar à Mecânica Piedense por nossa conta. Ajudámos sempre no que era possível. As Escolas tinham também algum apoio do comércio local. Conheci muito bem a professora Suzana e a Ivone Chocalhinho que cegou e a quem ajudei a tratar da reforma.

Os pais dos alunos eram sócios do Desportivo. Era um prazer enorme ver os miúdos todos com a sua batinha e com o emblema do clube. Tal só o não foi para um casal de Silves, que tinha uma boa condição de vida e não aceitava que o filho usasse a bata tal como todos os outros, pois achava que isso seria redutor e fazia dele, um igual aos outros. Então teve que sair da escola porque a lei era igual para todos e não a mudaríamos por causa de um capricho individual.

Era a Direcção do Desportivo que pagava a água, a luz, e algumas despesas com equipamento escolar.

Um caso insólito: apesar de nunca se terem colocado cartazes para anunciar os temas que se debatiam nas sessões de Cultura Geral das Barrocas, um dia fomos acusados através do Comandante da Guarda local, chamado Belo de ter um cartaz desse tipo em frente à sede do Desportivo. O Comandante Belo alegava que o presidente da Câmara de Almada, na época o Dr. Serafim da Silveira supostamente vira o dito cartaz anunciando o orador Urbano Tavares Rodrigues e debates acerca do aumento do custo da renda, entre outros. Exigiu o Belo que eu lhe levasse o Gomercindo Carvalho ao Posto para dar explicações. Era uma situação delicada já que o Gomercindo tinha apanhado medidas de segurança pouco tempo antes e estava a ser vigiado, tendo tido como testemunhas no seu julgamento, de entre outros o escritor Ferreira de Castro. O Gomercindo foi assim ao Posto da GNR acompanhado por mim e não pelo *Cara de Menina* (alculha do guarda António Augusto) apesar da insistência deste. Em frente ao comandante Belo o

Gomercindo garantiu que nada de extraordinário se passaria na Escola das Barrocas e de que não seria necessário enviar lá uma patrulha, ficando o assunto por aquela vez resolvido. A Escola das

Barrocas estava sobrelotada nas sessões de Cultura Geral, nem nos corredores havia espaço e na sessão logo após a ida do Gomercindo ao Posto da GNR, este, a meio da sua intervenção tira os fusíveis e deixa a sala cheia de gente às escuras e aos gritos, até saber quem é que colocou o dito cartaz na sede do Desportivo, ou quem possa ter passado a informação. Nessa sessão estava lá o Joaquim Judas (actual Presidente da Câmara de Almada) e o José Zagallo, um dos donos da Empresa de Transportes Beira Rio, nessa época. Nunca cheguei a saber quem colocou o cartaz. Apesar da minha moderação, com facilidade me via confrontado com situações comprometedoras como presidente do Desportivo.

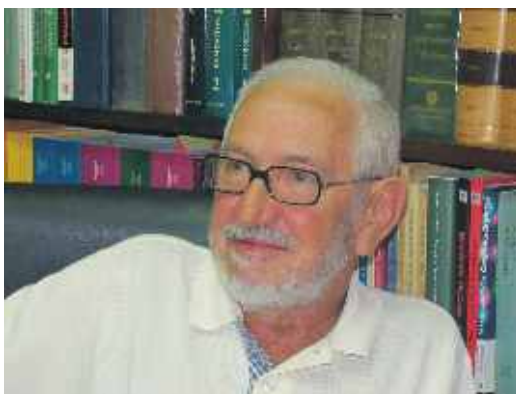
Em todos os aniversários do Desportivo, as Escolas organizavam na piscina da Sociedade umas baladas musicais. Quando assim era, eu como presidente do Clube já sabia que no dia seguinte estava metido em sarilhos. Alguns indivíduos da PIDE iam ter comigo e perguntavam-me que tipo de festa tinha havido, quem lá tinha ido cantar, se havia licenças, etc etc. Uma vez até me perguntaram se era verdade terem cantado uma certa balada do Padre Fanhais “Quem tem olhos é para ver, não se pode ignorar”.

Nunca fui aluno, mas sempre defendi as Escolas do Desportivo, até mesmo perante alguns elementos do clube que eram mais críticos da actividade das Escolas, lembrando-lhes sempre que foi através das Escolas que a Cova da Piedade contribuiu para a educação e para a formação cívica de uma boa parte dos indivíduos que vieram de fora para trabalhar nas indústrias locais e nos mesmos moldes para muitos piedenses.

Apesar de não pertencer à presidência do clube desde há muito, sempre me mantive atento e vinculado às actividades das Escolas do Desportivo da Cova da Piedade e pronto a colaborar dentro das minhas possibilidades e meios que detenho. Faço votos para que o projecto das Escolas saia reforçado no futuro próximo.

AS ESCOLAS PRÉ-PRIMÁRIAS AJUDARAM A COLMATAR LACUNAS

**Chamo-me Artur Jaime Ferreira de Castro Rodrigues,
entre os amigos sou conhecido por "Tuja" e nasci em 1936,
na freguesia de São Tiago de Almada. Sou Químico-
Farmacêutico, dono da Farmácia Castro Rodrigues na
Cova da Piedade, no Largo 5 de Outubro.**



Artur Jaime Ferreira de Castro Rodrigues

A pesar de nunca ter sido aluno das Escolas do Desportivo, a minha ligação algo precoce ao clube, deu-me a conhecer, de certa forma o historial das Escolas Pré-primárias do clube e mais tarde a evolução que as mesmas sofreram.

Comecei por pertencer aos Corpos Gerentes do Desportivo aos 17 anos de idade e aos 25 anos cheguei a Presidente da Assembleia-Geral, bastante jovem para o que era habitual, tal como o Presidente da Direcção, o Armando Rosa, também bastante jovem. Seríamos na época, talvez os mais novos dirigentes do mapa desportivo português. Depois ocupei diversos cargos no clube, entre eles Vice-presidente da Direcção, tendo interrompido os seus exercícios por diversos motivos pessoais, como seja o caso de uma ida forçada para a Guiné enquanto militar. Ainda hoje, integro um Conselho Superior do clube.

As Escolas do Desportivo da Cova da Piedade atravessaram diversas fases. Surgiram em 1947 logo imediatamente após a fundação do clube. Ora, o Desportivo resultou da fusão do União Piedade Futebol Clube (também conhecido como: os *espanhóis* fundado em 1914), com o Sporting Clube Piedense (fundado em 1932). A Assembleia magna de constituição foi presidida pelo Dr. Raúl

Cerqueira Afonso e teve lugar no salão da Sociedade Filarmónica União Artística Piedense em 27 de Janeiro de 1947. Foi necessário recorrer a uma votação para escolher o nome e cores do clube de entre duas propostas concorrentes, designadamente: *Clube Olímpico da Cova da Piedade* e *Clube Desportivo da Cova da Piedade*, tendo vingado a segunda. Imperou a democracia já que o actual emblema, criado por um rapaz que era desenhador no Alfeite chamado Vital e, contando com a inspiração do poeta popular António dos Santos Matos, integra no seu grafismo os anéis olímpicos da proposta derrotada. O União Piedade tinha como Presidente da Assembleia-geral o Francisco Moreira e o primeiro campo de futebol ficava situado atrás da antiga taberna da Maria Rosa, na Azinhaga de Mata-cães. A última sede era no Largo 5 de Outubro, correspondendo hoje à actual sede do Desportivo, embora anteriormente tivesse sido no 1º andar por cima do antigo restaurante “Porta Larga”. Já o Sporting Clube Piedense era a filial n.º 17 do Sporting Clube de Portugal, tinha como Presidente da Assembleia-geral o Jaime Mota de Amorim Ferreira e a sua sede funcionava na Rua das Salgadeiras n.º 18, 1º andar, que mais tarde acolheu a primeira escola pré-primária do Desportivo.

Assim, em 27 de Janeiro de 1947, nascia o Desportivo, com algum sucesso motivado por um acaso da sorte. O Desportivo foi disputar a 1ª Divisão do Campeonato Regional, em vez de se iniciar na 2ª Divisão como à partida lhe competia. Foi graças à pressão de um conjunto de directores da Associação de Futebol de Setúbal e do apoio dos clubes locais como o Costa (GD Pescadores da Costa da Caparica) e o Trafaria (CF Trafaria) que o Clube Desportivo da Cova da Piedade se iniciou na competição futebolística directamente na época de 1947/48. E, aproveitando parte dos jogadores que haviam saído do Unidos de Lisboa, formou-se uma equipa muito boa e o Desportivo ganhou o Campeonato Regional logo na primeira época, o que gerou uma grande onda de euforia. Essa euforia ajudou a relegar para segundo plano a rivalidade que se verificava entre o União Piedade e o Sporting Piedense antes da fusão e, pese embora algumas excepções, as massas associativas de ambos os clubes converteram-se numa só. Uma rivalidade bem maior era a que existia entre as gentes de Almada e as da Cova da Piedade. Para os verdadeiros piedenses a Piedade era como um reino independente, com uma fronteira ali no Pombal, precisamente na sede do Pombalense. Uma parte dos Caranguejais-de-baixo já eram Piedade e viveram-se momentos de rivalidade regional muito complicados, antes ainda das “invasões” migratórias. Sim porque a Piedade acolheu três vagas de migrantes: a primeira foi a dos beirões na transição do século XIX para o século XX, que vieram trabalhar

“ Foi necessário recorrer a uma votação para escolher o nome e cores do clube de entre duas propostas concorrentes...”

principalmente no sector industrial e também no sector de serviços; a segunda vaga migratória foi a dos algarvios, para a indústria da cortiça, vieram sobretudo de São Brás e de Silves; por último a vaga dos alentejanos que teve início nos anos quarenta, quando a mecanização agrícola no Alentejo começa.

A Piedade tinha uma dinâmica e uma identidade muito próprias, com muitas acções associativas e a escola foi mais um desses exemplos.

Logo de imediato, após a fundação do Desportivo e, através da brilhante iniciativa de Domingos Cabrita Júnior, fundaram-se as Escolas do Desportivo da Cova da Piedade vocacionadas nessa fase para o ensino pré-primário. A sede do Sporting Piedense foi utilizada para o funcionamento da primeira escola, na Rua das Salgadeiras n.º 18 e havia aulas de manhã e de tarde. A escola estava vocacionada para o ensino pré-primário e a origem social dos alunos tinha a maior transversalidade possível, integrando os filhos do proletariado e em simultâneo os filhos da pequena burguesia e da pequena indústria. A primeira professora da Escola do Desportivo chamava-se Suzana Soares e ainda hoje é recordada com saudade.

Mais tarde, para satisfazer a procura, o clube abriu mais uma escola, esta nas Barrocas, mais concretamente na Rua União Piedense n.º 56-C.

As Escolas do Desportivo da Cova da Piedade tiveram um papel muito importante na criação do gosto pela aprendizagem desde muita tenra idade, dos 4 aos 7 anos, já que eram escolas pré-primárias. A cultura desse gosto contribuiu para que muitos desses alunos fossem orientados para níveis de ensino secundário, o que na época lhes permitia aceder a oportunidades de trabalho no sector dos serviços.

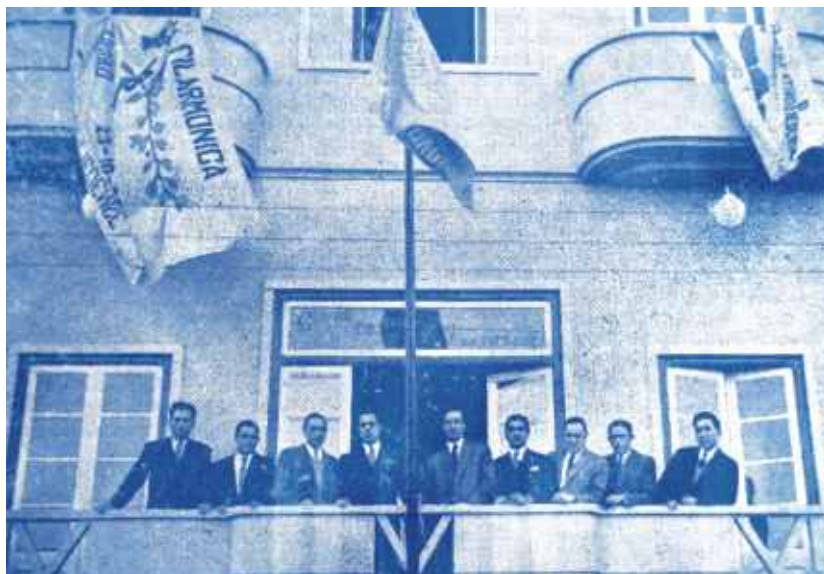
Os alunos eram sobretudo filhos de sócios do clube e eram feitos sócios auxiliares sempre na esperança que se tornassem sócios efectivos mais tarde.

Foi plantada uma árvore pelos alunos do primeiro ano lectivo de 1947, mas a árvore que foi esculpida e que esteve muitos anos no jardim é mais antiga, foi plantada pela minha tia Antónia Adelaide Mota Ferreira em Maio de 1918 na Festa da Árvore acompanhada de um hino muito bonito:

*Quem planta uma árvore enriquece,
A terra mãe piedosa e boa,
Ela aos seus filhos agradece,
E com os seus frutos abençoa.*

As escolas também não tinham o seu estatuto oficialmente reconhecido, mas preparavam muito bem as

A PRIMEIRA DIRECÇÃO DO CLUBE DESPORTIVO DA COVA DA PIEDADE



Da esquerda para a direita:

Manuel P. Barbosa, Filipe A. Moreira, Pedro Lopes, Carlos Peres, Domingos Cabrita Jr.,
Salvador M. Assunção, José R. de Sousa, António P. da Costa e Augusto José Batista.

crianças, tanto é que a maioria entrava directamente para a 2ª classe do ensino primário oficial. A única coisa vagamente oficial era um subsídio que a Câmara dava muito a contra-gosto e que se destinava à remuneração da professora Suzana.

Em 1963, quando estava no Porto a fazer a minha licenciatura em Farmácia, no 5º ano, havia uma disciplina intitulada “Higiene e Bem-estar Social” e nesse âmbito fiz um trabalho prático sobre a existência das Escolas do Desportivo da Cova da Piedade dado o seu carácter inovador, já que era das poucas instituições que aliava o ensino ao espírito desportivo. Que eu saiba, na época, só o Ateneu Comercial de Lisboa e a Academia Militar o haviam feito. Pena foi que, anos mais tarde, em 1952, quando se fizeram as escolas de iniciação desportiva no clube, não se tivesse recorrido aos jovens que haviam passado pelas escolas pré-primárias. Esse trabalho não está em minha posse, nem da Faculdade de Farmácia do Porto, já que, em 1975 se deu um grande incêndio na faculdade, precisamente onde se encontravam arquivados os trabalhos de Farmacodinâmica. Poderá existir no entanto uma cópia na mão do Rui Silva, já que lho emprestei para a elaboração de um trabalho no INEF no âmbito da

articulação da iniciação desportiva com o pré-escolar. O Rui Silva foi jogador do Desportivo.

Existe um outro período importante nas Escolas do Desportivo da Cova da Piedade que comemoram 50 anos e que no fundo corresponde ao que vocês querem agora glosar.

Esse período teve início em 1963 através da iniciativa de Nuno Teles Pinto, um antigo funcionário do Arsenal do Alfeite que promovia e leccionava cursos nocturnos, precisamente onde durante o dia decorriam as aulas da pré-primária, no caso apenas na Escola das Salgadeiras. Esses cursos destinavam-se a preparar indivíduos para fazerem os 2º e 5º anos do liceu. A proposta do Teles Pinto foi aceite e as instalações das Salgadeiras foram cedidas para o efeito. Entretanto, na Cooperativa tinham sido feitos pelo Gomerindo Carvalho e pelo José Cavaco uns cursos de Cultura Geral que começaram a ter uma incidência de perseguição política, porque os cursos eram de certo modo, uma introdução à política, que era canalizada por ali. Estava agregada à biblioteca da Cooperativa, com uma certa orientação ideológica, que toda

a gente conhecia, mas que toda a gente protegia, só que na Cooperativa tinha demasiada visibilidade e teve que acabar, passando-se então para o Desportivo. Toda a gente



Notícia do 17º aniversário Clube Desportivo da Cova da Piedade.

17 Anos do nosso Clube

Continuação da 1.ª página

fomos dos que votámos contra.

Em Janeiro de 1947, no salão de festas da Sociedade Filarmónica União Artística Piedense, literalmente cheio, em sessão magna, foram escolhidos o emblema e a cor das camisolas. Foi votada a grenat, mas em grande parte da assistência ficou a dúvida se não teria ganho a cor azul.

O mais velho dos fusionados estava para inaugurar a actual sede, a qual, estava na última fase das obras. Por isso, a Comissão Organizadora, da qual fizemos parte como secretário-adjunto, reunia na sede do Clube Recreativo Piedense.

Os estatutos do Atlético Clube de Portugal e do Almada Atlético Clube, serviram de base para a elaboração do Estatuto do nosso Clube, no qual, colaborámos como secretário, intervindo o Dr. Raul Cerqueira e Jaime Amorim Ferreira, como autores.

Domingos Cabrita e José de Sousa, membros da Comissão Organizadora, sugeriram em reunião a criação de uma Escola Pré-Primária, na sede do Clube fusionado, mais novo. A ideia foi logo aceita, e duas firmas, Rankins, Ltd. e Henry Buckall & Sons, Ltd., colaboraram activamente, a primeira votando um subsídio mensal que ainda hoje dura e a segunda pagando a mensalidade, da professora, D. Maria Suzana Ferreira Soares, que na altura era sua operária. A Câmara Municipal, também se associou à iniciativa, bem como outras firmas locais, concedendo subsídios mensais.

Possuía o clube fusionado mais novo 15 000\$ em cofre, que foram entregues à Comissão pelo Francisco Alves da Silva e que serviram para estruturar o clube nos seus primeiros dias.

A sede foi inaugurada em Janeiro de 1947, o corte simbólico da fita de entrada foi feito pelo Inspector de Desportos, Dr. Salazar Carneira. Ao acto assistiram muitas entidades oficiais, entre elas, o sr. comandante Sá Linhares, ao tempo Presidente da Câmara Municipal de Almada, representantes da hierarquia desportiva, colectividades do Concelho, Imprensa e Rádio.

No seu primeiro ano de actividade o clube dedicou-se a várias modalidades desportivas: Futebol, Ciclismo, Voleibol, Andebol, Ping-pong, Cíelo-Turismo e Natação.

Os primeiros passos em futebol, foi a inscrição num torneio particular organizado pela A. F. de Serúbal. Defrontámos o Trafaria no 1.º jogo e vencemos por 2-1, mas a classificação final não foi nada animadora.

O Ciclismo, que contava na altura, com valores positivos como Jorge Pereira e Baltasar Rocha, nascidos no nosso burgo, enfiou-nos a Comissão a formar a respectiva secção. Para o efeito criou uma Comissão de Angariação de Fundos, da qual faziam parte, se a memória não nos atraiça, Raul da Silva Dias, Carlos Filipe, Sidónio de Oliveira e Carlos Madeira da Silva. O clube inscreveu corredores em várias categorias, conquistando honrosos lugares individuais e colectivos.

O prestigioso Clube Atlético de Campo de Ourique, organizou a XII Volta a Portugal em bicicleta, e o nosso clube fez-se representar, obtendo o 4.º lugar por equipas, e os seguintes lugares individuais: Baltasar Rocha 10.º, Jorge Pereira, 21.º e Pinto Ribeiro 23.º. Domingos Cabrita e José de Sousa, acompanharam os ciclistas.

A volta do comportamento dos ciclistas gerou-se um ambiente de entusiasmo e apoio concretizado na oferta de objectos que enriqueceram o património artístico do clube. Também o comércio, a indústria e a população contribuíram monetariamente para as despesas de tão

onerosa secção. E o certo é, que o ciclismo sendo na altura uma modalidade cara, deu dinheiro para ser aplicado no futebol. Uma coisa inacreditável para muito boa gente, que não se cansou de dizer que nós os dirigentes, só nos preocupávamos com o ciclismo e não queríamos saber do futebol, a modalidade que levou muitos a vorarem pela fusão.

Em 1948, o clube voltou a estar presente na Volta a Portugal, desta vez representado pelos ciclistas Jorge Pereira, Pinto Ribeiro, Baltasar Rocha, António Palhinhas e João Joaquim Nunes, este não chegou a alinhar à partida. João Barbosa e Henrique Nogueira, acompanharam a equipa na qualidade de dirigentes. A equipa desta vez não correspondeu e só Pinto Ribeiro chegou ao fim.

Retomando o fio do primeiro ano, em Julho o futebol foi entregue ao signatário, que organizou dois jogos particulares um no Alentejo, com o fim de conquistar a boa gente daquela vasta área e outro em Vendas Novas, a convite de um velho desportista ginasista. Estes jogos serviram para unir os jogadores dos dois clubes fusionados e indo fazendo a escolha dos elementos a inscrever. O Arnaldo Carneiro, que foi um precioso auxiliar da Comissão nos serviços de secretaria, colaborou connosco e em Vendas Novas fez o pé ao gosto de tal maneira, que se julgava de ser levantada a sua pena de irradiação, nunca mais descansamos enquanto não o víamos envergar oficialmente a camisola do nosso clube. Por curiosidade ganhámos no Alentejo por 4-0 e no Alentejo ao Estrela por 10-2. Destes dois contactos ficámos com a impressão que o recrutamento de elementos estranhos aos fusionados era uma necessidade, mas por outro lado, recebíamos a participação de uma equipa cara, para as possibilidades do clube, numa prova sem qualquer projecção, como era o Campeonato Regional da II Divisão da A. F. S. O Clube tomou a posição do mais velho dos fusionados, porque além desta prova havia outra ainda de menor projecção, que era a promoção.

Um dia tocámos particularmente impressões com um dirigente da A. F. S. com mais de 20 anos de serviços ininterruptos e fizemos sentir que era uma pena o nosso clube não poder tomar parte na I Divisão Distrital. Que era podia ser alargada e isso só traria benefícios ao futebol Distrital. Indicou-nos o caminho para que tal desiderato fosse um facto. Por os meus colegas da Comissão ao facto da questão e estes em boa verdade foram incansáveis em tão difíceis diligências. Valeu-nos um amigo do Montijo que muito prezamos, o Trafaria e o Imparcial de Alcochete. E assim, a Comissão Organizadora tinha conquistado o primeiro título e este na secretaria, e tão boa foi a participação do clube que logo conquistou o título.

Voltando aos nossos primeiros passos no futebol, o primeiro jogo particular jogou-se no nosso campo com o Seixal F. C. com quem se registou um empate de 2-2. Foi assim a nossa primeira equipa: Gonçalves; Adão e Mequinhães; Jacinto, Martins e Pina (Quim); Rafael, José da Silva, Luís Pacheco (Luís Santos), Estrela e Grafo.

Jogámos depois no Seixal e fomos derrotados de forma a que o nosso primeiro público, nem no barco queria que viessem os dirigentes.

Depois em dois jogos particulares com o Trafaria já pudemos contar com jogadores da C.U.F. de Lisboa, que na altura tinha extinguido a sua secção de futebol, então o público apercebeu-se que tínhamos equipa para botar figura no regional principal de Serúbal.

Depois foram mais 16 anos de lutas gloriosas e incertezas, as primeiras conduziram às pe-

gundas, ainda que isso pareça um paradoxo, mas é uma verdade. As lutas gloriosas capacitaram uma grande maioria que o Clube tinha obrigação de chegar aos mais altos voos e isso resultava um ambiente de descrença e desinteresse quando as coisas não corriam de feição. Tal estado, fez afastar bons dirigentes, grandes amigos, que nos afirmaram, por mais duma vez, que jamais voltariam a ser dirigentes, tão dura era a tarefa destes. E cumpriram a promessa. Nós, que tivemos 5 duros anos no mais velho dos fusionados, não nos deixámos vencer, e até aos dias de hoje, jamais abandonámos o Clube quer como dirigente, quer como membro de qualquer comissão para isto ou para aquilo, e apesar de termos como agradecimento umas medalhas negras de ingratidão, não estamos arrependidos. Conquistámos verdadeiras amizades, a par de algumas inimizades é certo, mas estas felizmente em muito menor número. Agora, resta-nos aguardar uma tranquilizadora classificação da primeira categoria, para de vez, nos despedirmos, com a consciência tranquila de tudo termos feito, sem outro fco, que não fosse servir o Clube desportivo da nossa terra.

E para finalizar a história que já vai longa, fornecemos números do futebol do Clube Desportivo da Cova da Piedade:

De Março de 1947 a 26 de Janeiro de 1964, o clube disputou 487 jogos oficiais, obteve 246 vitórias, 100 empates e marcou 1006 golos.

Taça de Portugal — 4 provas:

11 jogos — 5 vitórias e 1 empate, 12 golos marcados.

Campeonato Nacional da II Divisão — 5 campeonatos, incluindo o em curso:

96 jogos — 42 vitórias, 24 empates, 172 golos marcados.

Taça Ribeiro dos Reis — 2 provas:

12 jogos — 5 vitórias, 1 empate, 20 golos marcados.

Torneio de Apuramento da Taça de Portugal:

3 jogos — 3 vitórias, 8 golos marcados.

Torneio de passagem da 3.ª à 2.ª Divisão: 3 jogos — 2 vitórias e 2 empates, 11 golos marcados.

Jogo de passagem da 3.ª à 2.ª Divisão:

1 jogo — 1 vitória, 7 golos marcados.

Campeonato Nacional da 3.ª Divisão:

11 Campeonatos — 1 título

145 jogos — 73 vitórias, 34 empates, 276 golos marcados.

Campeonatos Distritais da A. F. S. (I Divisão):

12 Campeonatos — 3 títulos,

192 jogos — 105 vitórias, 35 empates, 455 golos marcados.

Torneios da A. F. S.:

3 torneios — 1 título.

20 jogos — 13 vitórias, 3 empates, 65 golos marcados.

Doutras modalidades:

Um Campeonato de Lisboa da I Divisão, em Andebol de 11, na época de 1938/39.

Um Campeonato de Lisboa em Cíelo Turismo por equipas na época de 1946/47.

Futebol — Categorias inferiores:

Um Campeonato de Juniores da II Divisão da A. F. S.

Um Torneio Inter-Escolas de Jogadores da A. F. S., o primeiro efectuado por esta entidade.

Filipe A. Moreira



COVA DA PIEDADE

BOLETIM MENSAL DO C. D. C. P.

EDIÇÃO DA "COMISSÃO BIBLIOTECÁRIA"

Rumo ao Futuro

Desde os primeiros tempos da civilização, sabe o homem procurando o futuro, procurando ver sempre no seu mistério uma vida diferente e melhor, nessa miragem do previsto do Desconhecido cabem todos os sentimentos mais nobres da condição humana, da esperança à fé, do sacrifício à renúncia, para que o ideal seja a verdade, pois que a quimera rebulsa se transforma em pedra que pesaria mesmo para fé da humanidade da vida que a haviam detido, mas que não tapa os seus olhos.

Não feriremos desastros: tapete-se a vida, porque ele, em si, é uma das mais válidas manifestações da vida.

Não há história de todos os clubes figurar fatos que, nem por se repetirem em todos eles, dando o sempre modesto ar do mais famoso, deixam de significar que os homens a eles se dedicaram de alma e corpo, e dos seus entusiastas e desapeços nasceu algo que ficou para sempre, mesmo para além de esquecimento, a que os outros homens votam a um sêculo.

O nosso clube, o **ATLETAS DESPORTIVO**, não tope a regra, antes a cria, pois nos seus curtos anos de vida tentou pela esfera de sua razão associar uma obra leiga na actividade desportiva da sociedade de Aviação.

Que não se confundam os afectos aos outros clubes desportivos de massa com, alguns deles, com verdadeira tarefa a crédito na história, mas não, pela modestia de recursos, dificuldades encontradas, numa vida nunca fácil, justo é que sejam compreendidos e respeitados, pelo que tomam por muito próprio e inalienável espaço de existência.

Na América a pujança da juventude e aquela Primavera selvática, que tudo renova e reverencia, depois dum inverno longo e infinito. A nossa juventude é um padrão de esperança no futuro, e porque nós nunca nos divorcamos dela e antes a acolhemos sempre, preparando-a para a necessária compreensão. Não nos a esperar dela a concretização do sonho que uns e duas forças têm, a volta dum só ideal, dando-lhe tudo aquilo que queremos em realidade.

Rumo ao futuro, é um futuro que não desmencce o presente de quem, como nós, sem conseguir criar e renovar sempre, renova quando ninguém acredita na possível renovação e criar. Os filhos dos heróis das barcas devem aos pais uma continuidade que se espera, uma continuidade que é própria ideia da sobrevivência física e social, renovação no tempo, dando-lhes uma nova vida defendida, ideia para pôr de pé e condições para realizar, coisa necessária.

É depois da cultura da apatia, mas suas vítimas se chocam ao ESCOLAS PR-PRIMÁRIAS, preocupadas com a não aprendizagem pela falta de deigi e manter e duvidar que a aprendizagem não sempre passa no aluno. E não pensa plenamente que é necessário invencível por um caminho novo e não somente de assistir um caminho em que se deve pensar outra inversão do que tem sido tradicional no ESCOLAS, um interesse desmedido pela LINGUAGEM, e uma vaga simpatia por outras consequências que se dá uma vaga simpatia, pelas outras modalidades, porque que modalidades? Então, não se encontra a aprendizagem e a aprendizagem.

PORTO-RÍGI, mas que são na sua modéstia e pureza, o verdadeiro ideal desportivo, porque urge lutar-se pelo desporto todo aquele que entende que desporto não é ver, é praticar.

Assim, na fase de crescimento que atravessamos, é preciso manter nas crianças que a sombria de nossa bandeira (alfabetizar as primeiras letras, é preciso fazer por elas mais qualquer coisa que sirva-las a balbuciar as primeiras letras, é preciso para atingir a nossa finalidade principal, ensiná-las a dar os primeiros passos no deserto.

Como fazê-lo? — perguntarão docilmente, esperando normas que deem.

Como todos sabem, o clube conta em breve ter à disposição um recinto próprio para a prática das modalidades físicas, anexo à nossa ESCOLA FRE-PRIMARIA, recinto este que terá que ser progressivamente melhorado e adaptado, para que possa desenvolver-se cabalmente a sua função. Este aparelhamento necessário só poderá conseguir-se pelo esforço da massa esportiva, aliás com tudo o que o clube anual. Entenda-se por ele a subterfuge do recinto, a aquisição de material desportivo e a criação de novas seções, com uma autonomia financeira que permita uma continuidade de funcionamento sem onerar mais as finanças tão pobres do clube. Concretizando, impõe-se o funcionamento de classes de ginástica, orientada por professores competentes e, paralelamente,

CCM 118 乙 A 利 A 市 (A), 7

Editorial

A ideia foi a semente.

Insignificante como todas as sementes, mas contendo, oculto bem no âmago do tegumento, o embrião das grandes Realizações. Grandes, em quê? — Em tamanho? Em volume? Grandes, sim, na intenção, na boa vontade, no desejo assente, sólido, firme, de bem servir os interesses de "Desportivos"!

E a semente foi lançada a terra da Oportunidade. Germinou sob a acção benéfica e amiga de um fertilizante chamado «Espírito de Conjunto». Cresceu com a timidez das coisas frágeis, embora sentisse o furor-lidar da seiva estuante a bulir-lhe em todos os canais. Rompeu a modo a crosta da leira onde alguém a deixara e assumiu-se a luz de um novo dia, buscando o orvalho benéfico da Compreensão.

Planta tuna que hoje entra na fase primária do seu crescimento, este «Boletim» nada mais pede a não ser que o acarinhem e o ajudem. Talvez, assim, durante a sua evolução, atinja a maioria de árvores frondosas, que a todos acolha sob a frescura dos seus ramos.

O ÚNICO IDEAL QUE DEFENDEMOS NESTAS PAGINAS É O PROGRESSO DO «CLUBE DESPORTIVO DA COVA DA PIEDADE»!

sabia muito bem que os cursos de cultura geral, como eram apelidados, estavam “encostados” aos cursos, digamos, “mercenários” do Teles Pinto que preparava gente para fazer exames do 2º e do 5º ano do liceu.

Em determinada altura a escola passou a ter uma Direcção dependente da Direcção do clube e essa direcção era do Presidente da Assembleia-Geral. Foi calculado na altura que, quem podia ocultar melhor o que havia de paralelo às escolas pré-primárias e aos cursos de cultura geral era o Presidente da Assembleia-Geral. O indivíduo era o guarda dos estatutos e respondia pela vigilância que os conselhos fiscais faziam dos actos da Direcção. Eu próprio enquanto presidente, quando tinha 25 anos de idade, fui o chamado Director de “Espírito” das Escolas, já que o era em ausência de corpo. Fui depois substituído no cargo pelo Teles Pinto, já que me encontrava a maior parte do tempo no Porto a concluir a minha licenciatura. Nesse mesmo período em que fui presidente da Assembleia-Geral do Desportivo, a equipa de futebol subiu de divisão e num jantar comemorativo, recordo-me de ter sido salientado o facto de sermos os dirigentes mais novos do mapa desportivo português, o que não deixa de ser curioso. Nessa altura, em 1963, era Presidente da Câmara de Almada o Glória Pacheco e, quando da fundação do Desportivo o Presidente da Câmara era o Sá Linhares. Mas, quanto a mim, o Presidente da Câmara que revelou mais sensibilidade e que mais ajudou o Desportivo, foi o Serafim Silveira. Era um homem muito esperto, tinha pertencido ao Lusitano de Évora e sabia perfeitamente com o que estava a lidar. Foi o presidente até alguns meses antes do 25 de Abril de 1974. Foi depois nomeado Governador Civil de Setúbal.

As Escolas pré-primárias ajudaram a colmatar lacunas numa freguesia onde as pessoas tinham uma grande vontade de aprender e de se manter informadas. A título de exemplo: lembro-me de que, nas fábricas de cortiça, sobretudo no período do movimento anarquista, quando a maioria dos operários eram analfabetos, se quotizavam

Rumo ao Futuro

CONTINUAÇÃO DA 1.ª PÁG.

ao funcionamento dessa actividade básica, a criação dum centro de iniciação desportiva, para aproveitamento do potencial humano que as sucessivas gerações de alunos das ESCOLAS constituem.

A Educação Física, baseada na Higiene Geral, como forma de conservação e robustecimento do corpo, como se baseia também na fisiologia e psicologia, não perde de vista nenhum aspecto da personalidade humana, e não sendo um fim, pois é tão somente um meio, não é simplesmente orientada para a cultura física, é-o mais para a educação geral.

Deve ser encarada como causa e condição da formação do indivíduo, desenvolvendo as suas faculdades latentes, estimulando-as com harmonia e coordenação, para adquirirem o máximo de rendimento comportado pela natureza.

Interessa-nos, sobretudo, dar aos nossos alunos uma educação física básica, estribada na ginástica educativa, na generalização da prática activa de todos os desportos, seleccionando os mais aptos e habilidosos para a prática especializada e controlada de uma só modalidade por indivíduo, evitando as dispersões e os seus consequentes excessos prejudiciais.

Os jogos, por si só, são insuficientes porque não doseiam nem localizam o trabalho do sistema muscular, pois actuam instintivamente segundo a sua estrutura e sem regras definidas, não valorizando por contabilização de forças e aptidões todos os efeitos do exercício.

Assim, devemos, no nosso rumo ao futuro, visar, pela educação física, o aumento das forças vitais, pressupondo sempre que elas não residem nas formas exteriores ou no volume dos músculos, na agilidade ou destreza nas especialidades, mas, sim, resultam da harmonia perfeita do desenvolvimento racional e do equilíbrio das funções de economia (respiração, nutrição, circulação, musculatura, inervação e cerebração).

O indivíduo, como nós o pretendemos, formado e educado, já pode entrar na especialização e tomar o rumo que melhor quadre à sua vontade, sem deixar de atender ao seu temperamento e à melhor forma de adaptação às suas condições morfológicas e às suas disposições naturais.

Eis o nosso rumo ao futuro. Preparar com consciência os nossos atletas, dando-lhes a força do corpo e a estatura moral para a competição desportiva, ensinando-os a pôr corpo e alma ao serviço do desporto, envergando as gloriosas camisas do nosso DESPORTIVO, para as defenderem com honra, lealdade e coragem. Tarefa gigantesca a que tal objectivo nos propõe, mas tarefa necessária que urge iniciar.

ART. C. R.

Ensaio “Rumo ao Futuro” escrito por Artur Castro Rodrigues, ano 1963.

entre si, do pouco que ganhavam, para terem um leitor na Sala de Escolha, o que revela a forte consciência colectiva que se estabelecia em torno da necessidade de aceder à informação. Outro exemplo dessa necessidade é reflectida através do importante papel que as bibliotecas das várias organizações associativas (Clube Recreativo Piedense, SFUAP e Cooperativa Piedense) tiveram.

A escola, agora a funcionar só nas Salgadeiras, pese embora tenha perdido a originalidade e a atracção inicial, lá continua pendurada naquilo que foi o aproveitamento dessa época, continuando agora a auxiliar os adultos com mais de 23 anos no processo de admissão ao ensino superior.

DOCUMENTOS REFERENTES AO CLUBE DESPORTIVO DA COVA DA PIEDADE

O Associativismo Tradição e Arte do Povo de Almada, Almada, Ed. Câmara Municipal de Almada (1985).

“CLUBE DESPORTIVO DA COVA DA PIEDADE”

[...]

“Data da fundação: 28 de Janeiro de 1947.”

p. 259

[...]

“A fundação do Clube foi resultante da fusão entre o União Piedense Futebol Clube (também conhecido com o epíteto de “Espanhóis”, devido às cores do seu equipamento) fundado em 9/4/1914, e o Sporting Clube Piedense, fundado em 28/12/1928.”

[...]

“Os factos salientes na história do clube, são os seguintes:

No campo cultural, ter mantido desde sempre escolas pré-primárias, onde colheram as primeiras luzes da instrução milhares de crianças.”

[...]

“No aspecto cultural mantemos a Escola sita nas Barrocas, na qual funcionam as tradicionais aulas pré-primárias.”

[...]

pp. 260-261

23. *Associativismo e Cidadania – Exposição sobre o Movimento Associativo em Almada*, COSTA Ana, LUZIA Ângela & JULIÃO José – Almada, Ed. Museu da Cidade/Câmara Municipal de Almada (2007).

“Em Almada, o fenómeno associativo encontra-se, desde meados do século XIX, em estreita relação com o processo de industrialização, a vinda de migrantes e o desenvolvimento urbanístico do seu território, sendo inevitavelmente influenciados por contextos políticos em vários períodos e pela proximidade com as correntes intelectuais da capital.”

p. 15

[...]

Cronologia”

pp. 121-165

[...]

“1863”

“A rede escolar do concelho é constituída por 11 escolas, 4 públicas e 7 particulares, com um total de 329 alunos (3 em Almada, 3 no Monte de Caparica, 2 na Trafaria, 2 em Cacilhas e uma nas Barrocas).”

[...]

“1878”

“O concelho tem duas freguesias e 11.531 habitantes: 4.940 na freguesia de Almada (resultante da união das freguesias de Santa Maria do Castelo e Santiago), e 6.591 habitantes na freguesia de Nossa senhora do Monte de Caparica.”

[...]

p. 122

“1900”

[...]

“População residente no Concelho: 15.764 habitantes.”

[...]

p. 124-125

“1915”

[...]

“No concelho existem 11 escolas oficiais com um total de 13 professores e 979 alunos, a que corresponde uma taxa de escolarização de 40%. Os centros escolares associativos colmatam a carência de equipamentos associativos.

[...]

p. 127

“1929”

[...]

“Existem cerca de 47 associações activas no concelho.”

[...]

p. 130

“1939”

[...]

“Existem cerca de 40 associações activas no concelho.”

[...]

“1940”

“População residente no Concelho de Almada: 29.546 habitantes.”

[...]

p. 133

“1947 – (28 de Janeiro)”

“Fundação, na Freguesia da Cova da Piedade, do Clube Desportivo da Cova da Piedade, resultado da fusão do União Piedense Futebol Clube com o Sporting Clube Piedense, que se virá a destacar a nível nacional nas modalidades de futebol, andebol de onze e rugby.”

[...]

“1948”

[...]

“O Clube Desportivo da Cova da Piedade inaugura uma escola [pré] primária mista, para os filhos dos sócios.”

p. 136

Clube Desportivo da Cova da Piedade

Livro de Actas da Assembleia Geral II – 200 pp. numeradas (7, AGO, 1958- 7, DEZ, 1964)

198 pp. numeradas, onde se inscrevem as Actas, da número 26 à número 61.

Acta n.º 32 (24 de Agosto de 1959), pp. 38-45:

“[...] *entrando-se na ordem de trabalhos que era a seguinte:*

- 1 – Eleição dos cargos vagos;*
- 2 – Apreciação e discussão duma proposta para rever o castigo aplicado ao atleta António Silva Rendeiro;*
- 3 – Apreciação e discussão de um regulamento da Escola Pré-Primária.*

[...]

Entrou-se então no parágrafo 3.º - Apreciação e discussão dum regulamento para a Escola Pré-Primária.

Os. Presidente da Mesa deu entrada à proposta do teor seguinte:

- “1 - A Escola Pré-Primária do Clube Desportivo da Cova da Piedade, destina-se unicamente a ministrar a instrução pré-primária às crianças de ambos os sexos, filhos de associados do clube, ou suas tuteladas e que se encontrem no pleno gozo dos seus direitos.*
- 2 - Antes de dar ingresso na Escola, a criança será submetida a um exame médico e conforme as conclusões deste será ou não admitida.*
- 3 - Só podem ser admitidas na Escola crianças de idade inferior a 5 anos.*
- 4 - Todos os alunos que atingiram os 7 anos de idade não podem continuar a frequentar a escola.*
- 5 - Após a admissão do aluno, os indivíduos referidos no artigo 1.º do presente regulamento além da quota mínima de associado efectivo de esc.: 7\$50 [...] ficam obrigados ao pagamento da matrícula escolar de esc.: 10\$00 e ainda cota mensal suplementar de esc.: 5\$00 destinada à Caixa Escolar.*
- 6 - Verificando-se um atraso superior a 3 meses no pagamento da quota social ou escolar, a criança será demitida da escola.*
- 7 - O disposto no artigo anterior, não será extensivo aos que demonstrarem estar inibidos de efectuar o pagamento por falta de trabalho ou doença.*
- 8 - Será igualmente demitido o aluno que der 60 faltas consecutivas ou 90 interpoladas, durante o seu período de frequência escolar.*
- 9 - Os alunos têm o direito aos serviços de enfermagem, sempre que deles necessitem e seus pais entendam beneficiar dessa regalia.*
- 10 - Aos alunos que atinjam sete anos será conferido um diploma de aproveitamento, que terá a seguinte norma classificativa:*
ÓPTIMO APROVEITAMENTO; BOM APROVEITAMENTO; ou REGULAR APROVEITAMENTO.
- 11 - A todos os alunos será fornecido o material escolar indispensável, excepto livros.*
- 12 - A escola será regida por um director próprio bem como um substituto, os quais deverão reunir as condições morais e culturais indispensáveis para o cabal desempenho da sua missão.*
§ único – A nomeação para estes cargos é feita por proposta da Direcção e sancionada na Assembleia Geral.
- 13 - A regência da Escola fica autorizada a administrar os fundos da mesma e a angariar sócios auxiliares, com cota a fixar, revertendo esse produto ao fundo de manutenção e expansão da Escola.*
- 14 - Este regulamento entra em vigor no dia 1 de Outubro de 1959 e anula todas as disposições vigentes até esta data.*

Cova da Piedade 24 de Agosto de 1959

A Direcção”

“Este regulamento foi admitido e aprovado sem discussão, por voto unânime.” pp. 40-42

[...]

E stávamos em 1947 ainda a terra fumegava, depois de uma guerra fratricida. Um grupo de irrequietos cidadãos dá início a um projecto de escolarização. Um conjunto de pessoas aceita o desafio e crianças entre os cinco e os seis anos são acolhidas neste ato fraterno.

Neste capítulo dá-se conta do que ficou desses tempos, em que todos foram envolvidos num processo de construção do futuro. Pioneiro e ousado, o projecto foi vencendo as dificuldades organizativas e pedagógicas. Um projecto, desde sempre, olhado com desconfiança, pelo poder político, que foi procurando liquidar aquela torrente energética.

Volvidos mais de cinquenta anos aqui ficam algumas memórias de monitoras, dirigentes e alunos/as. Ninguém ficou indiferente. Os relatos evidenciam o vivenciado, as monitoras referem episódios e pessoas que as marcaram, os/as alunos/as são pródigos no relato de episódios que vão da plantação de uma árvore, que não vingou, passando pela indelével amizade que os uniu a todos/as.

O afecto esteve sempre presente em todo este trabalho. Mais do que acolher as crianças, a aprendizagem constituiu, desde logo, uma preocupação. Foram feitos investimentos de ordem pedagógica para valorizar as crianças. As escolas primárias acolhiam estas crianças oriundas, na maioria dos casos, das classes trabalhadoras sabendo que, o estímulo ao estudo estava “plantado”. O fruto não tardaria a chegar. Implementada numa área com poucos recursos escolares e financeiros todos sabiam a importância que a escola iria ter no futuro.

Cabe aqui referenciar que crianças de ambos os sexos coabitaram e partilharam experiências. Foi preciso esperar muitos anos para que a escola oficial o fizesse.

Anote-se a decisão do Desportivo que em Assembleia Geral Ordinária reconhece o mérito do projecto pela inclusão da componente adulta que teve início em 1963.





AS ESCOLAS DO DESPORTIVO E O ENSINO PRÉ-PRIMÁRIO

- 1947-1963 -





Inauguração da escola do Clube Desportivo da Cova da Piedade • Imagem: João Gabriel Isidoro • almada-virtual-museum.blogspot.com

1 - Mário Pinto; 2 - António Deus Ramos; 3 - Dr. Luís Álvares; 4 - Gabriela Álvares; 5 - Sacramento Monteiro (Director Geral dos Desportos);
6 - Domingos Cabrita Júnior (Presidente do Clube Desportivo); 7 - Salvador Marques; 8 - José de Sousa; 9 - Jaime Amorim Ferreira;
10 - António Costa; 11 - Luís (Galinha); 12 - Darwin Silva e 13 - Carlos (Rei da Goela).



Esplanada do Clube Recreativo Piedense - Ano Lectivo 1948/49



A PRIMEIRA PROFESSORA DAS ESCOLAS PRÉ-PRIMÁRIAS DO CDCP

Maria Suzana Ferreira Soares

Maria Suzana Ferreira Soares (1904-1988) natural da Cova da Piedade, filha de João Pedro e de Cândida Almeida Ferreira, também naturais da Cova da Piedade, ele construtor civil e ela cozinheira da família de António José Gomes no Palácio Gomes, hoje sede provisória da SFUAP.

A professora Suzana, tal como sempre foi conhecida, foi mãe de quatro filhos, dos quais apenas a grande amiga das Escolas do Desportivo, Maria Florbela Ferreira Soares Pires, está entre nós.

Tinha pela sua tia, professora Amélia da Conceição, uma admiração tal que a levou a seguir o seu exemplo de educadora excepcional – a tia foi a primeira professora diplomada a exercer na Cova da Piedade -, numa pequena Escola nas Barrocas, na Rua da SFUAP.

A professora Suzana terminou a sua formação académica no ano de 1925 com o curso de professora primária, iniciando ainda no mesmo ano a sua actividade de pedagoga na sua própria casa na Cova da Piedade.

Em Janeiro de 1947, aquando da fusão dos dois clubes da sua terra natal, o UPFC e o SC Piedense que deu lugar ao Clube Desportivo da Cova da Piedade, foi convidada pelo presidente da Direcção, enquanto professora, a inaugurar aquela que se considera ter sido a primeira Escola Pré-primária do país.



Foto parcial de alunos em aula no Ano Lectivo 1949/50, na sala da Rua das Salgadeiras, com a presença da Professora Suzana

Essa distinção deve-se aos méritos que lhe eram reconhecidos, à maneira carinhosa e desvelada como se relacionava com as crianças que lhe eram confiadas e ao bom aproveitamento que conseguiam ao fim de cada ano lectivo.

A disciplina e o afecto eram as características mais presentes no seu método de ensino durante mais de 40 anos.

As Escolas do Desportivo, na Rua das Salgadeiras, foram a sua segunda casa. Era aí, junto dos seus pequenos alunos que se sentia verdadeiramente realizada como cidadã útil à sua terra e à sociedade.

Foi amiga pessoal de duas colegas professoras, a D.^a Egídia, de Almada e a D.^a Conceição Sameiro Antunes, da Cova Piedade com as quais comungava os prazeres do ensino e uma amizade comum.

Deixou de exercer, por problemas de saúde, já bem depois dos 70 anos de idade.

A professora Suzana foi um verdadeiro exemplo de dedicação ao Ensino do qual o CDCP muito se orgulha de ter tido como colaboradora inestimável.

Em 17 de Novembro de 1988, já com 84 anos, veio a falecer após alguns anos de sofrimento. Mas o reconhecimento perdurará!



Entrega de prémios aos alunos da pré-primária - Ano lectivo de 1953/54

No salão do Clube Recreativo Piedense, Artur Castro Rodrigues apresentando a cerimónia de distribuição de prendas aos alunos que completaram o ano lectivo de 1953/54 na Escola Pré-primária do CDCP. Entre outros, reconhecem-se: Fernando Nunes Alves, José Marino Viegas, Carlos Peres e Aquiles Monteverde (Presidente da Câmara Municipal de Almada). A criança que está sobre a cadeira a falar ao microfone, é Ana Maria Almeida (filha de José Alves de Almeida).



Final do Ano lectivo de 1955/56, na esplanada do Clube Recreativo Piedense (Professora Suzana e alunos)

Nota: Nunca foi prestado à Professora Maria Suzana Ferreira Soares, o reconhecimento público por qualquer entidade ou outra instituição, como se impunha pelos serviços prestados à comunidade e pela sua devoção ao ensino.



Ivone Chocalinho

ENSINEI DURANTE DEZASSEIS ANOS NO DESPORTIVO, TRÊS NAS BARROCAS E TREZE NAS SALGADEIRAS

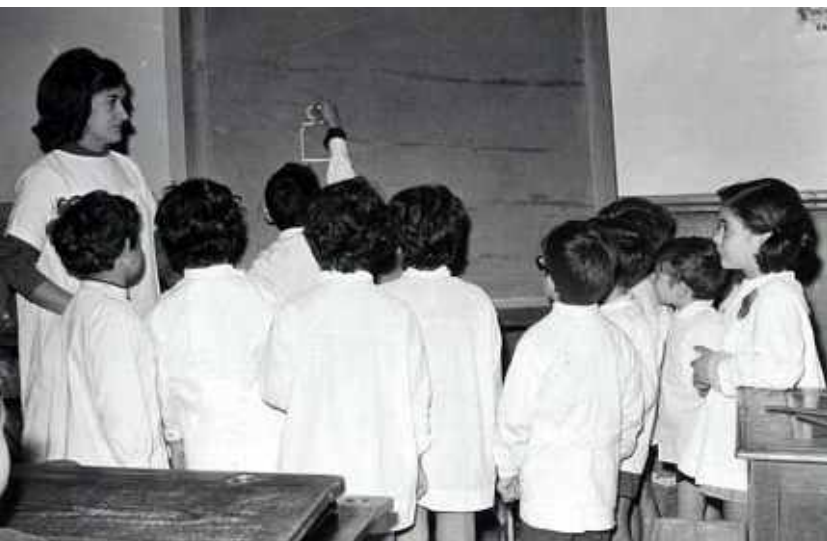
A minha entrada na Escola do Desportivo dá-se quase por um acaso. Quando cheguei à Cova da Piedade não tinha trabalho e inscrevi-me num concurso para professora primária das Escolas do Desportivo da Cova Piedade. Entrei no início da década de sessenta, foi quando a professora Suzana saiu, eu fui substituí-la. Era mãe da Florbela, minha colega da escola primária.

Na altura não tinha contrato de trabalho, eram outros tempos, ganhava pouquinho e não descontava para a Caixa de Previdência. Ganhava 500 escudos por mês e não tinha subsídio de férias. Só fui aumentada uma vez, depois do 25 de Abril, quando o Senhor Mesquita estava na Direcção. Fui falar com o Senhor Mesquita sobre o ordenado mínimo. Ele disse que ia falar com a Direcção e aumentou-me 100 escudos, mas só a mim, não aumentou a D.^a Etelvina que também dava aulas na escola. Não achei bem. Por acaso nunca fui sócia do Clube Desportivo, fui, isso sim, e sou ainda hoje sócia da SFUAP.

Desde os meus 20 anos que lidava com crianças, pois fui professora em Vale de Cambra. Gostava muito do que fazia. Na Piedade as criancinhas entravam com 4 ou 5 anos para as Escolas Pré-Primárias do Desportivo. Os alunos eram filhos dos sócios. As mães só queriam que eles aprendessem a ler. E aprendiam! Com aquela idade não podiam fazer muito mais. Quando as professoras do ensino primário oficial sabiam que os meninos tinham andado nas Escolas do Desportivo integravam os melhor preparados, na 2.^a Classe. Havia muitas diferenças entre os alunos de Vale Cambra e Piedade. Lá em Vale de Cambra iam descalços para escola, levavam as camisolas de flanela, cheia de picadinhas de pulgas. Eram muito educadinhos, passavam por mim e diziam sempre: “Bom dia minha senhora!”, “Boa tarde minha senhora!” Notei diferença quando cheguei aqui. Mas aqui os meninos também eram bonzinhos.

O Desportivo tinha duas escolas, dei aulas nas Salgadeiras e depois passei lá para cima, para as Barrocas. O horário era das 9h às 12h e das 14h às 17h.

Houve anos em que as turmas nas Salgadeiras tinham 50 alunos, depois um presidente da Direcção, o Senhor Mesquita, tomou a iniciativa de limitar o número de alunos por turma, com um máximo de 38. Nas Barrocas havia mais espaço e duas casas de banho. Nas Salgadeiras não havia outros professores, tal só aconteceu quando abriu a Escola nas Barrocas. Ainda pensei que iria para a escola nova, mas foi a D.^a Teresa que a estreou. Mais tarde, quando saiu foi substituída pela D. Etelvina.



Professora Ivone Chocalinho com os alunos em aula.

As crianças vinham de manhã, iam almoçar a casa e voltavam de tarde. Na hora do lanche eu punha-as a cantar, primeiro ensinava-as a fazer desenhinhos, contava histórias... e depois ensinava-as a ler, como ensinava no Norte, na primária. Havia dias em que íamos para o Clube ensaiar o Hino das Escolas. No Clube, onde havia instrumentos e um professor de música: “Somos alegres, ladinos, pequeninos (...) Viva, viva o Desportivo!”

A minha filha foi minha aluna no Desportivo e depois foi logo para a 2ª classe, para a escola das meninas, a Escola Conceição Sameiro Antunes.

Eu conhecia algumas das mães, pois iam levar os meninos. Claro que alguns iam sozinhos, moravam perto, na Romeira. As mães, algumas, eram muito amigas e compreensivas, outras eram muito exigentes. Os alunos depois de saírem da escola pré-primária (como morávamos todos na zona) iam-me sempre visitar. Tenho algumas recordações dessa altura.

Eu ia às compras ao supermercado da Marinha e uma menina que era muito pobrezinha, aparecia lá e eu por vezes comprava-lhe chocolates.

Houve também uma vez uma mãe que foi ralhar comigo à escola, pois dizia que a filha não aprendia. A Escola das Barrocas tem um varandim e essa mãe estava

fora da escola, no varandim a falar muito alto. Foi uma vergonha, pois as pessoas vieram todas à janela. Eu para acabar com aquela cena, pedi desculpa porque tinha que dar atenção às outras crianças e fechei a porta. Ela abre a porta de repente e dá-me com a porta com toda a força. Deixou-me a sangrar. Entrou na escola, foi buscar a filha e saiu estrada abaixo. Eu pensei que ela ia fazer queixa ao Director, que na altura era o Sr. Mesquita, que era barbeiro na Piedade. Às 14h horas o Sr. Mesquita veio ter comigo, eu contei-lhe o que se tinha passado. Ele disse que a mãe tinha pedido desculpa e gostava que a filha voltasse para a turma, mas eu não quis. Nessa altura já só havia aulas nas Barrocas. A Escola da Rua da Salgadeiras, já não funcionava.

Outra recordação de uma menina que me trazia uma florinha todos os dias, que apanhava no percurso para a escola. Eu punha-a num frasco vazio de iogurte e colocava-a em cima do quadro. Claro que a flor durava pouco, mas a menina todos os dias levava uma flor nova.

Havia outra menina, chama-se Carla, que desenhava muito bem, então todos os dias deixava um desenho no quadro, palácios, rainhas, tinha muito jeito. Mas depois os alunos da noite apagavam.

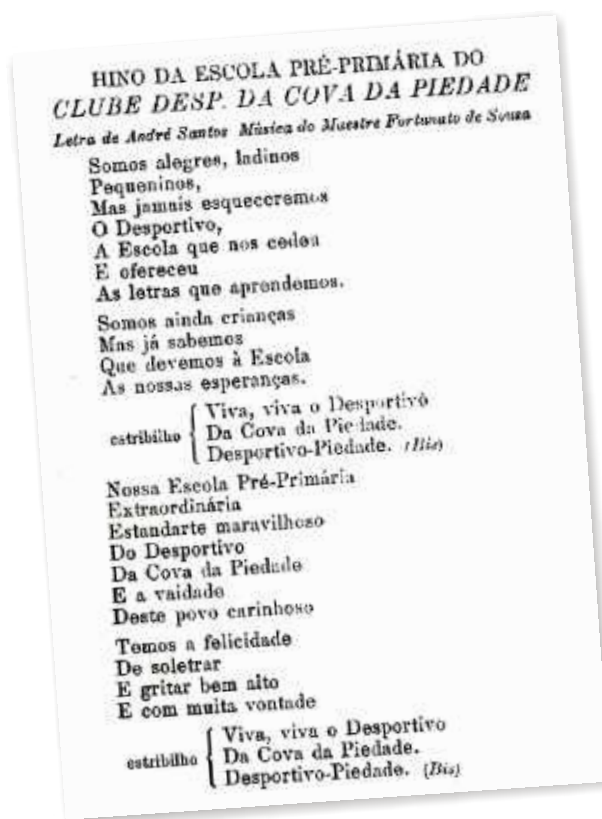
Fazíamos um jogo à hora do lanche no qual eu tinha que adivinhar o que é que eles traziam no pão, diziam: “Oh Senhora professora o que é que trago no pão?” Eu às vezes espreitava para saber o que traziam. Os meninos gostavam muito deste jogo.

L e m b r o - m e também de um menino, o Luis, que era muito malandro e que estava sempre a sorrir. Às vezes ainda sonho com ele.

Havia outro menino, o Rogério, quando saiu da pré-primária vinha visitar-me muitas vezes, já depois de crescido e tudo.

O Falcão (filho do António Reizinho) ainda no outro dia me pediu licença para me dar um beijinho. Fiquei toda satisfeita. Este menino tem agora mais ou menos 50 anos, como a minha filha. Eram muito malandros, mas muito amorosos.

Mais recordações engraçadas que podemos contar: eu comia todos os dias um iogurte, como não era normal na altura os adultos comerem iogurtes, só as



crianças, eles diziam assim: “– Ai que vergonha, uma senhora grande a comer um iogurte!”.

Dei aulas no Desportivo até perder a visão. Foram dezasseis anos, três nas Barrocas e treze nas Salgadeiras. A escola das Barrocas, agora já não é escola é uma clínica, fui lá há pouco tempo a uma consulta, está tudo diferente.

O 25 de Abril o que me trouxe foi a cegueira, ninguém sabe explicar o que me aconteceu. Ainda fui a Espanha e fui a Leon, em França, mas ninguém soube explicar o que aconteceu aos meus olhos. Como não tinha feito descontos para a Caixa, não tive apoio nenhum do Estado nessa altura.

Quando perdi a visão, foi um impacto muito grande. Tive a sorte de encontrar uma senhora que andava na natação e que me falou num centro de reabilitação em Alvalade, a Fundação Raquel e Martin Sain. Felizmente consegui entrar. Foi um mundo novo que se abriu para mim. Ficava lá de segunda a sexta-feira. Aprendi a viver sem ver: escrever à máquina, culinária, costura, passar a ferro. Lembro-me bem que fiz uma saia

“ Havia dias em que íamos para o clube ensaiar o Hino das Escolas. No clube, onde havia instrumentos e um professor de música: “Somos alegres, ladinos, pequeninos (...) Viva, viva o Desportivo!”

para a minha filha. Tínhamos aulas de mobilidade, oficinas de cestaria, de macramé. Aprendemos *braille*, a escrever à máquina, a primeira palavra que aprendi foi “salada”, lembro-me tão bem! Estive lá entre Maio e Dezembro. Havia camaratas para rapazes e para raparigas. Como psicólogo tínhamos o escritor Bernardo de Santareno. Lá era conhecido por Dr. Martinho. Lia os livros dele e gostei muito de o conhecer pessoalmente, sempre que podíamos conversávamos e passeávamos. Quando alguém fazia anos íamos fazer bolos e depois havia baile.

Voltando às Escolas, factos de que me lembro sobre as várias Direcções: houve uma vez em que o director achou que eu devia ir com os meninos para o jardim, e fui mesmo, mas alertei-o para o facto de serem muitas crianças só com um adulto. Durante uma semana estive lá uma rapariga a ajudar, mas depois ela aborreceu-se e deixou de ir. Comecei então a ir sozinha com a turma toda. Uma vez um menino ficou com o pescoço entalado no baloiço, o Alexandre, que foi mais tarde director do Desportivo, fiquei aflita, não sabia o que

Relação dos Alunos que transitaram do ano lectivo de 62/63 para o ano de 63/64

ESCOLA N.º 1 (SALGADEIRAS)

Meninas:

Alda Luísa Pinto Inês
Ana Cristina Nunes da Silva
Ana Paula Ferreira de Jesus
Anabela Gaspar da Silva Raul
Anabela Pereira Teixeira
Célia Maria Duarte Cotovio
Cristina Maria de Matos Coelho
Dina Teresa de Almeida Henriques
Esmeralda da Costa Alegre
Maria de Fátima Rodrigues dos Santos
Maria da Glória Meirelles da Rocha Barbosa
Maria Helena Madeira de Brito
Maria Helena Marreiros Heitor
Maria Helena Pinto Rodrigues
Maria Laura Nunes Antunes
Maria Leonor Dimas da Silva
Maria de Lurdes Pinto da Fonseca
Maria Teresa Tavares da Cruz Rodrigues
Olinda Baptista da Silva
Susana de Jesus da Assunção Costa

Rapazes:

António Abel Condinho Henriques
António Manuel Nunes Milho
Carlos Fernando Grilo Simões
Carlos Manuel Dimas da Silva
Carlos Manuel Santana Rodrigues
Helder José Malveiro de Carvalho
João Alberto da Conceição de Castro
João Francisco Parrinha
Joaquim Correia dos Santos Pereira
Jorge Manuel Ramos do Carmo
José Manuel Pais
Júlio Cândido Ribeiro Lopes de Almeida
Luís Filipe Pinto Mendes
Rui Armando Martins de Jesus
Rui Manuel Caetano Monteiro
Sesinando Manuel Baptista da Costa
Vitor Manuel Graça de Matos
Vitor Manuel da Silva Almas

ESCOLA N.º 1 (SALGADEIRAS)

Meninas:

Ester Luísa de Assunção Costa
Anabela Correia da Silva
Vivina Benedito Malha
Maria Virgínia dos Santos Nunes
Leonor do Carmo Gaspar António
Lélita da Conceição Santos
Maria Leonor Marceliano da Silva
Adélia Maria Viegas Fialho
Maria Antónia de Oliveira Silva e Barros
Maria de Lurdes Duarte Cotovio
Rosa Maria dos Santos Rolo
Maria Alexandra Morais Ribeiro
Maria Clara Valente Sarti
Maria Teresa Valério Sequeira

Rapazes:

Adelino Meirelles Rocha Barbosa
António João Pataca Vieira
Alfredo Manuel de Carvalho Nunes
José Carlos Gonçalves de Almeida
José Alberto de Sousa Carrola
José Júlio Pereira de Matos Abalada
Vitor Manuel da Silva Martins
Carlos Manuel Vaz Miguens
Fernando José da Costa Luz
Sérgio Manuel Trigo Carlos
Vasco dos Santos Abílio
Vasco Fernandes Nunes Milho
António José dos Santos Ferreira
Cândido Manuel Martins Condinho
Carlos Alberto da Costa Alegre
Carlos Manuel Pinto dos Santos
Helder Jesus da Rosa

ESCOLA N.º 2 (BARROCAS)

Meninas:

Maria Rosa de Jesus Mariano Quaresma
Natalia das Neves Leal
Esmeralda Maria da Costa Guedes
Lidia Maria da Cruz de Oliveira Cabrita
Maria Martinha da Costa Gonçalves
Maria de Fátima Jesus Carinha Dionísio
Maria Manuela Prazeres da Fonseca
Maria Helena Oliveira Ângelo
Carmen Manuel Henriques Pedrosa
Maria da Graça dos Santos Barbosa
Maria de Jesus da Silva dos Santos
Maria Helena Ramos Isidoro
Maria Manuela Alves Cartaxo
Maria Estrela Costa Gamero Godinho

Rapazes:

Carlos Alberto Neves Semedo
Jaime Manuel Bernardo Gordinho Peças
Mário José Magalhães Macedo
José Manuel Piçarra Pestana
Vitor Manuel da Silva Claudino
Lucindo Récio Cardoso
Marcelo José Rosa Alves Ribeiro
Vitor Fernando Serra Correia
José Manuel Nunes Gama
João José Constantino Ramires
João Francisco Sabino Piçarra
António José da Silva Coto
David Luís Prouença Lopes
José Manuel Cabrita Gama
José Alberto de Sousa Carrola
José Júlio Pereira de Matos Abalada
Vitor Manuel da Silva Martins

ESCOLA N.º 2 (BARROCAS)

Meninas:

Alice Maria da Fonseca Gonçalves Gomes
Ana Cristina Margalha Basílio
Anabela Silva de Oliveira
Cremilde da Conceição Rodrigues Baptista
Eduarda Maria da Conceição Pereira
Helena Maria da Fonseca Casimiro
Isabel Maria Reis Pereira de Jesus
Laura Maria Batalha dos Santos Maurício
Maria Fernanda da Silva Gomes
Rosa Maria Martins Ferreira

Rapazes:

Álvaro Mendes dos Santos
António da Conceição Diogo de Sousa
António Domingos Abreu Carreta
António José de Jesus Alexandre
António Manuel de Azevedo Nabais
Carlos Alberto Ferreira da Costa
Carlos Alberto Gouveia das Neves
Carlos Henrique Nogueira Jacob
Carlos Manuel Miranda Martins
João José Mourato Carrasco
Jorge Alberto Viana de Abreu
José Eduardo Mendes de Carvalho Timóteo
José Manuel Graça Rosa
José Manuel Martins Freire
José Manuel Simões Pinto
Manuel Marques Dias de Almeida
Rui Manuel Gomes de Andrade
Vitor Manuel Nunes
Virgílio Manuel da Costa Carlotto



Jantar de aniversário do Clube com o Sr. Presidente da Câmara Municipal de Almada, Dr. Glória Pacheco, com sócios do Clube Desportivo da Cova da Piedade. Ivone Chocalhinho está sentada ao lado do Presidente da Câmara.

fazer, mas tudo se resolveu. Outra vez um menino ficou com o dedo preso num carrossel. Desisti de ir, pois podia acontecer alguma coisa mais grave.

As Escolas Pré-primárias ofereciam os cadernos, os lápis, as borrachas. Houve até um ano em que os cadernos traziam uma fotografia da professora e dos meninos na capa, infelizmente não tenho nenhum guardado.

O Senhor Mesquita foi o último director. Foi ele que limitou o número de alunos nas turmas. Antes do final do mês ia à escola pagar-me. Quando fiquei sem ver foi à minha casa pagar-me o ordenado. Gostei muito dele! Soube que comemorou o centésimo aniversário, o que me deixa muito contente!

Outros directores de que me lembro são: Fernando Alves, não sei se ainda é vivo, que se lembrou de que os meninos podiam aprender a contar com rodela de cortiça, da **Fábrica Gamero**.

Lembro-me dos senhores Vítor, Jaime, Fernando Pinto, que era do banco, já falecido. Havia um senhor que era conhecido pelo “Ponta – Esquerda”, que trabalhava no talho. O Teles Pinto era quem estava na Direcção quando abriu a Escola das Barrocas. Lembro-me do Castro Rodrigues, parece-me que era conhecido pelo “Tuja” e do Sr. Filipe Moreira, que era dono da papelaria Jubal. Havia aulas e reuniões à noite nas Barrocas, mas eu não conhecia ninguém, pois eram aulas para pessoas mais velhas.

Não sei quando é que as aulas acabaram, tanto as diurnas como as nocturnas. Não sei qual foi o percurso das Escolas, pois desliguei-me quando fiquei sem ver, não tendo desde então mais contacto nenhum com a Escola.



Boletim mensal "O COVA DA PIEDADE" do Clube Desportivo da Cova da Piedade – Ano I – Outubro 1963 – n.º 7 A Festa anual das nossas Escolas Pré-primárias voltou a realizar-se após um interregno de dois anos (capa).

Excerto do Boletim mensal "O COVA DA PIEDADE" do Clube Desportivo da Cova da Piedade – Ano I – Outubro 1963 – n.º 7 (pág.1 e 5)

"...abriu a sessão que foi presidida pelo Ex.mo Senhor Dr. Glória Pacheco, ilustre Presidente da Câmara Municipal de Almada, secretariado pelas Exm.as Senhoras D. Teresa Rosa Henrique Pereira e Ivone Pedrosa Chocalhinho." (...) "Seguidamente as professoras acompanhadas de duas alunas entregaram ao digno Presidente da Câmara, uma placa comemorativa da festa, pela sua estimada presença neste momento alto da vida da nossa agremiação.

Sensibilizado pela homenagem que lhe foi tributada o Senhor Dr. Glória Pacheco (...) Manifestou às Exm.as professoras o seu respeito e profundo reconhecimento pelo desempenho das funções sociais de que estavam investidas. Terminou afirmando: «hoje foi um dia feliz para mim».

Em sinal de agradecimento pela aplicação das suas tarefas a Comissão Escolar entregou belos

ramos de flores às professoras das nossas Escolas.

Procedeu-se de seguida à chamada de todos os alunos a quem o senhor Presidente da Câmara fez entrega dos respectivos diplomas e a Comissão ofertou guloseimas, esferográficas e balões.

Ao encerrar a sessão o senhor Dr. Glória Pacheco usou, novamente, da palavra e disse: «Como pai e avô sinto a obrigação de falar em nome dos alunos para testemunhar a gratidão para com todos aqueles que têm ajudado a erguer esta admirável obra social do Clube Desportivo da Cova da Piedade. Bem hajam! Às Exm.as professoras entregarei oportunamente em prémio pelo seu labor em nome de todos os alunos das Escolas Pré-primárias das quais o vosso Clube se pode orgulhar de possuir.» (...) (reportagem de João Gama)

Nota: a professora Ivone Chocalhinho disse nunca ter recebido o prémio, aqui referido.

NÃO ERA PROFESSORA E NUNCA QUIS QUE ME CHAMASSEM PROFESSORA, ERA AUXILIAR DE EDUCAÇÃO

Nasci em 1945 na Cova da Piedade, a minha família tanto da parte do meu pai, como da parte da minha mãe sempre foram sócios e participaram nas várias actividades do Desportivo. O meu contacto com o Clube Desportivo da Cova da Piedade existe desde sempre.



Olga Paiva

Tanto na família do meu pai como na da minha mãe, quase todos eram sócios do Desportivo. Tive uma tia que era doida pelo Desportivo, trabalhava na fábrica da farinha, acompanhava o Desportivo para todo o lado onde iam jogar, ela era capaz de ter algumas fotos das excursões que faziam, mas já morreu.

Eu e o meu irmão andámos na escola pré-primária da Rua das Salgadeiras com a professora Suzana. Entrei com 5 anos e o que fazíamos lá não era só brincadeiras, era aprender as letras, as contas, aprender a ler.

O meu irmão, Edmundo Agostinho, foi jogador de futebol, durante muitos anos e, por acaso, está nas fotografias do Museu da Cidade.

Trabalhei catorze anos, entre 1975 a 1989, como auxiliar de educação na escola Pré-primária das Barrocas.

Os meus filhos andaram na escola pré-primária das Barrocas, com a D^a. Etelvina e o meu marido andou no ensino nocturno a seguir ao 25 de Abril.

Nunca saí muito, mas quando era pequena ia com a família à sede do Desportivo. Percebe-se bem que a ligação com o Desportivo existe deste sempre na minha vida.



Irmão de Olga Paiva, Edmundo Agostinho, conhecido por “Leal” integrado na equipa de futebol do C.D.C.P. no Campo do Piedade, em 1960/1.

A minha entrada na Escola das Barrocas do CDCP deveu-se a um infeliz acontecimento. Pouco depois do 25 de Abril, o Senhor Mesquita, director do Desportivo, falou com o meu marido, no sentido de eu ir “tomar conta dos meninos”. Era para substituir temporariamente a professora Ivone, que teve um problema nos olhos. Infelizmente o problema passou de momentâneo a definitivo. Ela ficou cega não voltando a trabalhar e eu como sempre gostei muito de crianças, aceitei continuar.

Eu não era professora e nunca quis que me chamassem professora, eu estava a fazer o papel de educadora ou de auxiliar. Sozinha, com tanta criança, acabei por ficar até a escola fechar.

Mas voltando um bocadinho atrás na história da minha vida, aos 6 anos e meio entrei para a 1ª classe, na escola das meninas, na Rua da Fundação, ao pé da Junta de Freguesia. Estive um ano nesta escola, depois como a minha família foi morar para o Bairro da Nossa Senhora da Cova da Piedade, mudei para a escola do Bairro. Fui uma criança muito doente por isso chumbei na 1ª classe e entrei para a escola do bairro com 7 anos. Tornei-me uma aluna muito aplicada, gostava muito da professora e a professora de mim, até queria que eu fizesse o teste de admissão ao liceu para continuar a estudar. Ela era rígida mas havia uma grande empatia entre nós. Passados quase cinquenta anos víamo-nos na rua e era uma alegria. Sempre fui muito briosa, sempre de soquete branco, com um lacinho, a bata limpinha: *Deus me livre de ir sem soquete branco para a escola, nem pensar!* Na altura só o meu irmão foi estudar, porque era o homem, os meus pais não podiam suportar duas despesas com a escola. Ele foi estudar para a escola do Brejo, onde é agora a rotunda, quando se vai para o Parque da Paz, perto do Campo do

Desportivo. Ele só estudou um ano e depois foi trabalhar também. Eu saí da escola e fui trabalhar logo aos 12 anos para a costura. Casei com quase 20 anos, deixei de trabalhar e criei os meus dois filhos.

Com 30 anos fui trabalhar para a escola das Barrocas, foi a seguir ao 25 de Abril. O meu filho mais novo tinha 6 anos, quando fui para o Desportivo, os meus dois filhos foram alunos na escola das Barrocas, alunos da D. Etelvina, antes ainda de eu ir trabalhar para lá. Por coincidência no mesmo mês que a escola fechou e eu fiquei em casa, nasceu a minha primeira neta. Diziam muitas mães “A senhora era tão louca por crianças que, quando a Escola fechou, no mesmo mês nasceu a sua primeira neta.” E foi mesmo assim, em Maio de 1989, nasceu a minha primeira neta. Depois de 2 anos tive a segunda neta e passado um ano a terceira. As mães diziam: “D. Olga o Desportivo passou para sua casa.” Parece que foi uma compensação. Eu como ajudei a criar três netas, que nasceram umas a seguir às outras saio muito pouco de casa, por este motivo deixei de ver muita gente. As últimas pessoas que conheci e com quem mais convivi foram os meninos e as suas mães.

Logo no início, depois de estar dois meses na escola, eu não me sentia à vontade para ficar com os meninos, pois era uma responsabilidade muito grande sem ter nenhuma formação para cuidar de crianças, apesar do apoio das mães dos meninos, que não queriam que eu me fosse embora. A Direcção do Desportivo decidiu mandar-me fazer um estágio de três meses de uma vez e três meses de outra, no Seixal, num infantário muito grande o “Pica-Pau”, que tinha muitas educadoras, tinha cozinha, tinha tudo.

O que se fazia com os meninos eram normalmente brincadeiras, mas as mães gostavam que os

meninos aprendessem mais alguma coisa e eu, por mim, comecei a ensinar o abecedário e os números. Nunca obriguei nenhum menino, eu só ensinava os que mostravam interesse em aprender. Há mães ainda hoje me dizem que, para os filhos, eu fui e sou a “professora”.

Numa altura houve um surto de crianças que deu para fazer duas turmas, como o Senhor Mesquita conhecia a minha irmã ficámos cada uma em sua sala, com 25 alunos cada. A minha irmã tinha estudos e queria tirar o curso de Educadora Infantil.

Naquela altura não se faziam festas, nem comemorações. Só me lembro de uma vez eu e as mães termos organizado uma festa de fim de ano. Fizemos um passeio ao Jardim Zoológico e pouco mais. Mesmo nos últimos anos não havia outros materiais nem decoração diferentes, eu trouxe um móvel de minha casa e fiz cortinados para sala onde cuidava dos meninos. A Direcção fez, em certa altura, um pedido de apoio à Fundação Calouste Gulbenkian. Deram então um subsídio e a Comissão da Escola comprou mesas cor laranja e jogos, mas já tinham uns anos. Entretanto começaram a haver muitos infantários com mais e melhores condições.

Brincava muito com eles e até me sentava no chão. Por detrás da escola há uma escada onde brincávamos a fazer de comboio, vim poucas vezes para a rua com eles, por ter medo que acontecesse alguma coisa a alguma criança.

Houve uma vez um menino que picou o braço de outro menino, que com a dor chorou muito. Eu ficava logo a tremer e também chorava. Felizmente nunca houve nada de grave.

A Sandra e a Sónia que são hoje professoras, eram loucas por mim e pela minha irmã e diziam: “Oh Olga, mas porque é que não és a minha mãe!?” e eu tentava responder para não as melindrar e respeitar as mães: “A tua mãe é uma mãe exemplar! Os pais gostam muito de ti!”. Às vezes não era fácil gerir estas coisas. Elas queriam ir comigo para minha casa e às vezes levava-as mesmo.

Houve uma menina que chorou horas seguidas, teve que ir ao hospital parecia que tinha sarampo. Coitadinha não se adaptou à escola, não houve muitos casos. A menina que eu estou a falar trabalha, hoje em dia, na loja de roupa na frente da SFUAP. Ainda há pouco tempo falei com ela, já tem uma filha, e ela diz-me: “D. Olga a minha filha não é tão má de cuidar como eu fui, eu dei tanto trabalhinho!”

Um dia a televisão foi filmar a escola no seguimento de uma reportagem sobre a equipa de futebol do Desportivo. O locutor, não me lembro o nome, foi na década de oitenta, entrevistou-me, pois a minha irmã não quis falar para a câmara. O Senhor Mesquita tinha feito um apontamento para eu ler na altura, mas eu sabia tudo,

pois trabalhava lá. Estive à vontade, como nunca pensei. Não cheguei a utilizar o rascunho do Senhor Mesquita. As vizinhas e as mães dos alunos viram-me na televisão e vinham dizer-me que eu estive muito bem.

Na Escola das Barrocas dava aulas até às 17h e depois havia sessões de esclarecimento para explicar à população local o que era o 25 de Abril, porque a maioria das pessoas não sabia o que se tinha passado, nem o que viria a seguir. Houve uma grande euforia havia pessoas que pensavam que podiam deixar de pagar a renda. O meu marido foi estudar à noite já com quase 35 anos, isso fez com que fôssemos os dois às sessões de esclarecimento. Vinham pessoas da União Soviética, como por exemplo a 1ª Cosmonauta da história, Valentina Tereshkova, passavam documentários, etc. Vi nessa altura na Sede, nas

passagens de slides, o Ballet “O Lago dos Cisnes”, mas primeiro vimos uma projecção na Escola das Barrocas. Vimos as escolas na União Soviética, o metropolitano de Moscovo. Todas as pessoas podiam assistir, as portas estavam abertas e as persianas levantadas para que as pessoas se sentissem à vontade para entrar.

Eu e o meu marido andávamos sempre juntos. Por sermos da Piedade conhecíamos os dirigentes e professores. Lembro-me do Santana, Vítor

Mesquita, Rodrigues, Gomerindo Carvalho, fundador da escola nocturna, entre outros. Alguns destes professores não davam aulas noutras escolas, mas no Desportivo davam aulas de história, geografia, matemática, inglês, francês, etc.

As aulas de alfabetização à noite depois do 25 de Abril ajudaram muitas pessoas que não sabiam ler nem escrever. Havia mães que, de manhã, iam levar os meninos e diziam: “À noite venho eu aprender!”. As aulas à noite, eu penso que não eram pagas. E de dia os alunos pagavam 200 escudos, na altura em que lá trabalhei.

A diferença da quantidade de alunos quando comecei e a última fase era muito grande. O nível de vida melhorara muito. Nunca tive alunos a passar dificuldades, não me lembro. Apesar do horário das aulas, das 9h às 12h, e das 14h às 17h, as mães dos meninos tinham a possibilidade de os ir buscar e levar. Os pais colocavam lá os filhos porque sabiam que eles aprendiam as letras e os números e ficavam mais preparados para a escola primária.

No final das Escolas Pré-primárias mesmo os antigos alunos do Desportivo já não punham lá os filhos, passaram a colocá-los em infantários com mais condições. Nos primeiros 15 anos após o 25 de Abril, as pessoas não tinham carros, não tinham casa própria. Depois começou a vida a melhorar sob todos os aspectos e as escolas do Desportivo foram perdendo a importância que tiveram até então.

“As aulas à noite de alfabetização depois do 25 de Abril ajudaram muitas pessoas que não sabiam ler nem escrever.”

FIZ PARTE DA PRIMEIRA TURMA DA ESCOLA, EM 1947

Chamo-me Carlos Alberto Semblano Cerqueira Afonso, nasci a 24 de Março de 1941 em Almada e estou reformado (fui Director de uma empresa privada). A relação que tive com a Escola é longínqua. Fiz parte da primeira 1ª turma da Escola Pré primária em 1947. Sou portanto da sua inauguração.



Carlos Cerqueira Afonso

O Desportivo foi fundado em 1947. O meu pai chamava-se Herlander Rodrigues Cerqueira Afonso, já morreu, foi um dos fundadores do Desportivo e era um dos donos da farmácia Cerqueira no Jardim da Cova da Piedade. Os Clubes “Os Espanhóis” e o Piedense fundiram-se formando o Clube Desportivo da Cova da Piedade. Criaram a Escola do Desportivo e a inauguração foi com a nossa turma em 1947.

Fui aluno porque a escola tinha aberto e o meu pai era um dos sócios fundadores. A professora era a D. Suzana, da qual nós gostávamos muito. Uma vez, mesmo sendo eu neto do Sr. Cerqueira da farmácia, que era uma pessoa muito conceituada, levei com umas orelhas de burro e estive na varanda. Não me lembro do que fiz, tenho ideia é de que apanhei uma grande vergonha.

A Escola do Desportivo tinha, já na altura, uma turma mista como se vê na foto, éramos rapazes e raparigas. As turmas eram constituídas maioritariamente por filhos de operários fabris e de comerciantes, tanto no Desportivo como na Escola do Gomes. Depois de andar um ano na Escola do Desportivo tivemos que ir estudar para outra escola particular ou pública. Eu fui para a escola pública do Gomes, aquela antiga, que está fechada, onde também tinha andado o meu pai e o meu tio. O António José Gomes foi o fundador da

fábrica de farinhas Aliança, aquele que tem lá a estátua no jardim. A maioria das crianças ia para a Escola do Gomes pois era a única escola pública masculina da Cova da Piedade. Havia também a escola das meninas na Av. da Fundação e depois havia algumas particulares como a das Barrocas, da tia do Carlos António Barbosa, para onde ele foi estudar a partir da 2ª classe. Depois da 4ª classe tivemos que ir estudar para Lisboa. Aqui não havia nada, nem sequer o Frei Luís de Sousa, para seguirmos os estudos e a nossa vida académica, tivemos que estudar fora daqui.

A zona era essencialmente ocupada por trabalhadores da cortiça e da fábrica da farinha Aliança. A farmácia, por exemplo, fazia água destilada em alambique para a fábrica Aliança. Esse alambique é o que hoje em dia está no Museu da Farmácia, oferecido por nós. O meu avô e o meu pai eram farmacêuticos. A farmácia foi fundada em Novembro de 1906.

A minha família morava na Cova da Piedade. A minha mãe morreu com 96 anos e morava muito perto da escola. Eu fui com 2 meses e meio para a Cova da Piedade e até casar fiquei a morar com os meus pais, mas depois tive outras casas, sempre na zona. Agora moro aqui, em Almada, já há uns anos. Sou sócio do Desportivo desde os 18 anos, portanto há mais de 50 anos.

Recordações da altura, lembro-me que na meia-laranja do jardim, o Mário Araújo, era mais velho tem mais 5 anos que eu, e o Artur Castro Rodrigues (o Tuja) faziam-nos perguntas de temas mais picantes. Era assim que era feita a aprendizagem na rua. Aprendíamos muito uns com os outros. Eu fui criado com a “pior” malta da Cova da Piedade e por vezes era tratado um bocadinho à parte, é verdade, mas dávamo-nos todos bem. Havia rivalidades entre a malta do jardim, onde eu pertencia, a malta do largo, a malta da Romeira, a malta das Barrocas... lembro-me que em cada grupo havia os “maus”, os mais regulas. No largo era o Milton, no jardim era o Calim e os irmãos Lagartixa (um deles morreu muito novo) e o Sapo.

Havia muita rivalidade, coisas de miúdos, mas foi só até irmos para o Liceu. O José Cavaco também andou connosco no Passos Manuel. Também me lembro que ele andava na Faculdade de Ciências e depois soube que ele tinha ido para França e nunca mais soube nada dele.



1ª turma pré-primária da escola, em 1947
Pré-primária do Desportivo do Cova da Piedade

Atualmente não tenho ligação com a Escola, ou melhor depois daquele ano lectivo, não mantive contacto regular com quase ninguém. Quando acabámos a 4ª classe fomos para o liceu Passos Manuel, eu o Luis Cabrita e o Carlos António Barbosa. O Cabrita era filho do dono da mercearia, ao lado da farmácia do meu pai e do meu avô. O Jorge Francisco, o Eugénio Barradas e o Castanheira foram para o ensino técnico. Era dispendioso ir para Lisboa estudar, lembro-me de ver pessoas descalças. Da Cova da Piedade, Almada e arredores eram talvez uns 20 que andavam no liceu e na faculdade.

Andei no liceu mas a maioria das pessoas da nossa geração, do início dos anos quarenta, mesmo os que só tinham a 4ª classe, levaram uma vida estável. Uns foram para a área da indústria outros foram para a do comércio.

O MEU VÍNCULO COM AS ESCOLAS DO DESPORTIVO RESUMIU-SE AO ANO LECTIVO DE 1947/48, ENQUANTO ALUNO DA PRIMEIRA TURMA

Nasci a 24 de Junho de 1941, chamo-me Carlos António Coelho Barbosa e estou reformado. O meu primeiro contacto com as Escolas do Desportivo da Cova da Piedade foi em 1947, enquanto aluno da 1ª classe, precisamente no ano de inauguração da Escola. Na cerimónia de inauguração, assistida por muita gente, plantámos uma árvore no Largo da Piedade, na meia-laranja. Deram-nos um saquinho de papel com bolachas e chocolates e com a ajuda da D. Suzana, a nossa professora, plantámos a árvore e tirámos uma foto de grupo.



Carlos Barbosa

Fiquei ligado ao Desportivo através do meu pai e tornei-me sócio em Janeiro de 1947 quando da sua inauguração, tinha eu 6 anos. Sou actualmente o sócio n.º 12 e em 1997, quando completei 50 anos de sócio, recebi da Presidente da Câmara de Almada, um emblema comemorativo. O meu pai chamava-se João Barbosa e era chefe de escritório da fábrica de cortiça Henry Bucknall, foi um dos primeiros sócios do clube. O meu vínculo com as Escolas do Desportivo resumiu-se ao ano lectivo de 1947/48, enquanto aluno da 1ª classe, já que o meu pai me inscreveu na escola nesse ano. O Desportivo resultou da fusão dos “Espanhóis” (clube do qual o meu pai era sócio e que tinha o equipamento amarelo e encarnado) com o Piedense. Havia muito colectivismo na Piedade, haviam as colectividades: a Cooperativa, o Piedense, a SFUAP, também o Pombalense e o Romeirense.

Tal como todos os outros só estive na escola um ano porque só tinha 1ª classe, depois fui para a escola primária particular nas Barrocas, da qual a minha

tia era dona e professora. Nos anos seguintes sei que houve mais turmas, mas não tenho presente se aumentou o nível de ensino para leccionar outras classes. Havia outras escolas primárias como a do Brejo (onde o meu pai andou), a das raparigas na Avenida da Fundação e a do Gomes que era pública para onde ia a maioria dos miúdos. Os alunos das escolas particulares iam fazer o exame oficial nas escolas públicas, no meu caso o da 3ª classe na escola da Av. da Fundação e o da 4ª na escola de Almada.

Na Piedade havia vários grupos de rapazes que rivalizavam entre si. Eu pertencia ao da malta do Largo e havia a malta do Jardim, da Romeira, das Barrocas, do Altinho, etc. Esta rivalidade de território era quase só “folclórica” e de grupo, pois individualmente éramos todos amigos uns dos outros.

Ainda mencionando a fotografia do dia da inauguração da Escola, das pessoas que estão presentes, com quem mantive mais contato, foi com o Carlos Alberto, mas também com os meus primos Luís Barbosa e Luís Cabrita, o Fernando Teixeira e a Manuela Santana prima da minha mulher (já falecida). Também reconheço na foto a Eneida, a Virgínia e outros de quem me lembro mas de quem esqueci os nomes.

A turma era mista. Eu, o Carlos Alberto os meus primos e alguns outros, éramos filhos de pais com alguma “importância” na zona, mas a esmagadora maioria provinha do operariado das fábricas de cortiça, da Aliança das farinhas e de comerciantes. Eu, na altura era razoavelmente “bem-nascido” na Cova da Piedade. A minha mãe ficava danada comigo quando eu chegava ao fundo das escadas do prédio e descalçava os sapatos para ir descalço brincar para a rua. Com 6 anos não sentia diferenças de origens sociais, éramos miúdos e queríamos era brincar. No jardim juntava-se a malta toda, éramos muito unidos, não me interessava, nem sequer pensava, de quem eram filhos.

Tínhamos um grande carinho pela professora, a D. Suzana, nunca mais nos esquecemos dela. Quando a víamos na rua falávamos-lhe sempre, era muito boa pessoa.

Havia uma fotografia no gabinete de Direcção do Desportivo da classe da turma que entrou depois de nós, onde eu também estava presente, à “paisana” já não estava de bata. Para além de ter sido amigo da D. Suzana (ela já faleceu) sou amigo da filha dela e do genro, que ainda são vivos felizmente. Só em afecto é que me mantive ligado à escola.

Só posso mesmo falar de 1947/1948, depois fui para as Barrocas, e em 1951, para o Liceu Passos Manuel para a mesma turma com o Carlos Alberto e o

Luís Cabrita. O José Cavaco andou comigo no Liceu Passos Manuel mas não sabia da actual intervenção dele no Desportivo. O Mário Araújo era mais velho, tinha outra intervenção de carácter mais político e esteve preso como tantos outros nossos amigos. Na minha juventude na Cova da Piedade sempre falei de tudo sem qualquer problema. Como o meu pai saiu de casa tinha eu 16 anos passei a sair à noite com muita frequência e a ir assiduamente ao café “A Desportiva” onde toda a gente era do contra. Aí falava-se de tudo. O azar era quando alguém se inscrevia no Partido Comunista, distribuía o *Avante*

ou assinava petições, aí estava feito! A PIDE sempre esteve presente na Cova da Piedade, não só no associativismo mas por todo o lado (por meio de “bufos” e depois por agentes quando vinham fazer a colheita). A malta da Biblioteca da Cooperativa e da Biblioteca da Sociedade era das mais sacrificadas. Mas quando éramos miúdos não se falava de política na escola do Desportivo nem nas Barrocas. Na Piedade adquiria-se “consciência cívica” não tanto nas escolas mas nas nossas famílias ou com os nossos amigos onde havia sempre alguém livre pensador ou do Partido Comunista.

Tenho só boas recordações da escola. Entrava de manhã saía à tarde e como morava perto ia comer a casa. O material escolar devia ser fornecido pelos pais. De vez em quando umas orelhas de burro ou uma reguada (zita) porque a D. Susana não era muito de castigar ou bater.

“ Havia uma fotografia no gabinete de Direcção do Desportivo da classe da turma que entrou depois de nós, onde eu também estava presente, à “paisana” já não estava de bata.”



Jorge Francisco

NAS ESCOLAS DO DESPORTIVO, A TURMA ERA MISTA

Nasci a 12 de Abril de 1941. O primeiro contacto com as Escolas do Desportivo foi em 1947, teria eu 6 anos, quando entrei para a pré-primária. Fiz parte da primeira turma das Escolas do Desportivo e tenho cartão de sócio desde essa data, embora o que mantenho guardado seja o do ano 1957, infelizmente não se consegue ler na totalidade a data. Este cartão foi guardado pelo meu pai, por ter sido a minha primeira escola.

Fui sócio da Cooperativa Piedense até ela acabar e sou sócio da SFUAP e do Clube Recreativo Piedense. Em seguida fui para a Escola do Gomes, que era perto das Escolas do Desportivo. O meu pai chamava-se Fernando Marques Francisco e era sócio há muitos anos. Trabalhou cerca de 50 anos na fábrica da cortiça, onde desempenhou várias funções.

Nasci na Cova da Piedade, em casa, morava ali perto, na Rua Luís Teotónio Pereira, próxima da escola e da fábrica no Caramujo, a minha mãe nunca trabalhou fora.

Recordo-me de pouca coisa daquele tempo, era muito novo. Parece-me que as aulas eram de manhã e de tarde. Ia almoçar a casa e voltava de tarde para a escola. Nem me lembro se andei um ano ou dois. A professora, a D. Suzana, era muito simpática, eu gostava muito dela. A professora era baixa e magrinha e tinha muita paciência para a miudagem.

Lembro-me de uma colega que se chamava Belantina. Lembro-me não só por ter um nome diferente, mas também porque o pai dela era



um grande jogador de futebol da época, era avançado de centro da Cova da Piedade. Jogava muito bem, era o Arnaldo Carneiro.

Em relação aos colegas deixei de ter contactos. Tem graça que não me lembrava que o Carlos Alberto e o Carlos António tinham andado na mesma turma que eu, só mais tarde, com 15 ou 16 anos, voltamos a conviver. Hoje em dia com quem tenho mais contacto é com o Zé Cavaco e com o Mário Araújo, que pertencem à Direcção. A Escola do Gomes era só para rapazes, mas nas Escolas do Desportivo, a turma era mista. Depois da Escola do Gomes fui estudar para Lisboa, para a Escola Industrial Marquês de Pombal, onde acabei o Curso Industrial.

Notei muita diferença quando fui para a escola em Lisboa, pois tinha 11 anos. Lembro-me que ia na companhia do Heitor Montes e do pai dele, o Sr. Pedro Montes, que ia trabalhar na fábrica do açúcar em Alcântara, perto da Marquês de Pombal.

Eu brincava no jardim com os rapazes que moravam perto. Jogávamos ao berlinde, às escondidas e futebol e também íamos à “chinchada”, isto é, apanhar frutas nas quintas próximas.

Na altura, o comércio e os trabalhadores davam vida à Cova da Piedade: as mercearias do Artur Cabrita e a do José Albino, a taberna do José Pinto Gonçalves, as duas farmácias do Carlos Cerqueira e a do Castro Rodrigues, a Cooperativa de Consumo Piedense. Havia o movimento dos autocarros da Beira Rio e as carroças de mercadorias. O emprego na zona era o comércio, a cortiça, os operários do Arsenal e os militares da Marinha.

A minha mulher, Idalina, foi morar para a Cova da Piedade com 8 anos, para a zona do Hospital Particular, onde morou um ano, e ia para a escola das meninas. Na altura usavam umas galochas altas, quase até à cintura, mas mesmo assim enchiam-nas de água e tinham que levar as meninas ao colo. Houve um ano que só se via o coreto e

as árvores do jardim. Ela não integrou na altura nenhuma turma das Escolas do Desportivo, foi logo estudar para a escola das meninas. Mas já em adolescente, com 16 anos, teve explicações nas Escolas do Desportivo, para aperfeiçoar a língua inglesa. As explicações eram dadas pelo sr. Teles Pinto, que era empregado no Arsenal. Esteve a receber explicações durante 2 anos, aos sábados e tinha colegas de várias idades. Reconhece que a ajudou muito a melhorar o inglês. Uma vez estava a ter explicações de inglês e houve uma cheia tão grande que tiveram que sair pela janela, pois já não podiam descer

pelas escadas. A Rua das Salgadeiras inundava com frequência. As explicações eram através da Cooperativa. Ainda mantém muitas amizades com as colegas da mesma idade e com quem brincava nos intervalos das aulas.

Também me lembro que durante essas inundações havia barcos pequenos a remos para levar as pessoas para terreno seco, para poderem ir trabalhar. Eram os pescadores do Caramujo que tinham barcos e levavam as pessoas. As cheias não acabaram há muito tempo, só quando fizeram o colectador, se calhar há 20 anos é que acalmou. A parte do brejo “era um mar”. Eu saí da Cova da Piedade em 1967, com 26 anos, quando casei, fui morar para o Laranjeiro. Voltei à Cova da Piedade, passados mais de 30 anos, agora moro numa zona mais acima, no Bairro da N. Sra. da Piedade.

“ **Eu também me lembro que durante essas inundações havia barcos pequenos a remos para levar as pessoas para terreno seco, para poderem ir trabalhar.”**

GOSTEI MUITO DE FREQUENTAR A ESCOLA DO DESPORTIVO

Chamo-me Luís Filipe Xavier Cabrita e tive o privilégio de frequentar a então chamada Escola do Desportivo, no próprio ano da sua inauguração, em 1947, quando apenas funcionava como Escola Pré-primária.



Almirante Xavier Cabrita

Nessa altura, e para os padrões da época, era uma escola verdadeiramente modelar: dispunha de muito boas instalações, de muito material didático e tinha uma excelente professora, a D. Suzana. Todo o material escolar, como cadernos, livros, lápis, canetas, etc, estavam à nossa disposição, sem custos para os nossos pais.

Sem quaisquer exageros, e tendo em conta o tempo e lugar em que surgiu, a Escola do Desportivo, era seguramente uma referência no panorama da educação infantil da época.

A minha frequência na Escola resultou muito naturalmente de eu residir na Cova da Piedade, onde nasci, como aliás os meus pais. O meu pai Artur Cabrita, e o meu tio e padrinho Domingos Cabrita, eram ambos sócios fundadores do Clube Desportivo da Cova da Piedade. O meu tio Domingos era mesmo o Presidente da Direcção do Desportivo, na altura em que frequentei a Escola.

Nas aulas éramos iniciados na leitura e na escrita, desenhávamos, coloríamos, e fazíamos trabalhos manuais.

Tínhamos aulas de manhã e à tarde, com um intervalo para irmos almoçar a casa. Também se faziam dois intervalos mais pequenos, um a meio da manhã e outro a meio da tarde.

Quando entrei para a Escola do Desportivo tinha seis anos, mas praticamente já sabia ler e escrever, porque tinha iniciado a minha escolaridade aos cinco anos, na “Escola do Sr. Queimado”. Esta “escola” era na realidade a

residência de um sargento da Marinha reformado, o Sr. Queimado, que com a sua mulher, que possuía a formação dos antigos regentes escolares, se dedicavam a ensinar as primeiras letras aos interessados.

Gostei muito de frequentar a Escola do Desportivo, mas tenho uma má, diria mesmo muito má sua recordação: ter sido exposto na varanda com as famosas “orelhas de burro”. Não consigo lembrar-me do motivo que teria provocado esta situação, mas foi algo que nunca esqueci. Toda a miudagem odiava este castigo, que na realidade constituía uma prática detestável, mas enfim eram outros tempos...

Na fotografia tirada no jardim encontro-me na terceira fila, no lado esquerdo, meio escondido, a espreitar por cima do ombro de um companheiro, e com a cabeça a tapar a mão esquerda da D. Susana.

A minha passagem por esta escola foi de curta duração, pois após alguns meses de frequência, passei para a 1ª classe numa das escolas públicas então existentes na Piedade. Na altura existiam duas: a escola António José Gomes, mais conhecida por escola do Gomes, só para rapazes, e a chamada escola do Brejo, que era mista, e que tinha uma só turma constituída por alunos da 1ª, 2ª, 3ª e 4ª classes, que a frequentavam em simultâneo!

A professora, extraordinária e excelente Professora, era a D. Conceição Sameiro Antunes. Para escândalo dos pedagogos hodiernos posso garantir que as aulas funcionavam muito bem, e que não me recorde de existirem quaisquer problemas de aprendizagem.

Com a abertura da escola oficial feminina na Av. da Fundação, esta escola fechou e eu tive de passar para a Escola do Gomes, onde fui reencontrar alguns colegas da Escola do Desportivo, entre os quais o Carlos Alberto Cerqueira Afonso e onde completei a 4ª classe.

Naquela época a Cova da Piedade era um pequeno núcleo urbano rodeado por pequenas propriedades agrícolas, com uma população maioritariamente constituída por pessoal fabril e administrativo, que trabalhava na indústria de transformação da cortiça, na fábrica de moagem da Aliança e no Arsenal do Alfeite. Algum pequeno

comércio satisfazia as necessidades básicas da população. Também algum pessoal da Marinha vivia na Piedade, em particular sargentos e praças.

Que eu me recorde havia apenas três médicos com consultórios na Piedade e nem um só advogado.

As pessoas tinham na generalidade uma vida bastante modesta e a pobreza era visível: o meu companheiro de carteira na Escola do Gomes, o Edmundo, andava descalço e tinha uma sacola para os livros feita de serapilheira.

Não tenho ideia que na Cova da Piedade existisse alguma hostilidade mútua, entre o que na altura e naquele universo, se poderiam considerar diferentes classes sociais. Por outro lado era evidente a aversão da maior parte da população, relativamente à omnipresente Guarda Nacional Republicana.

Em 1951 não existia qualquer escola do Ensino Secundário no concelho de Almada, pelo que para continuar a estudar, tive de me matricular em Lisboa no Liceu Passos Manuel, que frequentei com o Carlos Cerqueira Afonso e com o Carlos António Barbosa, únicos ex-colegas da Escola do Desportivo com os quais continuei a manter contacto até hoje.

Depois do Liceu passei um ano pelo Instituto Superior Técnico (onde mais tarde fui professor

convidado durante cerca de dezassete anos) e segui para a Escola Naval, para iniciar a minha carreira de oficial da Armada.

Já como oficial da Marinha frequentei em Itália, a Universidade de Génova, onde me formei em Engenharia de Construção Naval.

Desde os meus dezoito anos que praticamente deixei de viver na Cova da Piedade, muito embora sempre me tenha mantido ligado à minha terra, já que os meus pais e a maior parte da minha família continuaram a lá residir.

Passei bastantes anos da minha vida profissional, cerca de treze, no estrangeiro, repartidos por Itália, Espanha e Alemanha. Nos últimos sete anos da minha vida de Marinha, desempenhei o cargo de Administrador do Arsenal do Alfeite, numa espécie de regresso às origens de que muito gostei. Passei à reforma em 2011.

“ Nas aulas
éramos
iniciados na
leitura e na
escrita,
desenhávamos,
coloríamos, e
fazíamos trabalhos
manuais.
Tínhamos aulas de
manhã e à tarde,
com um intervalo
para irmos
almoçar a casa.”

FUI RESPONSÁVEL PELAS ESCOLAS DURANTE 8 ANOS

Vim morar para a zona de Almada em 1948, quando casei pela segunda vez. A minha filha Celeste nasceu em 1950 e fomos viver para o Bairro da N.ª Senhora da Piedade em 1952. Ela tinha 2 anos quando me estabeleci com a Barbearia Mesquita.



Luis Mesquita

De Alcântara... para a Cova da Piedade

Em Alcântara, tinha desenvolvido muito trabalho nas colectividades na área cultural, nas bibliotecas dos “Leões de Santo Amaro” e no Carcavelinhos, depois Atlético. A minha relação com o Desportivo começou quando vim para a Cova da Piedade.

Fiz-me logo sócio da Cooperativa e do Desportivo. No Desportivo, era só sócio e quando havia Assembleias Gerais eu ia lá por causa da Escola. A minha filha foi para a pré-primária. Na altura as poucas escolas pré-primárias que haviam, eram só para os ricos. Fiquei ligado às Escolas do Desportivo porque estava ligado ao Clube Desportivo como sócio. No clube houve alguns movimentos para acabar com as Escolas e nas Assembleias Gerais eu e outros íamos lá defendê-las.

Fui responsável pelas Escolas durante 8 anos

Em 1970 fui dirigir as Escolas pré-primárias do Desportivo e nem me lembro bem como tal aconteceu. Creio que o António Moura era quem então tomava conta das pré-primárias. A PIDE tinha prendido muita gente, sobretudo alguns dos que estavam ligados aos cursos de adultos e de cultura geral. Era eu o responsável administrativo por recebimentos e pagamentos, fazia tudo. Estou a falar das Escolas Pré-primárias.



Mário d'Araújo, em representação das Escolas do Desportivo, saúda Luís Mesquita no dia do seu centésimo aniversário, em Arraiolos, na presença de António Gervásio e sua companheira.

Nos cursos de adultos, a minha filha Celeste e o Manuel, o meu genro, davam aulas e colaboravam na organização das sessões de cultura geral. O meu filho Vítor também lá deu aulas. Posteriormente, em 1971, a minha nora Odete, colaborava comigo como tesoureira.

As Escolas Pré-primárias nessa altura já tinham poucos alunos quando comparado com anos anteriores. Começou a haver mais jardins-de-infância. Cheguei a pedir à Direcção do Clube Desportivo para dar uma ajuda às Escolas. As salas não tinham condições para os alunos, nem estojo de primeiros socorros. Alguns directores do Clube Desportivo não ligavam à escola. Eu não conhecia os nomes dos dirigentes, directores do Clube Desportivo. Só conhecia as professoras que eram a Ivone Chocalhinho que ficou a ver muito mal, quase cega, a Dulce e a Olga que é casada com o Paiva da tipografia. A Dulce e a Olga eram irmãs.

Derivado ao elevado número de alunos, as pré-primárias chegaram a funcionar nas Barrocas e nas Salgadeiras. A Ivone Chocalhinho trabalhou na Escola das Salgadeiras e quando fechou por falta de condições passou para as Barrocas. As outras professoras foram directamente para esta última.

Os pais dos alunos tinham de ser sócios do Clube Desportivo. O Clube recebia as quotas mas as contas da Escola e do Clube estavam separadas. Os pais dos alunos pagavam à escola uma quantia simbólica que era para os materiais escolares. Começou em cinco

escudos e foi aumentando até aos dez escudos mensais por cada um, a partir do 25 de Abril.

Para arranjar dinheiro a Lisnave contribuía 5 ou 6 contos duas vezes por ano. A *Parry and Son* de Cacilhas, o *Rank* e os *Validos* da cortiça também contribuíram mas só pagaram no início, no fim já não davam nada e eu lá ia aguentando a coisa com o que tinha. Não havia muito dinheiro e todo o que entrava era para a escola, até o meu. Quando faltava dinheiro para pagar aos professores, o Desportivo não avançava com dinheiro.

Muitas vezes fui para o Campo da Bola vender rifas com a Dulce para arranjar dinheiro para as Escolas. Eu não ia ver a bola, ia vender as rifas e vinha-me embora. Também as vendia na Barbearia.

Até ao 25 de Abril ainda se ia aguentando, com muitas dificuldades mas mais ou menos, com algum dinheiro da receita dos alunos das escolas nocturnas. Mas depois, essas receitas desapareceram, porque cada vez havia menos alunos quer à noite quer de dia. Começaram, e ainda bem, a haver mais creches, jardins-de-infância e escolas oficiais com cursos nocturnos. Surgiram também outros afazeres, outros interesses.

Ao princípio ainda havia qualquer coisa, chegámos mesmo a ter uma pequena biblioteca com alguns livros infantis, mas por fim já não havia nada. A dada altura, não havia dinheiro para material nem para livros. Cada um levava o seu livro, nem que fosse uma folha de papel e um “*lapisinho*”, para poderem escrever os apontamentos.

Com o 25 de Abril tudo mudou, para melhor!

O António Coelho estava na Junta de Freguesia antes do 25 de Abril como tesoureiro e assegurou a transição até às eleições. Distribuíram a verba que havia por várias instituições de entre as quais a Escola. Após o 25 de Abril, o António Coelho dos móveis, arranjou carteiras pequenas. Aquilo custou uns cento e tal contos... ou duzentos.

Eu ia às Barrocas todos os dias, à hora do almoço, falar com as professoras para ver como é que aquilo estava. Tinha de lá ir porque às vezes as professoras chegavam atrasadas e os miúdos ficavam à porta. Cheguei a ir lá às 9 e tal e ainda estavam a entrar. Não podia ser porque os pais tinham de ir trabalhar, mas isso eram pequenos problemas internos. As professoras eram competentes.

As professoras receberam sempre o salário mas a dada altura eram só 15 dias de trabalho para cada uma. Não dava mais, era a maneira de receberem as duas, assinaram os recibos todos até ao fim, foram sempre pagas até ao último mês.

“Muitas vezes fui para o Campo da Bola vender rifas com a Dulce para arranjar dinheiro para as Escolas. Não ia ver a bola, ia vender as rifas e vinha-me embora.”

Quando fui à Direcção entregar os mapas, a papelada toda e as chaves, as contas ficaram todas certas, não havia nada a pagar, não se devia nada a ninguém. As professoras ficaram desempregadas e cada uma organizou a sua vida.

Quando entreguei as Escolas ao Desportivo, só levei as contas e as chaves. Do que havia na escola não mexi em nada. Não fiz nenhum relatório do material que lá estava, aquilo não era nada comigo. Eles receberam as coisas e nem disseram nada, isto foi em 1978. Se calhar devia ter pedido um documento de prova relativo à minha entrega mas nem eu pedi nem eles me deram.

As Escolas Pré-primárias foram muito importantes nos anos 50 e 60 e nos anos 70, continuaram ainda a ser muito úteis. Daí o meu esforço para as manter enquanto foi possível. Mas os tempos felizmente mudaram. Com a revolução de Abril, foram criadas creches, jardins-de-infância, escolas pré-primárias, com muito melhores condições onde os pais podiam deixar as crianças sem pagarem muito.



Sorteio da Páscoa a favor da escola pré-primária, 1953.

Imagem: João Gabriel Isidoro

almada-virtual-museum.blogspot.com

Nota: A recolha deste testemunho foi feita em Arraiolos onde o Luís Mesquita residia com a filha e o genro, quando completou 100 anos de vida.

Foram milhares de alunos que passaram pelas Escolas do Desportivo. Foram dezenas de professores que deram o seu contributo para o funcionamento das Escolas e para a formação de pessoas que não tinham tido oportunidade de continuar a estudar para além do ensino básico, a 4ª classe ou, como se diz hoje, o 4º ano de escolaridade.

Para além da escolaridade houve também uma actividade cultural que visava formar cidadãos de plenos direitos, conscientes do seu lugar na sociedade. E como sempre se disse, desde os tempos clássicos, a cultura ajuda a libertar o Ser Humano. Mas houve mais, houve a preocupação de conviver, de realizar almoços e bailes, de organizar passeios e excursões de criar e cerrar laços de amizade que ainda hoje perduram.

As Escolas iniciaram a sua actividade em 1963. Em 1967 a polícia política do Antigo Regime de Ditadura (PIDE) prendeu alunos e um professor e outros não foram presos porque se exilaram no estrangeiro.

Mas a força das Escolas, isto é, a unidade e a amizade entre alunos eram de tal modo fortes que as Escolas continuaram a funcionar, com novos professores, com antigos alunos a tornarem-se professores. A PIDE não conseguiu o objectivo de encerrar as Escolas. Elas só foram encerradas após o 25 de Abril de 1974, da Revolução dos Cravos, porque com a Democracia que se instalou no País foram criadas novas e melhores condições de acesso ao Estudo, nos mais diversos níveis. E com o falecimento de Gomercindo Carvalho em 1978 acabaram-se os cursos de cultura geral e as Escolas encerraram de vez.

Pelos depoimentos que recolhemos e que aqui publicamos verifica-se que as Escolas do Desportivo cumpriram as suas funções e os objectivos a que se tinham proposto. Muito mais depoimentos gostaríamos de ter recolhido mas, ou porque perdemos o contacto com as pessoas ou porque algumas já faleceram, o trabalho fica incompleto. Mas fica aberta a possibilidade de continuarmos a receber novos trabalhos que poderão vir a integrar uma nova edição deste livro dos 50 ANOS.





DA COMISSÃO CULTURAL
DA COOPERATIVA
PARA AS ESCOLAS
DO DESPORTIVO

- 1963-1974 -



E AS ESCOLAS DO DESPORTIVO INICIAM AS AULAS NOCTURNAS

As Escolas Nocturnas do Clube Desportivo da Cova da Piedade fazem este ano 50 anos de existência. As aulas tiveram início em Outubro de 1963, nas instalações da Rua das Salgadeiras, 18-1º, Cova da Piedade. Aí já funcionavam as Escolas Pré-primárias do Desportivo, com carteiras para crianças. E foi utilizando essas instalações que as Escolas nocturnas começaram a preparar adultos para fazerem o exame do 1º Ciclo dos Liceus, aquilo a que chamamos hoje de ensino básico (6º ano).

Eram três professores: Eduardo Gonçalves, Gomercindo Carvalho e José Cavaco; e 11 alunos: Adelino Borges Mendes, Albino Quaresma, Américo Ferreira dos Santos, António Reizinho, Francisco Semedo, João Gentil, Manuel Correia, Manuel Casaca, Mário Araújo, Numítor Couto e Victor Ramos. Depois, pouco a pouco e durante todo o ano, foram-se inscrevendo novos alunos à medida que a actividade das Escolas era conhecida. E a partir de Janeiro contámos com uma nova professora a Maria do Céu. Ao mesmo tempo reorganizava-se o Curso de Cultura Geral e também as iniciativas complementares tais como exposições de artes plásticas, de fotografia, debates com escritores, visitas a locais históricos, e outras.

Em Outubro de 1964 as Escolas mudam de instalações e começam a funcionar numa divisão do Clube Desportivo, na Estrada das Barrocas, onde hoje existe uma clínica desportiva. Foi nesta data que, na medida em que se dispunha de duas salas, se passou a leccionar o antigo 2º Ciclo (9º ano) Secção de Letras. As aulas eram de três horas, leccionadas à noite, a partir das 20:30 horas e aos sábados às 9 da manhã. Às quartas-feiras funcionava a aula de Cultura Geral, dada por Gomercindo Carvalho, iniciativa que esteve na origem do ensino nocturno.

Gomercindo Carvalho tinha iniciado uma actividade cultural na Cooperativa Piedense. Uma vez por semana fazia uma conferência sobre temas como: filosofia, ciência política, história, arte, etc., para um conjunto de associados que frequentavam a Biblioteca da Cooperativa. Em dado momento, considerou-se que seria mais fácil divulgar os temas se os participantes tivessem mais habilitações académicas. A partir daí surgiu o projecto de formação de uma escola que leccionasse a matéria dos cursos do Liceu. Mas a Direcção da Cooperativa não aceitou o projecto. Conseguiu-se que o Clube Desportivo da Cova da Piedade disponibilizasse as instalações das Escolas Pré-Primárias.

Qualquer dos professores tinha pouca experiência do ensino – José Cavaco, o Eduardo e o Carvalho apenas tinham dado explicações – mas com o apoio dos alunos, daquela equipa inicial de onze, foram ganhando experiência e as aulas cumpriam o programa oficial de ensino, tendo no entanto uma vertente cultural, cívica e política. Aliás, na Cooperativa Piedense, as assembleias de sócios, mesmo quando eram convocadas para tratar de assuntos económicos ou sociais, acabavam por abordar o descontentamento popular face à Ditadura em que se vivia. Todos aqueles que iniciaram as Escolas, eram sócios da Cooperativa. A Cooperativa foi, por assim dizer, a primeira Universidade Democrática onde se aprendeu a exercer a cidadania de pleno direito, elegendo os Corpos Directivos e intervindo nas Assembleias-Gerais.

As Escolas nocturnas, desde a sua formação, foram vigiadas pela PIDE. Mas como no início a actividade era essencialmente académica, ninguém foi incomodado. Entretanto, a partir do ano escolar 1964/65, começaram a aparecer os habituais alunos vindos da Cooperativa, do Arsenal, da Marinha, mas também de outras áreas, pessoas menos conhecidas, mas todos foram aceites. No entanto, as suspeitas confirmaram-se, já que pouco tempo depois, Gomercindo Carvalho e José Cavaco foram chamados à Direcção do Desportivo porque se dizia que havia actividade política nas Escolas. Desde então sentia-se perfeitamente a vigilância da PIDE nas aulas e nas outras actividades académicas, de cultura ou de convívio.

As Escolas foram crescendo em alunos e professores, bem como em actividades. Passaram a realizar-se jogos de futebol, bailes, almoços de amizade, excursões, visitas a museus e outras. Tudo isto ajudou os alunos e também os professores a adquirirem um à-vontade e uma cultura geral que não se aprendia em mais lado nenhum. No ano lectivo 1964/1965, com a Secção de Letras a funcionar, novos professores vieram aumentar o corpo docente como por exemplo a Amélia Pinto (Mélita)

Em 1967 a repressão abateu-se sobre as Escolas: o aluno António Reizinho, operário do Arsenal, foi preso em 11 de Junho; Mário Araújo, a trabalhar no Arsenal, foi preso um mês depois, a 17 de Julho; a 19 é preso Gomercindo Carvalho; no dia seguinte José Cavaco foi procurado na Cooperativa, mas não estava lá, foi avisado no dia anterior e não esperou que o prendessem, fugiu com a Maria do Céu, com Amélia Pinto e com



Instalações da antiga Escola das Barrocas
Rua União Piedense



Instalações da Escola das Salgadeiras,
Rua das Salgadeiras n.º 18

António Santana também procurados pela PIDE. A fuga terminou em França, mas a ligação destes professores às Escolas manteve-se. Pouco depois souberam que as Escolas continuavam a sua actividade, que João Gentil, Albino Quaresma e outros alunos e professores “tinham empunhado a bandeira”, as aulas e a actividade cultural continuavam.

No ano seguinte as aulas foram asseguradas por outros professores, que os alunos tinham convidado, João Gentil, aluno e membro da Comissão Directiva, também dava aulas do 1º ciclo. E assim as Escolas mantiveram a sua actividade. Novas prisões foram feitas, mas a partir da farsa eleitoral de 1969, em que vários alunos participaram na Campanha da Oposição Democrática ao regime, as Escolas do Desportivo passaram a ter uma outra importância. Os estudos nunca foram descurados mas a participação social, cultural e política foram-se intensificando. Em 1973, nas Escolas já funcionavam as aulas académicas, um Grupo de Teatro e faziam-se reuniões de preparação para o Congresso Democrático de Aveiro. Nessas reuniões já participavam Militares de Abril, nomeadamente Miguel Judas, João Maia e Martins Guerreiro.

Quando se dá a Revolução de Abril, a primeira reunião faz-se no dia 26 de Abril, de manhã, nas Escolas, nas instalações da Rua das Salgadeiras. Aí se toma conhecimento do sentido do levantamento militar e se organiza o apoio popular. A participação da população da Cova da Piedade nesses tempos de transformação democrática, foi enorme. As Escolas continuaram a funcionar, com Gomercindo Carvalho como dinamizador. Foram milhares de pessoas que passaram pelas Escolas do Desportivo. Depois a actividade sofreu uma pausa, com a morte de Carvalho e com a imensidão de tarefas que a Revolução de Abril gerou em todos os outros.

As Escolas retomaram a sua actividade plena em 1998, nos mesmos moldes em que sempre funcionaram. A fotografia da capa deste livro mostra o encontro dessa altura entre antigos professores e alunos, os eleitos do Concelho de Almada e outras entidades. Para reiniciar, foram convidados antigos alunos e muitos amigos que contribuíram para a vida das Escolas. E foi emocionante o encontro entre antigos professores e alunos

e saber que estes tinham tido sucesso na vida. Margarida Adão é hoje médica de clínica geral; Onofre Sabino e Hermenegildo Marques são advogados, Joaquim Marreiros, Técnico Superior da Câmara Municipal de Almada, Manuel Margato Curioso e o seu primo Henrique Margato, de entre outros, são oficiais da Marinha. Matilde e Manuel Correia são comerciantes de sucesso (Perfumarias Matilde) e muitos, muitos outros que começaram apenas com a 4ª classe e conseguiram fazer o 5º ano ou o 7º dos Liceus ou entrar na Universidade, puderam melhorar as suas condições de vida. Muitos marinheiros não foram tão longe como os primos Margato, mas conseguiram fazer o curso de Sargentos. As Escolas também deram ao concelho de Almada muitos dirigentes associativos como Mário Araújo, João Gentil e outros, com pouca experiência, sendo hoje capazes de dirigir qualquer Assembleia. As Escolas deram também dirigentes políticos para o Partido Comunista, para o Partido Socialista e para a UDP; mas certamente também para o PSD quando o sistema português se tornou pluripartidário.

Confirmou-se depois que as Escolas também tiveram “pides” como alunos, que participaram nas aulas e nas actividades, e que foram referenciados nos jornais logo após o 25 de Abril.

Hoje as Escolas nocturnas continuam a sua actividade, voltada para o acesso à Universidade, para o complemento dos estudos inacabados e, como sempre para as actividades sociais e culturais que estão referidas nos relatórios respectivos. Actualmente contam com o apoio das Autarquias Locais e das Colectividades que, como elas, se preocupam com o nível de conhecimentos dos cidadãos de Portugal.

Nesta fase, mais de três centenas de alunos passaram pelas aulas. Uma boa parte conseguiu obter o 12º ano, e 43 deles entraram na ensino superior. Assim, as Escolas do Desportivo continuaram e reforçaram, afinal, a tradição dos cidadãos deste concelho que não deixam de estudar, de formar associações e de participar na construção duma Democracia para todos.

Cova da Piedade, Dezembro de 2013

SOBRE O PROFESSOR GOMERCINDO CARVALHO

Gomercindo de Jesus Carvalho nasceu em Ermesinde, no concelho de Valongo, distrito do Porto, a 31 de Janeiro de 1931. Filho de trabalhadores rurais, mal fez a terceira classe na escola primária local, começou a ajudar a família nos trabalhos do campo, guardando o rebanho, trabalhando a terra. Desses tempos difíceis ficaram-lhe “os pés gelados que nunca aqueciam” e “uma vontade enorme de mudar de vida”.



Gomercindo de Carvalho

Aos 15 anos vem para Lisboa, para casa de familiares, começando a trabalhar como aprendiz de serralheiro e depois como marçano numa loja da Baixa. Aos 18 anos alista-se na Armada, onde consegue retomar os estudos e chegar ao 7º ano do liceu, a expensas suas. Desde então, transforma-se num autodidacta que nunca mais deixa de estudar, de ler e de escrever.

Em 1959 casa-se e fica a residir na Cova da Piedade. Tinha acabado o serviço militar, foi trabalhar para o Instituto de Meteorologia. Começam aí os seus primeiros contactos com o Movimento Associativo do Concelho de Almada, primeiro pela Incrível e pela Academia, depois pela Cooperativa Piedense. É aqui que, em 1962, organiza os Cursos de Cultura Geral na Biblioteca, para um grupo de sócios da Cooperativa que, com ele, iniciam uma actividade que se irá desenvolver e dar origem ao Curso Nocturno dos Liceus. Tendo a Direcção da Cooperativa manifestado a sua oposição a esse projecto, o grupo foi forçado a voltar-se para o Clube Desportivo da Cova da Piedade, que o aceitou e lhe cedeu as instalações das Escolas infantis na Rua das Salgadeiras. Aí se iniciou o 1º ciclo dos liceus e os novos Cursos de Cultura Geral. Mais tarde as Escolas viriam a ter mais instalações na Estrada das Barrocas.

Fervoroso admirador de António Sérgio, G. Carvalho dedicou-se ao ensino como um verdadeiro apóstolo do Cooperativismo.

Nas novas Escolas nocturnas do Clube Desportivo da Cova da Piedade, dava-se formação académica mas também uma formação cultural e cívica. Procurava-se assim que “cada aluno se tornasse um cidadão” capaz de participar e intervir na sociedade.

De 1963 a 1967, G. Carvalho participa ainda, quer pelas Escolas quer pela Comissão Cultural da Cooperativa, na organização de um conjunto de actividades culturais progressistas, com a participação das mais representativas personalidades do meio cultural português: Ferreira de Castro, Alves Redol, Urbano Tavares Rodrigues, Lima de Freitas, Almeida Faria, Sérgio Ribeiro, Alexandre Babo, Fernanda Lapa, Rogério Paulo e tantos outros, anti-fascistas que defendiam a liberdade e a divulgação cultural.

Preso pela PIDE pela sua “actividade subversiva” em 19 de Julho de 1967, é julgado nos odiosos tribunais plenários da Boa-Hora. Condenado a dois anos de prisão maior, agravada por medidas de segurança, cumpriu nas cadeias dos fortes de Caxias e de Peniche uma pena de cerca de quatro anos.

Como sempre “a luta contra o obscurantismo e pela emancipação dos trabalhadores” – como afirmava – levou-o a retomar a sua actividade cultural e académica, logo após ser libertado.

Nesta nova fase, começou a publicar textos, usando uma linguagem muito simples, sobre temas como: Filosofia, Moral, Estética, Cultura e Contos da prisão, em pequenos cadernos policopiados, feitos nas Escolas. É nesta época que surge também o “Cindo”, abreviatura de Gomercindo, um jornal, também policopiado, de carácter cultural.

Veio a Revolução dos Cravos, em 25 de Abril de 1974, e Gomercindo Carvalho continuou a sua actividade nas Escolas, agora com mais razão porque os objectivos para os quais tinham sido criadas foram atingidos. Fundou ainda os núcleos de Almada da Associação de Amizade Portugal URSS e de Portugal RDA, tendo também fundado a Liga para o Intercâmbio Social, Cultural e Científico com os Povos Socialistas.

Lutador anti-fascista, verdadeiro militante cultural, a sua vida foi interrompida por um brutal acidente rodoviário em 9 de Abril de 1978.

José Cavaco - Fevereiro de 2012



Gomercindo de Carvalho é o segundo em pé a começar pela direita.



Boletim mensal “O COVA DA PIEDADE” do Clube Desportivo da Cova da Piedade – Ano I – Novembro 1963 – n.º 8 - Entrevista de Francisco Semedo a Gomercindo de Carvalho

Transcrição da entrevista de Francisco Semedo a Gomercindo de Carvalho no Boletim mensal “O Cova da Piedade” do CDCP, Ano I – Novembro 1963

Adentro das actividades culturais da Comissão Bibliotecária do Desportivo da Cova da Piedade, instituíram-se dois cursos com o objectivo de promover a cultura entre os seus associados. Um deles – o Curso de Cultura Geral – foi iniciado há alguns meses: o outro – onde se lecciona o programa do 1.º ciclo dos liceus –, está a funcionar desde Outubro passado.

Relativamente a este último curso, entrevistámos os seus leccionadores, a fim de nos inteirarmos dos seus objectivos, assim como também do espírito que anima este grupo de jovens.

Assim, fomos levados à presença dos Srs. Gomercindo de Jesus Carvalho, José de Sousa Cavaco e Eduardo José Gonçalves que se dispuseram amavelmente a responder às nossas perguntas.

Em primeiro lugar entrevistámos o Sr. Gomercindo de Carvalho:

F. S. - Como surgiu a ideia da organização do Curso?

G. C. - Há algum tempo já que me venho dedicando ao estudo da Filosofia e que verifiquei que ela somente é válida na medida que se transforma numa filosofia da acção – e devo acrescentar, da acção cooperativa.

Na realidade, para mim, uma Filosofia tem mérito quando ajuda compreender o homem de carne e osso a fim de o emancipar. Foi, [**conclui na página 10** (de facto na página 12)] portanto, adentro desta ideia que iniciei as minhas actividades culturais de índole profundamente cooperativista. Assim, quando um membro da Comissão Bibliotecária do Desportivo da Piedade me solicitou a organização de dois cursos – um de Cultura Geral e outro do 1.º ciclo dos liceus, acedi entusiasmado.

O primeiro destes cursos tem como objectivo a divulgação, a nível acessível, de temas cuja importância é imediata, uma vez poderem ajudar à solução dos mais instantes problemas do homem, mesmo do homem comum. Tal curso, regido inteiramente por mim, aborda na generalidade temas de Literatura, Arte, Filosofia, Sociologia, Psicologia, etc. É um curso que, a generalizar-se, poderá ter as mais salutares repercussões. Por isso, muito apreciei o espírito largo dos dirigentes da referida Comissão Bibliotecária em troná-lo num curso aberto a todos – aos sócios e não sócios da instituição.

O segundo curso – o do 1.º ciclo dos liceus – está organizado em moldes diversos, uma vez visar um objectivo que se entende mais utilitário. Para tanto tive de aliciar alguns jovens que acederam entusiasmados, cuja

competência e vontade estão por demais demonstradas.

F. S. - Já alguma vez tinha tentado uma iniciativa desta natureza?

G. C. - Sim. Quando membro da Comissão Cultural da Cooperativa Piedense, propus a essa Comissão, o que foi aceite por unanimidade, um Curso de Cultura Geral, onde eu pretendia democratizar o ensino, tornando-o extensível a todos e tornar igualmente acessível a todos a solução de problemas eminentemente concretos. A seguir, propus a essa mesma Comissão, o que também foi aceite por unanimidade, a criação de um Curso Geral dos Liceus, o que me levou a mobilizar um grupo de jovens que aceitaram também entusiasmados.

F. S. - Acha que as actividades de uma colectividade desportiva se conciliam com as culturais?

G. C. - Vivemos numa época em que se torna urgente cultivar o homem a fim de contribuir para a sua emancipação, e tal urgência não permite a hesitação da escolha de locais ou situações. Além disso estou profundamente convicto de que, para uma democratização do ensino e da cultura, as instituições, sejam quais forem as suas actividades, têm o dever de contribuírem com o máximo do seu esforço para tão nobre finalidade. Pena é que as mentes retrógradas (ia a dizer tacanhas) de certos dirigentes de algumas instituições não vejam as coisas assim.

Foi por essa razão que desde logo entendi que o Desportivo da Cova da Piedade tinha possibilidades de bem cumprir a sua missão no sector da cultura. Os seus dirigentes têm dado provas de horizontes largos, o que me leva a prestar-lhes as minhas homenagens.

F. S. - Quais as disciplinas que lecciona no Curso do 1.º Ciclo?

G. C. - Escolhi duas: a de Língua e História Pátria e a de Ciências Geográfico-Naturais.

F. S. - Poderá nesta altura do ano falar sobre as possibilidades de êxito de alguns alunos?

G. C. - Há muito a esperar desses alunos, na sua maioria adultos. Claro que o Curso está ainda no princípio e portanto é cedo ainda para vaticínios. Contudo, vejo com alegria que tanto o seu entusiasmo como o seu aproveitamento justificam o seu esforço.

F. S. - Acha possível esta iniciativa ser extensiva a outras colectividades do nosso concelho?

G. C. - Entendo que sim e mais: que é urgente. Gostaria, não claro por espírito bairrista, que fosse o concelho de Almada a dar o exemplo, através das suas instituições, de uma maciça actividade cultural de feição totalmente cooperativista, e que tal exemplo viesse a produzir os seus frutos à escala nacional.”

O CURSO DOS LICEUS SURGE COMO UMA NECESSIDADE PARA A CULTURA GERAL

Conheci o Gomercindo de Jesus Carvalho na Cooperativa Piedense, participávamos os dois na Comissão Cultural, na organização de iniciativas. Já nessa altura, o Carvalho fazia conferências sobre temas de cultura geral, para um pequeno grupo de operários do Arsenal e outros sócios da Cooperativa.



José Cavaco

Depois comecei a reunir em sua casa – onde conheci a família, a Crisanta e a Belinha – para falarmos sobre este ou aquele livro que tínhamos lido, e sobre futuros temas das conferências. Mais tarde, começou a reunir connosco o Francisco Racha Semedo, trabalhador do Arsenal do Alfeite, que mostrava um desejo enorme de aprender. O Carvalho queria avançar para temas sobre Economia, Política, Filosofia, mas nós verificámos que faltavam “bases” às pessoas que assistiam. Pouco a pouco foi-se formando a ideia de dar aulas do curso geral dos liceus. Eu estudava na Faculdade de Ciências, o Carvalho tinha o Curso dos Liceus e era funcionário público no Instituto Nacional de Estatística.

Mas, para mim, a Guerra Colonial começava a pesar. Tinha 21 anos, a incorporação tinha sido adiada porque estava a estudar na Universidade, mas aproximavam-se os 22, limite para ser chamado a cumprir o serviço militar. Embora não tivesse ainda consciência política, repudiava as guerras coloniais que tinham rebentado em 1961. Decidi desertar. Aproveitando uma excursão à Suíça dos estudantes da Faculdade de Letras, parti em





Sessão de Cultura Geral na Biblioteca da Cooperativa Piedense.

Março, deixando para trás os projectos culturais e tantos outros que um jovem, que acabava de fazer 22 anos, sempre tem.

Passei 4 meses na Suíça, mas não me adaptei. Embora tivesse tido um bom acolhimento por parte duma família suíça, a verdade é que aquele povo é muito desagradável para um latino como eu. Resolvi regressar a Portugal, com a ideia de desertar se fosse destacado para África. A 4 de Agosto de 1963 fui cumprir tropa em Mafra como soldado cadete. Retomei o contacto com o amigo Carvalho, e retomámos os antigos projectos, se eu ficasse na “Metrópole”. Felizmente, ao fim de 3 meses “de caserna” fui destacado para a Força Aérea, Grupo de Radares em Lisboa, Monsanto, e fiquei por cá. Assim, começámos as aulas em Outubro de 63. Éramos três professores e onze alunos. Carvalho assegurava o ensino do Português, Ciências Naturais e Desenho, eu dava aulas de Francês, o Gonçalves dava Matemática. Começámos com onze alunos e chegámos ao fim do ano lectivo com mais de trinta. Os alunos começaram por ser os sócios da Cooperativa, e depois alargou-se a operários do Arsenal do Alfeite e a marinheiros da Base Naval. Quando dei a primeira aula, não conseguia falar frente aos alunos, estive quase sempre voltado para o quadro, a escrever e a explicar; quando me voltei para perguntar se estava a ser claro, todos abanaram a cabeça a dizer que sim! Ainda falavam menos que eu!

No princípio do ano seguinte, a minha namorada, e futura mulher, Maria do Céu, veio substituir o Carvalho no ensino das Ciências Naturais. Assim, o Professor Carvalho, como diziam os alunos, ficou mais livre para as aulas de Cultura Geral, que se realizavam às quartas-feiras.

No ano seguinte, iniciávamos a Secção de Letras do antigo 5º ano dos liceus. A sala que utilizámos já

não chegava. Junto de um Director do Desportivo – o Manuel José Lourenço – conseguimos novas instalações, na Estrada das Barrocas, e aí desenvolvemos muito mais actividades.

Vieram novos “professores”: Amélia Pinto (Mélita), que dava inglês no segundo ciclo e outro professor para o primeiro ciclo, de que não me lembro o nome. Nesta altura já tinham passado pelas Escolas mais de cem alunos. A afluência era extraordinária, a vontade de estudar era muito grande. Os alunos iam passando a palavra aos amigos, a Escola começava a ser conhecida, também pelos bons resultados obtidos.

Logo no início pensámos que seria importante formar uma Comissão Directiva, com professores e alunos, e ter um regulamento, por muito simples que fosse. A experiência adquirida na Cooperativa levava-nos a criar uma estrutura na Escola: dela fizeram parte eu e o Carvalho, e os alunos Albino Quaresma, o João Gentil e o Mário Araújo. O entusiasmo era tanto que a Comissão Directiva parecia ter uma “missão”: ajudar todos os alunos para que tivessem o maior aproveitamento, “socializá-los” por forma a vencerem a timidez natural de quem não está habituado a falar em público, dar-lhes uma formação cívica com a cultura geral, o ensino académico, mas também com a participação na organização de iniciativas, bem como na intervenção com as suas ideias, boas ou más.

Era este o Projecto da Escola, a sua filosofia de funcionamento e estes os seus objectivos. E assim surgiram as visitas de estudo, a organização de excursões, de passeios culturais, a realização de bailes e de almoçaradas, o convívio, a promoção de colóquios com personalidades democráticas, o debate de ideias. Este Projecto teve o maior apoio que alguma vez pensámos ter.

Transcrição da entrevista de Francisco Semedo a José Cavaco no Boletim mensal “O Cova da Piedade” do CDCP, Ano I – Novembro 1963

(...) A seguir abordámos o Sr. José de Sousa Cavaco:

F. S. - Na sua colaboração dada a este Curso encontra plena satisfação?

J. C. - Sem dúvida. Creio assim ter possibilidades de ver realizados todos aqueles meus ideais de comunicação com o próximo, de cooperação para um duplo esclarecimento. Já Vêm de longe estas minhas aspirações. Há cerca de quatro anos pretendeu-se organizar um princípio de colectividade, a que me liguei e que tinha como objectivo a difusão da cultura junto das massas operárias; contudo tais actividades não conseguiram concretizar o seu ponto de acção. É afinal este curso que vem pôr ao meu alcance aquilo que sempre desejei: um contacto directo com indivíduos sequiosos de uma verdadeira cultura. Convidaram-me e aqui estou a colaborar, convicto de que se poderá fazer muito, plenamente satisfeito por vir encontrar grande vontade de construir algo de válido.

F. S. - Qual a disciplina que lecciona e porque a escolheu?

J. C. - Escolhi o Francês por dois motivos: primeiro, porque tive oportunidade, há pouco, de contactar com um povo de língua francesa e isso dá-me o à-vontade necessário para conduzir melhor o ensino da disciplina; segundo, porque ela se presta a um contacto directo, um diálogo vivo entre quem ensina e quem aprende.

F. S. - Os alunos têm correspondido àquilo que você esperava?

J. C. - Todos, de um modo geral. Sabendo de antemão que é o Francês a disciplina que mais aflige os alunos do 1.º ciclo dos liceus (é o seu primeiro contacto com uma língua estrangeira) verifico com agrado que todos se mostram cheios de vontade em vencer as dificuldades que surgem.

F. S. - Acha adequadas as funções culturais adentro de uma colectividade desportiva?

J. C. - Uma colectividade desportiva pressupõe um agregado de indivíduos interessados em desportos. Mas se há um agregado, porque não juntar às actividades desportivas uma cultura que o esclareça e que lhe faça ver até que ponto é o desporto uma manifestação salutar e não um passatempo embrutecedor? O exemplo dado pelo Desportivo da Cova da Piedade, aliando a cultura física à cultura do espírito deve ser seguido.

Para finalizar, queria ainda deixar expresso o meu desejo sincero de ver surgir mais iniciativas deste género e de que as más vontades se desfizessem, dando assim à cultura o lugar que lhe é devido.”



Eduardo Gonçalves

MEMÓRIAS DA MINHA ESCOLA - DAR EXPLICAÇÕES E ENSINAR DE GRAÇA

No ano lectivo de 1961/62 mudei de escola. Tinha feito o 6º ano no Liceu Nacional de Gil Vicente, em Lisboa, e agora estava matriculado no Externato Frei Luís de Sousa, em Almada, para onde fui viver com a família. De facto, mudar de estabelecimento escolar no último ano do liceu, não teria sido a melhor opção, mas foi assim.

Pela primeira vez no secundário tive uma turma mista, já que em Lisboa, os liceus para os rapazes eram uns, e os das raparigas eram outros. Lembro-me até de algumas situações em que nós, quando as aulas acabavam no período da tarde, íamos em pequenos grupos passear desde a Graça onde se situava o nosso liceu (hoje Escola Secundária Gil Vicente) até junto dos liceus das raparigas, como por exemplo o Liceu Maria Amália, junto ao Parque Eduardo VII, e das redondezas não podíamos passar porque os polícias faziam protecção junto aos portões de entrada/saída. Tempos!

De modo que agora a minha turma do 7º e último do liceu (11º de escolaridade) era composta por cinco raparigas e quatro rapazes. Camaradagem, foi sempre. De namoricos, nada. Aconteceram alguns *flirts*, sim, mas com raparigas de outros anos e de outras escolas, como por exemplo, as da Escola Comercial e Industrial Emídio Navarro.

E é precisamente desta escola que muitos alunos mais novos do que eu, iam ao fim da tarde para o café da Cooperativa Piedense, fazer os

trabalhos de casa (TPCs) uns com os outros, vivendo as dificuldades de quem era filho de gente pobre e não podia pagar a um explicador para lhe tirar as dúvidas. Assim, eu e mais dois ou três disponibilizámo-nos para os ajudar. Chegámos a ter mais de uma dúzia de alunos a quem dávamos explicações absolutamente de graça, de tal modo que fui logo convidado para a denominada Comissão Cultural da Cooperativa. Foi aí que conheci escritores, poetas e músicos como Alves Redol, José Carlos de Vasconcelos, Bernardo Santareno, Ary dos Santos e Lopes Graça, entre outros. Dois anos mais tarde, já estava eu no ensino superior, fui convidado para ensinar Matemática e Desenho na “Escola do Desportivo”, uma instituição que facultava o ensino gratuito do 1º e mais tarde do 2º ciclo liceal (hoje o 6º e 9º anos) a adultos. Na altura, para ensinar de graça deslocava-me desde a Ramalha à Cova da Piedade, a pé, cerca de 4 km, chovesse ou fizesse sol. Tive alunos operários do Arsenal do Alfeite, carpinteiros, pedreiros e empregados de comércio. No último ano que lá estive, a minha turma tinha 25 alunos. Os 25 foram a exame e passaram. A minha maior alegria!

Nota: Eduardo Gonçalves foi um dos primeiros professores de 1963, a iniciar as aulas nas nossas Escolas. Natural do concelho de Arganil, escreveu este artigo no jornal regional “Jornal de Arganil”, em 29 de Setembro de 2011.

Transcrição da entrevista de Francisco Semedo a Eduardo José Gonçalves no Boletim mensal "O Cova da Piedade" do CDCP, Ano I – Novembro 1963

Por último, encontrámo-nos com o Senhor Eduardo José Gonçalves que respondeu às perguntas formuladas:

F. S. - Quais as razões que o levam a dar a sua colaboração neste curso?

E. G. - Tendo acompanhado de perto o grande entusiasmo de alguns jovens que participaram das realizações da Comissão Cultural da Cooperativa Piedense, quis a eles associar-me. Assim, ao pedirem-me a colaboração para este curso, logo me prontifiquei a dá-la, podendo desta forma ensinar alguns dos meus conhecimentos, para os quais sinto maior vocação.

F. S. - Quais as disciplinas que lecciona?

E. G. - Matemática e Desenho.

F. S. - Tais disciplinas coordenam-se com a sua vocação?

E. G. - Sim. Desde há muitoque tenho tendência para as Ciências. Tanto assim é que talvez venha a enveredar, na minha vida pessoal, pelo vasto e interessante campo da Electónica, onde as matemáticas ocupam um lugar de destaque.

F. S. - Que pensa do aproveitamento do curso?

E. G. - Como se trata de um grupo de adultos, penso que todos eles têm possibilidade, pois não lhes falta a vontade em aprender qualquer coisa de útil para a sua vida. Quer-me parecer que o curso talvez venha a elevar um pouco o nível dos seus conhecimentos, podendo vir a beneficiá-los no aspecto económico.

F. S. - Não acha que esta actividade cultural esteja em desacordo com as funções de uma colectividade desportiva?

E. G. - Não. Acho que uma colectividade desportiva deve, não só cultivar o corpo pela prática do desporto, como também o espírito, instruindo-o e educando-o, o que aliás está contido no conhecido ideal clássico "mens sana in corpore sano"



Maria do Céu

HAVIA SOLIDARIEDADE ENTRE NÓS

Sempre gostei de dar aulas, de ensinar. Estou reformada como Técnica de Acção Social, mas depois do 25 de Abril fui professora na Escola Conceição e Silva. Dei aulas na Escola do Desportivo, nas Salgadeiras, a partir de Janeiro de 1964 até à minha saída para França em Julho de 1967. Foi o José Cavaco quem me convidou para dar Ciências Naturais no 1º Ciclo dos Liceus. Conhecemo-nos nos Correios, fizemos o mesmo estágio, depois ele foi cumprir o Serviço Militar e um dia encontrámo-nos na Baixa, falou-me do projecto da Escola e convidou-me.

Comecei por dar aulas de Ciências Naturais, substituindo o Gomerindo Carvalho. Mais tarde cheguei também a substituí-lo a Matemática e a Português, quando ele precisava. No ano seguinte também dei Ciências ao 2º Ciclo (o actual 9º ano).

Guardo boas recordações desses tempos. As pessoas tinham muitas dificuldades, a nível económico mas também nos estudos, no primeiro ano ninguém passou. Mas formavam grupos de estudo para se entreajudar, isso era muito bom. Havia solidariedade entre nós. Lembro bem de pessoas que começaram nessa altura a dar os primeiros passos no estudo, o Albino, o Casaca, o Gentil, o Mário, o Numítor.

Não conhecia a Cova da Piedade. Vivia em Lisboa, no Lar dos Correios, vinha à noite dar aulas. No inverno foi difícil. Um dia houve um grande temporal, já estávamos instalados nas Barrocas, a Estrada Nacional (hoje Avenida 23 de Julho) estava alagada. Eu estava atrasada porque os barcos tinham dificuldade em atracar, cheguei à Escola toda molhada. Havia poucos alunos, nessa noite não houve aulas, os alunos animavam-se e animavam-me, as pessoas já estavam mais à vontade, havia o convívio entre jovens, homens e mulheres, aprendeu-se o respeito mútuo. Um dia convidámos





Grupo de alunos no intervalo das aulas numa manhã de Sábado, no ano de 1964

uma aluna, a Isabel a ir connosco ao teatro a Lisboa, poucas vezes iam. Sabíamos que a aluna se prostituía, certamente por necessidade, tinha um ar educado e com muita vontade de aprender. Na Escola era respeitada, via-se que queria sair do meio e da condição em que vivia. Após o nosso regresso de França soubemos que tinha tido sucesso nos estudos, que tinha tido uma vida organizada, mas que já tinha falecido de doença prolongada.

Casei em Setembro de 1965 e então vim morar para a Cova da Piedade, no prédio da Escola, no 3º andar, nas Barrocas. Continuei a trabalhar nos Correios, em Lisboa, mas o meu trabalho era muito pesado, tinha o lugar de “Caixa”, havia um rigor nos horários de entrada, mas para sair só quando a caixa estivesse certa e encerrada. Acabei por vir trabalhar para a Base da Marinha. Concorri e deram-me um lugar de responsabilidade, que deveria ter sido dado a outras pessoas que já lá estavam. E isso provocou um certo desconforto, mas sempre tive o respeito e a consideração dos superiores. Gostei muito de trabalhar com o

“ O Largo 5 de Outubro na Cova da Piedade, era uma espécie de sala de convívio. Os homens saíam das fábricas de cortiça, da Fábrica Aliança, do Arsenal, da Base, havia também gente ligada ao mar...”

Comandante Melo Águia, era muito competente. Vim trabalhar para a Base porque assim era mais fácil para mim, pois já morava na Piedade. E aí comecei a participar nos passeios, nas excursões, nos convívios.

O Largo 5 de Outubro na Cova da Piedade, era uma espécie de sala de convívio. Os homens saíam das fábricas de cortiça, da Fábrica Aliança, do Arsenal, da Base, havia também gente ligada ao mar, tomavam banho, vestiam-se a preceito, dirigiam-se para o largo onde ficavam a conviver.

Eu já conhecia o meio operário. Vivi a minha juventude no Barreiro. E já tinha conhecimento e

consciência da situação política, da repressão, das prisões. A Escola também contribuiu para as minhas opções. Mas embora soubesse como era, a perseguição que sofri afectou-me muito. Estava grávida, eu e o meu marido fomos denunciados, em Julho de 1967 tive que abandonar a minha casa, deixar a família, foi muito duro. Hoje, com a situação em que vivemos, tenho saudades do tempo que passei em França.



Antónia Mota

PARA A TONICHA AS ESCOLAS DO DESPORTIVO FORAM ESSENCIAIS PARA A SUA FORMAÇÃO.

Antónia Mota (Tonicha) entrou para as Escolas do Desportivo em Novembro de 1969 e só saiu depois do 25 de Abril. Tinha-se matriculado na Escola Emídio Navarro, no Curso Comercial, foi “inaugurar” a turma nocturna das raparigas. Só que as aulas eram repartidas por três espaços: Emídio, Liceu D. João de Castro e Seminário de Almada. Com um intervalo de dez minutos entre as aulas não era fácil passar de uma aula para outra sem chegar atrasada.

Com outras alunas, formou então uma “comissão” para falar com o Director: – As meninas que não tivessem chumbado, tinham ficado de dia, já não estavam aqui! Foi a resposta que ouviram. A Tonicha tomou uma decisão – desmatriculou-se! Com muita mágoa, abandonou os estudos. Mas a sua mãe e a irmã não se conformavam. Foram então falar com Joaquim Godinho, um conhecido dirigente associativo, que andava nas Escolas do Desportivo e pediram-lhe “para ver se ainda havia vagas”.

E foi assim que a Tonicha entrou para as Escolas. Apareceu nas aulas e “o ambiente” agradou-lhe muito: havia as aulas mas também havia a cultura geral, sobretudo o convívio e as conversas que se faziam. Voltou a estudar. Habitou-se a ficar depois das aulas a conversar com professores e colegas sobre os projectos das Escolas, sobre as questões sociais e políticas que se punham a Portugal em 1969.

Nesse ano, tinha havido eleições “fantoques” para a Assembleia Nacional. O Governo fascista tinha manipulado os resultados. Entre os democratas a revolta era grande. As Escolas do Desportivo estavam integradas na vida da população da Cova da Piedade. O Movimento Democrático que se havia formado para concorrer às eleições não desaparecera, o país e as Escolas conheceram uma nova fase de desenvolvimento da luta pela Democracia.

Além disso, as Escolas organizavam passeios, excursões, convívios e a confraternização, a aquisição de

conhecimentos não parava: realizaram-se passeios a Évora, a Conímbriga, a Coimbra, às Grutas de Mira d’Aire, a Alcobaça, à Batalha e a tantos outros lugares históricos ou de belezas naturais que desenvolviam nos participantes uma maior consciência cívica e a solidariedade para com as pessoas que trabalhavam no Arsenal, na Marinha, na Cortiça, nas empresas e no comércio da Cova da Piedade.

Não havia só o “lado bom”. As Escolas também passaram por dificuldades, pois a repressão da Ditadura várias vezes recaiu sobre professores e alunos. Mas nunca as conseguiu fechar! O projecto pedagógico, educativo, correspondia aos anseios da população. “Caíram” professores e alunos mas outros se levantaram, ocupando os seus lugares. As portas foram abertas a quem quisesse participar e trabalhar. Eram tão abertas que apareceram alunos “estranhos”, elementos da polícia política. Tonicha chegou e encontrar um deles a verificar os ficheiros dos alunos e a tomar nota das moradas.

Mas isso não impediu que continuassem as aulas de cultura geral (a professora Nina deu uma conferência sobre Alves Redol e a Escola encheu-se) que se tivesse formado um Grupo de Teatro que apresentou a peça “A excepção e a regra” de Bertolt Brecht, que tivesse havido participação das Escolas no Congresso da Oposição em Aveiro, em 1973, e que largas centenas de alunos tivessem obtido uma maior formação académica, desde o 2º ano dos liceus (actual 6º ano) até ao curso superior. Para a Tonicha as Escolas do Desportivo foram essenciais para a sua formação. Se não tivesse passado por lá, não seria a mesma pessoa que é hoje. Com uma imensa alegria!

A MINHA LIGAÇÃO COM AS ESCOLAS DO DESPORTIVO DA COVA DA PIEDADE OCORREU EM DOIS MOMENTOS DISTINTOS

Nasci em 1947 na freguesia de Pomares, concelho de Arganil. Vim com a família para a Cova da Piedade com três meses e atualmente resido na Praceta de Angola. Comecei por trabalhar em Litografia, mas por pouco tempo. Fui durante toda a vida técnico de desenho industrial, tendo trabalhado sobretudo no ramo do mobiliário metálico na NACITAL e, no setor automóvel na UMM, encontrando-me atualmente reformado.



António Fontinha

No início vivemos nos Caranguejais num anexo que o meu tio nos dispensara. Mais tarde o meu pai juntou uns tostões e comprou um terreno com uma casa antiga nas traseiras do Clube Recreativo Piedense e aproveitou os tijolos da antiga chaminé da fábrica de moagem Aliança, que havia sido demolida, para aterrar o quintal que era um autêntico pantanal. Passava a maior parte do tempo no Mercado da Cova da Piedade, onde fui criado desde muito pequeno, no local onde se encontra o mercado atualmente, mas nas instalações anteriores. A minha mãe trabalhava no mercado, vendia hortaliça e fruta. O meu pai trabalhava na cortiça, na empresa do Manuel Pais, mais tarde trabalhou na F.S. Marques Valido.

A minha ligação com as Escolas do Desportivo da Cova da Piedade ocorreu em dois momentos distintos: o primeiro, no ano lectivo de 1971/72 tendo durado apenas alguns meses, já que o nascimento das minhas filhas me obrigou a interromper os estudos. Procurava nessa altura terminar o 2º ciclo do liceu e as Escolas do Desportivo poderiam ajudar-me a consegui-lo; o segundo momento foi no pós-25 de abril quando participei em algumas das sessões de esclarecimento que as Escolas do Desportivo organizavam. Quando me inscrevi nas Escolas em 1971, já era sócio do

“Lembro-me também de se ter realizado um convívio na SFUAP com a colaboração das Escolas e de ser interrompido pela GNR, obrigando as pessoas a sair de imediato. Sempre que havia meia dúzia de pessoas juntas, era motivo para este tipo de intervenções.”

Desportivo desde 1960. As aulas eram de extrema utilidade, aprendíamos Francês, Português, Geografia e as salas estavam sempre repletas, as aulas tinham lugar das 21.00h às 23.00h. Lembro-me do professor Santana e havia também uma professora Celeste Mesquita. Lembro-me também de assistir a várias peças de teatro, em Cacilhas nas antigas instalações do Ginásio Clube do Sul, a convite dos professores.

Recordo-me perfeitamente do Gomercindo, do José Cavaco e do Eduardo Gonçalves, este último, é de Coja, concelho de Arganil. Estive com ele recentemente, é vizinho de uma das minhas filhas, em Almada. Foi o trio que deu início às aulas nocturnas. Nunca cheguei a fazer o exame do 2º ciclo. Trabalhava perto de Sintra e chegava muito tarde a casa. Era impossível estudar. Havia semanas em que quase não via as minhas filhas.

Participei também em algumas sessões de esclarecimento que se realizavam nas Barrocas depois do 25 de Abril de 1974, mas como o espaço era reduzido íamos para o CRP ou para a SFUAP. Nas Barrocas as sessões eram mais entre os estudantes mas também vinha gente de fora assistir. Eram sessões politizadas e ideológicas.

Lembro-me também de se ter realizado um convívio na SFUAP com a colaboração das Escolas e, de ser interrompido pela GNR, obrigando as pessoas a sair de imediato. Sempre que havia meia dúzia de pessoas juntas, era motivo para este tipo de intervenções. Havia alguma perseguição política e muita repressão desde sempre. Lembro-me até da GNR entrar na Emídio e carregar sobre os alunos, ainda muito jovens. Foi durante a candidatura de Humberto Delgado.

O meu percurso escolar foi variado. A escola pré-primária que frequentei situava-se no Pátio dos Ciganos, onde se encontra hoje a Caixa Geral de Depósitos. Não frequentei a pré-primária do Desportivo, não sei porquê, talvez porque o meu pai não era sócio. Posteriormente frequentei a Escola António José Gomes que hoje está fechada, frequentei a EICA (Escola Industrial e Comercial de Almada) em 1957 e 1958,

depois passámos para a actual Emídio Navarro, onde frequentei o curso diurno e nocturno e também a Escola de Artes António Arroio, em Lisboa, esta última até ao chamamento para o serviço militar.

Quando se inaugurou o Estádio da Luz em 1954, a 1 de Dezembro, o Jacinto Marques, o internacional do Benfica que era da Cova da Piedade, levou-nos a todos à inauguração, tinha eu 7 anos.

Entrei directamente para a primária com 6 anos, o meu pai “comprou-me” a idade. Para esse efeito tive que ser vacinado e fui ao Dr. Carvalho, que tinha a residência e o consultório naquela vivenda abandonada em frente ao jardim no Largo 5 de Outubro.

Quando o Dr. Carvalho faleceu, centenas de pessoas vieram prestar-lhe homenagem, era uma pessoa muito querida de todos. Foi o maior funeral que vi até hoje.



Cartão de sócio do C.D.C.P. de António Fontinha

Apesar da minha experiência como aluno ter sido interrompida, considero que as Escolas do Desportivo, nos seus diferentes períodos tiveram um papel relevante no percurso individual de muitas pessoas na Cova da Piedade.

Tal como o clube, a caminho dos 67 anos, também as Escolas continuam activas e faço votos para que ambos assim se mantenham por muitos anos.

QUERO SALIENTAR A VOSSA PERSISTÊNCIA EM MANTER A ESCOLA VIVA E ACTUANTE

Recordo com muita saudade os tempos em que frequentei as Escolas e mais tarde contribui com o meu apoio. Só por razões de saúde não posso continuar a dar assistência e contributo às Escolas do Desportivo.

Era um jovem assíduo nos bailes, festas e futebol. Confesso que me sentia um pouco inútil à sociedade mas graças ao meu encontro com o Mário Araújo tudo mudou na minha vida. Consegui diferenciar o válido do inútil. É um amigo que muito prezo.



António Reizinho

Recordo com muita saudade os tempos em que frequentei as Escolas e mais tarde contribui com o meu apoio. Só por razões de saúde não posso continuar a dar assistência e contributo às Escolas do Desportivo. Era um jovem assíduo nos bailes, festas e futebol. Confesso que me sentia um pouco inútil à sociedade mas graças ao meu encontro com o Mário Araújo tudo mudou na minha vida. Consegui diferenciar o válido do inútil. É um amigo que muito prezo.

Depois conheci o Gomercindo Carvalho, homem que nunca esquecerei, era filho de agricultores pobres, era um autodidacta que me transmitiu os seus conhecimentos resultando na transformação da minha vida. Falou-se em filósofos como Marx e Engels, fez-me ver as condições de exploração a que os nossos trabalhadores estavam sujeitos!

Não tenho dúvidas que o Gomercindo me formou e a muitos outros alunos que passaram pela Escola. Trabalhei com Mário Araújo no Arsenal do Alfeite. Fui sempre um operário competente e disciplinado.

Em 1967 fui preso. Comigo foram também o Gomercindo Carvalho e o Mário Araújo, dirigentes das Escolas.

Quando saí filiei-me no Partido Comunista Português e vivia na semi-clandestinidade com muito cuidado pois sabia que ao mais pequeno



Fonte: Arquivo da PIDE

deslize iria de novo para a prisão. Eu e o João Raimundo (que saiu ao mesmo tempo do que eu da prisão) nesta nossa vida de semi-clandestinidade estivemos em vários locais. Sendo perseguidos pela PIDE achei que deveria deixar o país e ir para França. Primeiro estive em Azeitão em casa de um grande amigo meu, depois fui para Algarve (Vila Real de Santo António). Foi então que uns familiares meus me levaram para Espanha. Aí decidi ir para França com uns amigos, porém, quando chego a Irun não pude continuar a viagem porque não levava documentos. Os meus amigos continuaram a viagem e eu fiquei ali sozinho a pensar como atravessaria a fronteira. À noite fui até ao pé do rio e então pensei que não seria difícil atravessá-lo. Assim logo pela manhã pus-me a caminho, mas verifiquei que não era assim tão fácil como pensava. Despi-me e pus a roupa à volta da cabeça, a meio da travessia a roupa caiu à água. Quando cheguei à outra margem (já em França) estava cheio de frio mas tive que vestir a roupa toda molhada, porque não tinha outra. Entrei num comboio cheio de imigrantes e a confusão era tal que até entrei pela janela. Foram eles que me deram de comer e de beber. Depois apanhei um autocarro.

Voltei para Portugal porque sabia que era preciso aqui. Para sobreviver fui fazendo pequenos trabalhos aqui e ali, porque não era admitido em nenhum local de emprego por causa do aviso da PIDE.

Formámos então uma Cooperativa Operária que estava legalizada, pois havia várias pessoas que não tinham processo na PIDE.

Entretanto dá-se o 25 de Abril e nessa altura já fui admitido na Lisnave.

Voltando à Escola na altura em que esta se desintegrou (1965) devido à fuga do Zé Cavaco, Amélia Pinto e António Santana para França, a Escola neste período difícil continuou a funcionar agora com o João Gentil e o Vítor Quaresma assumindo a sua Direcção.

Apesar de alguns problemas entre os dirigentes da Escola devido a algumas contradições do Gomercindo, nenhum deixou de apoiar a Escola. O Zé Cavaco e o Mário Araújo tinham uma grande admiração pelo Gomercindo. Ainda hoje é o Mário que cuida da Campa do Gomercindo. É certo que não quero aqui endeusar a figura do Gomercindo de Carvalho, mas acho que estamos todos de acordo quando digo que ele foi um pilar muito forte das Escolas do Desportivo.

Houve eventos em que tivemos a presença de vários intelectuais tais como Sérgio Ribeiro, Almeida Faria, Fernando Lopes Graça, Ferreira de Castro, Alves Redol entre outros.

Há, infelizmente, uma publicação editada pela Câmara Municipal de Almada, sobre resistentes antifascistas, que deixam um testemunho errado daqueles tempos. Lamento que

nessa publicação estejam citados nomes, que no meu entender, não deveriam lá estar, enquanto há outros que não são mencionadas e que lá deveriam constar.

Quero salientar a vossa persistência em manter a Escola viva e actuante. Reconheço a solidariedade dos professores que, sem qualquer remuneração, estão ali para transmitir e partilharem os seus conhecimentos para poderem mudar mentalidades e tornar a nossa sociedade mais solidária e fraterna.

“ Voltei para Portugal porque sabia que era preciso aqui. Para sobreviver fui fazendo pequenos trabalhos aqui e ali, porque não era admitido em nenhum local de emprego por causa do aviso da PIDE.”



António Santana Alho

A ESCOLA ABRIU MUITOS HORIZONTES

Nasci em Mértola em 1933. Vim para a Cova da Piedade com 20 anos, para iniciar a tropa em Lisboa. Nunca tinha saído para longe da minha terra, só quando jogava futebol é que fui a Beja. Íamos também a Alcoutim, mas de barco, pois ainda não havia estrada para o Algarve, íamos no “gasolinas” que ainda lá está. Quando desembarquei aqui em Cacilhas, com aquelas luzes todas foi um deslumbramento!

Primero veio o meu pai com o meu irmão para a Cova da Piedade. O meu irmão era serralheiro civil e foi trabalhar para uma empresa em Lisboa. Depois veio para a Lisnave, tendo sido da sua fundação. A seguir vim eu para a tropa e depois veio a minha mãe. As minhas duas irmãs vieram por último. Fisicamente não pareceria que eu pudesse ficar na tropa, mas como era de Farmácia fiquei e passei a integrar a Companhia de Saúde. Fui para a Graça, depois para a Estrela tirar um curso de Enfermagem. Fiz o resto da tropa na base do Montijo, porque fizemos um levantamento de rancho e o resultado foi que nos separaram todos. Fui para o Montijo, para a aviação, para uma situação melhor felizmente, tendo sido militar durante quase três anos.

Quando saí da tropa fui trabalhar para a farmácia Barral na Baixa, em Lisboa, onde estive um ano. Depois destacaram-me para ir abrir uma farmácia na Avenida de Berna, a Farmácia Fátima, quase em frente à igreja da Nossa Senhora de Fátima. Estive a montar a farmácia por conta da Barral. No final a directora da farmácia convidou-me para ficar lá, e fiquei como técnico de farmácia, durante sete anos. A seguir vim abrir a farmácia Rainha Santa, aqui na Cova da Piedade, não é no local onde é hoje, era mais acima. Estive lá mais ou menos 3 anos, até 1967, ou seja, o ano em que tive de fugir para França.

O meu primeiro contacto com as Escolas começou na Cooperativa onde costumava ir. Em 1963, tinha eu 30 anos, fui ao cinema à Cooperativa e estava lá com o José Alves, que esteve preso muitos anos. Falava muito com ele, aliás sou cunhado de um irmão dele e ele sabia as minhas convicções políticas. O José Alves estava ligado aos problemas associativos e foi ele que me apresentou o fundador das Escolas, o Gomercindo Carvalho. Foi nesta altura que me convidou para assistir aos cursos nocturnos das Escolas que comecei a frequentar. Foi imediatamente depois do final das sessões de esclarecimento que o Gomercindo dava na Cooperativa, que foram proibidas devido à pressão da polícia política.

“ O meu primeiro contacto com as Escolas começou na Cooperativa onde costumava ir. Em 1963, tinha eu 30 anos, fui ao cinema à Cooperativa e estava lá o José Alves, que esteve preso muitos anos.”

Assim, o Gomercindo, e mais umas pessoas, começaram a dar aulas na Escola das Barrocas que pertencia ao Desportivo da Cova da Piedade.

Em 1965 começaram as Sessões de Cultura Geral às quartas-feiras, bem como as outras disciplinas durante o resto da semana. Nesses dias o espaço enchia-se, eram sessões muito movimentadas, iam muitas pessoas assistir. Passaram por aqui muitas figuras conhecidas, intelectuais que vinham sobretudo de Lisboa. Lembro-me de alguns nomes: Ferreira de Castro, Romeu Correia, Alves Redol, actor Rogério Paulo e tantos outros que agora não me lembro.

O meu contacto como aluno foi durante 2 ou 3 anos, depois fui convidado a substituir os professores que faltavam e assim comecei a ajudar nas aulas de português do 1º ciclo, a partir de 1965. Havia duas salas: uma levava 50 alunos e a outra 40. As pessoas das quartas-feiras não se poderia dizer que fossem alunos. Aliás, os alunos das outras disciplinas não frequentavam as aulas das quartas-feiras, evitavam ir, com medo, pois havia a possibilidade de lá estarem “pides”.

Quando voltei de França, em 1969 onde estive durante 3 anos, comecei a dar aulas de francês, tendo deixado de o fazer pouco depois do 25 de Abril. Eu, e outros, saímos porque tínhamos outras tarefas a desempenhar na comunidade e também já não se justificavam muito as aulas.

Como a Escola tinha um cariz político, naquela altura em 1974, pode-se dizer que perdeu a parte da sua importância no sentido em que as aulas eram locais privilegiados para ensinar e transmitir conhecimentos diferentes do ensino corrente oficial, e não nos podemos esquecer que no ensino geral não havia aulas à noite, bem como locais em que se podiam fazer passar mensagens e informação política que, de outro modo, seria impossível. As aulas eram também uma cobertura para se falar de política. O Gomercindo conseguiu transmitir muito bem as mensagens que pretendia. Conseguia falar de política, sobretudo nas aulas de História, e fazia-o muito bem, aproveitava para falar do regime e de Salazar, sem dizer nomes, claro!

Ele conseguiu muitos militantes para o Partido Comunista, eu próprio sou exemplo disso. Havia pessoas infiltradas que sabíamos mais ou menos quem eram, não podíamos agir, tentávamos não colaborar muito com eles. Na altura

havia um conjunto de pessoas, éramos 15, que estávamos predispostas a ser filiadas no partido.

Com o 25 de abril esta necessidade de encobrir a partilha da informação deixou de ter sentido. As aulas de cultura geral ainda tiveram muita importância no período após o 25 de Abril. O Gomercindo ainda continuou a dar aulas, pois havia muita confusão sobre o que se tinha passado e o que se estava a passar, mas as aulas de apoio das várias disciplinas continuaram. Estive lá até 1975 aproximadamente. A tarefa da escola foi mobilizar o maior número de pessoas. Era a única via onde o regime fascista, deixava passar algumas mensagens. As Escolas formaram cívica, social e politicamente muita gente que hoje detém cargos importantes no Concelho. Teve um papel preponderante na altura. As Escolas continuaram mas com outro rumo. Para ensinar francês, português ou o 1º ciclo havia escolas normais. Na altura não havia nada e claro que nós aproveitamos para transmitir a nossa orientação. Mas não era fácil porque a PIDE andava em cima.

A PIDE conseguiu apelidar a escola como “a escola do fuge à mãe”, para dar a entender que as moças que não queriam ficar em casa à noite, iam às aulas. Espalhou-se a fama de que na escola se poderiam *aproveitar* das raparigas. Na década de sessenta, era complicado, ficavam com má fama, o que era prejudicial para a escola e para elas. As aulas começavam às 20:30h até às 23:00h e depois ficávamos lá nas cantorias. A cantar o Zeca, o Adriano, as músicas de intervenção eram proibidas. O Zeca não veio às Escolas mas foi à Cooperativa.

A Escola abriu muitos horizontes. Na altura não se tinha acesso à informação, ninguém comprava jornais, mesmo sendo difícil era mais fácil captar a atenção das pessoas do que hoje em dia.

A ESCOLA, CHAMÁVAMOS-LHE ASSIM, COMO ENTIDADE MAIOR E RESPEITÁVEL

As Escolas do Desportivo da Cova da Piedade, marcaram a minha infância e juventude. O meu ensino pré-escolar, foi na Rua das Salgadeiras, com a professora D. Suzana. Lembro-me ainda de algumas das minhas diabruras e de outros encantamentos.



Celeste Mesquita

Mais tarde (1965) na minha adolescência comecei a frequentar as sessões de Cultura Geral, então orientadas pelo Gomerindo Carvalho, na rua das Barrocas, às quartas-feiras e na biblioteca da Cooperativa Piedense, organizavam-se debates sobre diferentes temas, com intelectuais conhecidos.

A ESCOLA, chamávamos-lhe assim, como entidade maior e respeitável, foi uma das responsáveis pela minha formação pessoal, intelectual e emocional. Lá cresci e me tornei adulta. Lá conheci o meu companheiro de toda a vida.

A ESCOLA leccionava o curso geral dos liceus (correspondendo ao actual 9º ano). Na época, não havia liceus públicos nocturnos, somente em escolas privadas, que se faziam pagar bem. O corpo docente trabalhava gratuitamente.

Tudo corria bem, eu era uma ouvinte, nas aulas de Cultura Geral, ávida de ensinamentos, num tempo em que estes eram recusados e bem escassos. Nessa época frequentava a Escola Emídio Navarro.

Os tentáculos da polícia secreta do Estado (PIDE) sentiam-se em todos os lados e aconteceu o inevitável, por volta de 1967, foram presos muitos dos camaradas e outros deram o “salto” para outros países. A ESCOLA ficara esvaziada de professores. Alguns de nós, mais ou menos experientes, assumiram a convicção de que o projecto das escolas nocturnas e as aulas de Cultura Geral, tinham que continuar. Foi constituída uma comissão para desenvolver contactos, da qual cito alguns nomes: Marcos Antunes, Moura, Gentil, a Rosa Leonor, Quaresma, Gilberto, eu e outros que porventura não me lembro. Havia que constituir o novo corpo docente.

Abordaram-se várias pessoas. Lembro-me de ter contactado o Carlos Alberto (Ferraz), na altura na Faculdade de Arquitectura, para leccionar a cadeira de Desenho, que me sugeriu o nome do Manuel Nobre, que iniciava os estudos de Economia no ISCEF. Assim, telefonei-lhe e de imediato aceitou, passando a reger a cadeira de Português. A prima, Maria Antónia Godinho, ficou com a cadeira de Inglês, a Rosa Leonor com a cadeira de Francês, o Marcos Antunes com a de Matemática, o Gentil com História, eu com Ciências e juntou-se, mais tarde, o Tertuliano Batista, o Jerónimo Martins (estudante, creio eu em Direito), a Nina (Eurídice Cruz) e tantos outros. A equipa estava constituída, o ano lectivo 1967/68 começara, em pleno, a 3 de Outubro.

As aulas de Cultura Geral também estavam programadas. Assim, muitos intelectuais foram contactados para fazer conferências, palestras, debates... por ali passaram nessa época, Sérgio Ribeiro, Carlos Carvalhas, Toussan, Mário Viegas e tantos outros (as).

Com a saída de Gomercindo Carvalho da prisão, voltou-se às sessões programadas sobre diferentes temas: Economia, Filosofia, Cidadania, Religião... debatendo-se ideias sobre a emigração, a saúde, as questões morais e éticas, a arte, a condição da mulher... normalmente acompanhadas com a publicação de um boletim interno não periódico denominado “CULTURA”.

“ **A ESCOLA
ficara
esvaziada de
professores. Alguns
de nós, mais ou
menos experientes,
assumiram a
convicção de que o
projecto das escolas
nocturnas e as aulas
de Cultura Geral,
tinham que
continuar.”**

Posteriormente, na Rua das Salgadeiras, introduziram-se os cursos de Alfabetização, coordenados pelo António Santana e um conjunto de companheiros.

Não era fácil, nessa época, para as mulheres que frequentavam a ESCOLA, sobreviverem às pressões externas pela condição de serem mulheres e de lhes estarem “socialmente vedadas” as saídas nocturnas a não ser acompanhadas pelo marido ou pelo pai. Acresce ainda, que o ensino e o saber, era matéria dos homens. Surgem os

boatos e as intrigas fomentadas por gente do regime, defensores do ignorantismo, que eram espalhadas involuntariamente por anónimos. Expressões como por exemplo a “universidade foge à mãe”, serviam para denegrir a ESCOLA e sustentavam as proibições de alguns relativamente às companheiras ou às filhas. Felizmente, dezenas e dezenas de mulheres, conseguiram melhorar a sua formação escolar, cultural e intelectual, permitindo-lhes uma realização profissional e uma vida mais digna e consciente.

Devo dizer que, durante mais de uma década, a minha família foi estando envolvida com o projecto ESCOLAS, em tempos diferentes ou coincidentes – a minha mãe, frequentou o curso de alfabetização, em 1972 o meu irmão mais velho começa a leccionar, o meu pai a dirigir as pré-primárias acompanhado da minha cunhada como tesoureira.

Foi um tempo vivido pleno de convivências, de alegrias, empenhos, também de tristezas e angústias, que cimentaram laços fraternos, que ainda hoje ao fim de quase 40 anos, subsistem em toda a ternura das memórias.

PARTICIPAVA NA ORGANIZAÇÃO DAS INICIATIVAS CULTURAIS DA COOPERATIVA E DAS ESCOLAS DO DESPORTIVO

Frequentei as Escolas do Desportivo como aluno, mas nem cheguei a fazer o primeiro ciclo. Andei na Escola Machado de Castro, um ano se tanto mas também não fiz nada. Mas tendo em conta a época tenho uma quarta classe muito bem feita, naquela altura. Cheguei às “aulas de cultura geral” do Desportivo na Rua das Salgadeiras pela mão do Jaime de Oliveira que se apercebeu, após uma conversa, do meu interesse pela cultura.



Fernando Cid Simões

Na Escola Pré-primária da Rua das Salgadeiras deparei-me com um “mestre” frente a uma assembleia de adultos que dificilmente se mantinham sentados em carteiras destinadas a crianças da pré-primária que delas se serviam durante o dia. Interessei-me pelo trabalho ali realizado e verifiquei que os temas tratados abrangiam um amplo leque de conhecimentos que despertavam interesse e eram facilmente assimilados graças também ao modo como eram expostos.

O Gomercindo Carvalho tinha tanto de pedagogo como de mentor. Eu já nessa época tinha lido os “Princípios Elementares de Filosofia de Georges Politzer” que me deixara a certeza de que os conhecimentos que ia adquirindo, passados à prática seriam aferidos e reforçados. Acreditava, como hoje continuo a acreditar, que os conhecimentos são imprescindíveis mas que só por si não passam de instrumentos, não são cultura. Assim, encontrei na actividade em que me acabava de integrar o laboratório onde poderia começar a pôr em prática o que aprendera, participando com muito entusiasmo, embora procurando passar despercebido dado que, não residindo nem tendo vida social na Cova da Piedade, era um desconhecido para a quase totalidade dos que frequentavam a “escola”.

Participando nas discussões, timidamente fui dando algumas sugestões para que a cultura e com ela o sentir conquistassem o seu lugar. Assim, começámos por convidar o escritor Almeida Faria para nos falar do seu primeiro e premiado livro “Rumor Branco”, convite que o escritor ainda hoje recorda com emoção. E porque a iniciativa foi muito bem aceite organizámos uma primeira ida colectiva ao Cinema Império, onde o Teatro Moderno de Lisboa representava “O tinteiro” de Carlos Muñiz (lembro-me de ter comprado 67 entradas e de me terem pedido para não aplaudirmos muito porque podiam proibir a representação). Na sequência dessa nossa ida ao teatro, convidámos o actor Fernando Gusmão para nos falar da peça a que havíamos assistido. Depois chegámos a ir ao Coliseu dos Recreios para ouvir a ópera “Carmen” de Bizet e também foi uma iniciativa bem aceite. Voltámos ao teatro para outros espectáculos e continuámos com outras iniciativas. Levámos o pintor Lima de Freitas que expôs a sua obra no salão do café da Cooperativa. E diziam: - Porque é que se vai fazer uma exposição de pintura? Ninguém vai ver. E digo eu: - Então não vai ver porquê? Então expusemos as telas do Lima de Freitas, depois com uns vasinhos à volta, com uma corda a criar barreira e as pessoas iam ver, tomavam café e conversavam sobre pintura. Era assim, a cultura tem que ir ao encontro das pessoas. Uma pessoa que nunca foi a um museu, não se sente à vontade. Mas se estiver com os amigos, aí vê e fala sobre pintura. Depois também tivemos o Óscar Lopes que nos disse uma frase que eu não esqueci: “As palavras são armas” e também “se as pessoas não compreendem o que eu estou a dizer, eu é que não me fiz entender”. E as palavras eram armas. Porque as “aulas de cultura geral” do Desportivo tinham como objectivo divulgar conhecimentos e cultura pelos trabalhadores com dificuldade de acesso a este bem libertador, e porque a Cultura não é neutra nem inócua, onde quer que surgisse um vislumbre de actividade cultural suspeitava-se que por lá rondassem os “perigosos” comunistas e, claro, era de prever que por ínvios meios a polícia política seguisse de perto tão “perigosa” actividade. Normalmente as pessoas que assistiam as estas iniciativas semanais eram na sua grande maioria gente de trabalho e quando as presenças por vezes desciam sentia-se algum desconforto. Não sei de quem partiu a meritória iniciativa de ajudar (dar explicações gratuitas) a preparar alunos a se apresentarem aos exames liceais, sei que por arrasto as aulas de cultura geral adquiriram uma nova dinâmica. Esta iniciativa, tendo em conta as circunstâncias sociais e políticas em que nos

“ Era assim, a cultura tem que ir ao encontro das pessoas. Uma pessoa que nunca foi a um museu, se o museu não for ter com ela, não vai. Mas se estiver com os amigos, aí vê e fala sobre a pintura.”

movimentávamos, dá uma bela imagem de como os trabalhadores se podem organizar emancipando-se cultural e intelectualmente. Mas em dado momento houve mesmo aventureirismo por parte do Gomercindo: queria fazer sessões culturais de marxismo-leninismo com o que eu não estive de acordo e acabei por me retirar do Desportivo e virar a minha actividade cultural agora na Comissão Cultural da Cooperativa Piedense, dando ao mesmo tempo todo o apoio à Escola do Desportivo quer na compra de livros (que antes de serem editados já se previa serem proibidos) ou incluindo o Desportivo em actividades culturais como as comemorações dos cinquenta anos da actividade literária de Ferreira de Castro. Reafirmo

que todo este arrumar da história não retira o mérito a todos os que dando de si o seu melhor tropeçaram, se levantaram e determinados continuam a caminhada. A Escola do Desportivo, repito, é das iniciativas mais bonitas de que tenho conhecimento das actividades culturais realizadas para trabalhadores. Actividades que não devemos esquecer nestes tempos conturbados em que vivemos por não sabermos se com outros instrumentos, mas com a mesma intenção libertadora, delas não nos teremos que socorrer. Quando um dia se escrever sobre a actividade da Comissão Cultural da Cooperativa Piedense na década de sessenta, um dos períodos mais agressivos da ditadura, não podemos esquecer a exposição de pintura de Lima de Freitas e a conferência por ele proferida, exposição e conferência do melhor que se fazia a nível nacional com a inusitada relevância de ser realizada num café e para trabalhadores. Também não pode ser esquecida a sessão de poesia com o Armando Caldas e o Correia da Fonseca onde a emoção levou às lágrimas. E na sequência desta iniciativa o convite a Gastão Cruz. Sempre com o café superlotado, por lá passaram Carlos Paredes, Fernando Alvim, Toussant e muitos outros que connosco cooperaram. Foi um tempo de transformação cultural.

Sabia-se que a PIDE estava presente na Cooperativa e na Escola, mas não se sabia quem eram os seus elementos. Depois do 25 de Abril alguns foram presos e os jornais publicaram as fotografias. Só assim vim a saber. Note-se que eu não tinha uma vida social na Cova da Piedade, não morava lá e trabalhava por turnos em Lisboa. Mas um dia quiseram-me agarrar. Não esperei mais, fugi para França, onde me mantive exilado, e só regressei depois do 25 de Abril.

É SEM DÚVIDA UMA ORGANIZAÇÃO A QUEM MUITO DEVO

Gilberto Henrique Rita da Silva, 73 anos, escriturário, reformado, natural de Burgau, Freguesia de Budens, Vila do Bispo, residente na Quinta da Queimada, Corroios.



Gilberto Silva

Depois de ter ingressado na Marinha em 1960, fiz os cursos internos correspondentes, de 1960 a 1962 inerentes à minha função de escriturário. Em 1962, ou 1963, aproximadamente, estava aqui na Base do Alfeite quando fui estudar para uma instituição particular e num só ano fiz o 1º e 2º anos do 1º ciclo. Entretanto, em 1964, fui destacado pela Marinha para Lisboa e, com o intuito de completar o 2º ciclo (antigo 3º, 4º e 5º anos) matriculei-me em Lisboa num liceu particular. Como tinha bastante dificuldade em pagar as aulas, já que ganhava apenas 800\$00 por mês, surgiu-me a oportunidade (através de um colega da Marinha) de vir estudar para as Escolas do Desportivo da Cova da Piedade. Fui assistir a uma aula à Rua das Salgadeiras sobre cultura geral, foi dada pelo Gomerindo Carvalho, encheu-me as medidas e de imediato me inscrevi como sócio do Clube Desportivo da Cova da Piedade, passando a frequentar as aulas com maior assiduidade.

Vivia na Marinha e como não tinha cá família, aluguei um quarto junto ao Hospital Particular de Almada. Era um quarto com condições muito precárias, mas a vontade de estar perto das Escolas do Desportivo sobrepunha-se. Mais tarde, consegui um quarto com melhores condições no Pombal. Na época de 1965/1966 fiz algumas disciplinas do 5º ano: Matemática, Português, Francês e Inglês, mas acabei por não ir a exame porque não estava bem preparado. A minha relação com as Escolas, desenvolveu-se mais em torno das

“ **Algumas
pessoas
matriculavam-se
apenas porque
queriam fazer o
Curso, havia outros
que aderiam
sobretudo pelas
sessões semanais de
cultura geral.
Chegaram a juntar-
se quase trezentas
pessoas nas
Barrocas.”**

questões políticas para as quais éramos despertados nas sessões de cultura geral que se realizavam uma vez por semana. Em 1967 comecei a estreitar os laços de amizade e a colaborar com os professores e com todos aqueles que tinham preponderância no desenvolvimento e na organização das Escolas, como foram os casos do José Cavaco e do Gomercindo Carvalho. Para além da matéria das disciplinas fui aprendendo outros temas de cultura

geral, comecei a ter um contacto mais estreito com a política e a sentir-me desperto para certas lutas que se desenvolviam na altura. Havia a guerra do Vietname e faziam-se manifestações contra essa guerra junto à embaixada dos Estados Unidos nas quais participei e onde fui repellido pela Polícia de choque.

As Escolas do Desportivo realizavam inúmeras iniciativas culturais convidando indivíduos progressistas que participavam em palestras, isto já nas instalações das Barrocas. Traziam muitas pessoas de diferentes áreas culturais, da música, das letras e isso encantava-nos. A política surgia naturalmente porque o regime bloqueava certas formas de expressão e as Escolas pelo contrário promoviam a sua veiculação.

Algumas pessoas matriculavam-se apenas porque queriam fazer o Curso, havia outros que aderiam sobretudo pelas sessões semanais de cultura geral. Chegaram a juntar-se quase trezentas pessoas nas Barrocas.

Entretanto, fui convidado pelo Gomercindo Carvalho a participar nos Quadros do Partido Comunista, isto antes ainda do Mário Araújo e do Gomercindo serem presos. Comecei a ter algumas exigências específicas de comportamento e é aqui que, pelo meu maior envolvimento e apego à actividade política e às tarefas de ordem secreta a ela inerentes, me começo a desligar dos estudos. Os meus amigos da escola não sabiam que eu era membro do Partido, olhávamo-nos todos como democratas mas por vezes éramos filiados sem que se soubesse, tal como nem sempre se sabia que pertencia à PIDE. Tinha muitas reuniões em Setúbal e através da consulta aos arquivos da Torre do Tombo, fiquei a saber que havia um indivíduo que informava a PIDE através de relatórios regulares.

As Escolas tornaram-se muito vigiadas e em 1967 dão-se as prisões de alguns dos seus elementos. Mais tarde, em Janeiro de 1970, como eu estava ligado ao Movimento Democrático e ao Partido Comunista, acabo por ser detido. Fui preso numa terça-feira e estive até domingo a ser vítima da tortura do sono, sendo depois levado para o Forte de Caxias. O advogado do meu julgamento foi o Dr. Jorge Sampaio, que pouco ou

nada pôde fazer por mim, obviamente.

A minha mulher, uma rapariga que havia conhecido na Cooperativa, na altura minha namorada, apoiou-me muito durante esse período e constituiu o meu elo de ligação com o exterior. Foi graças ao apoio dela que consegui estudar na prisão e completar o 5º ano, tendo sido examinado por professores que lá se deslocaram, sempre na presença de um guarda prisional.

Relativamente ao contacto com os elementos das Escolas, posso referir que ainda me cheguei a encontrar com o Gomercindo na prisão e, algum tempo depois já em liberdade, em 1972, o Gomercindo apresentou-me a seguinte proposta: convidou-me para participar com ele, na formação de uma organização nova, com uma linha de pensamento que divergia um pouco da corrente política do Partido. Segundo ele, alguns dirigentes do Partido não estariam à altura da função que desempenhavam, por falta de formação ideológica, por não terem bases filosóficas, sociológicas, etc. O Gomercindo queria formar uma corrente mais intelectual, discordei dessa proposta e mantive-me fiel às minhas ideologias de base.

Se não tivesse vindo para as Escolas do Desportivo, talvez não tivesse ingressado na vida política como de facto aconteceu. Só despertei para a situação política e social que o nosso país vivia nessa altura a partir do momento em que as Escolas do Desportivo me capacitaram da bagagem e do incentivo necessários para tal.

Abriram-me os horizontes em duas vertentes: no conhecimento e na política e ajudaram-me também a desenvolver a minha capacidade de falar em público e a desinibir-me. É sem dúvida uma organização a quem muito devo. Gostaria também de realçar o papel extraordinário que o José Cavaco teve e tem tido desde sempre à frente das Escolas e jamais esquecerei o que muito aprendi com ele.

PROCURÁVAMOS COISAS NOVAS NA LITERATURA, NO TEATRO, NO CINEMA E ATÉ NA ÓPERA

Frequentava a Cooperativa e, a dada altura, apareceu o Gomerindo que eu não conhecia de lado nenhum. Veio para a Cova da Piedade, fez-se sócio e ficou encantado porque encontrou uma colectividade que, a par da actividade comercial cooperativa, tinha actividade educativa, recreativa, uma actividade sem fins lucrativos.



Jaime Oliveira

O Gomerindo estava já ligado ao cooperativismo. Tinha sido formado naquilo que lia e ficava apaixonado, era um observador de tudo o que lia. Ele era um cooperativista por causa do António Sérgio. Eu não percebia nada daquilo mas lembro-me do Dr. Malheiro que era Marxista e dos debates e conversas com o Gomerindo. Nalguns casos, não foram muito agradáveis porque cada um defendia a sua ideia e ficou provado que o Gomerindo era um *Sérgiano* e por isso se interessou pela Cooperativa porque tinha uma biblioteca aberta e uma Comissão Cultural. Aquilo não cresceu logo com aquela malta toda, começou a crescer com pessoas a gostar daquilo porque eram coisas novas.

Comecei a frequentar os cursos de Cultura Geral que o Gomerindo Carvalho dava na Cooperativa, o que levantou um certo problema - é a ideia que eu tenho - porque houve da parte da Direcção da Cooperativa alguma resistência. Era uma época de grandes transformações, década de 60 em que tudo aconteceu no mundo, houve um interesse muito grande das massas, de pessoas como nós que nem sequer tínhamos despertado para esta actividade

simultânea, política e cultural. Nós éramos do grupo que ora andava no jardim, ora ia aos bailaricos. Neste caso foi quase iniciação, já era casado mas não tinha despertado para estas coisas. Havia alguns elementos que já tinham participado politicamente, como são os casos do Reizinho, do Raúl Cordeiro, do Victor Costa e do João Raimundo.

As Escolas não aparecem aqui na Piedade como pioneiras. Havia já as bibliotecas das colectividades e da Cooperativa que funcionavam e era lá que íamos buscar os livros que não se encontravam no mercado. Apesar da ditadura no Brasil, vinham de lá livros sobre o Socialismo que todos queriam ler.

As pessoas não tinham livros em casa, normalmente eram trabalhadores que não tinham a cultura da leitura nem de outras actividades e por isso íamos às bibliotecas. A política estava também metida nisto. É preciso notar que a política na Cova da Piedade existia há muitos anos, era reprimida mas existia. Havia pessoas que tinham sido presas, desterradas para o Tarrafal e para Timor como o caso de um vizinho meu que morreu por lá.

Se lermos a história com atenção, vemos que a história Portuguesa não é assim tão pacífica. O povo Português não é assim tão pacífico. Somos conforme as conjunturas e aquilo que acontece na actualidade vem do passado. É o seguimento de toda a transformação do pós-guerra que trás uma ideia de transformação. O mundo não está parado, está sempre a evoluir.

Nas aulas de Cultura Geral, ainda na Cooperativa, falava-se de tudo, de teatro, cinema, sobre isto, sobre aquilo. As pessoas começavam a interessar-se pelos livros, pelos discos, pelos filmes. Começámos a ir ao cinema e a estudar o cinema.

Entretanto, aparece um grupo de malta nova, com novas ideias e há um litígio entre a Direcção e a Comissão Cultural. A Direcção ficou muito assustada com as ideias da malta nova - acontece em todas as colectividades - até que levou a uma Assembleia Geral na Cooperativa, onde é decidida a expulsão do Gomercindo. Acho que quem presidiu a essa assembleia foi o Fernando Brito Mateus e cessou ali a actividade daquele grupo na Cooperativa, que ficou impedido de utilizar as instalações e continuar com aquele programa.

O grupo já era numeroso e estava disposto a dar continuidade mas faltava-lhe o espaço. O Manuel José, o Jorge da *Mecânica Piedense* e o Mário Rodrigues que estavam no Desportivo e editavam o “Boletim do

Desportivo”, perceberam que havia uma alternativa e fizeram com que a Direcção do Desportivo disponibilizasse as instalações onde já funcionava a pré-primária, tendo passado aquele grupo para a Rua das Salgadeiras e recomeçando aí as aulas de cultura geral às quartas-feiras.

Entretanto, conheci o Cid Simões que era funcionário da Marconi e apesar de não ter grandes estudos era uma pessoa culta e com iniciativa. O Cid veio morar para esta banda, fez uma casita na Cerieira – Sobreda e eu disse-lhe que tínhamos um grupo na Cova da Piedade onde se falava de cultura. Informei-o que o

Gomercindo era a pessoa que liderava e tinha uma grande capacidade de mobilização. Apesar de morar na Cerieira, o Cid que tinha um Citroen “dois cavalos” lá veio no carrinho e foi apresentado ao grupo.

O Cid interessou-se sempre por estas coisas, tinha muita facilidade em falar e em escrever. Integrou-se no grupo e deu um impulso grande à actividade a partir dali, conseguiu coisas muito giras. Outro dia estava a falar com ele pelo telefone e a lembrar-me daquilo, em todos as áreas apareceram os grandes escritores, os grandes pensadores, a economia era discutida por todas as pessoas convidadas, e isto começava a ter nome e até dava nome ao próprio clube.

O Almeida Faria que é um belíssimo escritor português que naquela altura era um jovem que escrevera o livro “O Rumor Branco”, um livro que ainda hoje é lido nas instituições e em todo o lado. Tinha uma escrita diferente,

era quase uma revolução na forma de escrever, tal e qual como o Saramago.

Não sei se foi o Cid ou o Gomercindo que perguntou: “– Quem é este escritor?” Como o Cid trabalhava em Lisboa entrou em contacto com o Almeida Faria e, ainda hoje são íntimos amigos. O Almeida Faria veio aqui pela primeira vez fazer a apresentação do livro. Começámos a trazer pessoas do teatro como o Fernando Gusmão que foi um grande encenador, grandes escritores como o Alexandre Babo e a Fernanda Lapa. Eram todos de esquerda, antifascistas e davam a cara.

Ainda me lembro de uma coisa gira. Houve um construtor que, como contrapartida, construiu um ringue que ampliou a actividade nas escolas pré-primárias nas Barrocas. O meu filho frequentou as Escolas Pré-primárias nas Salgadeiras dos 3 aos 6 anos e aquilo funcionava. As professoras não eram oficiais, sendo algumas delas vivas ainda hoje.

“ É preciso
notar que a
política na Cova da
Piedade existia há
muitos anos, era
reprimida mas
existia. Havia
pessoas que tinham
sido presas,
desterradas para o
Tarrafal e para
Timor como o caso
de um vizinho meu
que morreu por lá.”

“ Como o Cid Simões gostava muito de ópera, levou o grupo ao Coliseu que promovia sessões populares de ópera, que tinham sido apresentadas no São Carlos, e não é que a malta gostou daquilo à brava?”

No salão das Carochas, em Almada, havia uma espécie de Cineclube e uma vez fomos todos lá assistir a um filme que no final comentávamos.

O Cid foi mais longe, por exemplo: uma vez organizou-se uma visita ao Teatro Moderno, que foi talvez das melhores companhias de teatro independente que se formaram em Portugal na década de 60 onde estava a Carmen Dolores, o Rogério Paulo e o Armando Cortez entre outros. Era uma companhia extraordinária só que aquilo funcionava de manhã numa sala do Império. São os tais romantismos!

Como o Cid Simões gostava muito de ópera, levou o grupo ao Coliseu que promovia sessões populares de ópera, que tinham sido apresentadas no São Carlos, e não é que a malta gostou daquilo à brava? Acabámos por ir várias vezes. É evidente que ele escolhia aquelas óperas mais mediáticas, fomos ver a *La Traviata* de Verdi, uma do Bellini e outras.

A dada altura o Mário Viegas que ainda era um jovem, veio às Barrocas e aquilo encheu-se por completo. O actor chamou a atenção para o facto de os artistas não poderem trabalhar de borla porque era o seu modo de vida, o seu ganha-pão, apesar de ele saber que vinha gratuitamente. Aquilo caiu mal entre a malta...

Aconteceu certo dia quando estávamos a falar da guerra colonial, criticando o que estava a acontecer em África e na assistência estava um militar fardado. Quando nos demos conta, o militar estava contra os oficiais e sargentos porque não o deixavam matar. Havia pessoas que iam às sessões... por engano.

Eu intervinha, mas não tinha cargo nenhum. Aprendi muito, aprendi muita coisa com o Gomercindo e com o Cid. A certa altura houve um mal-entendido e o Cid foi afastado e pediram-me para ser eu a comunicar-lhe. Não me pareceu bem e disse a quem tinha que dizer. O Gomercindo não aceitava que outra pessoa lhe fizesse sombra. O culto da personalidade foi desenvolvido nele de uma maneira tal que começou a perceber que o Cid estava a ganhar influência. Ainda hoje tenho divergências com o Cid, mas reconheço que nas coisas que ele organizou, não se punha em bicos de pés para aparecer.

Naquela altura, porque havia eleições na Cooperativa, deu-se a oportunidade e eu fui para a Assembleia Geral, o Cid foi para a Comissão Cultural e começaram-se a desenvolver actividades. Até houve um padre progressista que ia dar palestras e conferências. O Lima de Freitas fez lá uma exposição, ainda não era considerado o grande pintor que veio a ser. Havia sessões de poesia, lideradas por grandes poetas. Havia um grupo de poetas novos liderados pelo Gastão Cruz, o Rui Belo, a Teresa Horta, o Tossant que tinha uma força enorme a dizer poesia, mas também noutras áreas como o Carlos Paredes, o Fernando Alvim, o Eduardo Gajeiro, o Augusto Cabrita, o Igrejas Caeiro e o Ferreira de Castro que na mesma altura também visitaram as Escolas do Desportivo.

Aconteceu muita coisa, que ao fim de 50 anos, não posso recordar com precisão e que guardo só para mim. Umhas não são boas recordações, mas a maioria são boas e por isso deixo aqui o meu testemunho.

AS PAPOILAS BROTARAM AINDA EM MAIOR PROFUSÃO

Junho de 1967 – A PIDE pensa que deu a machadada final nas Escolas do Desportivo, na Cultura Geral e nos Cursos de Liceu. Foram presas pessoas determinantes para a continuidade do Projecto, outros fugiram para França. Foram presos: António Reizinho, Gomercindo Carvalho e Mário Araújo; para França foram: José Cavaco e Céu Cavaco; António Santana e Amélia Pinto (Mélita), Dulcília e Cid Simões. Foi um golpe tremendo nas Escolas, quer do ponto de vista psicológico, quer quanto aos professores.



João Gentil

Mas as Escolas tinham criado forças capazes de voltarem a levantar os Cursos. Conhecedores do Projecto e com responsabilidades no seu desenvolvimento ficaram: João Gentil, Albino Quaresma, Manuel Casaca, Numítor Couto, Gilberto Silva (que tinha sido aconselhado a afastar-se porque a PIDE o perseguia) e poucos mais. Mas tornava-se imperioso colocar de novo o Projecto a funcionar, sem alterações de fundo à sua filosofia.

João Gentil, aluno das Escolas e membro da Comissão de Direcção, dá início à constituição de um novo “núcleo duro” e reúne com Albino Quaresma, no terraço da Cooperativa Piedense. Houve algumas hesitações por parte deste amigo, sobretudo porque pensava que já era impossível voltar a pôr de pé o Projecto. João Gentil insiste e pede-lhe para convidar o irmão, Victor Quaresma, para uma segunda reunião, mas este também é ainda mais céptico, diz que é irrealista, mas disponibilizou-se para participar. Faz-se outro contacto, agora com Marcos Antunes, que demonstra disponibilidade total, até com um certo carinho pelo Projecto.

Em nova reunião apresentam-se outros nomes para abordagem. A proposta é aceite e são contactados: Rosa Leonor, Celeste Mesquita, o

“É bom dizer que na primeira aula tremia e gaguejava um pouco, mas os amigos e colegas de disciplina sossegaram e encorajaram o homem.”

namorado Manuel Nobre e ainda o marinheiro António Silva, o Artur Neves e o Coelho. Convidámos o Dr. Malheiro da Silva para os cursos de cultura geral. O Gilberto contactou outros dois marinheiros, o Margato e o Curioso. O núcleo duro – Comissão de Direcção – era restrito: Gentil, Albino, Victor, Marcos Antunes, Rosa Leonor e o Silva. Mais tarde participaram o Artur Neves e o Coelho.

A abordagem ao Dr. Malheiro é feita no seu consultório de dentista, no Laranjeiro, mostrando esta disponibilidade total e propondo-se ajudar, na altura considerada oportuna, convidando “pessoas idóneas e habilitadas a dar a Cultura Geral”. Manifesta, também e desde logo, interesse em “liderar” as Escolas.

O Projecto foi avançando com a máxima discrição, mas com muito empenho. Em finais de Agosto, princípio de Setembro, a Comissão reuniu nas dunas da Costa da Caparica, analisou o trabalho feito e preparou-se para a reabertura das aulas: Cultura Geral, e Liceu: 1º ciclo, e 2º ciclo, desta vez com Secção de Letras e também a Secção de Ciências. Entretanto o Dr. Malheiro anunciou o convite formulado a dois padres do Seminário de Almada. Houve reticências por parte de alguns elementos, desvanecidas parcialmente por Marcos Antunes e por João Gentil. Mais tarde verificou-se serem elementos muito válidos e excelentes colaboradores. A Rosa Leonor formulou o convite a uma amiga sua, licenciada em História, para leccionar a disciplina, o convite é aceite e temos finalmente os professores necessários para todas as disciplinas.

1º Ciclo: Português – Manuel Nobre
Francês – Rosa Leonor
Ciências – Celeste Mesquita
Matemática – Marcos Antunes
Desenho – Carlos Alberto

2º Ciclo: Português – Manuel Nobre
Francês – Rosa Leonor
Inglês – Eurídice Cruz (Nina)
História – João Gentil
Ciências Naturais – Celeste Mesquita
Físico-Química – Jerónimo Martins
Geografia – Tertuliano Baptista
Matemática – Marcos Antunes
Desenho – Carlos Alberto

Em Novembro o trabalho estava feito, e no dia normal de abertura das aulas, apareceram todos os alunos e participantes dos cursos das Escolas do ano anterior e ainda muitos outros que eles próprios tinham convidado. A PIDE ficou estupefacta, pensava ter cortado o Projecto pela raiz e... “as papoilas brotaram ainda em maior profusão”. Cerca de uma semana depois o Dr. Malheiro sugere a eleição da Comissão Directiva com a participação de todos os alunos. João Gentil alerta o núcleo fundador para os perigos de tal sugestão e propõe que o referido núcleo se mantenha na

Direcção e tenha a responsabilidade do Projecto em toda a sua amplitude, respeitando integralmente a filosofia inicial. A proposta é aceite. É de realçar o papel interventivo do marinheiro António Silva no combate à ideia da “democracia da eleição” do Dr. Malheiro.

Em fins de Novembro surge a primeira baixa no núcleo de professores: a professora de História, que estava grávida, teve que abandonar as aulas. Em reunião com os alunos dessa disciplina foi sugerido o nome do João Gentil para substituir a professora. Ele frequentava a Secção de Ciências, mas aceitou o desafio. É bom dizer que na primeira aula tremia e gaguejava um pouco, mas os amigos e colegas de disciplina sossegaram e encorajaram o homem. E substituíram-no pelo Numítor Couto aquando da sua fuga para França. Em Dezembro é preso o Albino Quaresma.

Alguns elementos do núcleo, poucos, vacilaram e entraram mesmo em pânico – A seguir vamos nós... – mas mais uma vez o Marcos Antunes e o João Gentil sossegaram as hostes.

Em Janeiro, a PIDE foi à Cooperativa Piedense para “oferecer umas férias” ao Gentil, que não aceitando a oferta, refugiou-se em casa de um amigo e 3 dias depois rumou para França. Soube ainda cá que prenderam mais outros anti-fascistas, mas ninguém das Escolas a qual prosseguiu a sua actividade até depois do 25 de Abril.

Para finalizar... quero dizer que estou disponível para dar todos os meus esclarecimentos e contributos e se necessário também ajudar no estudo do primeiro período das Escolas do Desportivo, que começaram na “casa mãe”, a Sociedade Cooperativa Piedense, aonde me fiz homem, muito lhe devo assim como às Escolas do Desportivo da Cova da Piedade, em suma ao Movimento Associativo Popular do Concelho de Almada.

A ESCOLA DO DESPORTIVO TEVE UM PAPEL MUITO IMPORTANTE QUER NO ENSINO QUER NA LUTA PELA LIBERDADE E PELA DEMOCRACIA

Chamo-me João Manuel Henriques Neves, nasci a 8 de Janeiro de 1955 e comecei a frequentar a Escola do Desportivo em 1970, tinha 15 anos. Nasci em Peniche mas fui morar para a Cova da Piedade em 1967. Comecei a trabalhar aos 11 anos, tive várias profissões, passei pela construção naval, nomeadamente na Lisnave. Participei no Movimento Associativo de Almada, fui eleito para o Congresso de Aveiro, do Movimento da Oposição Democrática em 1973. Após o 25 de Abril fui funcionário político, fiz os meus estudos na Escola do Desportivo e depois cheguei a fazer um Curso Superior. Fui professor do Ensino Secundário do qual estou agora reformado.



João Neves

A escola do Clube Desportivo da Cova da Piedade, conhecida por “Escola do Desportivo”, teve um papel muito importante, antes do 25 de Abril, na luta pela Liberdade e pela Democracia, assim como no dia 25 de Abril de 1974 e nos dias seguintes. A Escola funcionava em dois locais distintos, na Rua das Salgadeiras e na Estrada das Barrocas. As aulas acabaram por passar para as Barrocas porque tinha melhores condições. Nas Salgadeiras realizaram-se várias reuniões de operários metalúrgicos, em particular da construção naval (Companhia

Portuguesa de Pesca, Sociedade de Reparações de Navios, H. Parry & Son e Lisnave), reuniões que tinham como objectivos discutir os diferentes problemas da classe, estudar uma possível greve na Lisnave e preparar a apresentação de uma lista unitária para as eleições, do Sindicato dos Metalúrgicos de Almada, que se iriam realizar em 1974.

Aqui também se realizaram várias reuniões da oposição democrática, para discussão de diferentes assuntos, entre os quais a preparação do 3º Congresso da Oposição Democrática e a preparação das eleições de 1973, para a Assembleia Nacional.

Nas Barrocas onde funcionava a Escola, além de se prepararem os alunos para a realização dos exames, como auto propostos, havia a realização de debates sobre diferentes temas, desde económicos, sociais, filosóficos, culturais, políticos entre outros. Estes debates, que se realizavam às sextas-feiras, nas aulas de cultura geral, contribuíram em muito para a formação política e ideológica dos alunos e de outros participantes. A Escola contribuiu, assim, para trazer para a luta antifascista muitos dos seus alunos e participantes, entre os quais militares, particularmente da Marinha.

Em Almada, alguns dos resistentes antifascistas sabiam que estava em preparação um levantamento militar, de carácter progressista, mas não se sabia o dia do início da acção. Também se sabia que estava em preparação um possível golpe a ser desencadeado pelos militares ultra-fascistas, dirigidos pelo General Kaúlza de Arriaga. Perante estas informações, foi definido como orientação que devíamos estar junto dos trabalhadores, nas empresas, para apoiar, caso o golpe fosse progressista, ou iniciar a resistência, caso o golpe fosse ultra-fascista.

Tendo em consideração esta orientação, passei parte do dia 25 de Abril na Lisnave, onde trabalhava. Aí fomos acompanhando os acontecimentos, através da rádio. Verificámos o carácter progressista da acção militar, quer pelos comunicados emitidos, quer pela música de intervenção que estava a ser passada, com canções do Zeca Afonso, do Adriano Correia de Oliveira, do Zé Mário Branco, do Sérgio Godinho, entre outros. No interior da empresa a satisfação era enorme!

No final da tarde do dia 25 de Abril, quando saí da empresa, dirigi-me para a Escola do Desportivo, nas Barrocas, onde já se encontravam muitos dos resistentes antifascistas. Trocámos informações sobre o que se estava a passar e começámos a discutir o que fazer. Foi desde logo decidido o seguinte: 1 – Fazer um comunicado de apoio ao levantamento militar, e exigir que o mesmo contribuisse para atingir os objectivos pelos quais vínhamos a lutar. Na mudança de turno, na Lisnave, à uma hora da madrugada, o comunicado já estava a ser distribuído, assim como noutros locais; 2 – Apoiar, sob diferentes formas, incluindo o fornecimento de alimentos, os soldados da Escola Prática de Artilharia, de Vendas Novas - à sua frente vinha o capitão Andrade Silva - que se encontravam no morro do Cristo Rei; 3 - Convocar para dia 27 de Abril uma manifestação de apoio ao

**“ Escola do Desportivo”,
teve um papel
muito importante,
antes do 25 de
Abril, na luta pela
Liberdade e pela
Democracia, assim
como no dia 25 de
Abril de 1974 e nos
dias seguintes.**

levantamento militar, mas também de exigência, para que os objectivos pelos quais lutávamos fossem atingidos: a liberdade, a democracia, o fim da guerra colonial e a melhoria das condições de vida.

No dia 26 de Abril mobilizámo-nos e participámos na exigência da libertação dos presos políticos, em frente à prisão de Caxias, pois estávamos informados que o General Spínola não queria libertar todos os presos políticos, quer os de Caxias, quer os de Peniche. Mas a posição dos presos, dentro da prisão, era digna “ou saem todos ou não sai nenhum”. Assim, em frente à prisão de Caxias, nós exigíamos a libertação de todos os presos. No final do dia, já de noite, começaram a ser libertados todos os presos, que foram recebidos com grande alegria e emoção. Foram libertados dois presos da Cova da Piedade, o Marcos Antunes e o Manuel Joaquim Judas (irmão do actual Presidente da Câmara de Almada). Com os presos, organizámos uma caravana automóvel desde Caxias até à Cova da Piedade. Já de madrugada, concentrámo-nos no Largo da Piedade e decidimos alterar o nome da Rua Oliveira Salazar (que liga a Cova da Piedade a Almada, passando pelo Pombal), para Rua da Liberdade.

No dia 27 de Abril, de manhã, um grupo de operários metalúrgicos (que vinha a ter reuniões regulares nas Salgadeiras) decide ocupar a sede do Sindicato dos Metalúrgicos de Almada, que se localizava num prédio da Avenida Nuno Alvares Pereira. A ocupação teve como objectivo, destituir a direcção afecta ao regime fascista e substitui-la por uma Direcção democrática e defensora dos interesses dos trabalhadores. Foi constituída uma comissão administrativa provisória, que teve como objectivos fazer a gestão do Sindicato e convocar uma

**“ Nas Barrocas
onde
funcionava a Escola,
além de se
prepararem os
alunos para a
realização dos
exames, como auto
propostos, havia a
realização de
debates sobre
diferentes temas,
desde económicos,
sociais, filosóficos,
culturais, políticos
entre outros.**

assembleia geral de sócios. Os militares, sedeados no Forte de Almada, foram chamados pelos vizinhos do prédio, onde se localizava o Sindicato, para saberem o que se estava a passar. Informados dos objectivos da ocupação do Sindicato, os militares compreenderam a situação e foram solidários com a mesma. No mês de Maio, realizou-se uma Assembleia geral de sócios do Sindicato, tendo sido eleita uma nova direcção democrática.

Ainda no dia 27 de Abril, à tarde, realizou-se a manifestação de apoio ao levantamento militar e de exigência pelo cumprimento dos objectivos pelos quais vínhamos lutando. A manifestação teve início na Cova da Piedade, percorreu as ruas de Almada e de Cacilhas e terminou novamente na Cova da Piedade, tendo nela participado milhares de pessoas. Note-se que esta manifestação se realiza apenas dois dias depois do 25 de Abril e foi uma forma de começar a exercer as liberdades conquistadas. Ao longo do percurso, foram sendo atribuídos novos nomes de praças e ruas. Assim, de madrugada como se disse já tinha sido alterado o nome da Rua Oliveira Salazar para Rua da Liberdade, a Praça da Renovação passou a chamar-se Praça do Movimento das Forças Armadas, a Avenida Fernando Ulrich passou a chamar-se Avenida 25 de Abril e a Avenida da Lisnave passou a chamar-se Avenida da Aliança Povo-MFA. Quando a manifestação passou pelas instalações da Câmara Municipal, na Rua Capitão Leitão, aí foi colocada uma faixa exigindo a destituição do Presidente da Câmara e a constituição de uma Comissão Administrativa Democrática para a gestão da Câmara, o que veio a acontecer mais tarde. Durante toda a manifestação, um velho militante comunista, João Raimundo, empunhou uma bandeira vermelha do Partido Comunista Português.

No dia 30 de Abril houve uma grande mobilização para o aeroporto de Lisboa, para receber Álvaro Cunhal, no seu regresso a Portugal. A bandeira do Partido Comunista Português, presente nesta recepção e registada em fotografias, era empunhada por uma jovem antifascista de Almada, a Helena Dias (a Lena).

A culminar todo este período (não nos recordamos de ter dormido, durante estes dias) realizou-se o grandioso 1º de Maio em Almada. A manifestação percorreu as ruas da Cova da Piedade, de Almada e de Cacilhas, e terminou numa grande concentração no campo do Clube Desportivo da Cova da Piedade. Foram oradores nesta concentração, alguns antifascistas de Almada como Alexandre Castanheira, Gomercindo Carvalho, João Neves, João Raimundo e Marcos Antunes.

E a Revolução avançou!



José Carreira

FOI PROFESSOR DAS ESCOLAS DO DESPORTIVO. HOMEM SÉRIO E GENEROSO

Frequentou a Escola Emídio Navarro tendo sido um excelente aluno. Tirou o curso industrial com excelentes notas e no fim, ainda na mesma escola, tirou o curso de mestre. Arranjou emprego na Guérin (Lisboa), representante da Volkswagen em Portugal e como mecânico de viaturas, atingiu um nível elevado. Aos fins-de-semana, com o encarregado geral, arranjavam carros da respectiva marca (fora da empresa). Trazia para casa (para o pai) importâncias avultadas, sendo um filho muito obediente e zeloso pela família.

Inscreveu-se na Lisnave e foi admitido como soldador. Sempre muito activo e empenhado granjeou o respeito dos chefes e colegas. Matriculou-se nas escolas da Lisnave e depois no ISEL (Instituto Superior de Engenharia de Lisboa), onde tirou o Curso de agente técnico (mais tarde equivalência de Engenheiro) em Engenharia Mecânica.

Em termos de carreira profissional atingiu o topo. Quando um brutal acidente lhe roubou a vida há muito que era director da Lisnave.

Com 14/15 anos vai connosco (alunos e professores das Escolas do Desportivo) acampar junto à lagoa de Albufeira. Saímos a pé da Cova da Piedade com a “trouxa” às costas e por azinhagas e caminhos de “cabras” chegamos à Costa da Caparica. Uma vez lá, metemos o “puto” no pequeno comboio que levou tudo até à Fonte da Telha. Aí e depois da caminhada pelo areal (Caparica /Fonte da Telha) pegámos em toda a bagagem, tendas, roupas e comida e lá marchámos sempre pelo areal até à Lagoa de Albufeira. O “puto” foi connosco até ao nosso destino. Relembro que dois ou três dos nossos (entre eles o José Cavaco) tinham bolhas nos pés que pareciam chagas, sofreram a bom sofrer até chegarmos ao local dos transportes.

Chamámos a essa nossa aventura “Prova de Resistência”. Politicamente estávamos a testar-nos. Voltando ao José Carreira (meu cunhado): após a minha fuga para França, escrevíamo-nos com frequência, eu pedia-lhe todas as informações da Lisnave e não só. Descreveu a Greve da Lisnave pormenorizadamente, a intervenção da PIDE e das Forças repressivas GNR e PSP e a resistência dos trabalhadores.

Esse trabalho escrito que me enviou foi objecto de tratamento (trazia alguns erros de português). Eu e o José Cavaco compusemo-lo sem alterar absolutamente nada, tendo sido publicado no Avante uma boa parte (ver jornal da época) e no Portugal Democrático por extenso (jornal que se editava no Brasil por exilados nossos: Miguel Tavares Rodrigues, ainda vivo, e tantos outros). Esse jornal chegava até à emigração.

Foi professor nas Escolas do Desportivo.

Acompanhado politicamente por mim e mais tarde (após a minha fuga para França) pelo Gilberto que pode dar ainda mais informações.

Homem sério, generoso, morreu em vésperas de ir para a reforma num estúpido e brutal acidente de viação quando vinha de Setúbal para Lisboa.

José Carreira por João Gentil

Notas solicitadas acerca do falecido camarada José Guilhermino Gaspar Correia.



José Paiva

A NOSSA ESCOLA TINHA TANTO PRESTÍGIO QUE CHEGÁAMOS A RECEBER A VISITA DA PRIMEIRA COSMONAUTA VALENTINA TERESHKOV

A minha passagem pela Escola do Desportivo, foi por sentir necessidade de evoluir culturalmente, mas ao mesmo tempo, ter necessidade de me politizar. Em 1975 inscrevi-me nas aulas nocturnas e ao mesmo tempo fazia parte da Comissão da Escola, com o Sr. Mesquita, Mário Araújo, António Santana, entre outros.

Os professores desempenhavam a função desinteressadamente, depois do seu horário laboral, Rodrigues, Victor Mesquita, António Santana, Cavaco, Gomercindo Carvalho (Fundador da Escola já falecido), entre outros.

Leccionávamos Francês, Inglês, História, Matemática, etc., no fim do período fazíamos exame nas Escolas Públicas, António da Costa, Liceu do Pragal, etc., na maior parte dos casos com muito bons resultados.

As actividades da Escola não se prendiam só com as actividades escolares. Após o 25 de Abril, faziam-se "Sessões de Esclarecimento Político", projecções de filmes, (pois tínhamos uma boa máquina de projectar de 16mm) e slides, tudo no sentido de uma maior sensibilização das populações para os problemas do país rumo à Democracia.

A certa altura tivemos a visita (através, se bem me lembro da Associação Portugal-URSS), da primeira Cosmonauta da história Valentina Tereshkova... tal era o prestígio da nossa Escola.

Tínhamos uma boa Biblioteca, com muitos livros, alguns autografados-dedicados pelos próprios autores.

As Pré-Primárias que eram o baluarte do Clube, tinham sempre muitas crianças a partir dos 3 anos, a maior parte filhos de sócios.

Dávamos aulas de alfabetização, muitas pessoas aprenderam as primeiras letras nas nossas Escolas (Salgadeiras e Barrocas).

Permito-me contar um episódio muito engraçado que se passou comigo, que nunca mais esqueci.



Baile convívio na Escola das Barrocas (ano 1976/77)
Identificação das pessoas: casal do centro: Olga e José Paiva; duas crianças, filhos deste casal; casal mais à direita: Inácia e Vítor Mesquita.

Certa noite entra porta adentro um pretinho com cerca de 16/17 anos e diz-me:

- Ó Senhor, eu queria tirar "os 4.ª classe"
- Eu pergunto: Como te chamas?
- Ao que ele respondeu: Manuel Escolástico
- Para que queres tirar a 4.ª classe?
- "Para escrever ao meu mãe"
- E onde está a tua mãe?
- "Está no esCabo Verde"!

Achei muita piada... este rapaz não só tirou a 4.ª classe, como segundo constou, mais tarde tirou um curso superior.

FOI NA ESCOLA DO DESPORTIVO QUE CONHECI A MINHA COMPANHEIRA

Em 1969, logo que regressei de Moçambique, onde estive a cumprir o serviço militar, vim residir para a Cova da Piedade. Com a ajuda da família, consegui entrar para o Arsenal do Alfeite e colaborar na Escola do Desportivo como aluno e até fazer parte da Direcção.



José Revez

Entrei para a Escola, através do meu cunhado, o António Mendes Silva e do Manuel Casaca e fiquei logo integrado no colectivo. Antes de ir para a tropa, tinha feito o 1º ciclo dos liceus na Trafaria; aqui comecei a frequentar o 2º ciclo de letras, que nunca acabei por razões que digo mais adiante. Fiquei ainda como colaborador no jornal “O Cindo”, que entretanto foi reactivado. Como era necessário escrever à máquina e ninguém se dispunha a isso, fui por minha iniciativa, tirar o curso de dactilografia na escola de Almada e assim fiquei apto, a escrever o que fosse necessário. Mas depois, quase não foi preciso escrever porque entretanto houve outros alunos que apareceram e começaram a fazer essa tarefa, mas fiquei com o diploma, que guardo em minha casa, mas prática não tive nem tenho. Iniciámos, com grande empenho, palestras às quartas-feiras sobre os mais variados temas e fizemos várias iniciativas com o coro do Lopes Graça, assim como exposições de artistas plásticos. Organizámos também excursões temáticas em que participavam os alunos em grande número (três autocarros) e se cantavam as canções do Zeca, do Adriano e de outros.

Fui preso pela PIDE a 1 de Junho de 1971, acabei por passar por Caxias e por Peniche, onde fiz “outros cursos” e saí em 1 de Janeiro de 1973. Voltei logo para a Escola aonde continuei a actividade. Como membro da

Direcção. Fazia as inscrições dos alunos depois de lhes ser explicado o que era a Escola e que não seria um escape para o que quer que fosse. Aceites as condições, fazia as inscrições e entravam também como sócios do Desportivo. Apenas aos professores não lhes era colocada essa condição. Entre algumas das medidas que tínhamos em atenção em defesa da Escola uma era ver se ninguém deixava, numa atitude provocatória ou mesmo reaccionária, propaganda partidária, uma vez que a PIDE durante o dia visitava a escola, outra, era levar as alunas a casa, não todas mas aquelas cujos pais podiam levantar problemas. Criámos o 3.º ciclo dos liceus, o que implicou mais trabalho e maiores responsabilidades. Os convívios em alguns dias, depois das aulas, eram o prémio para tanta preocupação. Na parte cultural, criámos um grupo de teatro, orientado pelo encenador Rogério de Carvalho, que teve também uma boa influência junto dos alunos e fora da Escola. A peça de Brecht «A excepção e a Regra» foi passada em algumas colectividades e depois do 25 de Abril ainda fomos à Cruz de Pau.

Foi na Escola do Desportivo que conheci a minha companheira, a Fátima, e foi nas suas instalações que realizámos a festa de casamento; a minha madrinha foi a Benta do Gilberto e o padrinho um primo meu.

Nesta segunda fase, ainda me dediquei com mais vontade e com mais alguma experiência. A Direcção do Desportivo sempre quis acabar com a Escola. Conseguimos salvá-la de duas situações. Primeiro, o presidente do Desportivo, que era sempre convidado para o nosso aniversário, resolveu meter-se com a Escola, com ameaças veladas, esquecendo-se que os alunos eram sócios do Clube. Falámos com estes, colocámos a situação e quando houve a Assembleia Geral, o Salão do Desportivo ficou a abarrotar de alunos e a Direcção adiou para outra data, mas claro já não teve possibilidade: os democratas apresentaram uma lista e o tal presidente foi afastado.

Outra situação foi passada com o presidente da Câmara que, vindo de Évora todo aberto a ideias marcelistas, numa reunião prometeu apoiar a Escola, fornecendo carteiras em que os adultos se pudessem sentar confortavelmente. Como ele não atava nem desatava, fizemos-lhe um convite e ele foi à Escola. Levámo-lo à sala de aula (a uma delas) e convidamo-lo a sentar-se numa das carteiras. Agora imaginem o que um sujeito, forte de pernas e ventre, teve de sofrer para não

dar parte de fraco: como não cabia, ficou com umas «banhas de fora». A Câmara convidava sempre o Desportivo e a Escola para o seu aniversário, convite com direito a intervir. Lá fomos, eu pela Escola, o Mário Araújo pela Direcção do Desportivo. Depois do tipo intervir, vou eu botar discurso e tudo o que eu disse foi a desmontar a conversa, colocando a situação das promessas não cumpridas; a seguir o Mário arrumou o resto, de tal forma que o telefone tocou, o Levy da Câmara foi atender e era então uma chamada muito urgente para o

Senhor Presidente. Foi a forma de o tirar daquele sufoco. O verdadeiro problema que colocou em risco a nossa Direcção e a sua orientação genuinamente democrática e pluralista, foi quando um grupo de “professores”, infelizmente arranjados por nós, que à nossa margem convenceram grande parte dos alunos a virar-se contra a Direcção da Escola, porque eles é que tinham as soluções do futuro. Depois de nas aulas terem feito este trabalho de sapa e cobarde, fizeram chegar à Direcção do Desportivo o descontentamento dos alunos, e de facto as coisas podiam ter tomado outro rumo. Reunimos com os professores nas instalações das Salgadeiras, em que também participou o Reizinho, e concordámos no seguinte: já que tinham feito reuniões com os alunos à margem da Direcção da Escola, esta iria fazer reuniões mas sem eles.

A muito custo aceitaram e numa sala a abarrotar de alunos ficou no meio

deles um dos tais professores. Coube-me a mim perguntar o que estava ali a fazer e convidei-o a sair, o que fez sem contestar. Depois desta reunião, outra conclusão não podia deixar de acontecer: foram afastados. Foi aí que lhes dissemos que, mesmo que os alunos tivessem sido levados pela sua demagogia, eles não teriam qualquer possibilidade de decisão porque não eram sócios do Desportivo. Houve um deles que, na despedida, chorou copiosamente. Estes meninos eram do MRPP e de outros grupelhos. No plano das nossas relações fora do concelho, havia cooperação com a Baixa da Banheira e, se não me engano, em Torres Novas, com o Grupo Coral Fidelis.

Para terminar: de certo haveria muito para dizer e que de momento não me recordo mas, ouvindo os vários intervenientes, será possível compilar toda ou quase toda a história desta tão importante e bela experiência de franca e fraterna convivência, que foi a Escola do Desportivo.

“ Criámos o
3.º ciclo dos
liceus, o que
implicou mais
trabalho e
maiores
responsabilidades.
Os convívios em
alguns dias,
depois das aulas,
eram o prémio
para tanta
preocupação.”

A NOSSA "UNIVERSIDADE POPULAR"

**Pediram-me que desse o meu testemunho sobre
as Escolas do Desportivo, ei-lo:**

**Nos meados da década de sessenta, fazia parte
da Comissão Cultural da Cooperativa Piedense,
comissão que, com alguma autonomia,
dinizava acções de carácter cultural na
referida cooperativa.**



Manuel Custódio de Jesus

Por essa altura, também fazia parte de um grupo cultural, que se constituiu, na Academia Almadense que, em cooperação com a Direcção da Academia, além de outras actividades, passava um filme por semana, que se considerasse de qualidade. Antes da passagem do filme fazia-se a crítica e depois de visto o filme, fazia-se o debate, com críticos de cinema.

Foi neste quadro de intensa actividade de cultura antifascista, em 1966, que através de um amigo, o Gilberto (cabo da Marinha), tomei contacto com as Escolas do Desportivo, penso ser assim que ainda são conhecidas (a nossa “Universidade Popular” como se dizia), a qual tinha uma faculdade na rua das Barrocas e outra ainda na rua das Salgadeiras.

Dizia-me esse amigo: – Custódio, amanhã, Quinta-feira, há uma aula de cultura geral, tem muito interesse, pois tratam-se ali temas importantes, para nos esclarecer sobre problemas sociais e políticos.

E lá fui, a sala estava cheia, o responsável pela aula de Cultura Geral, era o Gormecindo Carvalho (já depois do 25 de Abril é morto, num acidente, quando circulava de bicicleta na via rápida da Costa de Caparica), que além da aula de Cultura geral dava ainda aulas noutras áreas.



Em cima, da esq. para a dir.: José Carreira, Manuel Custódio, Gina Custódio, Méli, Maria Inácia e Marcos Antunes; em baixo, da esq. para a dir.: Ivo Calvário, Celeste Mesquita, Ana Maria Antunes e Fernanda, numa visita de estudo na década de sessenta.

Fez uma introdução sobre o tema que trazia e depois abriu-se um espaço para dúvidas e debate. Fizeram-se várias perguntas, alguma discussão, às vezes viva. Achei bem, gostei e vim de lá muito entusiasmado.

Disse ao Gilberto que tinha gostado, e disse-lhe ainda, que naquela altura como estava embarcado (era 2º sargento e embarcado, na altura, na “Fragata Corte Real”) não me podia comprometer, com coisas que requeressem uma presença permanente, mas logo que ficasse livre, que desembarcasse, falaríamos.

Quando desembarquei, falámos e comecei a ir com frequência às aulas de Cultura Geral. Esclareci-me sobre o fim e funcionamento das Escolas e acabei por vir a participar nas actividades da Escola, não a dar aulas sobre matérias escolares, pois não tinha licenciatura nem preparação para isso, mas numa comissão de apoio ao funcionamento da Escola.

As Escolas do Desportivo, para além de darem aulas, gratuitamente, aos alunos do 1º e 2º ciclo dos liceus,

“Entusiasmei-me mesmo com a Escola, com a solidariedade existente entre alunos e professores, onde via que quem não sabia, queria aprender e quem sabia ensinava...”

visavam também, através das aulas de Cultura Geral, facultar aos mesmos alunos, outros conhecimentos e outras ferramentas para melhor poderem enfrentar os problemas de ordem social e política que a vida colocava.

Entusiasmei-me mesmo com a Escola, com a solidariedade existente entre alunos e professores, onde via que quem não sabia, queria aprender e quem sabia ensinava e matriculei-me na aula de inglês, cuja professora era a Adelaide Cavaleiro. Gostava do trabalho colectivo que se realizava entre os dirigentes, membros das comissões, professores e às vezes alunos.

Vivia-se em regime fascista, o que implicava para os responsáveis das Escolas muita coragem e determinação para enfrentar os riscos decorrentes de tal actividade, Mas faziam-no com gosto e prazer, pois tinham a convicção de que valia a pena a sua entrega e actividade. Compreendi que o êxito de tal actividade, da generosa entrega deste grupo



Da esq. para a dir.: Gina Custódio, Crisanta Carvalho, Manuel Custódio, Mário Araújo, Gomercindo Carvalho, Lucinda Araújo e as crianças Béliinha (filha do Gomercindo e da Crisanta) e Márinho (filho do Mário e da Lucinda), numa visita de estudo a Coimbra na década de sessenta.

de pessoas, residia, para além do empenho que colocavam, no método de trabalho colectivo e disciplinado por eles adoptado.

Os obreiros desta intensa actividade, com os quais participei, para além do Gilberto, do Gomercindo e da Adelaide Cavaleiro, que já referi, eram: o Mário Araújo, o Reizinho, o Santana, o Cavaco, o Mesquita, o Neves, o Moura, o Viriato, a Mélima e irmã, a Maria Inácia, o Jorge e a sua mulher, o Custódio (do depósito da Trafaria), o Joaquim Judas e a Mulher, o irmão Zé Manel, a Tonicha, a Lena, a Celeste, o Nobre, o Silva, o marinheiro, já falecido e mais alguns dos quais me esqueci do nome, pelo que peço desculpa.

Como a Base Naval está localizada no Alfeite, os marinheiros ao tomarem conhecimento da existência da Escola e que ali se dão os 1º e 2º ciclos do liceu gratuitamente, também se entusiasma e começam a matricular-se e a frequentar as Escolas do Desportivo, chegando mesmo a ter oficiais de Marinha a darem aulas.

Além das aulas do 1º e 2º ciclo dos liceus havia as de cultura geral que tinham uma frequência muito superior às outras, pois nestas participavam além dos alunos os professores e outros amigos, tornando estas sessões muito vivas, levando os seus participantes a considerarem-nas muito úteis.

Além das aulas de cultura geral, realizavam-se ainda debates, colóquios e sessões de esclarecimento

sobre as mais variadas áreas, afim de prosseguir e acrescentar mais conhecimento aos alunos que frequentavam as aulas.

Gostava bastante das visitas de estudo que se faziam, pois para além do conhecimento que se adquiria dos locais visitados, estas permitiam estreitar laços entre todos, professores, alunos e comissões. Nessas excursões quando cantávamos as canções de resistência a solidariedade manifestava-se com intensidade, e dava-nos mais força para se continuar na dinamização da actividade e na luta por um mundo melhor.

Durante a minha passagem pela Escola fui conhecendo melhor o Gomercindo Carvalho. Foi marinheiro e quando saiu da Marinha foi trabalhar para o Instituto de Meteorologia. Na Marinha tomou o gosto pela cultura, tornando-se depois um fervoroso militante da sua divulgação. Foi preso pela PIDE e esteve alguns anos nas cadeias fascistas. É um dos principais mentores e protagonistas do funcionamento do projecto de Cultura popular que funcionou desde 1963, nas Escolas do Desportivo da Cova da Piedade.

As Escolas do Desportivo para além dos conhecimentos que transmitiam aos muitos alunos que passaram por lá, deram também um importante contributo, na denúncia e na luta contra o fascismo, que se desenvolvia nas fábricas, colectividades e noutros locais, onde os alunos exerciam as suas actividades.

SE NÃO TIVESSE HAVIDO O IMPULSO DAS ESCOLAS DO DESPORTIVO, NÃO TERIA SEGUIDO OS ESTUDOS

Nasci na Praia do Carvoeiro no Algarve, em 22 de Outubro de 1934. Tenho o curso de Educadora de Infância da Escola Superior de Educação. Trabalhei no Centro de Bem Estar Social do Laranjeiro durante muitos anos.



Maria Antónia Oliveira Bernardo

Desde pequena que sempre gostei muito de livros e de estudar. Cada vez que havia um livro em casa dizia sempre à minha mãe que era meu. Vim para a Cova da Piedade há 50 anos, tinha 29 anos. Já tinha dois filhos, o mais novo tinha um ano.

Fui estudar para o Desportivo no ano de 1974, já depois do 25 de Abril, ainda tive o Santana, meu atual marido, como professor. Com o apoio dos professores fiz o 1º ciclo e o 2º ciclo de letras. Como não havia ciências fui para uma explicação junto da praça da Cova da Piedade para me preparar para os exames de admissão à escola oficial. Já trabalhava no Centro de Bem Estar Social do Laranjeiro, que é uma instituição pública. Com

o 2º ciclo de ciências, tive acesso à Escola Superior de Educação (ESE), porque já trabalhava com crianças. Foi no tempo em que o Primeiro-ministro era o Aníbal Cavaco Silva, que permitiu que, quem tivesse estes dois requisitos, conseguia entrar na ESE. Este sistema esteve aberto pouco tempo, mas entrei para o curso de Educadora de Infância e completei-o em três anos. Saía do trabalho mais cedo e ia para as aulas, com umas colegas, no meu carro para Lisboa.

O mais provável é que, se não tivesse havido o impulso das Escolas do Desportivo, não teria seguido os estudos. Não sei, mas a minha tendência era estudar e aprender sempre mais, até que consegui tirar o curso. Não tive mais contacto com as Escolas nem com o clube, mas ficar-lhes-ei para sempre agradecida.



Almirante Martins Guerreiro

A ESCOLA DO DESPORTIVO

Corria o ano de 1970, andávamos nós, jovens oficiais de Marinha, procurando formas e caminhos para dinamizar e consciencializar os servidores da Marinha da necessidade de terminar a guerra e encontrar uma via política democrática para o país, quando através de um amigo, o Santana, “descobrimos” a Escola das Barrocas e o Gomercindo Carvalho.

A escola era frequentada por civis e marinheiros que queriam fazer os exames do 2º e 5º anos dos liceus. Havia com frequência palestras de cultura geral. Nos navios e nas unidades em terra já tínhamos detectado em muitos marinheiros essa vontade de aprender e progredir mais nos estudos, vontade que nós estimulávamos individualmente.

Tinha nascido a ideia de criarmos ou apoiarmos escolas para esse efeito na margem norte (Ministério da Marinha) e na margem sul, Cova da Piedade.

No Ministério criámos um curso com apoio da Marinha para o 5º ano e na margem sul canalizámos o esforço de recrutamento e a nossa disponibilidade para dar aulas na Escola do Desportivo nas Barrocas.

O entendimento com a Direcção da Escola e com o Gomercindo Carvalho foi quase imediato. Além da generosidade, inteligência e espírito de entrega de todos, houve outros factores que nos aproximaram: a escola estava ali à saída da Base Naval, o Gomercindo havia sido marinheiro, conhecia a Marinha e a sua cultura. Também por isso e naturalmente pela localização, era fácil aos marinheiros optarem pela Escola do Desportivo, mesmo antes da organização dos jovens oficiais de Marinha actuar no terreno.

Foram vários os oficiais de Marinha que deram aulas na “Escola das Barrocas” e muitos os cadetes que frequentaram os “cursos de cultura geral”, para não correr o risco de esquecer algum, nomeio apenas o José Manuel Miguel Judas um dos maiores dinamizadores da iniciativa.

Eu tinha a meu cargo a Escola do Ministério da Marinha, pelo que fiz apenas algumas palestras de cultura geral na Escola das Barrocas e assisti a outras dadas por diversas entidades, eram muito vivas e participadas.

Recordo o Gomercindo como figura tutelar da Escola, o homem bom, perseguido e preso pela PIDE, o lutador pelo aumento e melhoria do conhecimento e cultura das pessoas, como factor da sua afirmação e dignificação.

A Escola do Desportivo deu, por esta via, um contributo para a elevação do nível cultural de muitos marinheiros, o que ajudou ao processo de consciencialização cívica e política de alguns deles e também à dos cadetes ou dos jovens oficiais “professores”.

A Marinha e o 25 de Abril beneficiaram desse contributo.

O meu OBRIGADO ao Desportivo, à Direcção/Direcções daqueles tempos e ao Gomercindo Carvalho e também ao Santana, por terem colaborado connosco e contribuído para nos tornarmos cidadãos mais conscientes, activos e empenhados.

O meu voto de confiança no vosso trabalho, presente e futuro, adaptado às novas circunstâncias para que cada vez mais pessoas se tornem cidadãos exemplares e sejam referências de cidadania, cultura e civismo, como o foram e são muitos dos que passaram pela Escola do Desportivo

Aproveito esta oportunidade que me dão, para prestar aqui a minha homenagem ao Gomercindo Carvalho, o “fundador” do que foi a “Escola” dos cursos de cultura geral e formação liceal que conheci nos anos 70 na Cova da Piedade.



Manuel Nobre

MEMÓRIAS E... ALGUMAS HISTÓRIAS

As “Escolas do Desportivo” foram referências determinantes na minha vida. Em 1955/56, na pré-primária com a D. Suzana aprendi a ler, a contar e alguns palavrões quando, com a bata branca e de emblema ao peito, íamos à bola ver o “Desportivo” e ela se entusiasmava. Nesse tempo em que não havia Serviço Nacional de Saúde, através da Escola, íamos ao médico – o Dr. Eduardo Vilarinho - para se saber se “tudo estava bem”.

Declamei em cima de uma cadeira o “mar salgado” (afinal, o poema era o “mar português” do Fernando Pessoa) numa festa dos alunos em que, entre orgulhoso e envergonhado, recebi uma placa de prata com o emblema do Clube como o aluno “mais inteligente do ano lectivo 1955/56”. Os critérios para me ser atribuído tal prémio nunca os soube nem saberei mas continuam a ser motivo de “gozo” da Celeste Mesquita, minha colega nesse tempo na pré-primária (mas essa é outra história...) e minha companheira há mais de 40 anos.

Entre 1967 e 1973, a colaboração intensa nos cursos nocturnos das Escolas do Desportivo (no plural, justificado por dois locais físicos – as Salgadeiras e as Barrocas) envolvendo o 1.º e 2.º ciclo liceais e os cursos de alfabetização com base no método de Paulo Freire, (educador e filósofo brasileiro com trabalho notável na área da educação popular) não só enquanto “professor” mas sobretudo, como activo interveniente nas múltiplas actividades, foi decisiva para a minha “construção”.

O retorno em 1967, teve origem num telefonema da Celeste Mesquita (a tal que eu ainda não sabia que tinha sido minha colega da pré-primária), questionando-me sobre a minha disponibilidade para “dar aulas” (obviamente, à “borla”) nos cursos nocturnos, na sequência da repressão que tinha abrangido as Escolas envolvendo prisões (Gomercindo Carvalho, Reizinho, Mário Araújo, ...) e “fugas” para França (Santana, Cavaco, ...) e que mais tarde, orgulho-me de o referir, se tornaram meus amigos.



Resposta afirmativa, de imediato. Tinha eu 17 anos, acabado de entrar em “Económicas” e uma enorme vontade de aprender e de intervir cívica e culturalmente, e mesmo sem me aperceber cabalmente, de me empenhar na luta mais geral contra a ditadura e o obscurantismo.

Em Outubro de 1967, dei as primeiras aulas de Português dos 1.º e 2.º ciclos (a necessidade assim o exigiu) vindo nos outros anos a leccionar apenas no âmbito do então 2.º ciclo.

Mas, naturalmente, se o contributo para a formação escolar para quem não tinha tido oportunidade de a obter no devido tempo e a melhoria das respectivas condições de vida pessoais era um objectivo, as actividades recreativas e culturais (excursões, festas, sessões de cantorias e poesia, jogos de futebol, “almoços e jantaradas”, idas colectivas a sessões de cinema, ao teatro, a museus, a iniciativas culturais em outras colectividades, criação de um grupo de teatro, ...) constituíram formas de alimentar solidariedades, cumplicidades e amizades.

Mas foram as chamadas “sessões culturais”, normalmente nas noites de quarta-feira, que com grande esforço se procuraram manter de forma regular e, quando possível, através de ciclos (economia, história, literatura,...) com o apoio de intelectuais e após, o regresso de Gomercindo Carvalho na sequência da sua libertação, por ele estruturadas e animadas, que proporcionaram a centenas de pessoas alargar a sua formação cívica e aumentar a sua consciência política.

Essas sessões, com a participação de homens e mulheres não só da Cova da Piedade, mas também de Almada, do Monte de Caparica, do Seixal ou mesmo de Lisboa, prolongavam-se, por vezes acaloradamente, pela rua das Barrocas.

Entre as muitas recordações, relembro uma argumentação certamente entusiástica embora não me lembre o tema, que vim, numa dessas noites, a desenvolver junto do Reizinho que, com a sua habitual calma, quase no fim da rua me pediu para passar para o outro lado porque, como eu sabia, não ouvia nada daquele ouvido e portanto

“Naturalmente, directa ou indirectamente as Escolas constituíram-se como um espaço e, sobretudo, uma rede de intervenção social, cultural, política..., enfim de cidadania.”

não tinha percebido patavina do que eu tinha estado a falar.

Complementarmente, assumiram um papel importante o Boletim Interno das Escolas do CDCP, intitulado *Cultura* e outras publicações não periódicas, editadas de forma artesanal, que, só um autodidacta como o Gomercindo, conseguiria alimentar com as características que assumiram, embora envolvendo alguns colaboradores com diferentes funções, entre os quais, eu próprio.

Naturalmente, directa ou indirectamente as Escolas

constituíram-se como um espaço e, sobretudo, uma rede de intervenção social, cultural, política..., enfim de cidadania.

A elas estiveram ligados de diferentes formas como “dirigentes”, “professores”, “alunos”, participantes nas “sessões culturais”, muitos anti-fascistas dos quais um número significativo, foram mesmo objecto de prisão pela PIDE/DGS (polícia política) que tinha infiltrado não só informadores mas mesmo agentes, mas as Escolas foram sempre sobrevivendo, porque havia sempre quem segurasse o “testemunho”.

Porque assumiram momentos de envolvimento mais generalizado saliento as participações nas “eleições” de 1969, no quadro do movimento CDE (Comissões Democráticas Eleitorais) e nos trabalhos relativos ao III Congresso da Oposição Democrática realizado em Aveiro em 1973, que viabilizaram um conjunto significativo de teses colectivas apresentadas no Congresso pelo Movimento Democrático do Distrito de Setúbal e outros colectivos e grupos de Setúbal.

Por razões diversas já não colaborei no ano lectivo de 1973/74 e a Revolução de Abril, fez-me entrar por outras “portas que Abril abriu” mas ... as “Escolas do CDCP” foram, sem dúvida, uma “escola” de vida, criadora e alimentadora de ideias, opiniões, formas de estar e intervir a que, mesmo

com o passar dos anos e de contextos, quem por elas tenha passado não pôde, não pode, nem poderá ficar indiferente.



A MINHA LIGAÇÃO À ESCOLA ERA PARA ARRANJAR GENTE PARA OS DEBATES E FOI ISSO QUE FIZ SEMPRE

Vim para Almada em Janeiro de 1967. Recebo um telefonema do Raúl Cordeiro que me disse que a Cooperativa precisava de mim e combinámos que, caso concordasse, vinha para cá e começava logo a trabalhar. A família veio um pouco mais tarde, em Novembro.



Marcos Antunes

Conheci o Raúl quando estive preso entre 19/05/1958 e 03/11/1964. Estive com o Raúl Cordeiro, o João Raimundo, o José Alves e o Albertino *da Sobreda* que trabalhava na Cooperativa. Depois aqui é que conheci o Santana que veio ter comigo da parte do João Raimundo porque estava em vias de ser preso e não tinha contactos.

O Gentil, em 1969 veio a PIDE à procura dele. O pido foi falar comigo estava eu no serviço administrativo na Cooperativa. Queria ver o ficheiro dos empregados e eu disse que só com autorização da Direcção. Entretanto eu disse à companheira do Reizinho - que estava preso - que procuravam o Gentil, queriam ver o ficheiro e falaram no nome dele. Ela deu-lhe um toque e ele fugiu.

Quem estava à frente da Escola era o Gomercindo Carvalho que mais tarde vim a conhecer. Foi no fim do verão de 1967 que vieram ter comigo o João Gentil, o Gilberto Silva e o Custódio. O Mário Araújo e o Gomercindo estavam presos. Segundo relato do Pires Jorge que conheceu o Mesquita em Alcântara - eles eram muito amigos - o Gomercindo teve problemas porque não concordava com a orientação e queria dar os cursos mesmo contra o conselho do Partido na cadeia.

O Gilberto, o Gentil e o Custódio falaram comigo nessa altura e eu disse-lhes que tinha muito trabalho na Cooperativa e não seria fácil. A Direcção da Cooperativa tinha um plano de reorganização mas lá fui dar uma ajuda às Escolas. Havia nessa altura preparação para o exame ao Liceu, isto em 1967. Pedi à minha filha, Ana Maria Antunes, para me substituir e dar Matemática. Continuei a colaborar nas aulas de Cultura Geral e como conhecia muitas pessoas que podiam participar uns que estiveram na cadeia comigo e outras que não estiveram mas que iam lá dar aulas e palestras.

Por essa altura, o Manuel Nobre, a Celeste Mesquita, a minha filha, o Santana, o Mesquita faziam parte da Comissão. O Gomercindo quando veio da cadeia também voltou para lá.

Há coisas do diabo...

Ele há coisas do diabo. Mesmo com a PIDE em cima e nós no Movimento Democrático, a malta arranjou forma de virem às Escolas, o José António Tavares da Cruz e o Sérgio Ribeiro que eram economistas e deram várias aulas na Escola.

O economista Costa Leal que conheci na cadeia e mais tarde ligado ao Montepio Geral, foi administrador na Lisnave e eu pedi-lhe uma audiência. Ele recebeu-me muito bem no seu gabinete, que tinha um janela bestial com vista para o Tejo, e eu disse-lhe que estava nas Escolas do Desportivo e que andavam na Escola muitos trabalhadores da Lisnave e pedi para a Lisnave dar uma ajuda, um subsídio para apoiar essa preparação.

Nesse momento, vinha a entrar um petroleiro e comentou “um dos maiores do Mundo” e vem para aqui. Continuou com a conversa e disse que não decidia sozinho mas adiantou que podíamos contar com três contos por mês, e assim foi.

Lembro-me do Herbert Goulart, do Sérgio Ribeiro, do Gilberto Lindim Ramos - que já morreu - vinham dar palestras às sextas-feiras.

A partir de 1969 tivemos alguns problemas entre a Comissão das Escolas e a malta do Movimento Democrático. Depois das eleições de 1969 houve um certo desenvolvimento, ainda maior a partir de 1971/72, quando das eleições para as Freguesias. Conseguimos desenvolver algum trabalho, e na Junta da Cova da Piedade foi eleito ou nomeado o Mário Coelho (alfaiate). Conseguimos influenciar a composição dos cadernos eleitorais e pôr muita gente a votar em nós. Este trabalho foi importante, tanto que, depois do 25 de Abril, numa reunião em Maio já tínhamos comissões administrativas quase por todo o lado.

Havia mais gente a trabalhar e havia mais possibilidade de fazer acções e pensámos fazer uma

“ **Ele há coisas do diabo.**
Mesmo com a PIDE em cima e nós no Movimento Democrático, a malta arranjou forma de virem às Escolas...”

sessão *contra o custo de vida*. Falámos com a Comissão das Escolas e marcámos para a Escola das Barrocas uma palestra sobre o *custo de vida*. Com os 20 contos das eleições, comprámos um copiador e o Viriato Gonçalves que era quem sabia trabalhar com ele, fez uns folhetos para convidar a malta a ir à palestra. A acção sobre o *custo de vida* era vista mais como *política* do que como *cultura geral*.

O Gomercindo, como se costuma dizer, pôs os pés à parede e disse que era uma acção do

Movimento Democrático e não das Escolas e pediu à Celeste Mesquita e ao Manuel Nobre que fossem à GNR, esclarecer a situação.

O que é verdade é que a acção sobre o custo de vida, não se realizou e foi o próprio Gomercindo que o anunciou.

Comentei perguntando: porque é que se fazem sessões todas as sextas-feiras e não podemos fazer sobre o custo de vida? O Gomercindo queria pôr a malta na rua e eu disse: a mim não me pões na rua, não me fazes isso porque eu sou sócio do Desportivo e estou nas instalações do meu Clube!

A sala nas Barrocas era grande e estavam lá umas centenas de pessoas, aquilo estava pelas costuras, havia muita gente e foi um desaguisado grande. Alguém falou com o Gomercindo, a coisa acalmou e não veio ninguém para a rua. Com a ajuda do Partido a questão foi esclarecida e o Movimento Democrático não insistiu.

Em resumo, a minha ligação à Escola era para arranjar gente para os debates e foi isso que fiz sempre que me foi pedido.

Em tudo isto, fui sempre acompanhado pela Maria Albina que nasceu a 19 de Dezembro de 1926.

Nota da redacção:

Marcos Antunes foi preso pela PIDE por 6 vezes:

- A primeira em 1951 por acções no MUD Juvenil.
- A segunda em 1952 numa recolha de assinaturas para a Paz, esteve preso três meses.
- A terceira em Março/Abril de 1955, porque encontrarem cartas que ele tinha trocado com a família de Diniz Miranda.
- A quarta de 19 de Maio de 1958 a 3 de Dezembro de 1964, seis anos e meio.
- A quinta em 1969 em Almada, na madrugada de 30 de Abril para o 1º Maio conjuntamente com João Raimundo, Guinot e o filho, entre outros do Barreiro e da Moita tendo sido libertados a 5 de Maio.
- A sexta de 8 de Fevereiro a 27 de Abril de 1974.



Mário D'Araújo

HOUVE SESSÕES CULTURAIS MEMORÁVEIS PARA A COOPERATIVA, PARA AS ESCOLAS E PARA QUEM ESTEVE PRESENTE NAS SESSÕES

Os cursos de Cultura Geral começam em 1961 na Cooperativa Piedense com o aparecimento do Gomercindo Carvalho. Ele não era da Comissão da Biblioteca, nem da Comissão Cultural da Cooperativa, mas integrou-se e começou a difundir ideias novas com o sentido de dinamizar, de transmitir conhecimento e propôs-se ele próprio para leccionar um curso de Cultura Geral. Seria uma novidade para a zona e para a época. Dizia que as coletividades não o faziam nem as Bibliotecas estimulavam a leitura.

A Cooperativa tinha uma Comissão Cultural que desenvolvia algumas actividades de cariz cultural como: palestras, conferências com escritores, com actores portugueses de teatro e tinha um grupo de teatro amador, que era dirigido por um encenador, o Alexandre Passos, um homem que chegou a ser conhecido no Teatro. Ainda me lembro de uma peça encenada por ele: “Os Malefícios do Tabaco”.

Pertenciam a esse grupo, entre outros, o José Cavaco, o Silvino, o Raúl Fernandes Costa. O Domingos da Racha Semedo também fazia parte deste grupo e também esteve connosco no início da escola, mas mais tarde, após o 25 de Abril, foi para o PS dizer mal das Escolas, esquecendo-se que foram elas que lhe proporcionaram a ascensão profissional.

É neste contexto que surge o Gomercindo Carvalho. As actividades na Cooperativa começaram em 1959/60, mais ou menos. O Gomercindo entra em 1961, o grupo está consolidado mas ele quer fazer uma coisa diferente, daquilo que existe. Tentou chamar a atenção das pessoas para a biblioteca. Os actores participavam nas sessões de leitura. As sessões de Cultura Geral começaram por ser isso mesmo, na verdadeira acepção da palavra, eram mesmo Cultura Geral. Falávamos de tudo, de História, de Psicologia, de Economia, de Filosofia em termos elementares, como é evidente para ir captando o interesse da população associativa. Eu comecei a participar com 28 anos e fui acicatado por aquilo. Pensava na altura: “- É pá fala-se aqui de tudo!”. Falava-se de história, de guerra, do escravo revoltado Spartacus, era muito porreiro. Eu na escola nunca tinha ouvido nada daquilo, pois só tinha a 4ª classe. Fiz um grande interregno na aprendizagem, dos 11 aos 28 anos. Interessei-me por aquele tipo de conhecimento, passei a frequentar as aulas de Cultural Geral. Antes só lia autores bons à socapa.

Não sei se o Gomercindo chegou a integrar essa Comissão Cultural, acho que o que ele fez, foi uma coisa paralela. Ele trabalhava no Instituto de Meteorologia Nacional. Era um homem bem-falante, chegou e começou a mostrar ideias muito firmes e incisivas.

O Gomercindo dirigia-se aos sócios a indicarlhe direcções mais favoráveis à defesa dos seus interesses, nem as pessoas estavam preparadas, nem os directores queriam isso. Estes diziam que não eram ideias progressistas, e que ele não tinha interesse em estabilizar as pessoas, mas sim inquietar a paz existente. Lembro-me de ter falado com o Manuel José e com o Pedro Gama, isto já em 1963, e expliquei que esta ideia de transmitir conhecimento, era a possibilidade que as pessoas tinham de evoluir. O que se perderia, se se deixasse de ter um local para comunicar com as pessoas.

Em 1963, chegámos a reunir com a Incrível Almadense. Uma noite, deslocámos lá uma delegação das Escolas, levando a indicação de que nos deveríamos dirigir ao Vice-presidente das actividades culturais, o Orlando Laranjeiro. A Direcção estava em reunião mas ele recebeu-nos na companhia do Fernando M. Barão, membro da Assembleia Geral e fomos reunir na biblioteca da Incrível, quase clandestinamente. De entre várias situações que foram abordadas, foi deliberado que, em data a definir, o Gomercindo Carvalho iria realizar no salão de festas uma conferência cujo tema seria: “A inserção da mulher na actual sociedade”.

A Comissão Cultural da Cooperativa desenvolvia um bom trabalho, mas era o Gomercindo que estava mais em evidência. Apesar das relações seguirem num sentido contrário ao previsto, o projecto obteve muita aceitação. Eu e outros gostávamos das sessões, não era só a personalidade do Gomercindo, eram também os temas que apresentava. As sessões começaram a ser cada vez mais abertas e francas.

Em princípios do ano de 1967, talvez em Fevereiro, tivemos um encontro em Alhandra com o Severiano Falcão, que estivera preso em Peniche, onde cumpriu uma pena de 9 anos e tinha regressado à liberdade em 14 de Dezembro de 1966. Nesse encontro, algures num morro de difícil acesso, numa construção rudimentar a que chamavam de adegas, estavam reunidos o Calvino, o Severiano Falcão, o Gomercindo Carvalho, o Mário Araújo, o José Alves de Almeida e o Baptista Pereira (ex-nadaor). Entre outras decisões que não interessam neste momento, acordámos que aquando do encontro de futebol da 2ª Divisão Nacional na Cova da Piedade, entre o

Desportivo e o Alhandra Sport Clube, em que o André, médio do Clube visitante, faria o último jogo representando este clube, tinha que emigrar para o Canadá. País de onde não viria a regressar porque corria o risco de, também ele conotado com as forças de esquerda, estar na iminência de ser preso. Aproveitando essa oportunidade para homenagear o excelente atleta, o Severiano nessa sessão realizada na biblioteca da Cooperativa, após algumas intervenções terminou a sessão declamando de modo extraordinário parte do poema “A morte de Severina” deixando também alguns recados/avisos para as Escolas dos Desportivo, que só alguns entenderam. Pouco tempo depois, a comprovar-se da sua oportunidade.

Foi uma sessão cultural memorável para a Cooperativa Piedense, para as Escolas do Desportivo e para alguns de nós presentes nessa sessão.

Com esta actividade mais exposta a Direcção da Cooperativa quis acabar com as palestras do Gomercindo. As pessoas nas assembleias, nas primeiras sessões, gostavam de o ouvir, mas depois ele tornou-se mais incisivo e exigente no que transmitia. Trouxe novos objectivos e isso começou a gerar atrito no seio da Cooperativa, ficando cada vez mais na mira dos informadores da PIDE. Foi esta pressão que conduziu à saída do Gomercindo Carvalho da Cooperativa.

Eu na altura era só sócio do Desportivo, avistei-me com o Jorge Rodrigues, o Manuel José Lourenço e o Mário Pereira, que pertenciam à comissão da Biblioteca do Desportivo, que na realidade tinha por funções a edição do Boletim do Desportivo e a recepção e dispensa de livros. O Pedro Gama era membro da Assembleia Geral, parece-me que secretário. O presidente da Direcção era o Armindo Venâncio. Todos nós entendemos ceder a sala da escola na

Rua das Salgadeiras (que até aí só dava aulas da pré-primária no período diurno), para que estas sessões não “fugissem” para Almada. Percebemos a receptividade da Direcção do Desportivo e as aulas iniciaram-se imediatamente.

Após a sua implementação começaram a surgir alguns obstáculos. Havia forças contra e a favor da continuação das aulas, uma vez que a intenção era fazer com que as pessoas evoluíssem, e como consequência disso o enriquecimento do Clube Desportivo e da própria Cova da Piedade e da sociedade em geral, as aulas eram abertas não só aos sócios do Desportivo, mas a toda a população.

O modelo de apresentação que veio para as Escolas era o mesmo que existia na Cooperativa, embora

“ Em princípios do ano de 1967, talvez em Fevereiro, tivemos um encontro em Alhandra com o Severiano Falcão, que estivera preso em Peniche, onde cumpriu uma pena de 9 anos e tinha regressado à liberdade em 14 de Dezembro de 1966.”



Grupo de alunos no intervalo de em convívio num fim-de-semana na Escola das Barrocas.
Em cima, da esq. para a dir.: ?, Dália, Manuela Ludovico, Albino Quaresma, Fernanda, ? e ?,
em baixo, da esq. para a dir.: Mário Araújo, Júlio Lopes e Margato.

se tenha especializado, progressivamente, e com sessões de Cultura Geral de 15 em 15 dias, iniciaram-se as aulas 3 vezes por semana do 1º Ciclo dos liceus e, posteriormente, com o 5º e 6º anos. As palestras, mais tarde começaram a realizar-se de 8 em 8 dias. As pessoas que assistiam tinham tanto interesse que até levavam trabalhos para casa de Psicologia e sobre vários outros temas. Depois o Gomerindo trazia-nos aqueles cadernos pequenos sobre Política, Economia, História Universal, História de Portugal, e a malta gostava daquilo, era sintético mas muito elucidativo.

O José Cavaco é que reunia com o Carvalho, nós não. Nós só começámos a reunir com o Carvalho muito depois, quando se constituiu a Comissão das Escolas. A organização foi uma ideia do Gomerindo Carvalho, ele é que foi a base que depois se desenvolveu com o José Cavaco e outros.

O Eduardo Gonçalves era um professor, rapaz novo com dezoito ou dezanove anos, natural do Fundão. Era utente assíduo na Biblioteca da Cooperativa, a ler e a estudar. Começámos a pensar que seria uma pessoa capaz para dar aulas, morava na Ramalha. Parece-me que foi o Cavaco que o convidou, embora tenha sido através das Escolas, para ele dar umas aulas de Matemática. O Eduardo ficou muito contente por ser escolhido e muito orgulhoso, mais tarde licenciou-se. Há mais ou menos um ano encontrei-o e o desabafo dele foi que, tinha tido uma grande experiência nas Escolas. Disse-me então que dera uma entrevista para o Jornal de Arganil, onde relatou a

experiência que tivera nas Escolas do Desportivo da Cova da Piedade. Ele foi o terceiro professor, era o José Cavaco, o Gomerindo Carvalho e o Eduardo Gonçalves.

Entre os anos 1963 e 1967 realizaram-se várias iniciativas: excursões a Coimbra, a Alcobaça. Quando íamos à Universidade de Coimbra, visitávamos as salas de aula, os museus, o Jardim Botânico e subíamos à Torre para tirar fotografias.

Faziam-se Palestras nas Salgadeiras com actores, poetas e jornalistas. O escritor alentejano montemorense Almeida Faria lançou o seu primeiro livro “Rumor Branco”. O livro continha uma inovação, não tinha vírgulas e tinha poucos pontos finais. Há pouco tempo alguém lhe falou nas Escolas do Desportivo e ele disse que gostava muito de nos voltar a ver a todos. O Almeida Faria quando aqui veio era um puto e foi muito bem recebido. Depois foi morar para Montemor-o-Novo de onde é natural. Outros escritores que nos visitavam com muita frequência eram: a Matilde Rosa Araújo, o Álvaro Salema, o Assis Esperança, o Alexandre Babo entre outros. Havia uma companhia de teatro independente – O Teatro Moderno – acho que era assim que se chamava, com o Fernando Gusmão, o Rogério Paulo, o Moraes e Castro, a Fernanda Lapa. Era tudo gente que visitava esta escola, vinham aqui dar palestras, “Palestrar”, esses dias eram muito interessantes. Havia ciclos de idas ao teatro a Lisboa, ao Cinema Império que dava umas sessões aos domingos de manhã, de cariz formativo e cultural, mas durou pouco tempo devido à

“ Faziam-se Palestras nas Salgadeiras com actores, poetas e jornalistas. O escritor Montemorense Almeida Faria lançou o seu primeiro livro “Rumor Branco”. O livro continha uma inovação, não tinha vírgulas e tinha poucos pontos finais.”

pressão existente na altura. Vimos as peças “O tinteiro”, o “Render dos Heróis” com o Armando Caldas, muito amigo das Escolas. Chegámos a ir ao Coliseu dos Recreios, em Lisboa, ver a ópera “La Traviata”, (Dama das Camélias). Depois comentávamos em sessões nas Escolas o que tínhamos visto: qual o personagem que entendíamos que estava mais perto da polémica central e porquê; quais as raízes dele e quais os objectivos, os valores que tínhamos entendido. Geravam-se discussões fantásticas e culturalmente, muito produtivas. Deve ter-se em conta que estes factos se desenrolaram há mais de 50 anos. Eu nunca tinha andado numa escola secundária, tinha 28 a 30 anos, era tudo uma novidade, um deslumbramento.

Nessa altura eu trabalhava na Cooperativa e como já estava identificado pela PIDE, tive de sair da Cooperativa e arranjar outro emprego. Fui para o Arsenal do Alfeite para a Caldeiraria. Aquilo era um Mundo Novo, a descoberta de uma outra realidade social. Fiquei logo integrado no grupo que orientava as situações, isto ao contrário de outros mais passivos. Queria fazer coisas e essa vontade conduziu-me inevitavelmente a uma actividade política mais activa.

Na passagem da Cooperativa para o Desportivo, as Escolas começaram a ter mais actividade e, a partir de 1964, começaram a dar mais nas vistas. A PIDE tinha algumas pessoas já referenciadas e foi aumentando o número dos que assistiam às palestras, tendo a PIDE algum controlo do que se passava. Com as excursões a malta começou a ser vista aqui e ali, e a ser algo controlada. A partir de determinada data deixámos de poder fazer excursões identificadas, pois era proibido levar cartazes nos autocarros.

Em 1967 aconteceram as prisões devido ao crescimento e à visibilidade das Escolas. Éramos facilmente identificados em Vila Franca de Xira, Alhandra, Santa Iria da Azóia, lugares onde íamos com alguma frequência.

Eu tinha tudo preparado no Arsenal para não ser preso. Fui informado para ter cuidado porque a PIDE observava-me. Tomei precauções, tinha uma caixa dos jornais Avante e Militante, uma caixa toda em ferro com um cadeado. Falei com o Ilídio e disse-lhe: “Se houver alguma coisa queimem, façam o que vocês quiserem, entreguem a alguém em quem vocês tenham confiança, mas se eu

desaparecer isto também tem de desaparecer”, e assim foi.

No Arsenal do Alfeite junto à entrada existem os serviços administrativos e a seguir, a primeira oficina que aparece é a Caldeiraria que tinha uma porta que dava para a mata, tendo a construção Naval, o estaleiro propriamente dito, e depois surge a Ponta do Mato e o Seixal. Eu tinha tudo combinado: Quando viessem à portaria perguntar por mim, alguém iria chamam-me para eu lá ir. Entretanto enquanto a PIDE estivesse à minha espera, eu já estaria no Seixal.

Atravessaria a nado da Ponta do Mato para o Seixal, colocaria a roupa à cabeça, e nadaria aqueles 100 ou 200 metros e pronto, mas não aconteceu como tinha previsto! Não fui trabalhar naquele dia. Era uma segunda-feira, eu e a minha mulher ficámos toda a noite a brincar com a minha filha Gina, que nessa noite começou a mexer na barriga da mãe. Quando a GNR bateu à porta, eu abri, identificaram-me e levaram-me, não custou nada, não era para ser preso assim, porque era o único que tinha as coisas organizadas para não ser preso, pensava eu.

As prisões de 1967 abalaram profundamente a estrutura das Escolas. O primeiro a ser preso foi o Reizinho, no dia 11 de Junho de 1967. Depois, a 17 de Julho, fui eu preso e a seguir foi o Gomerindo Carvalho. Ele foi preso em casa, estava à espera que a PIDE fosse lá buscá-lo, o que foi uma atitude considerada absurda na altura. Ele achava que, se outros foram presos, ele também deveria ser. O Gomerindo pensava que se fosse preso evitaria que fossem presas mais pessoas. Era uma atitude idealista já que, a nível político não deveria ser assim.

Na realidade na altura havia duas células. Uma era constituída por mim, pelo Reizinho, pelo Gentil e pelo Albino Quaresma; a composição da outra célula não era inteiramente do meu conhecimento. O Santana Alho na altura das prisões foi com o Cavaco e a “Mélita”, para França. As Escolas não foram constituídas para haver nelas uma célula do Partido, mas a actividade do Partido pode e deve existir em todo o lado onde haja actividade consciente e operativa. É claro que o Partido estava atento, percepcionando que as Escolas tinham ali uma série de pessoas que manifestavam interesse e disponibilidade para integrarem de forma voluntária a actividade política organizada.

Foi produto de uma evolução política, consequente e natural.

MEMÓRIA DE UM TEMPO

Em 1970, Segundo-Tenente da Armada, jovem de 22 anos recém-casado com a Fernanda, morava eu no Rio Seco, em Alcântara, com os meus irmãos Manuel Joaquim e Joaquim Estêvão, mais conhecidos por Mané Catim e Quinté, respectivamente.



Miguel Judas

Já nessa altura, na Armada, se desenvolvia uma movimentação de carácter revolucionário, democrática, através da qual chegámos ao conhecimento pessoal do Tonico Santana Alho, militante comunista, mais tarde “padrinho” da minha primeira filha, a Rita. Era a minha primeira “ponta” de contacto com o PCP, essa estranha e mítica entidade que nos fazia falta para que a nossa luta democrática, na Armada, se articulasse com a luta mais geral do povo português.

Mudámo-nos então para a “margem sul”, para Cacilhas, não só porque eu estava mais perto da Base do Alfeite como porque estávamos todos mais perto de um dos principais centros populares da luta anti-fascista.

Foi assim que cheguei à Escola do Desportivo e ao conhecimento pessoal com o Custódio, Sargento da Armada e militante comunista, numa altura em que, através do meu irmão Quinté, esperava um primeiro contacto com um funcionário clandestino do Partido, o Lindolfo, de má memória.

Começámos desde logo a participar em todas as actividades político-sociais da “Escola”, nomeadamente as suas sessões semanais de “Cultura Geral”, muitas vezes acompanhadas de perto pela GNR, e nos passeios democráticos que se realizavam - aquela jornada a Mértola e às Minas de S. Domingos, é inesquecível, bem como os piqueniques e os convívios de cantoria revolucionária onde as mulheres tinham larga representação: a Benta, a Inácia, a Celeste Mesquita, a Bárbara, a Antónia...

“ Aliás, o exemplo da Escola do Desportivo foi depois replicado, por iniciativa do Martins Guerreiro, nas instalações do Ministério da Marinha... com autorização do respectivo Ministro.”

Recordo o regresso do Gomercindo Carvalho, fundador da Escola, que estivera preso cerca de 4 anos, e o entusiasmo com que aquele “núcleo duro” do Mário Araújo, Reizinho, Santana, etc., o recebeu.

Julgo que foi no ano lectivo de 1971-1972 que um grupo já vasto de cerca de 20 jovens oficiais da Armada, anti-fascistas aproveitaram o período que mediava entre as 17.30h e as 20.30h para organizarem, nas instalações da Escola, um curso “liceal” para praças e sargentos da Armada, no mesmo espírito do funcionamento geral da Escola – formação académica e política.

Começaram também alguns Cadetes da Escola Naval a frequentar as sessões de “Cultura Geral”, reforçando assim o que mais tarde, após o 25 de Abril, seria o espírito e a prática da Aliança Povo-MFA.

Lembro ainda aquele período em que o Tonico andou “escondido”, com a PIDE-DGS à perna; depois de uma temporada em minha casa, lá foi ele até ao Algarve passar umas “férias” com o (hoje Almirante, reformado) Martins Guerreiro...

Aliás, o exemplo da Escola do Desportivo foi depois replicado, por iniciativa do Martins Guerreiro, nas instalações do Ministério da Marinha... com autorização do respectivo Ministro.

Estas recordações concretas servem para ilustrar a importância específica da Escola do Desportivo na formação cívica e política de alguns dos que, por isso, foram “capitães, sargentos e praças de Abril”. O 25 de Abril também nasceu lá e, mesmo que fosse só por isso, a Escola merecia um digno reconhecimento.

A questão que se deveria colocar hoje é se a “Escola” – tudo o que lhe estava subjacente - especialmente o compromisso para com os outros e para com o país, o sentido de unidade democrática, de camaradagem e de solidariedade, a autonomia e capacidade de auto-organização social sem dependências de ninguém, a visão de um futuro para Portugal e para o Mundo - se estes atributos serão coisas do passado ou se, pelo contrário, são ferramentas para o Futuro.

Não tenho dúvidas em afirmar que muitas das dificuldades por que Portugal e os portugueses hoje passam resultam de uma perda, demasiado grande, de muitos daqueles atributos, por termos deixado definhar o vibrante movimento popular autónomo que havia resistido às ofensivas do fascismo e que foi ainda muito mais alargado logo depois do 25 de Abril - as Comissões de Moradores, as Comissões de Trabalhadores, as Cooperativas, as Colectividades - por se ter perdido a autonomia e a criatividade para, como “dantes”, gerar formas novas de organização e acção popular, caindo dolorosamente nos vícios do “Sistema”, no “estatismo” e numa espécie de conservadorismo de “pequenos proprietários”...

Por isso, também não tenho dúvidas em afirmar que a experiência da Escola, nos tormentosos tempos que estamos e vamos continuar a passar, está mais actual do que nunca e que o seu exemplo, nas novas circunstâncias e tempos, deveria ser estudado e, no fundamental, feito renascer.

Como exemplo e sugestão, deixaria esta: Como “agarrar” os milhares de desempregados da Margem Sul e como os mobilizar para projectos produtivos autónomos, cooperativos, de interesse social e local? Se no passado foi possível, hoje, com a mobilização institucional dos Municípios Democráticos, não seria mais fácil? Há tantos espaços e instalações que poderiam ser utilizados (...a começar pelos próprios Centros de Emprego e Formação Profissional, que deveriam transitar para o âmbito municipal e serem geridos com participação das comunidades, incluindo associações de desempregados). Os nossos concidadãos desempregados precisam de solução e ela não virá, certamente, do “Sistema”; terá de vir do espírito de luta, da tenaz ultrapassagem de dificuldades e obstáculos, e do sentido de auto-organização social – como sempre, historicamente, aconteceu.

Como dizia a canção do Fanhais que gostávamos de cantar em coro, “Corpo Renascido, Canção...Toco-te e Respiras...”.

HOJE... CONTINUAMOS SOLIDÁRIOS

Frequentei as Escolas do Desportivo da Cova da Piedade durante alguns anos numa primeira fase com a intenção de tirar o curso do liceu, administrado por: Gomercindo Carvalho, José Cavaco, sua esposa entre outros. Posteriormente, e na sequência do curso do liceu, assisti ao Curso de Cultura Geral, que tinha como base transmitir conhecimentos políticos, os quais abriram horizontes até então desconhecidos.



Numitor Napoleão Esteves Couto

Como era apanágio do regime fascista não era autorizado que o povo adquirisse essa informação e, por este motivo a escola sofreu um revés enorme, pois os seus orientadores foram afastados compulsivamente pelas forças do regime.

Apesar dessa contrariedade e com o apoio de antigos alunos, conseguiu-se que não chegasse ao fim. O trabalho desenvolvido por aqueles que corajosamente e sem que usufruíssem de qualquer vencimento, abriram novos horizontes a quem não os tinha adquirido até então, foi de grande importância. Hoje, dado que se criaram grandes amizades e relações estreitas, continuamos muito solidários com todos os eventos que se possam realizar.

FOI NAS ESCOLAS QUE ME FORMEI SOCIAL E POLITICAMENTE

Chamo-me Vítor Luís Mendes Mesquita, nasci em Lisboa no dia 22 de Agosto de 1934. O meu pai foi barbeiro em Alcântara e só no início da década de 50 teve a sua própria barbearia. Viemos morar para Almada, o meu pai tinha concorrido para as casas do Bairro na Cova da Piedade. Tivemos sorte, foi-lhe atribuída uma casa e assim fomos residir para lá. Uns anos mais tarde, quando estavam a construir as casas em frente ao Bairro, os meus tios insistiram com o meu pai para abrir uma barbearia. E assim aconteceu, tinha eu mais ou menos 16 anos. Entretanto a minha vida deu uma grande volta e depois de ter morado em Lisboa, vim novamente para a Cova da Piedade, para casa do meu pai, no início da década de 70.



Vítor Mesquita

Tive conhecimento das Escolas através do meu pai, que foi lá director durante muito tempo, da minha irmã e do meu cunhado que davam lá aulas. Comecei por assistir às aulas de cultura geral leccionadas pelo Gomercindo Carvalho, às sextas feiras. Entretanto, houve necessidade de substituir um professor de matemática, que se tinha ido embora, por isso, a minha irmã e o meu cunhado, convidaram-me para dar aulas de matemática do 1º ciclo, matéria que estava dentro das minhas habilitações, pois tenho o antigo 5º ano do "velho" curso comercial e o 2º ano do, também antigo, Instituto Comercial. Fui dar aulas na Escola das Barrocas a meio do ano lectivo de 1972/73. No ano seguinte, em 1973/74, dei também aulas de História durante um curto espaço de tempo. As aulas eram entre as 20h e as 23h, só para alunos adultos, que eram quase todos homens e mulheres da zona: da Marinha, do Alfeite, e de outras Empresas. Da Marinha queriam tirar mais disciplinas para poderem progredir na carreira.

Todos os professores davam aulas em regime de voluntariado. Havia duas turmas. Quando não estávamos em aulas juntávamo-nos para falar e conviver. Os convívios da altura eram estes encontros e algumas excursões, lembro-me de uma a Coimbra e Conímbriga. Houve alguns concertos na SFUAP, lembro-me do Padre Fanhais e do Coro Fernando Lopes Graça. No concerto do Coro houve uma peripécia engraçada. Para que estes espetáculos se pudessem realizar era preciso autorização da Guarda Nacional Republicana. Eu e o Santana fomos pedir a autorização necessária. Foi obtida e assim permitida a realização do espetáculo. No final do espetáculo do Coro Fernando Lopes Graça, apareceu a Guarda a dizer que os enganámos, pois a autorização era para outro tipo de música. Não aconteceu nada de especial, para além deste aviso. Depois do 25 de Abril, veio um coro da União Soviética que deu um espetáculo fantástico e que encheu a Escola António da Costa. Já não me recordo se foi organizado pelas Escolas do Desportivo, se foi pela Associação Portugal URSS, que foi fundada nessa altura, ou se foi por ambas.

Depois do 25 de Abril muitas pessoas que pertenciam às Escolas e que tinham responsabilidade política, como foi o meu caso, foram “espalhadas” por vários locais, várias freguesias e várias empresas. Era necessário apoiar esta fase de transição para melhores condições de vida e por mais direitos laborais. Eu trabalhava na Seguradora Tagus desde os 12 anos de idade. Quando se deu a nacionalização dos Seguros e da Banca, os trabalhadores elegeram os colegas que os representariam no processo de nacionalização. Na Seguradora Ourique os trabalhadores entenderam que não deviam ser representados por si próprios, nesse sentido fui convidado, por intermédio do Sindicato, para a Comissão Administrativa. Foi um tempo de grandes e importantes alterações estruturais na sociedade.

A Escola das Barrocas continuou, mas os seus objectivos principais perderam um pouco o sentido. O apoiar a educação nocturna a adultos e o transmitir de conhecimentos sobre a actualidade e sobre o que se passava dentro e fora do país, que era sonogado pelo Estado à maioria das pessoas, perdeu a sua importância

quando o regime caiu, gerando um novo período de liberdade, o qual veio transformar as mentalidades fechadas que eram impostas pela ditadura. Durante mais alguns anos continuaram as sessões de esclarecimento, com outros temas, nomeadamente para dar informação às pessoas sobre o que significava na realidade, o 25 de Abril.

Não mantive ligação com as Escolas após o fim do ano lectivo de 1973/74, tendo em conta, o aumento da actividade do Partido, dentro do meu trabalho e na área dos seguros depois do 25 de Abril de 1974 e também porque, depois de casar, ter ido morar para a Cruz de Pau, na Amora.

A minha mulher, a Odete, teve contacto com as Escolas do Desportivo primeiro do que eu. Foi morar para a Cova da Piedade com 15 anos. Por volta dos 20 anos foi trabalhar para a Cooperativa, foi o seu primeiro emprego. Por essa altura começou a frequentar a escola como aluna e mais tarde foi convidada pelo meu pai, Luís Mesquita, para dar apoio administrativo na Direcção das Escolas. Durante um ano a Odete ia para a Escola das Barrocas à noite uma ou duas horas, para receber as mensalidades dos pais dos alunos da Escolas Pré-primárias. Também tinha ligação com as Escolas ao assistir às aulas do Gomercindo Carvalho, embora, como ela costuma dizer, “tivesse sido uma passagem rápida”.

Em relação a mim, foi nas Escolas que me formei social e politicamente. Adquiri conhecimentos e esclarecimentos, aos quais, de outra forma, nunca teria tido acesso. Foi decisivo para o rumo

que a minha vida tomou. Acho que nem a minha consciência política teria sido despertada, se não fosse a Escola do Desportivo, apesar do meu pai ser militante.

Dos que me lembro dessa época sobressaem o Santana, o Gilberto, o Silva, o Reizinho, o Custódio, o Judas e o irmão, as namoradas, as actuais mulheres deles, de entre outros, não esquecendo os meus alunos. Foram tempos e pessoas muito importantes que influenciaram a minha vida e a vida de muitas pessoas.

Houve em 1997 um almoço convívio em que revi muitas pessoas da altura, mas nunca se colocou a hipótese de voltar a dar aulas. Nessa época havia pessoas mais habilitadas para esse efeito.

“ Eu e o Santana fomos pedir a autorização necessária. Foi obtida e assim permitida a realização do espetáculo. No final do espetáculo do Coro Fernando Lopes Graça, apareceu a Guarda a dizer que os enganámos, pois a autorização era para outro tipo de música.”

Há depoimentos, testemunhos, entrevistas de professores e alunos que não foi possível recolher. Porque não conseguimos o contacto ou porque já faleceram, ou porque depois de contactados não sentiram disposição para o fazer. Não podemos, no entanto, deixar de os referir, pois também contribuíram para o que são hoje as Escolas do Desportivo.

OUTROS PROFESSORES, OUTROS ALUNOS

Rosa Leonor da Costa Pedro

Rosa Leonor foi aluna e depois também professora de Francês. Faz parte de uma família bem conhecida na Cova da Piedade, o seu irmão José Manuel da Costa Pedro – o “Xiró” como os amigos o conhecem, praticante de halterofilismo, de culturismo – foi dirigente associativo do Ginásio Clube do Sul. A Rosa Leonor foi também das raparigas que mais contribuíram para quebrar preconceitos, pois participava com os rapazes nos jogos de futebol, nos passeios, numa fase em que em Portugal as mulheres eram muito discriminadas. Foi das melhores alunas da disciplina de Francês. Em 1967, após as prisões e a fuga de professores, Rosa Leonor leccionou a disciplina de Francês, contribuindo para que as Escolas não fossem encerradas. Em 1969 foi para Paris e a partir daí abriram-se novos horizontes, como nos disse na mensagem que nos enviou: “(...) Nunca me esquecerei do meu primeiro professor de Francês... pois o Francês tornou-se a minha segunda língua mãe, nunca me esquecerei do espírito das Escolas do Desportivo. (...) Actualmente moro mais longe, no Estoril e sem abandonar as causas da justiça e da verdade, enveredei por uma via de psicologia integral, numa perspectiva mais mística e esotérica...”. Rosa Leonor diz ainda que embora tenha perdido o contacto as Escolas, tinha muito gosto em rever velhos amigos passado meio século de vida.

Carlos Alberto dos Santos Gomes

O Carlos Alberto, mais conhecido na altura pelo Carlos Ferraz, filho do Enfermeiro Ferraz da Armada, é hoje um arquitecto de renome no concelho de Almada, e não só. Era aluno finalista do Colégio Frei Luís de Sousa e frequentava a Café Central quando a Celeste Mesquita o convidou a dar aulas nas Escolas do Desportivo. Era professor de desenho e mesmo depois de entrar para a Universidade continuou não só a dar aulas como a participar nas iniciativas culturais e na publicação do Boletim Cultural “O Cindo”. Gomercindo tinha saído da prisão e participava de novo nas Escolas, não dando aulas mas organizando as sessões culturais, a publicação de cadernos culturais e de um jornal político/cultural a que deu o diminutivo do seu nome “O Cindo”. O jornal era impresso no duplicador das Escolas pelo Vítor Quaresma (Francisco) e pelo Carlos Ferraz que depois o distribuía de mão em mão no Largo da Piedade ou junto aos barcos em Cacilhas. Foi uma actividade que antecedeu o Congresso da Oposição Democrática em Aveiro em 1973 e que levou a uma maior divulgação e participação popular, contribuindo directamente para a Revolução dos Cravos.

A professora Mélita

Maria Amélia Moura Pinto, a professora Mélita, faz parte duma família de sete irmãos oriundos do Alentejo, que trouxeram para Almada aquela fraternidade de que fala a canção do Zeca Afonso. A Titina (Catarina), a Aidinha (Aida), a Maria Laura, a Leninha (Helena), as irmãs, e a Mélita ligaram-se às Escolas pelas sessões de cultura geral realizadas na Cooperativa e depois na Rua das Salgadeiras ou nas Barrocas. As Escolas, quando iniciaram as aulas de 2º ciclo (9º ano de escolaridade) precisaram dum professor de Inglês e o convite recaiu sobre a Amélia Pinto. Muito jovem, uma rapariga muito bonita, foi uma mais valia para professores e alunos. Sabemos hoje que o Inglês foi das disciplinas mais úteis para os marinheiros, cujas viagens os levavam aos quatro cantos do Mundo. Mas as aulas da Mélita foram interrompidas pelas perseguições que a PIDE lhe moveu e que a obrigaram a exilar-se em França. Foi substituída pela professora Eurídice, as Escolas não encerraram. Hoje recordamos esse tempo de luta e de coragem. As irmãs mantiveram-se ligadas às Escolas até ao 25 de Abril de 1974. E a Leninha é hoje a deputada Helena Pinto da Assembleia da República pelo BE.

Outros professores

Há professores que os alunos nunca esqueceram, o Tertuliano Baptista, o Jerónimo, o Padre Manuel de Cacilhas, o Rui Gomes e certamente outros ainda, aqueles que foram alunos e em seguida professores. É provável que nos esqueçamos de algum nome, mas tudo fizemos para conhecer ou encontrar aqueles de que nos falaram. Mas não conseguimos. Encaramos sempre a possibilidade de os encontrarmos e publicarmos os seus depoimentos numa reedição deste livro. Por agora fica aqui a ideia de que eles fazem parte da História das Escolas do Desportivo e, com o seu contributo, também ajudaram a formar cidadãos mais esclarecidos.

A família Quaresma e as irmãs Dias

Albino e Victor Quaresma Francisco, mais conhecidos pelos irmãos Quaresma, fizeram parte do grupo inicial de alunos que inauguraram as Escolas Nocturnas do Clube Desportivo. O Victor manteve-se nas Escolas até depois do 25 de Abril, fazendo parte das Comissões de Direcção das Escolas. Foi também o director do jornal cultural “Cindo” e também o seu difusor mais entusiasta, pois ia para Cacilhas, com outros amigos distribuir os exemplares de cada edição. O Albino e o Victor estiveram também na base da reorganização das Escolas em 1967, após as prisões e saídas para França de professores. Entretanto o Albino Quaresma foi também preso e quando saiu refugiou-se em França e mais tarde no Canadá. Regressou a Portugal após o 25 de Abril e integrou a actividade política. Nos poucos anos que esteve nas Escolas deu para conhecer a Nazaré Dias, uma aluna também, e de casar com ela. Como todos nós nos divertíamos quando os víamos a tentar esconder os olhares; o desenlace do namoro foi natural e esperado. Tiveram dois filhos, o João Pedro e a Alexandra Dias Francisco, que um dia também foi professora de Sociologia nas Escolas. Confessou-nos que não gostava de dar aulas, mas... aceitou por querer “continuar a tradição da família”! A Nazaré frequentou as aulas e convidou as irmãs a participar nas sessões de Cultura Geral: a Maria dos Anjos, a Odete e a Helena que ficaram para sempre ligadas às Escolas. A Maria dos Anjos Dias era a mais velha e a mais decidida. Foi ela que se deslocou a França para ajudar os refugiados políticos e também para levar notícias das Escolas “...que continuavam, com outros professores e alguns alunos tinham agarrado o testemunho e continuado a corrida do ensino e da cultura”. O seu filho, o Fernando Pedro Dias Aleixo, foi professor das Escolas em 1998. A Helena Dias, a mais jovem também lá estudou e também fez parte das comissões de animação e de festas. Hoje ainda recordam esses tempos heróicos que nos marcaram para sempre.

ALUNOS DO ANO 1965/1966

1.º CICLO

- | | |
|--|---|
| 1 Abel Afonso Pires | 40 Júlio Gabriel Madeira |
| 2 Abel Leite Ribeiro | 41 Júlio Lopes |
| 3 Abílio Marques de Almeida | 42 Amândia da Conceição Nunes Grave |
| 4 Albino Quaresma Francisco | 43 Ana Maria Ferreira dos Reis |
| 5 Ana Maria Pinha Lopes | 44 António Inácio dos Santos |
| 6 Antónia da Silva Gomes | 45 Emílio Antunes Rodrigues |
| 7 António Galego Chumbo | 46 Fernando da Costa Teixeira da Mota |
| 8 António Joaquim Almeida Moura | 47 José Domingos Vieira Faria |
| 9 António Leal Cabeleira | 48 Judite Alice de Almeida Roxo |
| 10 António Manuel Almeida Martins | 49 Luís Lourenço da Silva |
| 11 António Manuel Coelho Lopes | 50 Manuel Domingos Ferreira |
| 12 António Pereira Carvalho | 51 Manuel Frاسquilho Botelho |
| 13 António Santiago | 52 Manuel Gonçalves Amaral Antunes |
| 14 Armando Lopes Teixeira | 53 Manuel Inácio Lourenço Correia |
| 15 Artur Neves de Almeida | 54 Manuel Joaquim Casaca Redondo |
| 16 Bernardino Henrique Marco Alves | 55 Manuel Pinto Ribeiro |
| 17 César António Martins | 56 Manuel Pires Gonçalves |
| 18 Dália Maria Santos Pereira | 57 Maria Alice Lourenço Nunes |
| 19 Emília da Silva Alexandre | 58 Maria Aurora Ribeiro Xavier |
| 20 Ermelinda Matos de Oliveira | 59 Maria de Fátima (Revez) |
| 21 Fernando Ferreira de Carvalho | 60 Maria de Fátima Parreira Ramos |
| 22 Fernando Madeira Valente | 61 Maria de La Salette Pimenta Ferreira |
| 23 Francisco Mendes Martins | 62 Maria de Lurdes Baptista Esteves |
| 24 Ilídio Valente Marques | 63 Maria de Lurdes Matos Mendes |
| 25 João Antunes Nabais | 64 Maria dos Santos Henriques |
| 26 João Narciso Paixão da Silva | 65 Maria Elisa da Graça Soares |
| 27 Joaquim Rodrigo Mascarenhas Augusto | 66 Maria Eugénia Martins Ferreira |
| 28 José Alberto da Costa Perdigão | 67 Maria Inácia Assunção Silva |
| 29 José Augusto Barbeitos Paulino | 68 Maria Isabel Lopes Campenhe |
| 30 José da Conceição Gonçalves | 69 Maria José da Costa Ferreira |
| 31 José Francisco de Sousa Marreiros | 70 Maria Manuela Ferreira Ludovico |
| 32 José de Jesus Marques | 71 Maria Margarida Formiga |
| 33 José Manuel Ascensão Ribeiro | 72 Maria Miquelina Simões das Neves |
| 34 José Manuel Lopes Barros | 73 Maria Rosalina de Oliveira Gago |
| 35 José Maria Ribeiro da Silva | 74 Maria Virgínia Oliveira Dias |
| 36 José Miguens Ribeiro Hilário | 75 Olívia de Jesus Rosa Guerra |
| 37 José Miranda Canário | 76 Pedro da Silva Gama |
| 38 José Pais Nogueira | 77 Ricardo da Silva Dias |
| 39 José da Silva Fins | 78 Rosa Leonor da Costa Pedro |

2.º CICLO

- | | |
|---|---------------------------------------|
| 1 Agostinho Dias Mateus | 24 José Joaquim Baptista Santa Maria |
| 2 Alberto de Almeida Braz | 25 José Joaquim Teixeira Pedroso |
| 3 Alexandre Rodrigues da Ponte | 26 José Manuel Machado Vieira da Luz |
| 4 Anacleto Palma Jacinto | 27 José Manuel Sapateiro Monteiro |
| 5 Antero da Cruz Barreira | 28 Luís Almeida Ferreira |
| 6 António Alves da Silva | 29 Manuel Augusto |
| 7 António Duarte Belo | 30 Manuel Baptista Casimiro |
| 8 António Manuel Rocha Fonseca | 31 Manuel Gomes de Carvalho |
| 9 António Ribeiro | 32 Manuel Lopes Pestana |
| 10 Armando Augusto Nunes | 33 Manuel Margato Curioso |
| 11 Avelino Fernando Pinheiro Martins Coelho | 34 Maria Alice da Silva Rodrigues |
| 12 Claudino da Conceição Henriques | 35 Maria Fernanda Martins Inácio |
| 13 Francisco Silvestre Barreiros | 36 Maria Isabel Duarte |
| 14 Gilberto Henrique Rita da Silva | 37 Maria Laura Moura Pinto |
| 15 Henrique Augusto Azenha Margato | 38 Maria Manuela Ramos de Oliveira |
| 16 João Arquimínio Serra | 39 Maria do Nascimento Bonança Falcão |
| 17 João Evangelista de Jesus Gentil | 40 Maria Rosa Nogueira Reis |
| 18 João Figueira Augusto | 41 Mário de Jesus dos Santos |
| 19 João da Silva Sérgio | 42 Mário José Araújo |
| 20 Joaquim Fernando Madeira Martins | 43 Mário da Silva Santos |
| 21 Joaquim Rodrigues Anacleto | 44 Numítor Napoleão Esteves Couto |
| 22 José Alexandre Nunes | 45 Reinaldo Augusto Trigo |
| 23 José Firmino Chalaça | |

ANO LECTIVO 1970/1971

Comissão de Direcção

António Santana	José Revez
António Reizinho	Manuel Nobre
Carlos Ferraz	Tertuliano

Professores

1º Ciclo

António Santana – Português
Fernanda – Francês
Jerónimo Martins – História
Celeste Mesquita – Ciências
Padre Manuel – Matemática
Carlos Alberto – Desenho

2º Ciclo

Lima – Português
Anabela – Francês
Eurídice – Inglês
Tertuliano – História
Montelobo – Matemática
Jerónimo – Geografia
Inocência – Ciências N.
Faria – Desenho

Documentos referentes ao Associativismo e à génese das Escolas Nocturnas do Clube Desportivo da Cova da Piedade (1955-1971)

**COSTA Ana, LUZIA Ângela & JULIÃO José (2007) –
*Associativismo e Cidadania – Exposição sobre o Movimento
Associativo em Almada*, Almada, Ed. Museu da Cidade**

“1955/74”

“As comissões culturais das associações do Concelho imprimem uma nova dinâmica ao movimento associativo. Antes da revolução de 1974, as colectividades oferecem palestras, colóquios, sessões de poesia, música e leitura ou apresentação de livros [e] intelectuais da capital. Visitam Almada, entre outros [...] Ferreira de Castro, numa sessão organizada pelas Escolas do Desportivo da Cova da Piedade e pela Comissão Cultural da Cooperativa Piedense e na inauguração da biblioteca do CIRL [Clube de Instrução e Recreio do Laranjeiro], baptizada em seu nome [1960].”

p. 139

“1960”

“A biblioteca do Clube de Instrução e Recreio do Laranjeiro sofre remodelação e é inaugurada com a designação de Biblioteca Ferreira de Castro, contando com a presença do escritor.”

p. 140

“1963” – (Novembro)

“Criação, no Clube Desportivo da Cova da Piedade, das Escolas Nocturnas – a leccionar o 5º e o 6º ano (antigo primeiro ciclo), com génese na actividade cultural que, na Cooperativa Piedense, Gomerindo Carvalho e José Cavaco tinham iniciado. Uma vez por semana, faz-se uma conferência temática para os associados. A baixa escolaridade dos sócios conduz à ideia de se leccionar matéria do curso geral dos liceus. A colectividade que disponibiliza o espaço é o Clube Desportivo da Cova da Piedade. Inscrevem-se 11 alunos. São professores Eduardo Gonçalves, Gomerindo Carvalho e José Cavaco.”

p. 141

“1964” – (Outubro)

“As Escolas Nocturnas do CDCP são formalizadas e transferidas para instalações próprias na Estrada das Barrocas (Rua União Piedense). Passam a leccionar o[s] antigos 1º e 2º ciclos da secção de Letras e de Ciências e aulas de Cultura Geral. A intensa actividade académica, cultural e de intervenção cívica que fomentam conduz à prisão de vários professores e alunos: em 1967, entre outros, Gomerindo Carvalho, Mário Araújo, António Reizinho e Albino Quaresma. Outros conseguem sair do país, como foi o caso de José Cavaco, Maria do Céu Cavaco, António Santana, Amélia Pinto, Fernando Cid e Dulcília Simões. Mesmo na adversidade, as Escolas conseguem manter-se em funcionamento.

p.142

“1973”

“Existem cerca de 90 associações no concelho.”

[...]

p. 145

***Clube Desportivo da Cova da Piedade - Livro de Actas
da Assembleia Geral III – 100 fls. numeradas (no
anverso) x 2 = 200 pp. (28, DEZ, 1964 – 21, JAN, 1971)***

Acta n.º 92 (21 de Janeiro de 1971), pp. 97-100:

[...]

“Ordem de Trabalhos:

[...]

*2.º - Discutir e votar a nomeação de dois colaboradores a Sócios de Mérito,
propostos pela Direcção.*

[...]

2.º Ponto da ordem de Trabalhos:

*Discutir e votar a nomeação de dois colaboradores a Sócios de Mérito,
propostos pela Direcção:*

É lida uma proposta da Direcção com o seguinte teor:

*A Direcção do CDCP, reunida em 27 de Novembro de 1970, analisando as
actividades culturais do n/ Clube, decidiu por unanimidade propor à Assembleia
Geral a nomeação a Sócios de Mérito, os n/ colaboradores, Srs. Gomercindo de
Jesus Carvalho e José Cavaco, fundadores em 1963, dos Cursos de Cultura Geral e
Liceal, que até à presente data tanto têm prestigiado a nossa Colectividade.*

*É posta em seguida à discussão e simultaneamente à aprovação, pelo sistema
nominal, com o seguinte resultado:*

*48 associados responderam sim; 1 não respondeu à chamada. O consócio
Sérgio Canhoto propõe que os sócios nomeados de mérito seja[m][sic] por
aclamação, o que é aprovado por unanimidade.*

pp. 97-98

Há pequenas histórias que nunca serão esquecidas por quem as viveu: "A rua da Escola está inundada? Descalçamo-nos e vamos", ou então outra "O Margato e a comida", ou ainda "o Casamento dos alunos" ou então "O futebol dos atletas".

Não era apenas estudar, tínhamos que nos divertir, confraternizar e aprender o que era a democracia. Na prática também se ensinava Ciência Política: convidando escritores, ouvindo o Coro da Academia de Amadores de Música Lopes Graça, vendo um filme e fazendo um debate, abordando temas de cultura e liberdade. Os temas de Cultura Geral eram dados todas as semanas e tinham sempre uma assistência regular: eram um complemento dos estudos liceais. As Escolas Nocturnas do Clube Desportivo da Cova da Piedade não eram apenas um liceu de formação académica. É verdade que o aproveitamento escolar era o mais importante e tanto alunos como professores regozijavam-se com os bons resultados obtidos. Mas as Escolas eram mais do que isso, eram também um centro de formação cívica criando cidadãos para uma sociedade mais humana e mais fraterna, pois eram fruto do Movimento Associativo Popular.



CAPÍTULO
IV

AS ESCOLAS DO DESPORTIVO
PEQUENAS HISTÓRIAS,
**O CONVÍVIO
E A CULTURA**
- 1963-1974 -



CHOVEU!

A ROMEIRA ESTÁ INUNDADA!

O LARGO 5 DE OUTUBRO TAMBÉM!

Decorria o mês de Novembro de 1964 e chovera todo o santo dia. o Largo 5 de Outubro, onde ficava situada a Escola do Desportivo da Cova da Piedade, na Rua das Salgadeiras, era nesta altura sujeita a inundações ao longo de todo o inverno.

Era um dia em que, pelas chuvas que caíram durante horas e horas a fio, a rua estava inundada. Quando chegou a hora das aulas, às 20, a água tinha subido um meio metro junto à porta de entrada. Do outro lado, no Jardim Público, a água atingiu a zona mais alta do parque infantil, criando assim um “lago” em volta dos edifícios.

Cerca de dúzia e meia de alunos tinham-se juntado perto dali mas era impossível entrar na Escola naquela noite. A opinião é que se devia aproveitar para ir ao cinema da Sociedade (SFUAP) ou ao Clube (CRP) já que estávamos ali. Por outro lado a primeira aula era dada pelo Professor Gomercindo Carvalho que ainda não tinha chegado e possivelmente nem viria, com o tempo que estava era quase certo, mas esperaríamos mais um pouco.

Mas íamos nós já a caminho do cinema, eis que surge o Professor: – Então como é? Não vamos à Escola? O que é que se passa? E começa a descalçar-se e a arregaçar as calças. – Vamos embora, toca a tirar os sapatos e a arregaçar as calças, as meninas até é mais fácil, é só descalçarem-se. Será que uma porção de água é mais forte que a nossa vontade!? – Vá, vamos andando, devagar para não escorregarmos e cairmos. Tenham cuidado, isto é só um bocadinho. Caminhem junto uns aos outros para se ajudarem e para tornarem o caminho mais fácil.

Espantados, boquiabertos, ida ao cinema por água abaixo, planos falhados, olhávamos uns para os outros! Surpreendidos mas sem pestanejar, seguimos o professor. Cinco minutos depois já estávamos no pequeno espaço que antecede a sala de aulas, a sacudir a roupa, a limpar os pés e as mãos da lama que fomos carregando pelo caminho.

Depois de alguns risos provocados pela situação, tomámos os nossos lugares nas carteiras e o Professor Gomercindo Carvalho, com a maior naturalidade, iniciou a aula, uma aula de Sociologia. Dissertou sobre direitos e deveres, vontades e inércia, perseverança, sentido de responsabilidade. Isto é, uma lição de cidadania e de vida, com aula prática, um exemplo a preservar pela vida fora.



OS CONVÍVIOS QUE SOLIDIFICARAM AMIZADES

Era com frequência que organizávamos convívios, sempre com os nossos alunos a cozinhar. O pessoal da Marinha tinha um jeito especial para a cozinha e um dos pratos frequentes era o bacalhau com grão. Mas havia outros petiscos. Nessa altura, não eram apenas os professores e os alunos que confraternizavam, vinham também as mulheres e os maridos, as mães e os pais e muitas vezes os avós. Todos eram uma família. Comia-se bem e muitas vezes até sobrava. O

Henrique Margato, um marinheiro cozinheiro, um dos nossos melhores alunos, não deixava que

nada se estragasse: chegava ao fim da refeição e ele fazia a ronda dos pratos dos outros alunos e "rapava" literalmente aquilo que sobrava. Depois para terminar e para quem gostasse havia baile: afastavam-se mesas e cadeiras, por vezes com música ao vivo, outras com o gira discos a rodar e toca a dançar. Tempos da juventude e dos recém casados!

Também o Coro do Maestro Fernando Lopes Graça, animou por vezes os serões das Escolas do Desportivo.

*« Os camponeses que lhes quiser roubar as avulsas
nosso povo, que tem um grande tesouro
deleitas: e roubei-lhas, não para as
guardar para mim, mas com o propó-
sito de lhes restituir, possivelmente
com juro do roubo. »*

*« Ora, como as canções são um dos bens
e preciosos bens do povo português, eu
sentiria a consciência pesar-me se,
apropriando-me delas, lhes não res-
tituisse. Não lhes restituo, porém, tal-
qualmente lhes roubei: fiquei com al-
guma coisa delas e, ao devolver-lhas,
procurei que elas não ficassem di-
minuídas no seu valor, antes, diligen-
ciei aumentá-las com aquele pequeno
juro que está nas minhas posses des-
pender.*

*Que retinei eu do roubo das canções?
Eu vo-lo confesso. Revelaram-me elas
lhar a alma do povo português, ensina-
ram-me a conhecê-lo mais intimamen-
te, ajudaram-me a procurar uma mais funda
identificação com ele — e eu considero
isto um benefício muito importante para um
artista, para um músico, que deseja e se es-
força, por que a sua arte, mais do que uma a-
ventura de uma confusão pessoal, seja
um meio de comunicação, melhor, um meio
de comunhão com o povo a que pertence. »*

fernando lopes-graça

SFUAP

21H30

5

MAIO

1973

Serão

de

música

coral

X

ani-

versário

rio

ESCOLAS

clube

desportivo

COVA da

PIEDADE

"O CASAMENTO DOS ALUNOS"

Júlio Lopes, um dos nossos alunos mais bem dispostos e sempre prontos para a brincadeira, tinha uma deficiência na coluna, era "marreco". Mas ele próprio até brincava com a sua deficiência. E, num dos nossos almoços, resolveu "casar" com uma aluna de quem ele gostava muito. Então organizou-se o "casamento": a Maria Laura e o José Cavaco foram os padrinhos da noiva, Rosa Leonor e Fausto Martins foram os padrinhos do noivo. Arranjou-se um ramo de folhas para a noiva e o noivo, que não queria ficar para atrás, teve direito a um nabo com rama, conforme atesta a fotografia. Depois do casamento seguiu-se o almoço da praxe e, ao que parece, houve baile a seguir.



...e não largava a noiva



...e almoçaram muito bem!



PASSEIO A ALCobaça...

... e também a outras terras como Batalha e Conímbriga. Mas Alcobaça ficou na "história" porque a Escola teve direito a uma fotografia de família. Mais uma vez foram as duas turmas de alunos com muitas famílias a acompanhá-los, e também com os professores. Foi um passeio de estudo pois aproveitou-se para falar da História de Portugal, da 1ª Dinastia em Alcobaça, da 2ª Dinastia na Batalha e da ocupação romana da península na visita a Conímbriga. Vale a pena dizer que os alunos se sentiam mais motivados ao visitarem estes monumentos que representam momentos da vida do nosso país. Para além do estudo, falou-se também das lendas e narrativas que cada monumento suscita. Em Alcobaça, os túmulos de D. Pedro e de D. Inês de Castro que, um dia, ao ressuscitarem dos mortos se encontrarão frente a frente e irão ocupar o trono, pois Inês já foi coroada rainha depois de morta. Na Batalha, o túmulo do soldado desconhecido, aquele que caiu na batalha de La Lys, em França, aonde Portugal participou na 1ª Grande Guerra. Em Conímbriga, uma cidade assaltada pelos Bárbaros que invadiram a Península e levaram a que o povo desta cidade construísse as muralhas para se defender, utilizando as estátuas e outros materiais ainda hoje visíveis, depois de 2 mil anos.

O GRUPO DE TEATRO

As Escolas do Desportivo levaram à cena a peça *A Excepção e a Regra* de Bertolt Brecht, dramaturgo, poeta e encenador alemão da RDA (República Democrática Alemã). Com encenação de Rogério de Carvalho, a peça teve como actores os alunos das Escolas de que se destacaram Carlos Marques, Antónia Mota, Clarinda Mendes, José Revés e Jorge Mendes. E contava a história de um comerciante rico que faz uma expedição à cidade de Urge, com o seu guia e um carregador de mercadorias. A viagem é longa e tortuosa terminando com o julgamento do comerciante que matou o carregador e despediu o guia. A peça teve 5 representações: na própria Escola, antes e logo após o 25 de Abril de 1974, na Cruz de Pau, na Cova da Piedade e em Almada, no átrio da Academia Almadense. Esta actividade teve uma influência muito positiva fora da Escola e mesmo junto dos alunos que ainda hoje, passados 50 anos, recordam parte do texto e as canções de Brecht.



A EQUIPA DE FUTEBOL

Nas Escolas do Desportivo, pertencendo a um clube de futebol, não poderia deixar de haver uma equipa de futebol ou, pelo menos, alunos a gostar de jogar futebol. Daí até organizar os jogos e os torneios foi um passo. O Desportivo fornecia o equipamento. E lá se formaram duas

equipas para dar "uns toques na chinha". Nem todos se ajeitavam. Havia alguns com dois pés esquerdos, mas esses não rematavam, passavam a bola. E assim se passaram uns tempos de franco convívio, de brincadeira de crianças grandes, a reforçar os laços de amizade e também a vontade de estudar e ir a exame, porque "isto de ir a exame" ainda assustava um bocado. Acabado o jogo, havia sempre o almoço



Em cima, da esq. para a dir.: ?, Cavaco, Carvalho, Mário Araújo, Américo e Mário Vaz; em baixo, da esq. para a dir.: Júlio Lopes, Pedro Gama, Reizinho, Manuel Inácio e Casaca.

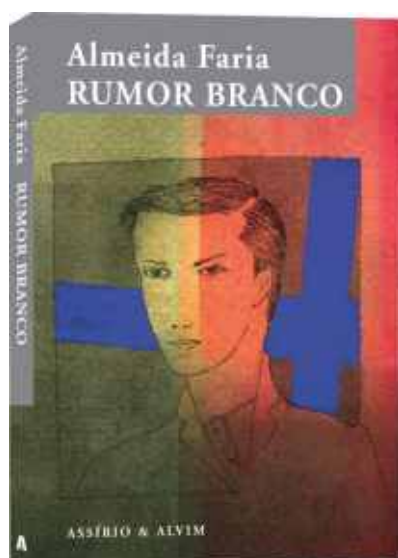


A união das equipas.

para continuar e aprofundar a amizade. A equipa vencedora teve direito a uma fotografia "de equipa" e de pose para o fotógrafo. Depois houve a fotografia colectiva das duas equipas mas também dos fãs e apoiantes, que os há sempre nestas coisas de futebol. Até nem faltou o professor de chapéu que fez questão de dizer "que não era clubista, apoiava o jogo e não as equipas!" Mas também não jogava...

UM LIVRO: "RUMOR BRANCO"

de Almeida Faria



Imaginem um romance escrito sem pontos nem vírgulas, com uma nova forma de abordar as situações. Numa primeira fase provoca discussão, ninguém está habituado. Numa segunda fase prende a atenção. Rejeita-se e depois aceita-se. Almeida Faria quis criar polémica com o seu primeiro romance. E conseguiu-o. Alexandre Pinheiro Torres é o primeiro escritor a analisar a obra, pois embora elogie o talento do jovem escritor, não deixa de o criticar "porque usa um estilo existencialista" para contar uma história. E com esta crítica atinge também outro escritor, Virgílio Ferreira e o seu livro "Aparição", este sim existencialista. Ferreira acaba por responder nos jornais e isto vem dar projecção ao "Rumor Branco". No salão da Cooperativa Piedense, onde o livro é apresentado, a polémica surge porque uns aplaudem, outros não gostam. Mas o que Almeida Faria quer dizer no seu livro é que não está contente com a sociedade em que nasceu (o escritor ainda não tem 20 anos) e como não o pode dizer abertamente (a PIDE está à espreita) fala usando um novo estilo, pedindo para que se leia nas entrelinhas. A sua personagem, o Daniel João, é um homem inquieto, como todos os da sua geração. O livro foi vendido na própria sessão e a venda foi um sucesso. O escritor nunca mais esquecerá esta sessão de apresentação do seu primeiro romance.

UMA NOITE DE MÚSICA



O Coro de Fernando Lopes Graça

Eram as canções heróicas do maestro Fernando Lopes Graça, era a música do folclore português com arranjos do próprio maestro, eram autênticas lições de música clássica que só o Povo sabe cantar. E as sessões acabavam no café ou no bar da Cooperativa, com todos a darem louvores ao Deus Baco à medida que se bebia um copo. "Primeiro atirador, atira, atira/Oh que lindo companheiro/Que bebeu o copo inteiro" ou então outra que exigia dois cantores: "Mulher minha, tu não bebas vinho/que eu te dou um par de socos! - Isso não, maridinho não/pés tortos não querem socos./Venha vinho prós nossos copos!" Com Fernando Lopes Graça e o seu Coro era uma festa pegada, antes e depois da apresentação do reportório. E não nos cansávamos de o ouvir. O Coro veio à sala da Cooperativa por várias vezes e durante vários anos.

A PINTURA DE LIMA DE FREITAS



Autoretrato

A exposição dos trabalhos de Lima de Freitas foi realizada no salão/café da Cooperativa Piedense. Houve quem não acreditasse que uma exposição de pintura despertasse interesse. Mas o facto de ser mostrada num espaço público, frequentado pelos associados, não só despertou muito interesse como animou debates e conversas. A obra de Lima de Freitas chama a atenção pela sua cor e pelo rigor do traço. Detentor de uma técnica ao alcance de poucos e exímio no retrato, Lima de Freitas (1927-1998) pintor de Setúbal, foi também ilustrador, gravador, publicitário,



desenhador e, no campo das letras, tradutor e ensaísta. Neo-realismo, surrealismo, realismo fantástico, pós-modernista, o legado artístico de Lima de Freitas confunde-se com várias correntes, o que impede, por isso, que seja unânime a atribuição de uma terminologia que defina, claramente, o traço do pintor. O próprio Lima de Freitas sentia relutância em se identificar com qualquer corrente. Contudo, é comum encontrar registos sobre a obra do artista que a conotam, fundamentalmente na sua última fase, com um surrealismo marcado pelo misticismo e esoterismo.

CINE-CLUBE: O FILME "O VOO DA FÉNIX"

A Fénix é uma ave que foi queimada viva, mas que depois renasceu das cinzas. O filme "O voo da Fénix" é um exemplo do renascer quando se tem coragem para vencer a adversidade. Um avião bimotor sobrevoa o deserto de Gobi. Numa viagem de rotina é apanhado no meio de uma violenta tempestade, há um motor que falha e o avião cai em pleno deserto. Que fazer? O Comandante está desesperado, mas o Engenheiro diz que há solução para voltarem a voar, pois o avião ainda tem um motor que funciona. James Stewart comanda um fantástico elenco neste "suspense cheio de adrenalina e com sucesso confirmado" que oferece acção de primeira e aventura sem igual! Hardy Kruger é o engenheiro que entra em conflito com quem não acredita que é possível fazer o avião renascer das cinzas. Entre o pessoal do avião há quem desespere e volte as costas, aventurando-se pelo deserto, onde acaba por morrer. Mas o engenheiro leva o resto da tripulação a tentar construir um novo avião, lutando contra a falta de esperança e às vezes... contra o próprio comandante.



Capa do livro da vida e obra de Lima de Freitas



O voo da Fénix, filme projectado na Cova da Piedade na década de sessenta e comentado nas Escolas do Desportivo

O CURSO DE CULTURA GERAL

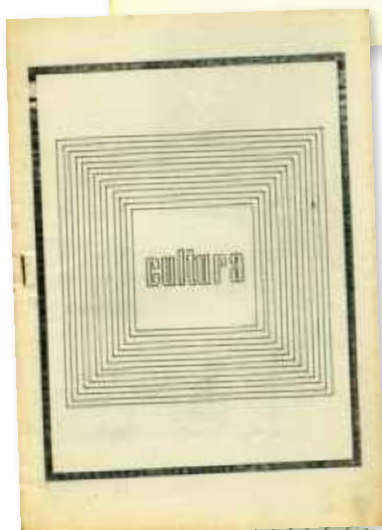
Regularmente, uma vez por semana, realizava-se o Curso de Cultura Geral dado pelo professor Gomercindo Carvalho. Os temas eram os mais variados. Hoje ainda nos lembramos porque, por cada tema, se publicava um pequeno "livrinho" recapitulando a matéria dada, muitas vezes em forma de perguntas e respostas. A coleção de temas era extensa mas versava principalmente a Filosofia ou subtemas dela: a Ética, a Estética, a Psicologia, a Religião, a Condição da Mulher, mas também a Economia e a Ciência Política. E há ainda o *Dicionário de Palavras* que define ideias pouco usadas mas necessárias para quem quer ter uma cultura geral. O Curso era muito bem aceito e, a partir do momento em que foi associado ao curso dos liceus, passou a ter uma maior frequência, tendo sido interrompido com a prisão pela polícia política (a PIDE) de Gomercindo Carvalho mas foi logo retomado com a sua libertação.

PUBLICAÇÕES





GOMERCINDO DE JESUS CARVALHO
Autodidacta
o
Lutador Antifascista
que, através do ensino,
legou ao povo a sua obra de
consciencialização libertadora
nasceu a 31 de Janeiro de 1931
Faleceu a 9 de Abril de 1978



Gomercindo de Jesus Carvalho, filho de trabalhadores rurais, nasceu em Ermesinde, Valongo, em 31/1/1931.

Após uma infância repleta de dificuldades, deixa a vida de pastor e vem para Lisboa. Emprega-se como aprendiz de serralheiro e mais tarde como marçano, profissão que mantém até ao alistamento na Marinha de Guerra.

A expensas suas faz o 7º ano liceal e inicia então o processo de emancipação através de uma exemplar escalada no campo do estudo.

Em 1959 fixa residência na Cova da Piedade e tem os primeiros contactos com a vida associativa do Concelho de Almada.

Cativado pelas actividades culturais das colectividades enceta a sua prática de militante cultural na Cooperativa Piedense, dispersando, porém, a sua actividade pela Academia e Incrível Almadense. Nos princípios da década de 60, cria com um grupo de amigos os Cursos de Cultura Geral na Biblioteca da Cooperativa Piedense, os quais, mais tarde, vieram a instalar-se nas Escolas do Clube Desportivo da Cova da Piedade. Idealizados e dirigidos por **Gomercindo de Jesus Carvalho** esses cursos tinham como objectivo a formação político-ideológica dos trabalhadores, e, pode dizer-se que foram factor decisivo para a evolução de dezenas e dezenas de quadros, quer civis quer militares.

No decurso dos anos 60/67, com uma vasta equipa de trabalho, desenvolve um conjunto de actividades culturais na Cooperativa Piedense e nas Escolas do Desportivo da Cova da Piedade, passando por estas Colectividades as mais representativas personalidades da cultura portuguesa do momento.

Preso pela P.D.E. em meados de 1967 pelas suas actividades de militante político e cultural é julgado nos odiosos tribunais plenários da Boa-Hora. Condenado a dois anos de prisão maior, agravada com medidas de segurança, pena que o reteve nas cadeias dos fortes de Caxias e Peniche cerca de quatro anos.

A sua personalidade caracterizada por uma firme e convicta determinação, cujos objectivos eram **A luta contra o obscurantismo fascista e pela emancipação dos trabalhadores**, levou-o, logo após ser libertado, a trabalhar incansavelmente em prol daqueles princípios.

Divulgou então pequenas brochuras policopiadas versando temas variados como **Cultura, Política, Filosofia, Estética, Contos da Prisão**, etc., dirigidos sobretudo às camadas trabalhadoras, usando uma linguagem simples, só possível pela sua grande capacidade pedagógica.

Após o 25 de Abril de 1974, fundou com outros amigos a **Liga para o Intercâmbio Social, Cultural e Científico com os Povos Socialistas** e os núcleos de Almada das **Associações Portugal-RDA e Portugal-URSS**.

Figura polémica, pela determinação na defesa das suas ideias, impunha-se por um carácter altruísta, dedicando todo o seu saber ao serviço dos trabalhadores, nomeadamente do nosso concelho, que ele amava como terra sua.

Um brutal acidente, faz seis anos, interrompeu o programa de vida totalmente dedicado aos outros, deste extraordinário **MILITANTE CULTURAL**.

8 de Abril de 1984

FOTO DO ALMOÇO DOS ANTIGOS ALUNOS DAS ESCOLAS DO DESPORTIVO

Quinta do Condestável, Sobreda de Caparica, 1997

1	Maria Aurora	18	José Manuel	35	Júlio Lopes	52	Jorge Rodrigues
2	Pestana	19	Mário Vaz	36	Clarinda Mendes	53	Tinoco
3	Adelino Borges Mendes	20	Ilídio	37	Vladimiro Guinot	54	António Belo Gonçalves
4	Maria Marques (Hermes)	21	Pedro Gama	38	Gilberto Silva	55	Vítor Quaresma
5	António Xavier	22	José Paiva	39	Avelino Cavaco	56	João Gentil
6	Octávio	23	Conceição Santiago	40	Maria José Guinot	57	José António Lopes (ZAL)
7	Fátima Revés	24	António Santiago	41	Gina Laranjeiro	58	Artur Castro Rodrigues
8	José Francisco	25	Piçarra	42	Orlando Laranjeiro	59	Artur Neves de Almeida
9	Vítor	26	Fernando Jorge (Bomba)	43	Domingos Mota	60	Joaquim Godinho
10	Aidinha	27	Manuel Custódio	44	Mário Araújo	61	Esposa (de Gaudêncio)
11	Américo Miranda	28	Maria Nascimento	45	João Reis	62	Gaudêncio
12	Carlos Filipe	29	Gina Custódio	46	João Neves	63	Maria do Céu Ramos
13	José Revés	30	Crisanta Carvalho	47	António Reizinho	64	Maria do Céu Cavaco
14	Emílio Rodrigues	31	Viriato Gonçalves	48	Esposa (de João Reis)	65	José Cavaco
15	Margarida Adão	32	Tó Manuel Fonseca	49	Fernando Cruz	66	Victor Cavaco
16	Maria de Lurdes Miranda	33	Antónia Mota (Tonicha)	50	Fernando Proença	67	João Cavaco
17	Gina	34	José Gonçalves	51	Gabriela Rodrigues		

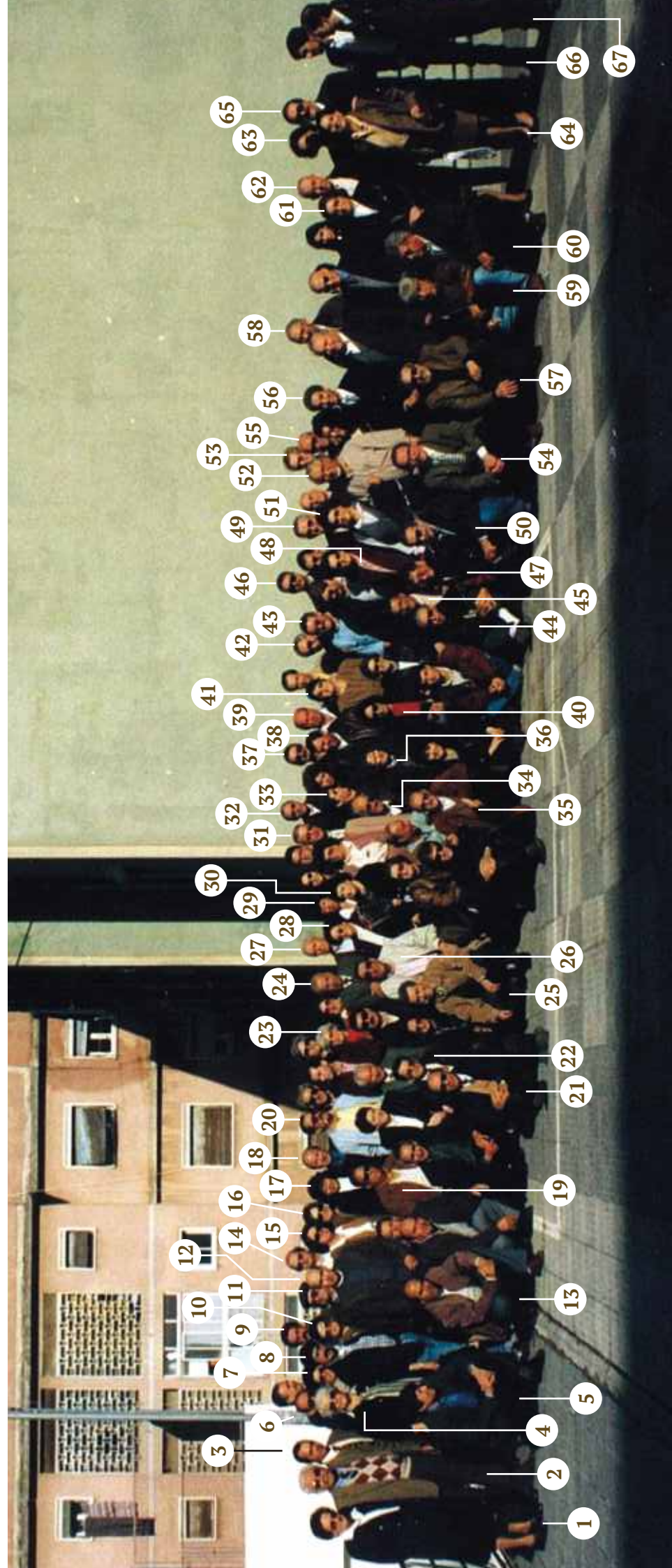


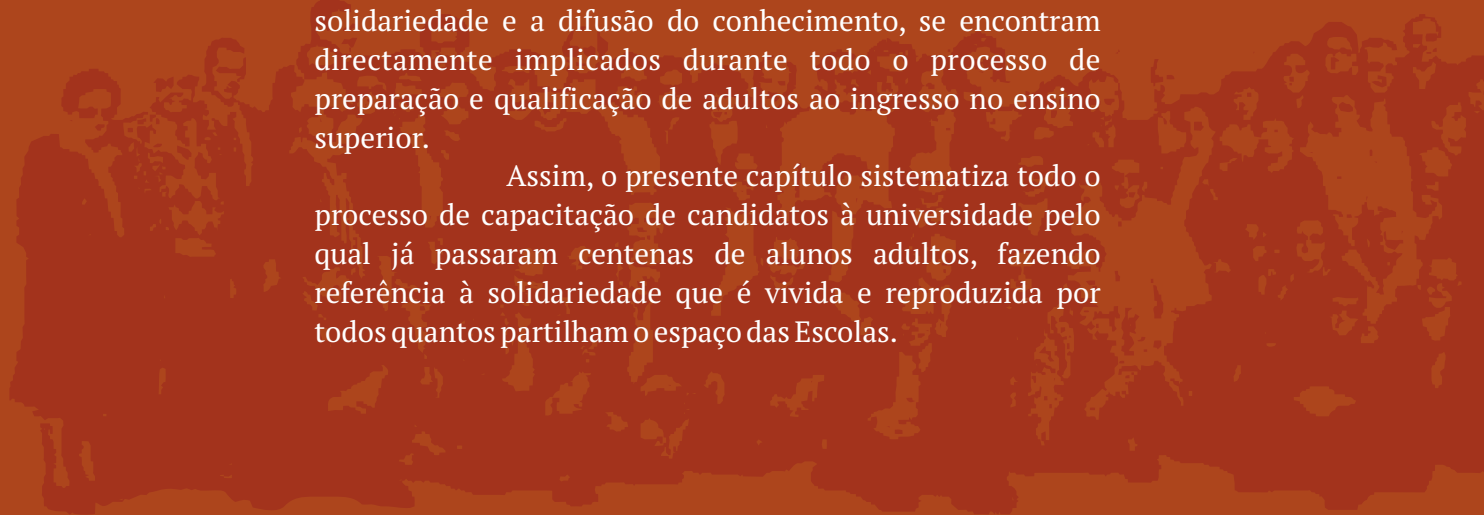
Foto feita no logradouro (traseiras) da Escola das Barrocas

Neste capítulo procurámos descrever quais as actividades que foram desenvolvidas nas Escolas do Clube Desportivo da Cova da Piedade no período que medeia entre os anos de 1998 e 2013.

As Escolas sempre mantiveram uma profícua intervenção no plano do esclarecimento cultural e político, promovendo a difusão do conhecimento como mecanismo despertador de mentalidades e apetrechando os seus alunos com instrumentos que lhes possibilitassem apreender melhor a realidade que os rodeia. No entanto, devido a uma participação activa nos processos de implementação democrática no pós 25 de Abril de 1974, não foi possível às Escolas do Desportivo o préstimo de qualquer apoio às necessidades educativas da população entre 1974 e 1997. Ora, a iniciativa encetada em 1998 veio colmatar essa lacuna e dar origem a uma nova fase na vida das Escolas. Nova fase que levou à consequente adequação da sua missão, por forma a ir ao encontro de uma necessidade social do foro educativo, então emergente naquela época: o apoio ao ingresso de adultos ao ensino superior (*Modelo Ad-Hoc* numa primeira fase e posteriormente ao programa *Maiores de 23*). O arranque desta etapa, só foi possível graças à mobilização dos recursos humanos e materiais que, depois de funcionalmente organizados e orientados permitiram satisfazer os fins propostos.

Embora delineado a partir de outra configuração conjectural, de certa forma, pode-se afirmar que foi relançado parte do projecto germinado em 1963 por Gomercindo Carvalho e seus pares, já que, a centralidade dos valores de base defendidos nas Escolas do Desportivo como a solidariedade e a difusão do conhecimento, se encontram directamente implicados durante todo o processo de preparação e qualificação de adultos ao ingresso no ensino superior.

Assim, o presente capítulo sistematiza todo o processo de capacitação de candidatos à universidade pelo qual já passaram centenas de alunos adultos, fazendo referência à solidariedade que é vivida e reproduzida por todos quantos partilham o espaço das Escolas.



CAPÍTULO
V

**PREPARAÇÃO
DE CANDIDATOS
À UNIVERSIDADE**
- 1998-2013 -



PREPARAÇÃO DOS CANDIDATOS À UNIVERSIDADE

Aprender ciência e praticar valores

No ano de 2013, as Escolas do Desportivo, completaram um ciclo de grande relevância cultural e educacional iniciado em 1998, ciclo esse, que teve início com o programa de apoio ao ensino, em particular no auxílio ao ingresso no ensino superior, cuja ideia despontou a partir de um encontro-convívio realizado no dia 30 de Novembro de 1997 entre antigos alunos e professores. A pertinente ideia, que veio dar continuação ao espírito que desde sempre investiu as Escolas, depressa se converteu num projecto de assinalável sucesso, com inegáveis resultados.

Fazendo jus ao seu passado, assente na prática e na defesa de princípios como a solidariedade, a partilha do conhecimento, a formação cívica, a difusão cultural e a promoção da democracia, as Escolas do Desportivo procuraram sempre integrar a reprodução destes valores, numa profícua ambivalência com o conhecimento científico ali veiculado.

Após um período de grandes transformações sociais e de uma acentuada liberalização económica, induzidas pela Revolução de 25 de Abril de 1974 e pela entrada em 1986 na Comunidade Económica Europeia, os indivíduos e as famílias adquiriram a consciência de que, a sociedade valorizava cada vez mais a posse de credenciais escolares e académicas. Cada vez mais, a aquisição de qualificações, potenciava o acesso a oportunidades que poderiam melhorar as condições básicas de existência e por conseguinte, levar de forma meritocrática as pessoas a ascenderem socialmente. Esta consciencialização originou no meio educativo um aumento exponencial na procura e na oferta educativas, provocando uma verdadeira revolução, tendo em poucos anos sido multiplicado o número de estabelecimentos de ensino e de organizações de formação profissional.

Ora, tendo em conta esta dinâmica na educação, foi através da reconfiguração da sua missão, possível às Escolas do Desportivo, sempre num registo solidário, continuar a suprimir as necessidades que parte da população manifestava ao nível do ensino. Na adaptação a esse contexto, tornou-se mais premente direccionar o auxílio às pessoas que pretendiam ingressar no ensino superior, do que, encetar qualquer outro mecanismo de apoio que já estivesse disponível à população por parte do Estado.

Assim, neste período (1998-2013) para além das

inúmeras iniciativas de carácter cultural realizadas, como foram o caso de palestras, seminários, recitais de poesia, entre outras, as Escolas do Desportivo, primaram-se sobretudo por apoiar os candidatos que através do modelo Ad-hoc e, depois de 2006 através do programa Maiores de 23 procuraram aceder ao ensino superior.

Constatadas as barreiras que qualquer candidato teria de transpor até ser admitido na universidade, relativas à falta de informação disponível, aos elevados custos das explicações de preparação, ao desconhecimento das metodologias académicas e à própria desmotivação pessoal por falta de apoio, em 1998, a Direcção das Escolas do Desportivo, tomou a iniciativa de encetar um projecto de ensino que minimizasse essas mesmas dificuldades, através do acompanhamento dos alunos na delineação e na preparação do seu trajecto pré-universitário. A concretização desta iniciativa, tal como todas as outras que as Escolas do Desportivo se propuseram realizar, só foi possível, graças ao voluntarioso sentido de missão protagonizado por todos os seus dinamizadores, dirigentes e professores que, num quadro firmado na informalidade e sem qualquer contrapartida financeira, mobilizaram a favor de outros, de forma altruísta a sua experiência pedagógica e a partilha do seu conhecimento. Trata-se de um projecto de ensino de exequibilidade impensável à luz da crise de valores humanistas latente às sociedades contemporâneas. Essa entrega, por parte dos professores, atingiu expressões

assinaláveis. Depois de um dia de aulas numa escola oficial, os professores, por sua própria conta e, subtraindo horas à sua vida privada, ao seu descanso e ao lazer, ajudavam em horário pós-laboral, com a sua dedicação, pessoas adultas na sua maioria também elas trabalhadoras, a aceder ao ensino superior. Para além dessa participação relativa ao ensino, prestam ainda, professores e dinamizadores, às Escolas do Desportivo outras formas de apoio: administrativo, técnico, infra estrutural e cultural.

Um exemplo dessa entrega à causa do ensino, é o do caso da Professora de Português, Alice Figueira que, marcou de forma indelével a sua passagem pelas Escolas do Desportivo, não só pelas aulas que leccionou, mas também, ao ceder generosamente uma Enciclopédia Luso-brasileira compilada ao longo dos anos, com muito cuidado e afecto pelos seus pais Manuel Valente Figueira e Eduarda de Moraes Figueira. A história das Escolas do Desportivo tem sido abundante em casos de partilha e de gratidão, por parte de dirigentes, amigos, professores e alunos.



Enciclopédia da família Figueira

O caminho percorrido pelo aluno

A inscrição

Para que possa melhor ser percepcionado o processo pelo qual passa um aluno das Escolas do Clube Desportivo até ingressar no ensino superior, procura-se de seguida ordenar e descrever as suas diferentes fases:

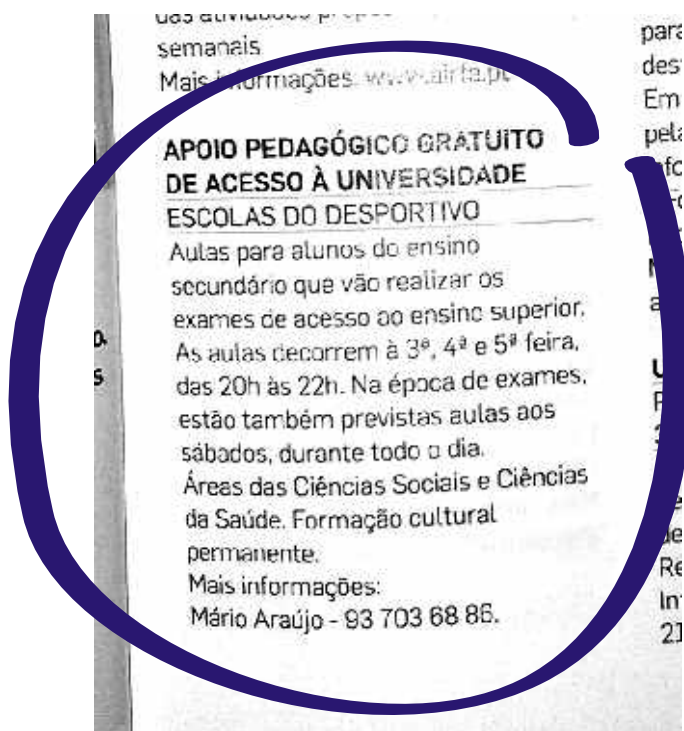
Através da divulgação veiculada por cartazes afixados nas Juntas de Freguesia do concelho de Almada e da publicação de um anúncio na Agenda Cultural da C. M. Almada (mensal), os futuros alunos tomam contacto com a proposta das Escolas do Desportivo para cada ano lectivo. Alguns tomam também conhecimento da mesma através da experiência anterior vivida por amigos, colegas e familiares.



Cartazes de divulgação

Através do Decreto-Lei n.º 63/2006, de 21 de Março, foram regulamentadas as provas especialmente adequadas destinadas a avaliar a capacidade para a frequência do ensino superior dos maiores de 23 anos, previstas no n.º 5 do artigo 12.º da Lei 46/86, de 14 de Outubro, alterado pelas Leis 115/97, de 19 de Setembro, e 49/2005, de 30 de Agosto, revogando o anterior regime aplicado ao exame extraordinário de avaliação de capacidade para acesso ao ensino superior, também conhecido como exame *ad hoc*;

Decreto-Lei da passagem do modelo *ad hoc* para o programa *Maiores de 23*.



Agenda Cultural de Almada

Depois de uma pré-inscrição via email, ou por via telefónica, os alunos são convocados para um primeiro dia de aulas, onde lhes são dadas as boas-vindas e lhes é relatada de forma breve a história das Escolas do Desportivo. A sessão é dedicada acima de tudo à apresentação do programa do ano lectivo, à apresentação dos professores, à apresentação dos alunos e à formalização da inscrição através do preenchimento de uma ficha de dados pessoais.

Ficha de inscrição de alunos

Os programas curriculares e as áreas interdisciplinares e complementares

Quanto ao programa, o mesmo integra dois grandes grupos disciplinares, um primeiro grupo com disciplinas de base mais estruturante do conhecimento, de maior abrangência constituído por: revisões gramaticais de Português, leituras dos grandes clássicos de literatura portuguesa, visando melhorar a oralidade, o léxico e a aquisição de conhecimento indiferenciado; Inglês de vários níveis, de acordo com os alunos em causa, mas sobretudo de Nível I e Nível II e História, para permitir situar melhor os conhecimentos pluridisciplinares no tempo e no espaço.

Surge depois um segundo grupo de disciplinas com maior enfoque nas Ciências Sociais. Tratam-se de aulas de Introdução às seguintes disciplinas: Antropologia, Ciência Política, Direito, Economia, Psicologia e Sociologia. Nas sessões correspondentes são tratados de forma básica, a génese, o objecto de análise, a metodologia, os principais teóricos, as correntes e os pensamentos, a utilidade social e a relação multidisciplinar das ciências sociais. A este grupo junta-se a Matemática, ciência exacta essencial e que aqui permite aos alunos rever matéria ou adquirir as bases mínimas que permitem melhorar a capacidade cognitiva ao nível do raciocínio lógico.

As Escolas do Desportivo, estão ainda apetrechadas com um corpo docente capaz de corresponder às necessidades de cada aluno ao nível de outras disciplinas como sejam os casos de Francês e Biologia.

ANO LECTIVO 2012/2013

Preparação para o acesso a maiores de 23 anos ao Ensino Superior Programa de Métodos e Técnicas de Estudo das Ciências Sociais (pormenor)

DIA 16	OUTUBRO Apresentação	DIA 06	NOVEMBRO Introdução à Antropologia
23	Introdução aos MTECS - Paradigma Científico/paradigma bíblico (processos dialéctico /dogmático) - Conceitos anti-ciência: senso comum e generalização; - Exemplos de métodos e técnicas: Quantitativo e qualitativo, "etnográfico" ou participante, - Técnicas de retenção da informação/processo cognitivo (horas e locais favoráveis, caderno de apontamentos, revisão de notas, barras cronológicas, mapas comparativos) - Técnicas de desenvolvimento de texto e orais ("Gato Félix", notas auxiliares de memória) - Ficha de leitura; Recensão crítica; textos cruzados - Acesso às fontes físicas e virtuais (índice, capítulo, cópia, devolução) - Definição de objectivos, condicionantes, monitorização e concretização - Importância do grupo de estudo (distribuição de tarefas, complementaridade, solidariedade)	13 Seminário com Antropóloga convidada	20 Apresentação e discussão de trabalhos
		27	Introdução à Sociologia
			DEZEMBRO
		14	Seminário com Socióloga convidada
		11	Apresentação e discussão de trabalhos
			JANEIRO
		08	Introdução à Psicologia
		15	Seminário com Psicóloga convidada
		22	Apresentação e discussão de trabalhos
		29	Teste sobre as 3 disciplinas
			FEVEREIRO
		05	Introdução à Economia
		12	Seminário com Economista convidada
		19	Apresentação e discussão de trabalhos
		26	Introdução ao Direito
			MARÇO
		05	Seminário com Jurista/Advogada Convidada
		12	Apresentação e discussão de trabalhos
		19	Introdução à Ciência Política
		26	Seminário com Politólogo convidado
			ABRIL
		02	Apresentação e discussão de trabalhos
		09	Teste sobre as 6 disciplinas
		16	Elaboração definitiva dos CV
		23	Preparação para as entrevistas
		30	Seminário de encerramento
			Notas: Nº de aulas: 8 / Seminários: 7 / Testes:2 Apresentações e discussões de trabalhos: 6 Total de horas: 50 (aproximadamente) / Este Programa pode sofrer ajustamentos
30	Técnicas para a elaboração de trabalhos académicos A - Os cinco passos para a elaboração de um trabalho académico: 1. Definição precisa do objecto de estudo 2. Recolha da base teórica/revisão de leituras/estado da arte 3. Trabalho de campo/terreno; caracterização, entrevistas; questionários; recolha de imagem e som; 4. Cruzamento da base teórica com o trabalho de campo, métodos qualitativos e quantitativos; 5. Conclusões e recomendações. Conceito de observação participante, ética na investigação, manipulação dos investigados, cuidados e recomendações. B - Os sete passos para a apresentação do trabalho académico: 1. Capa Imagem, (Escola, Curso, Disciplina, Título, Professor, Aluno, Nº) 2. Índice desenvolvido 3. Introdução 4. Base teórica 5. Desenvolvimento 6. Referências bibliográficas e fontes 7. Anexos Nota: Podem incluir-se agradecimentos ou mensagens específicas		

O diagnóstico

Na segunda sessão, em parte da mesma são aferidos os conhecimentos e as qualificações de cada aluno através da realização de um teste de diagnóstico. Este teste vai permitir aos professores adequarem a sua metodologia de ensino em conformidade com as características de cada um dos alunos, propondo-se o corpo docente a suavizar as diferenças que possam vir a ser aferidas entre os alunos.

TESTE DE DIAGNÓSTICO

Ano lectivo 2008 – 2009

Recomendações:

Este teste diagnóstico, é composto por três partes:

- I. Texto para leitura, interpretação e resumo;
- II. Texto para correcção;
- III. Exercícios de resposta rápida.

Leia com calma, atenção e responda nos espaços reservados. A letra deve ser legível e não pode conter rasuras.

A cotação é de 0 a 100% e cada grupo e questão estão devidamente cotados.

O tempo de execução é de 60 minutos (mais 10 de tolerância).

Bom trabalho!

Augusto Flor

1. Texto

Título: (3 valores)

Segundo MacLaren (1995), podem-se distinguir várias modalidades de posições multiculturais: o multiculturalismo conservador, o multiculturalismo liberal e liberal de esquerda, e o multiculturalismo crítico ou de resistência.

O multiculturalismo conservador pretende a construção de uma cultura comum, unitária e nacional, entendendo a diversidade cultural, racial ou sexual como devendo ser assimilada à cultura tradicional, geralmente definida por padrões patriarcais, brancos, euro-americanos.

Tal como este, o multiculturalismo liberal visa políticas de assimilação, e embora presuma que vivemos numa cultura igualitária em termos de raça ou sexo, aponta as desigualdades de oportunidades educativas nos sistemas capitalistas.

O multiculturalismo liberal de esquerda encontra-se mais atento aos modos de operar do poder e do privilégio e sublinha as diferenças culturais ditadas por classe, raça e sexualidade.

O multiculturalismo crítico ou de resistência, não satisfeito em apenas desestabilizar os sentidos dominantes na sociedade, visa transformar as próprias condições sociais e históricas que naturalizam os sentidos culturais. Para ele não existe uma humanidade comum, mas apenas identidades definidas pelos contextos de poder, de discurso ou de cultura.

Questionário:

Pergunta 1: Qual a diferença entre interculturalismo e multiculturalismo?

Resposta: (5 valores)

Pergunta 2: De acordo com o autor do texto, quais as principais diferenças entre os vários tipos de multiculturalismo?

Resposta: (5 valores)

Resumo do texto: (12 valores)

2. Texto para correcção:

Título: (15 valores)

Multiculturalismo

Noção polémica que se encontra açossada a questões de origem sexual, raça, etnicidade, diversidade e diferença cultural que envolve estratégias de des - familiarização e uma narratologia crítica, bem como atitudes discursivas e políticas de descentração em contextos sociais, políticos, educativos e culturais.

O multiculturalismo implica basicamente a transição de uma cultura comum ou homogénia para culturas visando a inclusão dos racial e sexualmente excluídos, e das vozes daqueles que têm sobrevivido nas franjas do poder central ou nas margens dos cânones literários e culturais.

3. Exercícios de resposta rápida

1: Defina os conceitos e dê exemplos de aplicação das seguintes ciências naturais:

Biologia: (4 valores)

Geologia: (4 valores)

Astronomia: (4 valores)

Ecologia: (4 valores)

Sismologia: (4 valores)

2: Defina os conceitos e dê exemplos de aplicação das seguintes ciências sociais:

História: (4 valores)

Antropologia: (4 valores)

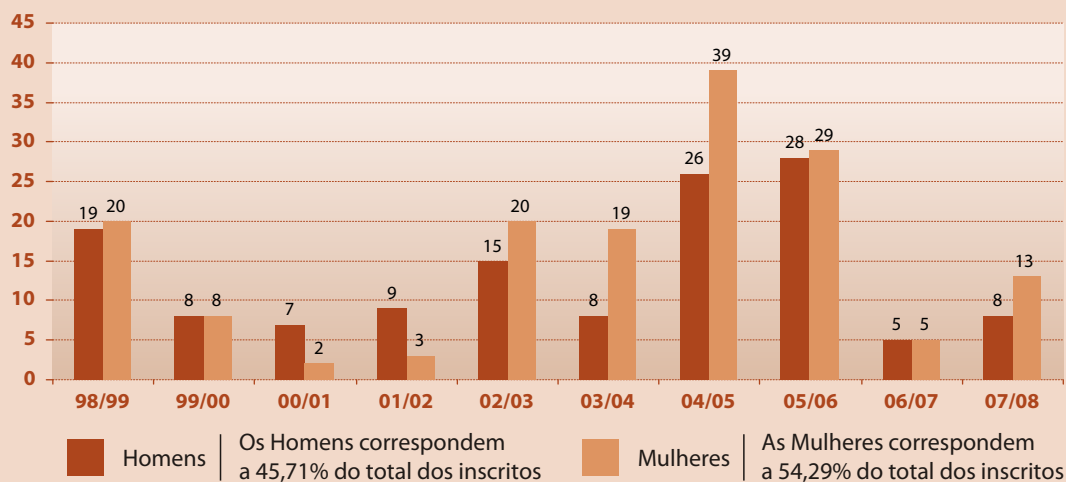
Direito: (4 valores)

Economia: (4 valores)

Política: (4 valores)

3. Interprete o seguinte gráfico:

Escolas do Desportivo da Cova da Piedade - Inscritos por Género - 1998/2008



Interpretação do gráfico: (20 valores)

Os trabalhos académicos e a metodologia

A experiência dos professores e a colaboração de antigos alunos, já licenciados, possibilita aos candidatos de cada ano adquirirem métodos e técnicas de estudo e de produção de trabalhos académicos que semanalmente são desenvolvidos através da prática, indo atenuar o impacto relativamente ao ambiente de estudo encontrado no ensino superior.



A preparação específica

No final do curso de preparação, já em contagem decrescente para a realização da prova de acesso ao ensino superior, é necessário tratar cada aluno com uma sensibilidade própria, ensinar e aconselhar na redacção da carta de motivação requerida pelas faculdades e treinar a oralidade através de seminários, preparando a entrevista a que irão ser sujeitos, todos quantos forem aprovados na prova escrita.

Exmo Sr.
Coordenador da Licenciatura
em Sociologia da FSCH - UNL

Carta de motivação

O meu interesse em candidatar-me ao Ensino Superior na FSCH da Universidade Nova de Lisboa, para o curso de Sociologia, é suportado pela noção que, actualmente, analisar a sociedade de forma fundamentada remete-nos de imediato para a aplicabilidade da Sociologia como ciência social autónoma, a qual estuda as causas e consequências dos comportamentos sociais, sendo as conclusões apuradas postas ao serviço e utilização da própria sociedade.

E se a maturidade alterou a minha forma de olhar a sociedade, despertou o desejo de querer entender e aprofundar o conhecimento desses mesmos comportamentos, colectivos e / ou individuais, das influências de sectores sociais como o económico, político, geográfico, ambiental, na própria sociedade.

Numa lógica pessoal, e sendo o meu objectivo a aptidão para participar de experiências e procedimentos, o estudo de fenómenos sociais só será válido mediante ensino adequado e específico que proporcione atingir o grau de conhecimento devido e a respectiva especialização / qualificação na disciplina.

E consolidado o interesse em desenvolver o processo cognitivo sobre esta matéria, baseado em teorias sólidas e fundamentadas, concluo que só a frequência do curso de Sociologia me habilitará e preencherá as minhas pretensões.

Por este motivo, reunidas todas as condições necessárias, resulta a minha disponibilidade total para a aprendizagem, bem como o interesse em colocar a mesma ao serviço da ciência social em causa – a Sociologia.

Assim, de forma consciente afirmo, e por muito que tal possa soar conveniente, estar preparada e motivada para assumir a responsabilidade que tal decisão comporta e a empenhar-me, determinadamente, a corresponder à exigência que a disciplina obriga.

Sobre a escolha da FSCH da UNL, a mesma teve origem nas referências quanto à excelência e rigor do ensino praticado, transmitidas por conhecidos e amigos, alguns ainda em frequência do curso de Sociologia nessa instituição.

Expostas as minhas motivações e intenções coloco-me ao dispor para o que for entendido necessário, nomeadamente uma entrevista, com o propósito de enfatizar aspectos e temas referidos e outros não mencionados mas igualmente entendidos como relevantes e determinantes na análise e ponderação para o meu propósito.

Para apreciação, envio junto o meu CV (Curriculum Vitae).

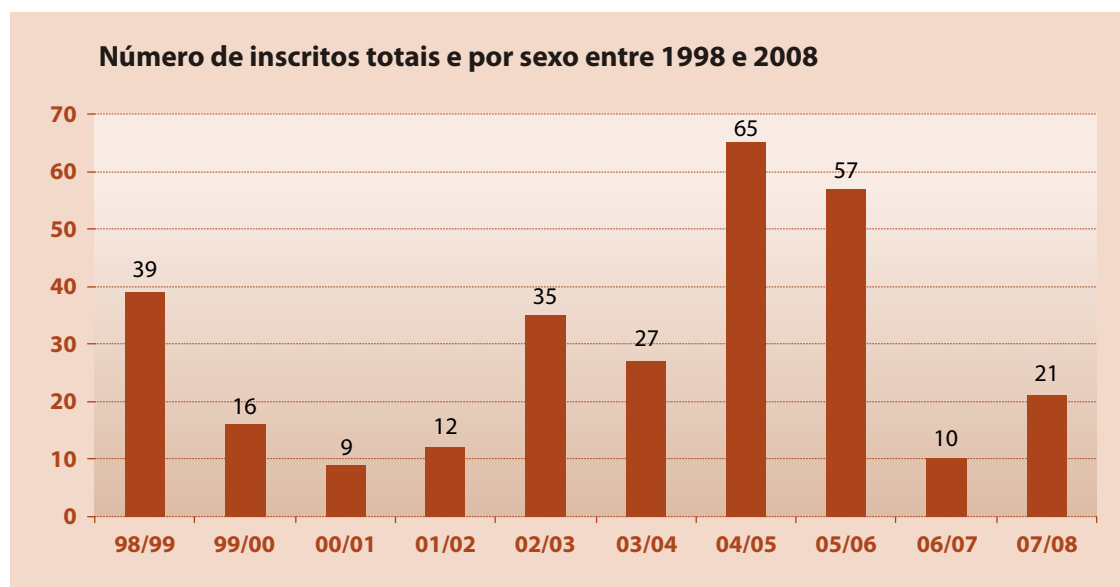
Com os meus cumprimentos

O apoio depois do ingresso

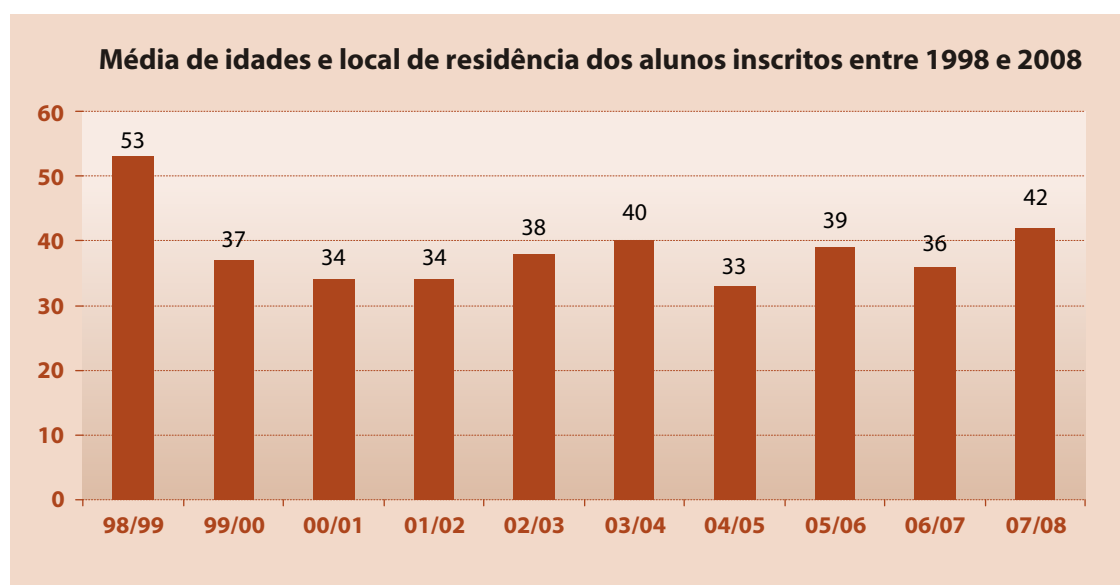
Após o sucesso que as Escolas do Desportivo desejam para todos os seus alunos, o seu papel não fica por aqui, procurando também acompanhar a prestação académica dos alunos, continuando a motivá-los para que conclua a licenciatura sem que lhes falte a determinação e o empenho necessários.

Breve estudo estatístico de caracterização dos alunos

Apresentamos de seguida alguns dados estatísticos que nos permitem perceber melhor a dimensão do projecto levado a cabo pelas Escolas do Desportivo.



No período a que concerne este capítulo (1998 a 2013), inscreveram-se mais de 300 alunos dos quais 50 ingressaram no ensino superior. No entanto os dados que possuímos só estão tratados até 2008 e, nesse período inscreveram-se 291 indivíduos, dos quais 133 são do sexo masculino e 158 do sexo feminino, revelando uma tendência para uma maior procura de qualificações por parte das mulheres, relativamente aos homens, fenómeno que tem vindo a ser constatado em Portugal nas últimas décadas. A média geral aritmética é de 29 inscritos por ano e a média geral apurada é de 27 inscritos por ano.



Relativamente à idade dos alunos, a média é de 38,6 anos e os seus locais de residência são por ordem decrescente: Almada (70,1%), Seixal (19,6%), Sesimbra (3,8%), Setúbal (3,1%) e restantes 3,4%. Dos 291 inscritos, 29 não declararam a data de nascimento.

ESCOLAS DO DESPORTIVO DA COVA DA PIEDADE

DOCUMENTO ESTRATÉGICO

OBJECTIVOS GERAIS

1. Componente Lectiva/Pedagógica

- Constituição de um Plano Geral de Curso para candidatos maiores de 23 anos à Faculdade com todos os professores, disciplinas, horas por disciplina, datas e horários lectivos no semestre;
- Constituição de um Dossier Técnico Pedagógico com todos os conteúdos de todas as disciplinas de forma a poder ser coordenado todo o processo pedagógico e ser integrado na estratégia das Escolas;
- Preparação para a candidatura implica aulas de métodos e técnicas de estudo, aulas de cultura geral, aulas específicas de acordo com o curso desejado de cada candidato, CV, Carta de Apresentação e Entrevista.

2. Componente Cultural, Lúdica e Recreativa

- Elaboração de um Plano de Actividades e Orçamento anual que será dinamizado pela estrutura directiva das Escolas e poderá ser coordenado com outras instituições congéneres tais como a AACA, URAP, ACCA...
- Comemorações do 50º Aniversário (1963) das Escolas com a edição de um livro enquadrado num programa mais vasto.

3. Estrutura Directiva e Organizativa

- Constituição de um Grupo de Trabalho alargado que abarque as duas áreas das Escolas: Mário Araújo, José Cavaco, Augusto Flor, Ivone Marques, António Ramos, António Malta, Carlos Nunes, Manuel Reis, Maria do Rosário.
- Constituição de um Grupo de Trabalho Pedagógico: António Ramos, Augusto Flor, Carlos Nunes e José Cavaco (Coordenador);
- Definição do interlocutor entre as Escolas e a Direcção do CDCP: Mário Araújo e José Cavaco.

Sabemos que o ensino gera curiosidade e esta leva-nos a ir muito mais longe nos nossos caminhos!

A docência com alunos pré universitários e não só, uma vez que as Escolas nos anos 60 os professores preparavam os alunos para o 2º ciclo de então, trouxe aos docentes uma experiência única e que ficará sempre nas suas memórias demonstrado pelos laços afectivos que os ligou às Escolas do Clube Desportivo da Cova da Piedade.

A cultura liberta! Dá-nos uma dignidade humana que não adquirimos de outra maneira. Ver as pessoas elevarem-se, começarem a reflectir, a compreender os acontecimentos, é maravilhoso!

A seguir apresentamos alguns dos depoimentos recolhidos junto de docentes que conseguimos contactar.



CAPÍTULO
VI

**MEMÓRIAS
E TESTEMUNHOS
DOS PROFESSORES
DAS ESCOLAS**





Alice Figueira

A MINHA PASSAGEM PELAS ESCOLAS DO DESPORTIVO

A minha passagem pelas Escolas do Desportivo foi breve e intensa. Fui convidada, como professora de Português, pelo Augusto Flor para fazer parte da equipa de professores que se dispuseram a ajudar a preparar alunos – trabalhadores-estudantes – com mais de 23 anos, para o exame de entrada na universidade.

Este projecto, que tem sido levado a cabo por esta associação, teve / tem e continuará a ter elevado interesse social, cultural e humano; é um propósito de desejos, quimeras e aspirações tão ambicionados, tão trabalhados e tão conseguidos. Ajudar a concretizar «sonhos», a desenvolver a cultura e o espírito crítico – imprescindíveis ao desenvolvimento integral do ser humano – foi o grande desafio e a grande vontade de participar.

A partir do momento em que aceitei fazer parte desta comunidade, a minha vida de professora ganhou nova vitalidade perante o saber, o querer saber e o poder ensinar. Ganhou nova relevância pela maneira como sempre fui gratamente acolhida, pelos membros desta associação, através da sua Direcção, pelos meus novos «Colegas», Camaradas e Amigos e por todos os que me foram ouvindo, questionando e aprendendo. De um cargo de professora do ensino secundário, sempre tão cheio de tensões, conflitos, «desconsiderações», rotinas, surgiu a frescura de momentos de aprendizagem com novas responsabilidades, mais intensas, mais brilhantes, onde as palavras foram ouvidas, sentidas, repetidas, discutidas. E entre um «há» ou um «à»; um «acerca de» e outro «cerca de», um sujeito e um predicado... entre um riso e uma interrogação; uma discussão e uma dúvida, o que está certo, como corrigir o errado? Entre um «cumprimento» e um «comprimeto», lá fomos realizando trabalhos de aperfeiçoamento da nossa língua materna. Melhorando, criando, juntando ou tirando fomos crescendo, professora e talvez alunos, talvez companheiros do querer aprender para chegar...

Um dia o Professor Cavaco pediu-me que desse uma aula sobre o poeta Fernando Pessoa. Não era uma personalidade qualquer, de um qualquer momento da nossa história literária e cultural. Era um ícone literário, tão estudado, analisado, apreciado por tantos sábios da nossa literatura. Foi um desafio intenso e profícuo enquanto professora do Ensino Secundário. Do tanto que se disse, outro tanto ficou por dizer e assim decorreu um serão cultural, de entre tantos outros organizados pelas Escolas do Desportivo, porque esta é cultura, é saber, é alegria, é realização do ser humano enquanto agente directo de transformação social. E, por gratidão às Escolas do Desportivo, eu e os meus irmãos, dela fizemos fiel depositária de uma obra – Enciclopédia Luso-brasileira – compilada com muitas dificuldades, com muito cuidado e afecto, ao longo de diversos anos, pelos nossos Pais, Manuel Valente Figueira e Eduarda de Moraes Figueira, exímios professores de longa e honrosa carreira profissional.



Alice Ligeiro

PREPAREI CANDIDATOS PARA A ENTREVISTA DE ACESSO AO ENSINO SUPERIOR

Nasci na Cova da Piedade, tenho 47 anos, sou mãe de uma jovem de 21 anos, tenho a profissão de enfermeira, com a especialidade em saúde mental e psiquiatria, terapeuta familiar e de casal, sou membro internacional em treino de terapia emocional e bonding e trabalho numa equipa multidisciplinar comunitária de psiquiatria e saúde mental do Serviço de Psiquiatria do Hospital Prof. Dr. Fernando Fonseca.

Em 1995, aproximadamente, fui confrontada com o desemprego prolongado do pai da minha filha, após reflexão da situação foi claro que a experiência profissional era vasta, porém a sua formação literária era 12º ano incompleto.

A procura de estratégias de resolução do problema foi-se tornando claro a necessidade de ingresso ao ensino superior e assim, da procura de respostas conheci a Escola do Desportivo. O pai da minha filha e alguns amigos tiveram a oportunidade de serem alunos nesta Instituição.

Posteriormente a minha participação tem sido como voluntária sempre que é necessário, uma participação pontual mas uma experiência que tem contribuído para o desenvolvimento das minhas capacidades reflexivas sobre pertinência da aprendizagem ao longo da vida e a sua influência na construção de uma sociedade saudável e justa, assente no desenvolvimento comunitário sustentável e no exercício efectivo da cidadania.

Citando Edgar Morin, "é a nível do paradigma que mudam a visão da realidade, a realidade da visão, o rosto da acção que, em suma, muda a realidade." Nesta visão é a necessidade de transformar informação em conhecimento e conhecimento em sabedoria e sabedoria em senso comum, embora num processo dialéctico, que permita a construção da realidade assente na participação colectiva e na responsabilização individual por aprender a aprender a ser humano.

A complexidade humana pode ser encarada como riqueza e a capacidade de desenvolver auto-conhecimento sobre as múltiplas consciências que constituem o ser humano pode ser parte da solução para o desenvolvimento de sociedades justas na distribuição da riqueza do Planeta e no respeito pelos recursos naturais.

A minha participação na Escola do Desportivo está directamente relacionada com a minha opção profissional, enfermeira. Preparei candidatos para a entrevista de acesso ao ensino superior na área de enfermagem. Trabalhando com o candidato a clarificação da motivação para a escolha profissional e quais os fundamentos básicos de ser enfermeira, a deontologia de enfermagem.

Quando sou convidada para a realização de uma formação, centro a minha mensagem na evolução dos conceitos de saúde e doença, na importância da literacia no bem-estar do ser humano, no estigma da doença mental e o exercício da cidadania. Baseada em teorias do processo de ensino-aprendizagem para adultos, com aprendizagem significativa em sala.

Sinto-me grata por conhecer e aprender com os elementos que constituem esta equipa pedagógica e com os alunos da "escolinha".

Sinto-me grata pela oportunidade de fazer parte da história de uma Instituição como a Escola do Desportivo e da sua utilidade pública centrada no aprender a aprender.

Bem-haja a sua existência.

UMA EXPERIÊNCIA PARA A VIDA...

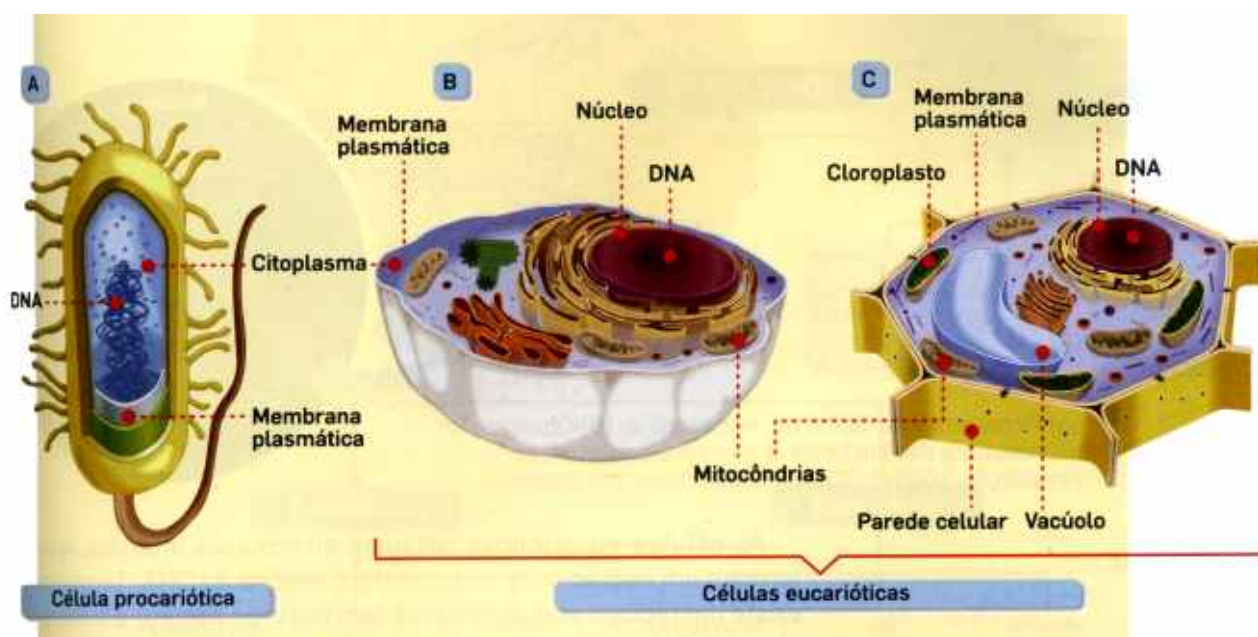
Em 2004, quando o camarada e amigo Augusto Flor me falou das Escolas do Desportivo e do projecto de preparar candidatos para os exames *Ad-hoc*, actualmente *Maiores de 23*, achei a ideia muito interessante porque proporcionava a todos os interessados em frequentar um curso superior a possibilidade de o fazer. Também referiu que os professores que preparavam os candidatos o faziam voluntariamente, assim, os alunos não tinham que pagar uma mensalidade, mas uma quota simbólica no momento da inscrição.



Anabela Silva

Depois de me ter dado a conhecer este projecto, convidou-me para integrar o grupo de professores voluntários desta associação, primeiro fiquei sem saber o que dizer, porque era uma experiência nova, dado que eu leccionava numa escola secundária e apesar, de ter também a experiência do ensino nocturno, preparar alunos para um exame de ingresso à faculdade, assustou-me um pouco. Depois do Professor Augusto Flor me explicar os objectivos das Escolas e como funcionava essa preparação, decidi aceitar esta nova experiência que encarei como um desafio.

Com formação académica na área da Biologia e Geologia, inicialmente forneci aos alunos informação no âmbito do ambiente para ficarem com preparação para a Prova de Cultura Geral. A Cimeira Mundial para o Desenvolvimento Sustentável, ocorrida em Joanesburgo em Setembro de 2002, levou a que temas relacionados com o ambiente fossem notícia. A água como recurso finito, voltava a preocupar os ambientalistas, tivemos oportunidade de desenvolver o



tema “Um bem essencial, a água é fonte de vida, mas também pode ser de morte”. Alguns alunos manifestaram interesse em obter algumas bases na disciplina de Matemática, então também tive oportunidade de dar umas aulas sobre cálculo.

Durante 4 anos participei com as Escolas do Desportivo, nos últimos anos da minha participação, alguns alunos estavam interessados em cursos na área Ciências Naturais e ensinei Biologia. Foi muito interessante, por exemplo, explicar o que é a célula e começamos com a frase, “Que há de comum entre um Homem, um pássaro, uma flor, um bicho-da-seda, uma levedura... ou mesmo uma bactéria? Sob a grande diversidade de formas,

“ Que há de
comum entre
um Homem, um
pássaro, uma flor,
um bicho-da-seda,
uma levedura...
ou mesmo uma
bactéria? Sob a
grande diversidade
de formas, esconde-
se a unidade básica
da vida, a
CÉLULA.”

esconde-se a unidade básica da vida, a CÉLULA.”

Foi uma experiência muito enriquecedora, vivenciar experiências de pessoas que trabalham, estudam e querem ir mais além... é uma experiência para a vida. A todos os alunos que frequentaram as Escolas do Desportivo muitos parabéns e obrigada pela experiência que me proporcionaram.

Para além das aulas, as Escolas do Desportivo também promovem eventos culturais e gastronómicos, que visam o convívio entre os alunos, os professores e os dirigentes das Escolas.

Quero agradecer e dar os parabéns aos camaradas e amigos José Cavaco, Augusto Flor e Mário Araújo.

Continuem...



António Malta

Nunca me adaptei à perda de amigos!

De repente, o Carlos Canhão envia-me uma mensagem: “Faleceu o Malta”. Como? Quem? O nosso Malta? Não pode ser, é engano!

Então eu disse que ia ao funeral. Mais tarde o Mário telefona-me a dizer que o enterro já se tinha feito, que o filho do Malta tinha antecipado a cerimónia, quando lá chegaram já não viram nada. Mas porquê?

Ainda hoje penso que o Malta não morreu! No entanto... O António Malta estava a trabalhar no livro dos 50 Anos e eu tinha-lhe pedido para recolher as actas do Clube Desportivo que se referem às Escolas, para figurarem no livro. O António Malta enviou-me o trabalho pela net, poucas horas antes de se deitar, naquele dia. No dia seguinte enviei-lhe uma mensagem de agradecimento e amizade, mas ele nunca acusou a recepção – coisa estranha nos hábitos dele. Temos estado a contar com ele para dar aulas, mas ele não tem aparecido às reuniões. Não, ele não morreu, se calhar emigrou, como estão a fazer milhares de portugueses. E faz tanta falta!

Conheci o António Malta numa reunião conjunta das escolas com a Associação Amigos da Cidade de Almada, de cuja direcção fazia parte. Terá sido na preparação de um 25 de Abril ou num 4 de Outubro da República, de Almada. O que me chamou a atenção logo nele foi a sua formação cultural, o interesse pelo ensino. O António Malta era professor numa Escola Secundária do concelho e tinha já uma boa experiência pedagógica. Daí até o convidarmos para dar aulas nas Escolas do Desportivo foi um pequeno passo.

O António Malta deu aulas de História de Portugal e depois História das Ideias ou a Evolução da Filosofia. Participou nas iniciativas culturais das Escolas, presidiu a muitas delas, elaborou textos de apresentação das Obras e dos Autores, interveio politicamente nas datas históricas. Agora falta-nos um professor, um dinamizador cultural, um amigo. Nunca me adaptei à perda de amigos! O que é que vamos fazer? Nem deu para o conhecer bem. Quem era o Malta, afinal?

José Cavaco

O Malta tinha um sorriso desarmante

Conheci o Malta há muitos anos. Foi Abril que o possibilitou. Percorremos os mesmos caminhos embora em espaços diferentes. Não deixa de ser curioso que nesse âmbito foi na sua morte que tomei conhecimento de algumas das suas actividades militantes. O Malta tinha um sorriso desarmante. Era como se fosse um passaporte para resolver muitas coisas que por vezes se tinham complicado.

Depois de largo tempo sem o ver nem dele ter qualquer informação, foi graças ao ZAL que tal aconteceu. Encontrámo-nos na Direcção da Associação Amigos da Cidade de Almada. Os jovens que éramos tinha dado lugar aos homens maduros em que nos tornámos.



Por lá andámos até que a morte, traiçoeira, o ceifou. Um choque que não queria acreditar. Foram mais de seis anos a trabalhar com ele. O Malta era um homem com grande capacidade de trabalho. Durante o tempo que militou na associação muitas foram, as actividades que desenvolveu, ultrapassando largamente as funções estritas para as quais tinha sido empossado.

Enquanto tesoureiro deu um grande contributo para resolver um conjunto de situações. Rigoroso nas despesas constituía sempre “um obstáculo às despesas”. Pugnava pela vitalidade das finanças da associação.

Voltámo-nos a encontrar, no plano académico, nas Escolas do Desportivo no apoio às candidaturas à Universidade. Também aí foi inextinguível.

O envolvimento com aqueles que procuravam alcançar a Universidade foi enorme. Foi mais um lugar onde a sua disponibilidade e solidariedade se manifestou. Quando, o projecto de comemorar os cinquenta anos da escola do Desportivo arrancou, mais uma vez lá estava ele entregando-se à tarefa de corpo e alma.

Foi um homem que rapidamente alcançou grande prestígio, no interior da associação. Irrequieto, mal se concluía uma reunião da associação despedia-se com uma frase que repetia até à exaustão “você não são bons, são bestiais, até amanhã.” Vivia numa corrida contra o tempo, incapaz de parar. Era muito difícil zangarmo-nos com o Malta digo-o, por experiência própria.

A sua formação académica era a História mas o seu conhecimento ia muito mais longe. Gostava imenso de falar das pequenas histórias que compõem a história. Era frequente vê-lo a ler na biblioteca do Fórum. Quem o queria ver aos sábados, lá estava ele, postado na entrada da biblioteca para ler os jornais. Por vezes sentava-se numa livraria e lia obras completas.

Era um alentejano, nascido em Montemor-o-Novo que tinha adoptado Almada como a sua terra onde vivia há muitos anos.

Deixou um vazio e bastas vezes é referido nas reuniões da Associação. Até sempre camarada Malta.

Carlos Nunes



António Ramos

FOI MAIS O QUE RECEBI, COMO APRENDIZAGEM PARA A VIDA, DO QUE OFERECEI

A primeira vez que ouvi falar da Escola do Desportivo foi em 1972 quando, convidado por amigos, passei a assistir às quartas-feiras a umas sessões de cultura geral promovidas por Gomercindo Carvalho. Fiquei maravilhado!

Na juventude dos meus 18 anos ouvir falar da filosofia hegeliana e do materialismo dialéctico de Karl Marx, de forma desassombrada, para uma sala cheia até às costuras de pessoas atentas e empenhadas constituiu um espanto, para mais sabendo como aqueles temas eram muito mal vistos e as publicações sobre esses assuntos proibidas pelo regime fascista.

Em certa altura, no começo do ano lectivo de 1972/73, fui convidado pelo Nobre, a Celeste e outros (o Botelho, grande amigo!) a ser professor de uma turma de adultos que pretendiam fazer o então Ciclo Preparatório (5º e 6º anos) ministrando a História de Portugal. Eu, acabadinho de fazer o 7º ano dos liceus, sem qualquer experiência de vida que não fosse a de estudante, vi-me perante uma sala com mais de vinte alunos e alunas quase todos com o dobro da minha idade, trabalhadores, dispostos a agarrar a oportunidade que aquela escola lhes dava que era a de se prepararem para exames externos e poderem melhorar as suas situações profissionais. Estavam ali ajudantes hospitalares, bancários, pedreiros, operários do Alfeite, empregadas de comércio. Para o jovem estudante que eu era, aquela experiência permitiu-me uma consciencialização cívica fora do comum e naquele ano, recordo, todos passaram nos exames.

Importa salientar, contudo, que foi mais o que recebi, como aprendizagem para a vida, do que ofereci.

Com a Revolução em 25 de Abril de 1974, um mundo novo de oportunidades surgiu, na participação activa e em liberdade numa nova sociedade justa e democrática.

Graças à Democracia, foram instituídos os mecanismos legais que permitiram o acesso dos

trabalhadores ao Ensino através dos Cursos Nocturnos e do Estatuto do Trabalhador-Estudante. Nesse quadro a Escola do Desportivo deixou de fazer sentido e parou a sua actividade quando já era popularmente reconhecida como a “Universidade das Barrocas”.

Em 1997, porém, as condições políticas e sociais já haviam sofrido alterações significativas. O avanço lento mas imparável das políticas de direita começaram a dificultar cada vez mais o acesso ao ensino para os adultos trabalhadores, quer com o fecho de muitos dos cursos nocturnos em horário pós-laboral quer com as alterações ao Estatuto do Trabalhador-Estudante.

A reanimação da Escola do Desportivo, pelos antigos fundadores e dirigentes, foi uma decisão tão acertada quanto justa, confirmada nos anos seguintes.

Voltei a ser convidado, desta vez a fazer parte integrante do corpo docente formado por professores experientes, voluntários no seu comprometimento cívico, político e cultural.

Desde então venho renovando esse comprometimento, procurando contribuir, todos em colectivo, para que aqueles que por motivos profissionais ou de vida não tenham podido finalizar os seus percursos escolares, agora o façam preparando-se para as suas candidaturas ao ensino superior.

Tenho a certeza que, embora contribuindo como posso e sei para o sucesso das dezenas de homens e mulheres que através do seu enorme esforço vêm vindo a melhorar as situações das suas vidas, continuo ainda hoje a aprender muito com todos eles, as suas experiências e saberes, sendo essa a minha gratidão para com esta iniciativa notável que é a Escola do Desportivo da Cova da Piedade.

OBRIGADO POR TUDO O QUE ME ENSINARAM

O meu acesso ao ensino superior foi um processo atribulado e difícil. Na altura, decorria o ano de 1976, tinha saído da tropa e era membro da Comissão de Trabalhadores e Delegado Sindical na Sociedade de Reparações de Navios. Na empresa surgiam as primeiras dificuldades resultantes do boicote da contra revolução. No plano sindical, estava ligado ao contencioso do Sindicato dos Electricistas (SIESI) e isso dava-me a ideia que a sociedade se mudaria com a legislação.



Augusto Flor

A(s) minha(s) experiência(s)

Foi assim que escolhi o curso e fiz o exame *Ad-hoc* à Faculdade de Direito. Dois anos volvidos, fiquei com a clara percepção que a sociedade mudava com a luta dos trabalhadores e das massas populares e que o Direito, não era mais do que um instrumento de dominação das classes dominantes para garantirem o poder destas sobre as classes dominadas.

Entretanto, após tomada de consciência social que já vinha de 1966, ter participado em lutas estudantis na Emídio Navarro em 1970, ter feito uma acção (individual) de luta na SRN em 1972, e ter participado nas ruas de Almada e Lisboa no decurso da Revolução do 25 de Abril de 1974, e já envolvido em campanhas de alfabetização, ganhei alguma consciência política e fui convidado a aderir ao Partido Comunista. A vida rodopiava a uma velocidade estonteante. Vivia-se cada dia como se fosse uma vida inteira.

As lutas continuavam na empresa, nas ruas, nas eleições. O tempo passava e surgiu a oportunidade de ir estudar no estrangeiro. No caso foi na União Soviética e a experiência foi riquíssima. Tomei conhecimento com uma realidade completamente diferente de tudo o que conhecia e tinha lido. A ideia e vontade de estudar tinha-se reforçado.

Regressado, comecei a pensar em voltar ao ensino superior mas desta vez sabia o que queria. Pela sua abrangência, diversidade e complexidade, a minha opção foi clara e sem dúvidas: Antropologia. Procurei qual a faculdade pública e surgiu como primeira escolha o ISCTE. Na altura, o exame de acesso era composto de uma prova escrita de português onde chumbavam mais de 90% dos candidatos. Quem passasse esta prova, teria que fazer a prova específica na faculdade escolhida dividida em dois momentos: escrita e oral. A escola não dava praticamente referências nenhuma. As informações eram escassas. As probabilidades eram mínimas. Os candidatos com sucesso eram na ordem dos 2%.

Decidi então ir ao Ministério da Educação e pedir os testes todos dos anos anteriores. Depois de requerimentos a justificar o meu “insólito” pedido e pagar as cópias dos exames dos 10 anos anteriores, sozinho, estudei cada exame e fi-los uma a uma, várias vezes. Pedi a amigos e colegas já licenciados que os corrigissem. Percebi então que havia um padrão nos temas e nas perguntas. No dia anterior a cada um dos exames que fiz, fui conhecer a escola, a sala e até o local onde me devia sentar e assim enfrentei um júri de exame que perguntou tudo e mais alguma coisa, mesmo o que não fazia parte do exame. Fui aprovado (Admitido) e tive a sensação de ter ganho uma *batalha* de uma longa *guerra* que então começava. Ao fim de 4 anos estava licenciado. Recebi convites para ficar a leccionar, investigar e continuar os estudos para Doutoramento mas a vida e as opções que temos que fazer levaram-me para outros caminhos. Mais tarde, por outras vias, colaborei com a Faculdade de Letras (Comunicação e Cultura) e com o Instituto Superior de Psicologia Aplicada (Psicologia Comunitária) como Orientador de Estágios e Membro de Júri Convidado com os quais ainda colaboro.

A minha colaboração activa com as Escolas do Desportivo

Por razões políticas e históricas, já conhecia as Escolas do Desportivo e as suas actividades. Cheguei mesmo a frequentar as aulas de Economia nas Barrocas, dadas pelo Dr. Eduardo Costa que era arsenalista e desempenhou o cargo de Vereador da Cultura da Câmara Municipal de Almada. Foi também nas Escolas do Desportivo nas Barrocas que durante alguns anos funcionou o GDACA – Grupo Dinamizador de Alfabetização do Concelho de Almada do qual fui coordenador.

Em 1998, numa conversa com o José Cavaco que me convidou para eu dar alfabetização nas Escolas do Desportivo à semelhança do que tinha feito entre 1976 e 1980, disse-lhe que não fazia sentido darmos alfabetização nas Escolas uma vez que a escola pública, articulada com a segurança social, tinha vários programas que cobriam essa necessidade com vantagens para os alunos.

Falei-lhe ainda da minha experiência e dificuldades encontradas no acesso ao ensino superior e foi a partir daí (1998/99) que iniciámos o processo de apoio a adultos que quisessem candidatar-se aos exames *Ad-hoc* ao ensino superior. Nessa altura, os requisitos eram não ter o 12º ano completo e ter mais de 25 anos.

No primeiro ano tivemos bastantes candidatos que, com níveis e disponibilidades variadas, lá enfrentaram as provas. Muitos não foram admitidos mas alguns conseguiram. O nosso processo estava a iniciar e já

“...tive a
sensação de
ter ganho uma
batalha de uma
longa guerra que
então começava.
Ao fim de 4 anos
estava licenciado.”

se viam resultados. Recordo que na véspera do exame de português, havia uma aula especial – quase de adivinhação – onde eu colocava as várias hipóteses de autores, temas e textos que poderiam sair no exame nacional de português. Acertei em quase todos uma vez que tinha percebido o padrão dos exames dos 10 anos anteriores que, entretanto, tinha estudado. Um dia, um dos candidatos, chegou ao exame de português e quando abriu o enunciado de exame deparou com o autor e a obra que tínhamos preparado no dia anterior. Ficou, segundo palavras dele, estupefacto por termos sido tão assertivos. Fez

o exame com “uma perna às costas” e veio para Almada dizer que as Escolas do Desportivo eram do que melhor que havia. As peripécias e histórias de vida de cada candidato que passou pelas Escolas do Desportivo, só por si, dariam uma obra com vários volumes.

A alteração de acesso ao ensino superior através do *Ad-hoc* para o processo *Maiores de 23 anos*, trouxe algumas vantagens para os candidatos. A prova de português que era um filtro e uma forma de barrar a entrada, foi substituída por um Curriculum Vitae onde o candidato pode demonstrar as suas qualificações ao longo da vida e por uma Carta de Interesse e Motivação, onde o candidato deve demonstrar as razões e requisitos para a escolha do curso, da faculdade que pretende frequentar e a utilidade da sua formação superior. A prova específica é complementada com uma entrevista. No final tudo conta e o acesso não ficou menos exigente mas apenas mais adequado ao tipo dos candidatos e dos objectivos destes.

Entre 1998 e 2013 passaram por este processo cerca de 300 candidatos, dos quais cerca de 50 obtiveram o acesso ao ensino superior. Muitos dos que não conseguiram esse objectivo, deveu-se às condições de disponibilidade de tempo e à natureza das relações de trabalho em Portugal onde as pessoas têm cada vez menos tempo para si e para a sua vida para além do trabalho. Precariedade, baixos salários, deslocalização dos locais de trabalho e a desregulação dos horários de trabalho são, em minha opinião, a principal razão da falta de condições de acesso ao ensino superior. Um outro aspecto que importa ter em conta é o facto de muitos dos que conseguiram com o seu esforço, a sua dedicação e determinação fazer o seu curso superior, continuarem a desempenhar tarefas que em nada aproveitam essa formação e qualificação. É um desperdício de capacidades e causa para a desmotivação profissional. Infelizmente acontece no sector privado e no sector público.

Resta-me agradecer a todos os candidatos e candidatas que passaram pelas Escolas do Desportivo o muito que me ensinaram com as suas dúvidas, com as suas perguntas e com os debates francos e sinceros de quem aprende a ensinar e de quem ensina aprendendo.

ESCOLA DO DESPORTIVO, FORMADA E MANTIDA POR VOLUNTÁRIOS.

Foi breve a minha passagem como professor voluntário na Escola do Desportivo. Esse tempo breve foi, no entanto, suficiente para confirmar a admiração com que dela se fala.



Carlos Canhão

Desde miúdo que oiço falar na Escola do Desportivo, formada e mantida por voluntários. Já lá vão 50 anos, o que quer dizer muito tempo e muita dedicação, quer dos dirigentes quer dos professores, quer dos alunos que nela colhem os ensinamentos que procuram para a sua valorização académica ou cultural.

Por parte destes, existe um sentimento de gratidão “pela sua escola”, um orgulho quando a ela se referem, quer já tenham obtido uma formatura ou mesmo quando não é esse o seu objectivo.

Subir aquele lance de escadas do n.º 18 da Rua da Salgadeiras tem um sabor místico, pois temos a certeza de que, quem nos espera, nos receberá com todos os sentidos despertos para absorver os ensinamentos que se procuram transmitir.

E isso é uma enorme compensação!

CONHECI, ATRAVÉS DE UM AMIGO, AS ESCOLAS DO “DESPORTIVO”

As notas que se seguem resultam de um apelo à memória do vivido. Todos sabemos que o vivido assume uma relevância maior nos nossos processos de aprendizagem. Espero e desejo ser o mais fiel possível aos acontecimentos.



Carlos Nunes

Anos 70, o Estado Novo, embora já “velho de tanto novo” persistia em limitar as liberdades essenciais. As verdadeiras notícias e acontecimentos corriam, nos interstícios da bruma salazarista ou melhor, Caetanista. Ciciada, a palavra ganhava, cada vez mais força na população. A coragem continuava o seu caminho, não sem atropelos e agressões.

Foi então que um dia conheci, através de um amigo, as Escolas do “Desportivo” que, para além de promover o acesso a exames escolares, promovia ainda o acesso à cultura, entendida esta em sentido lato. Colóquios vários, apresentação de discos, bem como outros eventos significativos, ocorriam regularmente aos fins-de-semana com convidados que elucidavam sobre a temática anunciada. Lembro-me de alguns destes momentos. Recordo aqui dois ou três que mais expressivamente me marcaram. Alexandre Babo, um homem de cabelo grisalho e figura esguia falou da sua visita a Cuba. Tratava-se de um país que tinha afrontado uma potência mundial, os EUA, e orgulhosamente defendia-se dos sucessivos ataques. Se isto era já um feito

“ Os
primeiros
trabalhos
discográficos de
Sérgio Godinho e
José Mário
Branco,
contundentes face
ao regime foi uma
descoberta que
reforçou o que já
conhecia de Zeca
Afonso e de
Adriano Correia
de Oliveira.”

“impensável”, era-o, ainda muito mais, essa persistência abnegada que os mantinha desafiando a propaganda americana. Para além disso duas figuras de cariz incontornável povoavam o meu imaginário jovem, Fidel de Castro e Ernesto Guevara eram os heróis reais de uma história que se construía com o esforço daquele povo. A força patenteada por Fidel conhecia-a melhor no livro “A história me absolverá”. Um livro de incontornável leitura.

Os primeiros trabalhos discográficos de Sérgio Godinho e José Mário Branco, contundentes face ao regime foi uma descoberta que reforçou o que já conhecia de Zeca Afonso e de Adriano Correia de Oliveira. Alguns desses temas, livres da censura, questionavam uma sociedade anquilosada e à beira de se esboroar. Recordo igualmente as sessões de economia num momento em que o petróleo pôs o mundo capitalista em polvorosa foi a “Crise do Petróleo”. Tenho bem presente que havia regularmente um caderno que nos elucidava sobre temáticas diversas. Era uma forma de prolongarmos o trabalho que era realizado naquelas sessões.

Tenho também na memória o denodado esforço de um homem, que me ficou sempre como exemplo de coragem e capacidade de trabalho, Gomercindo Carvalho. Mas, muitos outros que então conheci, não quero referenciar nenhum para que ninguém fique

injustamente esquecido. Mas foi por ali que passou a minha grande aprendizagem como cidadão. Foi também ali que privei com homens que me ensinaram muita coisa. Estava-se num tempo em que a vontade de conhecer tinha um nome, autodidata. Aprendi a escolher um filme ou um livro e a dele retirar conhecimento. Aprendi a entender o que é a tolerância, hoje completamente esquecida.

Lembro-me como fui encontrar, muitos desses rostos nas eleições de 1973 e como isso foi emocionante. A palavra agrilhoada surgia solta afirmando-se, e afirmando, proporcionado descobertas que depois já não era possível ocultar. Triste fiquei quando alguns desses rostos desapareceram do meu quotidiano. Senti, que aquele vento que da liberdade soprava teve um preço doloroso para muitos daqueles que ousaram dizer o que era preciso.

Foi um tempo de aprendizagem incontornável. A todos/as que comigo partilharam saberes o meu muito obrigado.



Euridice Cruz

FUI PARA AS ESCOLAS COM 25 OU 26 ANOS, HOJE TENHO 70

As Escolas do Desportivo para mim foram uma coisa extraordinária. Ensinei Francês, Inglês e Português. Gosto muito de Fernando Pessoa. O poeta falava do 5º Império, de um Novo Mundo que há-de vir, um Mundo de novo tipo, fundado pelos portugueses. As Escolas foram para mim uma célula do 5º Império.

Como é que eu fui para as Escolas do Desportivo? Eu andava a estudar e frequentava, como muito dos estudantes, nos anos 60, o Café Central. Um dia a Celeste Mesquita veio ter comigo e falou-me do projecto das Escolas Nocturnas do Clube Desportivo da Cova da Piedade. Fiquei logo muito interessada com a proposta de ensinar pois sabia a realidade do país. Um país onde o ensino era apenas para os ricos. Era necessário, para o regime de ditadura, manter os portugueses ignorantes, de modo a que os senhores do governo pudessem mais facilmente conseguir mantê-los alienados pela sua doutrina.

Depois assistia às aulas de Cultura Geral. O Gomercindo ainda estava preso. Lembro-me do Padre Manuel de Cacilhas. O que eu gostava do Padre Manuel. Ele só dava aulas de Cultura Geral. Nunca mais o vi. E também nunca mais hei-de esquecer o Gomercindo Carvalho, depois de retomar as aulas de cultura geral. Eu morava, na altura, no Pombal e como acabávamos as aulas sempre tarde, o Gomercindo vinha comigo até a casa. Eu dizia-lhe que não era preciso, mas ele insistia, por uma questão de segurança. E depois ficávamos a falar sobre cultura geral.

Depois das aulas, também ficávamos a conversar. Mas eu queixava-me: - Eu trabalho no Arsenal, entro às 8, tenho que me levantar às 7 vou a pé, eu morava no Pombal. Um dia vejo um grande embrulho em cima da secretária. O que será isto? - disse cá para mim. Abro o embrulho e o que é que eu vejo: um despertador enorme, com umas grandes campainhas - Professora, é para acordar a horas, assim já podemos ficar a conversar até mais tarde.

Ensinei. Mas aprendi tanto! Depois os alunos nunca mais se esqueceram de mim! Estive internada no Hospital Garcia de Horta. Um dia aparece-me uma senhora da limpeza que me disse: a Senhora foi professora do meu marido; vou ligar para ele, não se importa de lhe dar uma palavrinha?! E, todos os dias, me vinha visitar, enquanto estive internada.

Depois houve aquele convívio, com muita gente, já nos anos 90, matei saudades de tantos alunos e amigos que já não via há tanto tempo! E voltei a dar aulas durante um ano lectivo, nas Salgadeiras. As Escolas também nos formaram como cidadãos, ajudaram à nossa formação cívica.

Fui para as Escolas com 25 ou 26 anos, hoje tenho 70. Claro que durante todo este tempo, não estive sempre presente pois a minha vida pessoal não me permitiu. Contudo, estive sempre com as Escolas uma vez que coincide com aquilo que eu defendo - a urgência do alargamento de conhecimento a toda a população.

Fiz grandes amizades, tanta felicidade tive quando sabia do sucesso dos alunos. Para mim, cada dia era uma vitória no caminho que me propus percorrer!

Presentemente estou novamente nas Escolas, o ano passado três dos nossos alunos entraram na faculdade. Sei que conseguiram fazer o 1º semestre e é precisamente esta alegria que sinto, que me faz estar novamente presente este ano. Acabo com uma frase que usualmente digo: “Se ensinei, aprendi muito mais com os alunos com quem privei. Com as suas histórias de vida fizeram-me acreditar que este país podia ser um país mais justo, mais solidário, mais atento às classes não privilegiadas!”



Joaquim Marreiros

OS PROFESSORES APROVEITAVAM AS MATÉRIAS PARA ESCLARECER, ALERTAR

Embora a minha passagem pela Escola tenha sido muito curta, acedi ao solicitado, felicitando e agradecendo aos seus promotores/autores, por tão honroso convite.

Um amigo, meu conterrâneo e camarada da Marinha de Guerra Portuguesa, conversou várias vezes comigo e esclareceu-me sobre a importância e o interesse de ser aluno da referida Escola. Nos anos sessenta, o Gilberto Henrique Rita da Silva, sensibilizou-me e tratou da minha inscrição.

Frequentei as aulas apenas um ano lectivo. Pouco tempo, mas deu para nunca mais me esquecer da forma como as disciplinas eram leccionadas. Os professores aproveitavam as matérias para esclarecer, alertar e incentivar para a luta contra o obscurantismo, o subdesenvolvimento, a falta de liberdade de expressão. Lembro-me das aulas de cultura geral.

Nos intervalos das aulas aproveitava-se o tempo para, em grupo, conversar e os mais esclarecidos, com mais ou menos experiência política, iam denunciando as atrocidades da ditadura fascista, falava-se das injustiças sociais, da guerra colonial e dos presos políticos. Eram arriscadas as nossas conversas, contudo sentíamos que era importante tomar consciência e lutar.

Nesse curto espaço de tempo que frequentei as aulas conheci militares e civis que ainda hoje são meus amigos, mantendo-se a consciência da luta que vimos participando, ao longo de cerca de cinquenta anos, assim como, adquirimos conhecimentos noutras escolas, nas actividades culturais e associativas, no trabalho e na política, podendo dizer-se que a nossa intervenção na construção de uma sociedade justa e desenvolvida começou naquela Escola.

Depois do 25 de Abril de 1974, nos anos noventa, licenciado, fui convidado a participar,

novamente, nas actividades da Escola como professor. Também foi curta a minha participação, apenas um ano lectivo. Com uma nova Constituição que garante a liberdade de expressão, fundamental para a construção da democracia e do progresso económico e social, continuamos, ainda hoje, a lutar contra o retrocesso do processo de desenvolvimento.

Foi nesta situação que dei o meu contributo como professor/formador, transmitindo conhecimentos e experiências adquiridas ao longo da minha formação académica, profissional e política. Foi uma experiência grata que recorro com muita satisfação. Os momentos de convívio, a continuação de um trabalho cultural e educativo, realizado ao longo de muitos anos no âmbito do associativismo, é uma obra de grande valor humano e social.

A curta passagem pela Escola do Clube Desportivo da Cova da Piedade foi útil para a minha formação. Contribuiu para me consciencializar a lutar pela democracia e, ao mesmo tempo, para continuar a adquirir os conhecimentos necessários para saber interpretar as dificuldades sociais e ajudar a ultrapassá-las.

Por tudo isto, resta-me enaltecer a criação de uma Escola que continua a contribuir, de forma voluntária e gratuita, para a formação académica, cívica e social, saudando o movimento associativo e todos os que colaboraram e colaboram nesta obra.

NÃO EXITEI POR UM SEGUNDO EM DAR AULAS DE MATEMÁTICA



Rui Gomes

Tive o privilégio de ter passado pelas Escolas do Desportivo da Cova da Piedade, no final da década de 90, enquanto professor de matemática.

Tinha conhecimento da história desta escola, da sua missão e da sua visão sobre os cidadãos de Almada, pelo que ao ser convidado para aí leccionar, não hesitei por um segundo aceder a esse convite.

Hoje ao olhar para essa experiência, em que ensinei uma ciência exacta, posso afirmar com toda a certeza que muito aprendi no que diz respeito ao empenho, dedicação e motivação com os meus alunos, que viram na escola uma plataforma para um futuro mais risonho e de mais oportunidades.

OUTROS PROFESSORES

ANO LECTIVO 2004-2005

Durante todo este período contámos com a participação de outros professores que asseguraram novas matérias leccionadas nas Escolas.

Ana Borges	Professora de Inglês
Filomena Calretas Isabel Branco Maria da Graça Molina	Professoras de Português
Alexandre Martins Gustavo Carneiro Pedro Ventura Sílvia Gentil Teresa Lacerda	Professores de História
Maria José Matos Sofia Brito	Professoras de Matemática
Carlos Canhão Helena de Castro Jorge Cabral Onofre Sabino Mário D'Araújo	Professor de Artes Plásticas Professora de Desenho Professor de Jornalismo e Fotografia Professor de Direito e de Economia Director do Desportivo e de Recepção e Apoio aos Alunos

Ao longo dos testemunhos que aqui se registam pululam emoções de ordem várias mas que acabam, qual caminho de rios e ribeiros, por confluírem num mar feito de sonhos e trabalho. A maioria destes testemunhos, relevam, da redescoberta da energia que faz os sonhos ganharem vida. Acomodados os desejos, alguns cobertos de dúvidas, a entrada num universo onde, a vontade e a metodologia, concorreram para desabrochar o que de melhor em nós habita, conhecendo um momento de encantamento. Configura também aquilo que sabemos, somos seres gregários e a partilha constitui um ingrediente, incontornável à nossa aprendizagem.

Percursos diversos perpassam por aqui, os novatos, que descobrem a escola por acasos de vida ou por indicações de amigos, os que, “viciados” que depois de por lá terem passado, enquanto novatos, voltam a experimentar o sabor da alegria, para ingressarem e partilharem, o conhecimento com outros iniciados.

Aqui se dão conta também de esforços que, não tendo alcançado os objectivos desejados, se levantam, pujantes de querer, para lutarem pelo cumprimento do sonho. A partilha e a solidariedade, componentes essenciais nesta descoberta, evidenciam a importância da vivência com o outro, na construção de uma sociedade mais justa. Testemunhos que por caminhos distintos, confirmam a justeza de um projecto.





MEMÓRIAS E TESTEMUNHOS DOS ALUNOS DAS ESCOLAS



UM SONHO ANTIGO

Nasci em Idanha-a-Nova, distrito de Castelo Branco, a 27 de Julho de 1949 e sou filho de Joaquim Fernandes Correia e de Maria da Conceição Garcia. Concluí o 11.º ano de escolaridade em 1986, sou casado e tenho dois filhos. Entre outras profissões fui bancário, e resido em Miratejo, freguesia de Corroios, concelho do Seixal.



António Correia

Segundo o poeta António Gedeão “O sonho comanda a vida...”. De facto, sempre tive a ambição de levar os meus estudos o mais longe possível, e sempre acalentei o sonho de um dia frequentar uma faculdade e fazer um curso no Ensino Superior, para valorização pessoal e realização profissional. Porém, só agora surgiu a possibilidade de concretizar este projecto tão antigo.

Estando assim determinado a preparar-me para a candidatura à Licenciatura em História, na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, da Universidade Nova de Lisboa, o meu amigo e colega Florival Coelho, aconselhou-me a frequentar as Escolas Nocturnas do Clube Desportivo da Cova da Piedade, onde também foi aluno, há 4 anos, tendo concluído, neste ano lectivo de 2012/2013, a sua Licenciatura.

Foi deste modo que conheci as Escolas, de que me orgulho de ter frequentado, entre 15 de Outubro de 2012 e 30 de Abril de 2013, prestando agora o meu testemunho, no âmbito dos 50 anos de vida desta instituição, dedicada ao serviço do ensino e da cultura em Portugal, em particular na freguesia da Cova da Piedade.

O começo das aulas e o corpo docente

A 15 de Outubro, do ano lectivo de 2012/2013, pelas 20 horas, eu e o meu amigo e colega João Granadeiro, ali estávamos na Rua das Salgadeiras, n.º 18, 1.º, na Cova da Piedade, onde conhecemos as pessoas que dão vida a esta escola:

- o Senhor Araújo, que faz o acompanhamento administrativo;
- o Senhor Professor Cavaco, coordenador escolar;
- a Senhora Professora Eurídice Cruz, que lecciona Português e Inglês;
- o Senhor Professor Augusto Flor, que ensina Métodos e Técnicas de Estudo das Ciências Sociais – MTECS – sendo de destacar os trabalhos académicos realizados neste âmbito, para introdução ao estudo de cada uma das seguintes disciplinas: Sociologia, Antropologia, Psicologia, Economia, Direito e Ciência Política;
- o Senhor Professor António Ramos que lecciona História – disciplina de minha eleição;
- e, por último, o saudoso Professor António Malta, que ensinou História das Ideias, a quem aqui deixo a minha sentida homenagem.

Foi com esta excelente equipa de profissionais, que me preparei para as provas de acesso ao Ensino Superior, direccionadas para maiores de 23 anos, tendo sido admitido ao curso de História, da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, da Universidade Nova de Lisboa. Foi assim concretizado o sonho antigo de poder frequentar a Universidade, e agora só me resta continuar, *“pois é fraquesa desistir-se da cousa começada”* (In *Lusíadas*).

“ De facto,
sempre tive
a ambição de levar
os meus estudos o
mais longe
possível, e sempre
acalentei o sonho
de um dia
frequentar uma
faculdade e fazer
um curso no
Ensino Superior,
para valorização
pessoal...”

Agradecimentos

As palavras serão sempre insuficientes para manifestar o meu BEM-HAJA a todos os que ali trabalham, pela forma singela, interessada e voluntariosa, como dispõem do seu tempo e nos acolheram na ESCOLA, que tem como único objectivo a divulgação do conhecimento aos que por ali passam para aprender, e que tem sido apanágio da sua existência ao longo dos últimos 50 anos.

Gostaria, no entanto, de louvar em particular os Professores, pela disponibilidade demonstrada, pela boa disposição e paciência, e pela sabedoria para transmitir os seus conhecimentos, atributos que destaco entre muitos outros.

Sem dúvida que influenciaram positivamente o meu saber, contribuindo de forma decisiva para atingir o objectivo pretendido.

Parabéns pelos 50 anos de existência!
Parabéns pelos êxitos alcançados!
Votos de longa vida!

BEM HAJAM, POR AJUDAREM A FAZER PESSOAS MAIS FELIZES.

O prometido é devido! Meu pai, tinha falecido há já alguns anos e nunca eu cumprira o que lhe havia prometido. Era uma dívida moral enorme e pesada, daquelas que é impossível esquecer, sobretudo por alguém que tanto se tinha esforçado para me garantir todas as condições, e, em tempo útil pudesse ter prosseguido e concluído um curso superior. Era este o desejo e a forma possível para que o filho pudesse “escapar” às agruras de uma profissão, que tão dignamente exerceu, ainda que exigente, penosa e pouco remunerada.



António Pombeiro

Primero pela juventude e tudo o que ela encerra, pelo gosto do exercício de outras actividades, pela constituição de família, a vinda dos filhos, o tempo e as oportunidades foram-se perdendo, umas atrás de outras..., mas nunca a vontade de um dia retomar.

Digerida esta vontade, os conselhos sábios dos amigos e camaradas, João Gentil e José Cavaco, vieram a revelar-se muito importantes para a minha tomada de decisão. Sabendo então, que nas Escolas do Desportivo do Cova da Piedade, poderia iniciar as aulas de preparação para o exame nacional “Ad-Hoc” e, por esta via, tentar aceder ao ensino superior, não hesitei mais... havia chegado o momento... não haveria mais desculpas que me fizessem parar. Assim foi, e é caso para afirmar que em boa hora o fiz! Terá sido uma decisão tardia é certo, mas, decididamente acertada!

Com o incentivo determinante da minha companheira, começou pois a minha experiência, enquanto aluno das Escolas do Desportivo do Cova da Piedade, que sempre ouvira falar a muitos amigos

**“ No meu caso,
retenho hoje
com particular
satisfação a
recordação de como
era fácil e aprazível
o tempo passado na
escola, junto dos
outros colegas,
muitos deles já com
experiências de vida
que lhe conferiam
por antecipação o
estatuto de
'diplomados'.”**

e camaradas. Conhecendo a sua enorme tradição não só pelo ensino, mas também no contributo que sempre ofereceu aos seus alunos, para o desenvolvimento da sua formação “cívica”, no despertar de interesses para uns e fortalecendo-os noutros, sempre com a visão de que cada homem, se melhor informado e formado, conhecerá melhor as “potencialidades” da(s) sociedade(s) onde vive e labora, melhorará o seu contributo e saberá com certeza, reconhecer e exigir mais justiça e equidade na repartição da riqueza produzida, com o esforço de todos.

No meu caso, retenho hoje com particular satisfação a recordação de como era fácil e aprazível o tempo passado na escola, junto dos outros colegas, muitos deles já com experiências de vida que lhe conferiam por antecipação o estatuto de “diplomados”. Em especial àqueles amigos a quem algumas vezes “incomodamente para eles” os apelidávamos de “professores”, que de forma voluntária, em nome dos valores da solidariedade, da cultura, da formação e aprendizagem, da camaradagem e amizade se predisponham, a ajudar-nos.

Naquele espaço, em jeito de uma “conversa amiga” e com a evocação de exemplos e experiências já vividas, recordo, como pareceu fácil aprender e reaprender. Contudo, julgo, pela minha experiência, que a mais-valia que obtive, foi a forma de como organizar, estruturar e expor as ideias e matérias entretanto apreendidas. Considero, que este modelo de aprendizagem foi determinante para o sucesso, que depois obtive nas diferentes fases de avaliação – exames, a que foi sujeito.

Fui o primeiro aluno desta nova etapa das “Escolas do Desportivo”, a concluir uma Licenciatura, mais concretamente em Geografia e Planeamento Regional, na Universidade Nova de Lisboa, e é com orgulho e gratidão que tenho vindo a colaborar neste esforço colectivo, de contribuir para a preparação e desenvolvimento de novos alunos, que com as mesmas motivações tentam alcançar o sucesso da “entrada” para as diferentes Universidades e conclusão dos cursos que escolhem. A satisfação tem sido inequívoca, não só pelos resultados alcançados, mas sobretudo, por se construir um ambiente favorável ao estabelecimento e fortalecimento de laços de respeito e amizade entre todos.

Pela importância e significado de tudo isto, não posso deixar de saudar a “Escola”, o seu corpo dirigente e

todos aqueles que de qualquer forma colaboraram ao longo destes 50 anos, contribuindo para este caminho de ajuda ao progresso individual e colectivo, à amizade, à cultura, à formação e participação cívica... bem hajam, por ajudarem a fazer pessoas mais felizes.

“As pessoas felizes lembram o passado com gratidão, alegram-se com o presente e encaram o futuro sem medo.” (Epicuro)

FOI UMA EXPERIÊNCIA MUITO ENRIQUECEDORA



Belmiro Ribeiro

**"O nosso aluno Belmiro Ribeiro
teve dificuldades em acompanhar
as aulas, por razões profissionais.
Não deixou, no entanto, de ser um
aluno muito interessado e atento
às matérias ministradas."**

É com muito orgulho que relembro os 2 anos (2004/05, que convivi e aprendi na companhia dos professores Mário, Cavaco, Augusto Flor, Bruno, Pombeiro, Sabino, Teresa Lacerda, peço desculpa se omiti algum nome, que me proporcionaram mais conhecimentos em áreas para mim totalmente desconhecidas até então, como o aprofundamento em leis jurídicas, sociologia, introdução à filosofia, temas com os quais convivemos no dia a dia por diversas razões, mas sem a noção ou conhecimentos básicos sobre a matéria.

Foi uma experiência muito enriquecedora, que jamais esquecerei. Os meus agradecimentos e congratulações por este meio século de existência bem sucedidos.

SEM A ESCOLA DO DESPORTIVO O NOSSO CONCELHO E A SUA POPULAÇÃO FICARIAM MUITO MAIS “POBRES”

Foi-me pedido um breve testemunho relativo à minha passagem pela Escola do Desportivo na Cova da Piedade. Licenciiei-me em Desenvolvimento Comunitário, no ISPA e de acordo com as minhas aprendizagens e experiências, optei por fazê-lo abordando duas perspectivas, a comunitária e a individual.



Deolinda Nunes

Numa perspectiva comunitária, não tenho qualquer dúvida em considerar a Escola do Desportivo como um recurso comunitário fundamental para a população do concelho de Almada, que ao longo dos seus 50 anos de vida, proporcionou a muitos portugueses a possibilidade de ultrapassarem uma época obscura onde a educação, a formação e o acesso à cultura eram vedados à grande maioria, em particular aos mais desfavorecidos, infelizmente uma substancial “fatia” da população.

O papel de educador, formador e de facilitador social que a Escola do Desportivo tem vindo a desempenhar neste seu meio século de vida, é um exemplo de que a sociedade civil pode e deve mobilizar-se na defesa de causas comuns.

A educação é a “arma” certa e fundamental, para a formação de sociedades e comunidades saudáveis.

Sabemos que a necessidade que o ser humano e as sociedades têm do “imediato”, ou seja, a evidência de resultados a curto prazo, somado ao facto de

os resultados dos efeitos de um bom sistema educativo só serem evidentes a médio e a longo prazo e os curtos períodos de estabilidade política, acrescentam dificuldades na implementação e praticidade de políticas educativas favoráveis ao acesso à educação para todos de forma equitativa. Uma sociedade que não promove a educação do seu povo é uma sociedade doente e frágil, pois não está munida da ferramenta essencial, que lhe permite efectuar escolhas e delinear destinos saudáveis, o Conhecimento.

Neste contexto tem sido a Escola do Desportivo uma ferramenta insubstituível e imprescindível ao serviço dos mais desfavorecidos e aos com maiores dificuldades no acesso ao Ensino e à Educação.

Desde há uns anos que os responsáveis por este recurso comunitário, delinearão o seu percurso para a preparação de adultos no acesso ao Ensino Superior. Este projecto proporcionou a muitos almadenses e não só, a possibilidade de acederem a um patamar de formação superior que até então lhes estava vedado por múltiplos factores, desde o financeiro, ao déficit de conhecimentos, à baixa formação escolar ou ao facto de terem perdido hábitos e práticas de estudo.

É esta mais-valia que a Escola do Desportivo tem proporcionado a custo zero aos seus beneficiários, num formato que consta do envolvimento e dedicação de professores credenciados, que de forma voluntária e diariamente dão algum do seu tempo livre e de lazer aos alunos que pretendam aprender e “crescer”, num processo de fomentação do empoderamento individual e consequentemente comunitário a uma população que quer fazer da sua vida, algo mais que seguir o “senso comum”, quer ser autónoma no “pensar”, no “ser” e no “fazer”.

Quanto à minha experiência pessoal e agora abordando a perspectiva individual, para além de ter feito parte dos “privilegiados” que tiveram a possibilidade de pertencer a este “grande” colectivo, as aprendizagens, conhecimentos, práticas e experiências que retirei foram

inigualáveis, pois permitiram-me ser hoje uma pessoa muito mais realizada tanto profissional, como pessoalmente e ser portadora de *skills* que fazem toda a diferença no meu percurso aos mais variados níveis.

Descobri competências e capacidades em mim e nas pessoas, que me eram desconhecidas e que me enriqueceram como ser humano. Descobri que “dar” é bem melhor que só “receber”, porque é na partilha de “saberes” e “sentires” que está a solução para sociedades saudáveis e progressivas.

Conheci pessoas fantásticas, com capacidades de partilha, tais como os professores, que altruísticamente nos “inundaram” de conhecimento e “saber”, nas mais diversificadas matérias, que foram desde a Literatura Portuguesa, passaram pela Psicologia, à Ciência Política, ao Direito, à História, à Biologia, etc., capacidades que se estenderam aos colegas que em acções de entre-ajuda entre pares, colaborávamos uns com os outros na apreensão das matérias e trabalhos a realizar.

Proporcionar o acesso à Educação e à Formação às populações é um acto de altruísmo e dedicação ao “outro” que deveria estar intrinsecamente ligado às políticas educativas e sociais e ser prática comum nas nossas comunidades/sociedade, políticas e práticas que deveriam estar implementadas desde sempre pelos responsáveis do poder.

Quero terminar, deixando o meu Agradecimento a todos os Homens e Mulheres que voluntariamente têm proporcionado a muitas pessoas o acesso à Educação e à Formação e em particular pelo trabalho desenvolvido comigo e do qual hoje usufruo.

Agradeço também em nome de toda a comunidade Almadense, pois como cidadã desse concelho, sei que sem a Escola do Desportivo o nosso concelho e a sua população seria muito mais “pobre”.

Muito Obrigada pela oportunidade.

“ **Proporcionar o acesso à Educação e à Formação às populações é um acto de altruísmo e dedicação ao “outro” que deveria estar intrinsecamente ligado às políticas educativas e sociais e ser prática comum nas nossas comunidades / sociedade...** ”

FIQUEI DEVERAS IMPRESSIONADO COM O INTERESSE E O EMPENHO DOS PROFESSORES

Na celebração dos cinquenta anos de actividade desta ESCOLA, não posso deixar de dar o meu testemunho como ex-aluno desta INSTITUIÇÃO sem fins lucrativos. Apenas tomei conhecimento da existência desta Escola no ano de 2002 (se não estou em erro) através da revista informativa editada pela Junta de Freguesia da Cova da Piedade.



Felismino Ribeiro

Ao frequentar as aulas fiquei deveras impressionado com o interesse e empenho com que todos os professores procuravam motivar os alunos, preparando-os para a prova de acesso ao ensino superior.

Aqui aprendi muito sobre Língua e Cultura Portuguesa, bem como Antropologia, Direito, Economia, Geografia, Demografia e Historia entre outros temas.

Os conhecimentos adquiridos foram extremamente importantes e influenciaram positivamente a minha vida.

Alguns dos professores, tinham também sido aqui alunos, e após as suas licenciaturas, vinham dar o seu contributo à Escola, originando uma autêntica "bola de neve" cultural formativa e informativa.

Quero aqui prestar homenagem aos Fundadores e Professores da Escola, que ao longo destes 50 anos, de uma forma gratuita e altruísta, depois do seu dia de trabalho, tanto contribuíram para que alguns alunos tivessem conseguido entrar no ensino superior, e a outros tivessem aberto novos e melhores horizontes para a vida.

Também merecem admiração os alunos que, com o seu esforço e persistência dos professores conseguiram os seus objectivos.

Obrigado "Escolas do Desportivo"!

50 ANOS DE ENSINO E EDUCAÇÃO CÍVICA

A Educação foi uma das bandeiras da 1ª República, contra o analfabetismo português, tendo a Constituição de 1911, decretado no seu Artigo 3º, a gratuidade e neutralidade do ensino em matéria religiosa. Porém, com a instabilidade política e económica, tal projecto acabou por fracassar.



Fernando Costa

A rutura com a escola republicana e a construção da escola nacionalista, ocorre ainda no período da ditadura militar, estabelecendo-se mais tarde, uma centralização administrativa e forte controlo da actividade escolar, limitando o ensino apenas ao conhecimento básico de ler, contar e escrever, compartimentando extractos sociais.

O regime apostou, não em extinguir o analfabetismo, mas em manter o povo na ignorância valorizando a paciência, a modéstia e o conformismo geral, isto é, quanto menor a instrução, menor a capacidade de questionar as políticas e a ordem social vigente.

Deus, Pátria e Família, era a trilogia da Educação Nacional do anterior regime. Os discursos maioritários da época, na Assembleia Nacional, manifestavam evidentes preocupações quanto a um eventual elevado nível de instrução do povo, como são exemplo algumas frases de deputados de então, Correia de Pinto: *"Saber ler para acreditar cegamente o que dizem certos jornais e certas publicações? Saber ler para fazer a cultura do ódio entre os homens e o ódio entre as classes?"*. O Estado Novo, estava mais interessado em impingir a doutrina do regime do que permitir a formação de cidadãos autónomos e conscientes. Não foi por acaso que o ensino superior era restrito às elites, objectivo novamente pretendido pelos actuais governantes.

Dedicando-se ao estudo e análise da estrutura do poder e preocupados com o tema das minorias, alguns autores tão diversos como Karl Marx que a estas se refere como *"classe dominante"*, enquanto Vilfredo Pareto se reporta à *"elite"* assim como Moisei Ostrogorski e James Bryce referem-se-lhe como *"políticos profissionais"*. Em Portugal, uma minoria opressora e fascizante sempre impediu o pluralismo de opiniões, manipulando toda a informação e comunicação e a opinião pública, através do medo, seguindo a lógica de V. Clusewitz, chefe do Estado Maior dos Exércitos Prussianos, que em

1832 escreveu: *"Se pretendemos obrigar o nosso oponente a dobrar-se à nossa vontade, temos de o colocar numa situação que seja para ele mais opressiva do que o sacrifício que exigimos"*.

A partir de 1960, emerge uma nova consciência do atraso educacional do país e da necessidade de romper com este baixo nível.

Constitui exemplo meritório desta vanguarda, as Escolas do Desportivo da Cova da Piedade, cujos promotores, mesmo nos difíceis períodos de clandestinidade e sofrendo constantes perseguições da PIDE, deram um enorme contributo não apenas para um ensino mais abrangente e democrático, mas também para a formação cívica de muitos cidadãos, que assim puderam adquirir e consolidar uma elevada consciência política e de participação cívica, direito e dever de qualquer ser humano.

Após 25 de Abril de 1974, a "Escolinha" manteve este nobre objectivo, do qual tive a oportunidade de usufruir, ao adquirir conhecimentos que me levaram à Faculdade de Direito, tendo posteriormente optado pela Faculdade Técnica de Lisboa onde concluí, no ISCSP, a Licenciatura em Ciência Política.

Além do ensino académico, a Escola tem ajudado a que se olhe o mundo para além de cada um, isto é, uma Escola para a cidadania, que proporciona a «cultura do outro» como «necessidade de compreensão de singularidades e diferenças», (Oliveira Martins, 1992; 41), numa oposição clara à técnica manipuladora da opinião pública de V. Clusewitz, actualmente ressuscitada pelos poderes instituídos. Esta ideologia, pretende levar à perda de identidade, ou seja, ao ser humano autómato, subserviente e alérgico ao pensamento crítico, dificultando o acesso à educação, cultura e ensino.

A Constituição da República Portuguesa, quanto aos direitos e deveres culturais, no seu artigo 74.º (Ensino), determina:

"2. Na realização da política de ensino incumbe ao Estado:

- d) Garantir a todos os cidadãos, segundo as suas capacidades, o acesso aos graus mais elevados do ensino, da investigação científica e da criação artística;*
- e) Estabelecer progressivamente a gratuidade de todos os graus de ensino;"*

Porém, o Governo não só não cumpre este imperativo constitucional, como impõe arbitrariamente à generalidade do povo, um ensino progressivamente mais oneroso, logo, com características elitistas.

A finalidade última da educação e da cultura é o desenvolvimento centrado no ser humano. O reconhecimento dos direitos do homem, a solicitude para com o outro, o espírito de iniciativa e de solidariedade são alguns dos valores universais, à muito prosseguidos pela "Escolinha" do Desportivo através dos seus inúmeros professores, cujo trabalho gratuito e elevada dedicação de qualidade, merecem o respeito e admiração da comunidade.

Mais do que nunca a educação tem, como papel essencial, conceder a todos os seres humanos o discernimento a liberdade de pensamento, os conhecimentos e a imaginação de que necessitam para incrementar os seus talentos e persistirem, tanto quanto possível, senhores do seu próprio destino.

Jacques Delors, no seu relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI, intitulado: *"Educação, um Tesouro a descobrir"* (1996), em que se exploram os *Quatro Pilares da Educação*, faz saber o seguinte: *"Confrontada com a crise das relações sociais, a educação deve pois, assumir a difícil tarefa que consiste em fazer da diversidade um factor*

positivo de compreensão mútua entre indivíduos e grupos humanos. A sua maior ambição passa a ser dar a todos, os meios necessários a uma cidadania consciente e ativa, que pode realizar-se, plenamente, num contexto de sociedades democráticas".

Este relatório refere os *"Quatro Pilares da Educação: Aprender a conhecer; Aprender a fazer; Aprender a viver juntos, aprender a viver com os outros; Aprender a ser"*. Estes princípios, desde sempre têm sido considerados essenciais pela Escola do Desportivo, provando que esta é um oásis avançado no seu tempo, em educação, na luta contra as exclusões, no respeito pela diversidade dos indivíduos, como princípio essencial de arredar qualquer forma de ensino elitista e estandardizado.

Vem a propósito o que diz Jean-Jacques Rousseau na sua obra, O Contrato Social: *"Renunciar à sua liberdade é renunciar à sua qualidade de homem, aos direitos da humanidade, até mesmo aos seus deveres"*.

Um povo não pode nem deve abdicar dos seus direitos e deveres e, como afirma Rousseau: *"Mesmo que alguém pudesse alienar-se a si mesmo, não pode alienar os seus filhos; eles nascem homens e livres; a sua liberdade pertence-lhes; mais ninguém tem o direito de dispor dela senão eles"*.

Bem hajam a Escola do Desportivo e os seus docentes, que ao longo de meio século e muito para além das matérias escolares, têm transmitido, valores de participação democrática, educação cívica e prática de cidadania.

“ A finalidade última da educação e da cultura é o desenvolvimento centrado no Ser Humano.”

PARA TODOS OS PROFESSORES DESTA ESCOLA O MEU PROFUNDO OBRIGADO

Chamo-me Filomena Maria de Sousa Gaspar, tenho 53 anos e fui aluna das Escolas do Desportivo da Cova da Piedade no ano letivo de 2011/2012.



Filomena Gaspar

Partilhar e testemunhar a minha experiência como aluna das Escolas do Desportivo da Cova da Piedade será uma modesta forma de agradecer e elogiar o esforço, a dedicação e a motivação que todos os docentes desta escola, em regime de voluntariado, transmitem e incutem nos alunos que frequentam as suas aulas, naquele estabelecimento de ensino, cujas “propinas mensais” tinham o valor de 5,00€ e eram facultativas.

Recuo a Outubro do ano de 2009, data em que iniciei a minha “odisseia” escolar para obter a equivalência do meu 7º ano liceal ao actual 12º ano de escolaridade, na Escola Secundária Cacilhas-Tejo e por via das Novas Oportunidades, ao abrigo do Art. 357.º, o que foi conseguido no final do mês de Fevereiro de 2010.

Terminada essa etapa e relembrando todo o incentivo que tinha recebido dos professores para prosseguir a minha formação académica e ingressar no ensino superior, decidi que tentar a minha candidatura à faculdade seria o meu próximo objectivo. Escolhido o curso de sociologia, surgiram quatro obstáculos para ultrapassar: o primeiro, perceber o que era sociologia, efectivamente, já que nunca tinha estudado antes essa disciplina; o segundo, saber qual a matéria a aprofundar para que a prestação de exame na faculdade, na modalidade de “Maiores de 23”, resultasse numa aprovação; o terceiro, a quem recorrer para acompanhamento e preparação para esse mesmo exame; o quarto, qual o calendário de provas e procedimentos para inscrição nos mesmos.

Recorri ao núcleo de acompanhamento de estudantes da Escola Secundária Cacilhas Tejo e foi então que as Escolas do Desportivo da Cova da Piedade surgem como recomendadas para a preparação que eu pretendia.

Em Outubro de 2011, após contacto prévio para me inteirar do funcionamento das referidas escolas com o Sr. Mário Araújo, um dos responsáveis daquele estabelecimento, apresento-me na primeira aula de português do Prof. José Cavaco, disposta e determinada a conseguir o meu objectivo: aprender tudo o que fosse necessário e fazer tudo o que fosse preciso para que o meu futuro exame de ingresso no ensino superior tivesse um resultado positivo e adequado ao meu propósito.



Para além das aulas de Português com o Prof. José Cavaco havia as de História com o Prof. António Ramos, as de Filosofia das Ideias com o Prof. António Malta, as de Sociologia com o Prof. Carlos Nunes e as de Métodos e Técnicas de Estudo das Ciências Sociais com o Prof. Augusto Flor, ou seja, toda a semana estava preenchida com aulas das 20h.00m até às 22h.00m. (ou mais!).

Escolas do Desportivo - História

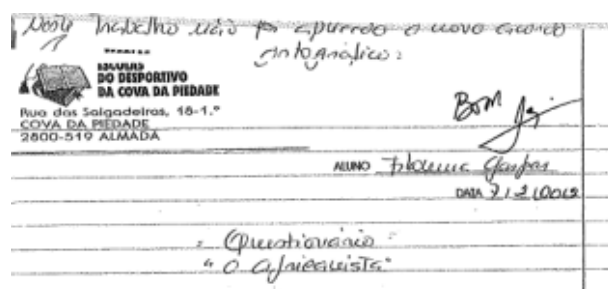
Plano de Aulas

- 1 – História e histórias: A evolução da ideia de História; Sujeitos e intérpretes da História; Ficções e realidades.
- 2 – Em torno da Formação de Portugal: Feudalidades e Nacionalidade
- 3 – Descobrimentos e Renascimento: Portugal na Europa Moderna
- 4 - Do Renascimento ao Iluminismo: um "Homem Novo"
- 5 – O Liberalismo em Portugal e no Mundo
- 6 – Tempo de Revoluções: o século XIX
- 7 – Portugal Republicano: lutas sociais e políticas
- 8 – Ditadura e Democracia: Fascismo e Resistência

As aulas serão sempre uma perspectiva sobre um Tempo Longo com enfoques particulares na História de Portugal e análises comparativas em relação à Europa e ao Mundo.

“ Foi o empenho dos seus professores na preparação dos alunos que me habilitaram a reconhecer matérias no 1º semestre do 1º ano da faculdade e me facilitaram a articulação com outros conceitos e temas novos em discussão nas aulas.”

Havia trabalhos de Português para apresentar, sobre análise e interpretação de textos e composições, de Sociologia já de cariz académico e com temáticas definidas que obrigavam a pesquisas, leituras e estudo para percebermos as diversas teorias defendidas pelos diferentes autores invocados, apresentações individuais e em grupo desses trabalhos, debates sobre os mesmos e trocas de ideias e críticas construtivas.



Para Filomena
Muito bem!
Este trabalho confirma a
sua capacidade de estruturar, organi-
zar, sintetizar e, desenvolver q.b.
A parte da bibliografia deve
ser inserida no final, o resto está
bastante bom/bonito!
Parabéns e continue!


A “exigência” quanto ao cumprimento de datas para as suas entregas, a necessária assiduidade dos alunos e a importância de estudar diariamente a matéria dada em aulas eram recomendações transmitidas e repetidas constantemente, qual alerta para o que nos esperava no ensino superior. Aprender a disciplinar e gerir o nosso tempo com a “invasão” de um novo acontecimento na nossa vida particular – estudar – era o nosso maior desafio e perante o mesmo só nos restavam duas opções: alterar comportamentos e até compromissos de forma consciente e séria para alcançar nosso objectivo ou não!

Aceite o desafio, descobri o quão gratificante era receber avaliações / apreciações de trabalhos cada vez melhores no decorrer do ano letivo, o quão gratificante eram as conversas com aqueles professores, repletas de conselhos e estratégias positivas para que os nossos propósitos fossem bem sucedidos.

Naquele ano muitos alunos chegaram e partiram, voltaram e tornaram a desistir por variadíssimos motivos mas quatro candidatas ficaram sempre, decididas a prosseguir e concluir esta preparação para o exame da faculdade - duas para Sociologia, uma para Psicologia e uma para Marketing.

Incentivos nunca faltaram, não só por parte dos professores como também de antigos alunos desta escola que nos visitavam e contavam os seus percursos até à faculdade – uns ainda lá se encontravam, outros já tinham terminado os seus cursos superiores. É para todos eles que dirijo o meu sincero obrigado por todas as palavras de motivação com que nos presentearam, sobretudo, e de uma forma muito especial, para o meu grande amigo João Monteiro, já naquela altura aluno do 2.º ano de sociologia na FCSH, sempre disponível para partilhar os seus

conhecimentos, o seu saber, a sua experiência. Para ele, serão sempre poucas as minhas palavras de agradecimento, não só pelo que representou para mim nessa época e que lhe valeu o título de “meu mentor”, mas também pelo que continua a representar ainda hoje, com toda a sua inesgotável disponibilidade para responder a quem tem dúvidas.

E quanto às quatro “aventureiras”? Pois bem, ficaram todas aprovadas nos exames que prestaram, ingressaram no ensino superior e o ano lectivo de 2013/2014 será o meu 2.º ano da licenciatura de sociologia na FCSH, com o contributo das Escolas do Desportivo da Cova da Piedade.

Foi o empenho dos seus professores na preparação dos alunos que me habilitaram a reconhecer matérias no 1º semestre do 1º ano da faculdade e me facilitaram a articulação com outros conceitos e temas novos em discussão nas aulas. Foi esse empenho que me preparou para estruturar trabalhos académicos, pesquisar informação para a elaboração dos mesmos, para as suas apresentações e para os debates de seminários, na faculdade.

Para todos os professores desta escola o meu profundo obrigado por nos terem alertado para os nossos erros e pelos comentários positivos às nossas capacidades, pela atenção que sempre dispensaram aos nossos interesses e objectivos, por toda a colaboração que prestaram quando a solicitámos, pelo encaminhamento e acompanhamento que nos ofereceram na resolução de dificuldades e questões que iam surgindo, enfim, numa palavra: por existirem!

Bem hajam!

HOJE POSSO DIZER QUE VALEU A PENA

Tinha 40 anos quando fiquei desempregada e tal como acontece com outras mulheres, era nova para me reformar mas velha para o mercado de trabalho. As minhas habilitações eram o 7.º ano liceal que equivalia ao 11.º ano. Decidi inscrever-me no ensino regular e fazer o 12.º ano, na esperança de encontrar emprego. Tal não aconteceu, e através da Agenda Cultural de Almada, tomei conhecimento do trabalho desenvolvido nas Escolas do Desportivo da Cova da Piedade.



Isabel Marinho

De início, por mera curiosidade, decidi assistir a uma aula. Hoje, reconheço que em muito boa hora o fiz, pois não só passei a frequentar as diferentes disciplinas leccionadas na escola, como me deixei convencer a prosseguir os estudos e fazer os exames de admissão à faculdade.

Foi uma decisão bastante difícil, como dizia Fernando Pessoa, “*primeiro estranha-se depois entranha-se*”, mas com o apoio da minha família, e o grande empenho dos professores do Desportivo, consegui chegar a bom porto.

Hoje posso dizer que valeu a pena, não só pela relação de amizade que se viveu no Desportivo ao longo desse ano e que ficou para sempre, como pelo resultado obtido. Já estou licenciada, sou professora numa escola pública, e considero-me uma privilegiada, não só por ter sido graças a esta oportunidade que realizei o meu sonho de criança – ensinar –, como também por ter conhecido pessoas tão interessantes e disponíveis para ajudar o próximo, o que me enriqueceu como pessoa.

Com este testemunho, pretendo agradecer publicamente aos professores do Desportivo e incentivar outros a acreditarem que “há sempre uma luz ao fundo do túnel”.

Parabéns e bem hajam.

FOI UM PERCURSO QUE POSSO AFIRMAR, MEDIOU ENTRE O SONHO E A REALIDADE

Foi no ano de 2004 que, pela primeira vez, entrei no n.º 18 da Rua das Salgadeiras, na Cova da Piedade, ou seja, no local onde funcionavam e continuam a funcionar, as Escolas do Desportivo da Cova da Piedade.



Ivone Marques

A minha amiga Senhorinha, tentou sempre motivar-me para a prática de alguma actividade quer fosse de carácter físico ou cultural. Dizia-me muitas vezes que «...precisas de alguma coisa mais para além do trabalho e da mania doentia das limpezas...». E, no Verão desse ano, falou-me da existência de uma escola que preparava alunos para o ensino superior e perguntou-me se queria ir com ela estudar...foi com um ar de espanto que me ouviu dizer: *quero*.

Decidimos que, em Setembro, iríamos saber o que era necessário para nos inscrevermos, a fim de nos candidatar-mos ao estatuto de *alunas*... e assim fizemos. Falámos com o Mário Araújo e com o Prof. Cavaco, tomámos conhecimento das aulas e dos horários e iniciámos os nossos estudos. Tínhamos um conjunto de diversas disciplinas, tais como Português, História, Matemática, Geografia, Antropologia, Sociologia, Direito e ainda, Literatura e Jornalismo que nos permitiam adquirir algum conhecimento nestas diferentes áreas e, deste modo, podermos decidir o curso que mais nos interessava.

Apresentei a minha candidatura à licenciatura em Antropologia na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa e o resultado foi *não admitida* e um golpe na minha fraca auto estima. Contudo, devido ao apoio demonstrado por todos e, em particular, ao Prof. Augusto Flor e porque *a vontade de estudar* não me tinha abandonado, voltei no ano seguinte às Escolas do Desportivo da Cova da Piedade para uma nova tentativa.

“ E eis senão quando o Prof. Augusto Flor toma uma atitude de força e diz-me: «Ivone, tem de se decidir e depressa... ou vai a exame ou não vai... além do mais, não andámos a trabalhar este tempo todo para agora desistir... nem pense!»”

Recomecei as aulas em Outubro de 2005 com um novo grupo muito empenhado e agradável e a minha escolha pela Antropologia manteve-se inalterável. As aulas e os trabalhos iam decorrendo sempre acompanhados de uma grande dedicação por parte dos professores e também com o não menos importante trabalho de Direcção dos responsáveis das Escolas, isto é, o Mário Araújo e o Prof. Cavaco. Com a aproximação das provas de acesso, instalou-se em mim um grau de insegurança acima do normal e estava com alguma resistência em avançar. E eis senão quando o Prof. Augusto Flor toma uma *atitude de força* e diz-me: «Ivone, tem de se decidir e depressa... ou vai a exame ou não vai... além do mais, não andámos a trabalhar este tempo todo para agora desistir... nem pense!».

Em Maio de 2006 voltei a candidatar-me ao curso de Antropologia mas no ISCTE – Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa (presentemente chama-se ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa) e o resultado foi *admitida*. O percurso entre o *não admitida* e o *admitida* nem sempre foi fácil mas foi gratificante... foi um percurso que posso afirmar, mediou entre o sonho e a realidade. Acreditem que levei algum tempo a assimilar esta realidade... mas valeu a pena.



E porquê a Antropologia? Como já referi, nas Escolas são ensinadas matérias de diferentes áreas do saber, o que me permitiu analisar e avaliar o curso que queria fazer.

A minha situação perante a Antropologia era, por essa altura, a de **aprendiza**, de alguém que começa a ter os primeiros contactos com esta matéria... mas foi uma escolha muito determinada. O interesse por uma *disciplina* que procura estudar o ser humano nas suas diferentes dimensões, que procura entender o *outro* e ao mesmo tempo entender o *eu*, é fascinante.

Em termos profissionais, a licenciatura que terminei em 2010, na prática, não veio alterar em nada as condições que tinha, nem essa era a minha expectativa. Porém, no aspecto pessoal, foi uma mais-valia. Foi um privilégio poder contar com um conjunto de pessoas tão solidárias, humanistas e empenhadas em ajudar os outros a *crescer*. O sentimento que sinto, a percepção que tenho é, de facto, o de ter *crescido*... quer obtendo um conjunto de novos conhecimentos e valores quer fazendo novos amigos que me permitem vivenciar diferentes relações humanas.

O ambiente que se vive nas Escolas do Desportivo da Cova da Piedade é de *dádiva*... é dar sem esperar uma recompensa, uma compensação ou... *talvez não*. Este conjunto de homens e mulheres que se disponibilizam a ajudar os outros esperam, sem dúvida, que aprendamos a lutar para nos ajudarmos a nós próprios. Bem hajam.

A MINHA PASSAGEM PELA ESCOLA DO DESPORTIVO

Escolas do Desportivo da Cova da Piedade, Rua das Salgadeiras n.º 18-1º Cova da Piedade. Quem ler o que está escrito em cima e não tiver conhecimento do que lá se faz, com a natural indiferença dirá, “mais um clube ligado ao desporto”. E eu respondo, sim é verdade. Mas não só. O desporto tem lugar noutro sítio. Bem perto.



João Granadeiro

Desde 1963, que na Rua das Salgadeiras, se ministra o ensino a jovens e adultos que necessitam de apoio escolar para singrarem nos seus projectos de vida. Este apoio, desde o início, tem sido feito de forma altruísta. Existe neste espaço, um conceito solidário e uma forma diferente de estar na vida. Dignificando o indivíduo, as suas capacidades e sobretudo o valor da liberdade.

Para que tudo isto tenha sido possível, e continuará a ser estou certo, foi porque sempre existiram homens e mulheres (professores e outros) dedicados à causa, dedicando os seus tempos livres, de forma graciosa e apaixonada, é importante dizê-lo, transmitindo os seus saberes em prole dos outros.

Depois desta pequena e singela homenagem a este espaço e a esta gente dedicada, passo o discurso para a primeira pessoa.

Conheci esta escola através de um colega de profissão, que a frequentou e me aconselhou a seguir os mesmos passos, dado a sua gratificante experiência.

Não vim sozinho. Trouxe comigo também um colega de profissão, com os mesmos projectos de carreira universitária na área de História.

A minha primeira boa impressão começa com o contacto telefónico e depois pessoalmente com o Sr. Mário Araújo, aquando da inscrição do ano lectivo de 2012/2013. Foi uma enorme satisfação, porque estávamos longe de nos encontrar ali. Na verdade as nossas profissões cruzaram-se desde há uns longos trinta anos.

Disse-lhe: “isto está um pouco perro”, já não sei o que são estudos a sério desde 1983. Como resposta, “calma amigo Granadeiro, estamos cá para ajudar a “desenferrujar”, vai ver que tudo vai correr bem”.

No dia 16 de outubro de 2012 começou uma nova fase da minha vida. No dia da apresentação lá estava eu com os meus colegas o amigo Araújo, os professores: Cavaco, Eurídice Cruz, Augusto Flor, António Ramos e o saudoso professor António Malta (que já não se encontra entre nós).

De terça a quinta, entre as oito e as dez e meia da noite, lá estávamos nós envolvidos no processo.

Eram momentos que lembravam o meu tempo de trabalhador estudante. Mas agora este era a hora para regressar, em busca de novos conhecimentos. Com mais calma, mais maturidade, com experiências acumuladas, mas sobretudo com mais vontade.

Estar ali, era uma satisfação enorme. As aulas foram cativantes, existia uma enorme cumplicidade entre nós e os professores. Além dos métodos que cada um utilizava para ensinar e sem fugir ao rigor, trocávamos ideias, falávamos das nossas experiências, dos problemas do quotidiano, do nosso futuro. Por vezes não dávamos pelas horas, só quando a fome começava a apertar um bocadinho.



Através da professora Eurídice, navegámos por grandes vultos das nossas letras, tais como, Vitorino Nemésio, Sttau Monteiro, Namora, Saramago, Eça, Pessoa, entre outros. E já entrados no ano de 2013, a deu-nos uma “reciclagem” no nosso inglês enferrujado. Esta grande senhora foi de uma dedicação notável.

“Estar ali, era uma satisfação enorme. As aulas foram cativantes, existia uma enorme cumplicidade entre nós e os professores.”

Se queríamos saber o que era ser aluno universitário, qual o grau de exigências, como estudar e estruturar com método um trabalho académico, batemos na porta certa. Neste capítulo o professor Augusto Flor ficará para sempre ligado ao percurso que vamos enfrentar.

E os trabalhos académicos que elaborámos foram baseados nestas ciências. Mergulhámos superficialmente, claro, na Antropologia, Sociologia, Psicologia, Economia, Direito e Ciência Política. No entanto, foram ali realizados seminários sobre estas ciências com especialistas, alunos e alguns convidados, onde eram discutidos estes temas de forma clara e aberta, enriquecendo os conhecimentos de cada um. Saíamos destes

seminários com a ideia de que havia tanto mais para dizer e ouvir.

E chegamos às aulas de História (a nossa praia) com o professor Ramos, era uma extraordinária viagem nos tempos. A serenidade com que expunha os temas, variava com momentos de ironia atingindo por vezes o empolgamento. Sentíamo-nos por vezes protagonistas dessas eras. Chegavam aos nossos ouvidos o tinir das espadas, os lamentos da morte pela fome e pela peste. O som das águas que eram cortadas pelas nossas caravelas. O aroma da pimenta e do café. O brilho do ouro e da prata. A pedra sobre pedra que fazia erguer o castelo e as catedrais em direcção ao céu. Enfim, uma lista interminável de sensações.

Com o devido respeito, deixei para a parte final, as aulas de, História das Ideias, dadas pelo saudoso prof. Malta. Era outro ambiente. Muito sereno, concentrava-se no detalhe, por vezes divagava em comparações, em exemplos envolventes que nos obrigavam a despertar e a abrir as gavetas da memória. A Filosofia e as Ideias Políticas entraram nas nossas mentes da forma mais natural que se possa imaginar. Vou lembrá-lo sempre!

Deixo aqui um reconhecimento de amizade e cordialidade na pessoa do professor José Cavaco. Um homem sempre pronto, dedicado e dialogante. Bem-Haja.

Termino, com um sentimento de enorme gratidão para com estes “heróis”. Sem eles isto não seria possível. E faço votos que o futuro seja promissor. Este tesouro não pode acabar.

Pela minha parte, farei tudo o que estiver ao meu alcance para que tal não aconteça. Quiçá, se daqui por uns aninhos não estarei ao vosso lado a transmitir os meus humildes saberes a quem deles necessitar.

Muito obrigado a todos!

FOI-NOS DADO TODO O ACOMPANHAMENTO DE FORMA INDIVIDUALIZADA, DE ACORDO COM A ÁREA DE CONHECIMENTO

Ingressei nas Escolas do Clube Desportivo da Cova de Piedade em Janeiro de 2010, com o objectivo de receber o apoio pedagógico que me permitisse o ingresso no ensino superior através do programa *Maiores de 23*.



João José Monteiro

Desconhecia este tipo de iniciativa e também a existência da própria escola dado o meu distanciamento de Almada até esse momento. Foi através de um cartaz afixado na vitrina da Junta de Freguesia da Cova da Piedade que tomei conhecimento das Escolas do Desportivo da Cova da Piedade. Estávamos em Dezembro de 2009 e como dispunha de algum tempo, já que me encontrava a recuperar de um acidente de trabalho, decidi inscrever-me nas Escolas do Desportivo, no dito programa *Maiores de 23*, para ingresso ao Ensino Superior.

O primeiro contacto ocorreu por via telefónica, com o Sr. Mário Araújo, que me atendeu de forma extremamente afável e esclarecedora, o que me reconfortou de imediato, ficando desde logo com a sensação de que não iria estar só neste meu objectivo de tentar ingressar no ensino superior.

No dia 5 de Janeiro de 2010 (primeiro dia de aulas) compareci na escola e fiquei completamente sensibilizado pela forma como fui recebido. O

professor José Cavaco e o Sr. Mário Araújo, descreveram o funcionamento das Escolas bem como a sua missão e de imediato percebi o enorme contributo social que as Escolas do Desportivo vinham prestando, onde os interesses pessoais de cada um dos dinamizadores, são relegados para segundo plano, em detrimento de uma missão de apoio à concretização dos anseios de cada aluno.

Tal como os meus colegas, tive o privilégio de receber o ensino considerado necessário à realização de uma candidatura de ingresso ao ensino superior de forma completamente gratuita, por professores do ensino secundário e superior, experientes e dedicados à difusão do conhecimento e à valorização pessoal dos alunos.

Gradualmente e, enquanto as aulas iam decorrendo em período pós-laboral, fui tomando consciência do espírito das Escolas quanto ao seu passado, e ao papel desempenhado, desde a sua fundação em 1947 enquanto escola pré-primária ao serviço dos mais carenciados, passando pela fase de ensino nocturno, determinante no despertar de consciências iniciado em 1963 através de sessões de cultura geral, até ao actual modelo de apoio ao ingresso ao ensino superior. É realmente notável a forma como a centralidade da sua missão se tem mantido inalterada ao longo do tempo, imune às adversidades conjunturais adaptando-se às transformações sociais. Um exemplo que merecia uma maior distinção das entidades oficiais e um reconhecimento mais vasto da população.

Relativamente às aulas propriamente ditas, posso referir o seguinte, o ano lectivo dividiu-se em dois períodos distintos, um primeiro, onde nos foram leccionadas as matérias base que nos ajudaram a melhorar o português falado e escrito, utilizando textos dos grandes autores portugueses; voltámos aos longínquos ditados, às composições ou redações, à História, à Matemática e aprendemos a organizar-nos através de um primeiro contacto com os métodos de estudo que nos esperaríamos no mundo académico. Depois de uma grande diversidade de trabalhos práticos, sobretudo na área das ciências sociais, estávamos aptos a decidir-nos pela licenciatura à qual nos iríamos candidatar.

Numa segunda fase, já mais específica, foi-nos dado todo o acompanhamento de forma individualizada, de acordo com a área de conhecimento correspondente ao



curso que almejámos. No meu caso, Sociologia. Foi nesse período, que a interacção entre todos os intervenientes, resultou num processo de candidatura ao ensino superior

em concreto. Para além da matéria específica que nos foi leccionada, aprendemos também a redigir uma carta de motivação, a melhorar a nossa capacidade argumentativa numa entrevista, e a nossa oralidade através de seminários, processos essenciais aos quais seríamos colocados à prova na universidade.

Foi graças à dedicação e empenho dos dinamizadores da escola, como o Sr. Mário Araújo, dos professores Carlos Nunes, José Cavaco, António Ramos, António Malta, Augusto Flor e das professoras Lúcia e Margarida, que consegui ser

admitido na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, encontrando-me à data da redacção deste testemunho com a licenciatura de Sociologia concluída. Também mais dois colegas o conseguiram, o Pedro Lago em Sociologia (ISCTE) e o Florival Coelho em Estudos Portugueses e Lusófonos (FCSH-UNL).

“ O reconhecimento do papel e da utilidade social das Escolas do Desportivo tem tido poucos registos, relativamente à dimensão dos seus efeitos...”

O apoio que recebemos enquanto alunos das Escolas do Desportivo não se limitou à fase de candidatura, também depois de ingressarmos, enquanto alunos académicos, foram-nos generosamente disponibilizados espaços para reuniões e trabalhos de grupo. Já nesta condição, recorrentemente, volto às Escolas, para devolver parte do contributo que em foi dado, motivando os novos alunos em cada novo ano lectivo, através do meu testemunho e da minha curta experiência.

Para além do ensino, as Escolas do Desportivo organizam as mais diversas actividades de âmbito cultural. A seu convite, participei na conferência das comemorações do centenário do 5 de Outubro de 1910; numa entrevista sobre a minha experiência para o Jornalista Fernando Fitas; em actividades lúdicas de interacção pessoal e de grupo como o foram as *Oficinas de Inteligência Emocional*, organizadas pelo professor Carlos Nunes; e, mais recentemente em recitais de poesia, e no apoio aos candidatos ao ensino superior do próximo ano lectivo.

O reconhecimento do papel e da utilidade social das Escolas do Desportivo tem tido poucos registos, relativamente à dimensão dos seus efeitos, dado o carácter humanista e o grande contributo social materializado tanto na divulgação do conhecimento científico, como no apoio pedagógico levado a efeito. Para além destes atributos, que não me fatigo de enaltecer, a Escola municiá-nos de certa forma, com uma importante sensibilidade reflexiva relativamente às grandes questões das sociedades actuais e ao papel que cada um de nós nelas desempenha enquanto ser social.

Como referiu o sociólogo Émile Durkheim: “A educação não se limita a desenvolver o organismo individual no sentido marcado pela sua natureza, a tornar aparentes as potencialidades escondidas que só pedem para ser reveladas. Ela cria no homem um novo ser.”

Durkheim
in *Educação e Sociologia* 1922

Projecto de Almeida
3 de Setembro de 2010

Informação Geral

5

Antigo espaço de ensino e resistência

A Escola do Desportivo volta a ser um local de formação cívica

Após um interregno de vários anos, ocorrido nos anos 80 e motivado por razões aheias à vontade dos seus dinamizadores, a denominada Escola do Clube Desportivo da Cova da Piedade, retomou em 1990 a actividade lectiva com assinalável sucesso, registando, desde então, cerca de quarenta ex-alunos frequentando o ensino universitário ou já concluído os respectivos cursos.

Fernando Fitas

Com uma media anual de cerca de trinta alunos em horário pós-laboral, a Escola do Desportivo da Cova da Piedade, instituição fundada em 1983 com o objectivo de ministrar o ensino básico às crianças filhas dos associados mais carenciados do Clube da localidade, voltante a que anseios também o ensino de adultos, presençeja hoje a missão de apoiar aqueles que pretendem valorizar-se, procurando, assim, novas qualificações e, consoante, a melhoria das suas condições de vida.

Assumindo-se como uma das prestigiadas instituições de

Freguesia que maior acção protagonizaram no sentido da criação de uma consciência democrática entre a população, a antiga escola primária do Desportivo, fundada por Gomes de Carvalho, com o apoio de António Sereno Albuquerque e José Carlos, entre outros, voltou, na última década, a desenvolver uma regular actividade em matéria de ensino, prestando apoio pedagógico a cidadãos cujas contingências da vida não lhes permitiram prosseguir os estudos enquanto jovens.

Entidade responsável pela formação académica e cívica



João Moreira, sublinha o espírito de solidariedade entre alunos que por aqui passam



Segundo José Carlos, a escola retomou nos anos recentes, a sua importante função formadora

de largas centenas de cidadãos, muitos deles maranhenses, que aproveitando a proximidade da base naval recorrem à instituição para concluírem os anos 5º e 7º ano local, situação a que não há nada estranho a atribuição feita junto dos seus subordinados pelo então comandante Julião, militar que a 25 viria a integrar a Comissão Coordenadora do Movimento das Forças Armadas, a referência

moneta, ser-se-ia obrigada a interromper a sua actividade por vicissitudes de ordem variada, tendo-a retomado no início dos anos 90.

Segundo José Carlos, um dos responsáveis pela funcionamento da referida instituição, «com a institucionalização do ensino público obrigatório, a escola, criada para ministrar o denominado ensino primário, valência posteriormente alargada à preparação de alunos do ensino externo para os exames do 3º e 7º do ensino curso geral dos liceus, viu a sua actual função assentar fundamentalmente na prestação

de apoio pedagógico a quem, tendo mais de 25 anos, se propõe fazer o exame de acesso à Faculdade».

Não escondendo alguma satisfação pelos resultados obtidos, o mencionado em França, para o qual há que se ter em conta a proximidade por razões políticas, actual professor da aludida escola, salienta igualmente que dos nove alunos que este ano se submeteram ao antigo exame local, actual prova de acesso de ingresso ao ensino superior destinada a maiores de vinte e três anos, cinco lograram entrar.

Realçando igualmente que «um dos ex-alunos que passaram pelos bancos da instituição tem 65 anos e já concluiu curso de direito, tendo sido aluno de Marcelo Rebelo de Sousa», José Carlos, sublinha ainda que «o funcionamento da instituição decorre do trabalho voluntário, levado a cabo por um corpo de professores de várias áreas, dado que nenhum aluno é obrigado a fazer-se sócio do Clube, pa-

gando apenas a simbólica verba de 10 euros mensais, mantendo-se considerado estritamente necessário para fazer face aos encargos decorrentes do funcionamento das actividades lectivas».

Para além do período lectivo, marcado por esta entidade em matéria de ensino, José Carlos recorda também a acção protagonizada pela escola no tempo do fascismo, designadamente no domínio da formação cívica de quem ali frequentavam. «Tratou-se de uma acção», diz, «que visava promover a denúncia das arbitrariedades cometidas pela ditadura, preparando-os para a adopção de uma consciência crítica e criando condições para o exercício pleno da liberdade».

João Moreira, um dos alunos que no último ano lectivo receberam os apoios pedagógicos proporcionados pela escola para se preparar para a realização do exame de acesso à Faculdade, tendo alcançado o primeiro lugar entre os aspirantes, que prestaram provas na Universidade Nova e em segundo lugar no SCEE, entrado para sociologia, refere que um dos seus colegas se classificou na terceira posição.

No seu opinião, «são resultados muito gratificantes, que atestam, de modo claro, não apenas a qualidade da preparação que obtêm, mas, sobretudo, reflectem o espírito de união e de partilha de complicações, existente entre os professores e alunos, decorrente da criação de laços de amizade e afectividade, quadro que não se observa na generalidade dos outros estabelecimentos de ensino».

No entender do citado aluno, proprietário de uma micro-empresa sediada na freguesia, «a cumplicidade estabelecida entre ambos, constitui um dos factores determinantes do desempenho que protagonizámos e dos resultados que obtivemos, uma vez que é que aqui aprendemos faz-nos sentir, com maior evidência, o sentido de sermos cidadãos interventivos».

O MEU PERCURSO NAS ESCOLAS DO DESPORTIVO DA COVA DA PIEDADE

O meu percurso didáctico começou aos três anos e acredito que foi enriquecedor, iniciar a primeira experiência escolar neste meio, onde tive educadores e professores que me acolheram desde cedo com muito carinho, e onde encontrei muitos outros meninos com quem partilhei muitas brincadeiras e histórias de vida.



João Paulo Gentil

O trajecto até à escola era ainda relativamente longo e feito na íntegra a pé, pois eu vivia com os meus avós maternos. Quem me levava pela mão era a minha avó, que a caminho das escolas passava junto ao mercado da Cova da Piedade e me comprava, religiosamente, uma bola de Berlim que eu comia deliciadamente até à porta da escola. À entrada deparava-me com uma íngreme escada que nos levava a uma sala com secretárias de escola primária, o cheiro a madeira face ao facto do soalho ser em madeira, e o adeus à minha avó que me deixava lá.

As poucas mas agradáveis memórias da minha passagem pelas Escolas do Desportivo começam, no período compreendido entre os meus 3 e 4 anos, logo são memórias muito vagas, e repartidas essencialmente por imagens, nomeadamente do espaço físico.

A minha segunda passagem pelas escolas do Desportivo da Cova da Piedade, resulta de um convite ou desafio para colaborar com a mesma, projecto que acolhi com enorme prazer e determinação, pois consistia em promover o apoio e preparação dos exames para acesso ao ensino superior (antigos exames "ad hoc" para acesso de adultos ao ensino superior).

“As Escolas do Desportivo tinham como objectivo, preparar alunos para a realização das variadas etapas, tarefa nada fácil face à variedade de matérias em função do curso que cada aluno designaria como objectivo.”

O exame “ad hoc” tinha como objectivo facultar o acesso ao Ensino Superior de pessoas com idades superiores a 25 anos que não completaram o 12º ano, mas que se julgavam portadores de conhecimentos mínimos para frequentar o Ensino Superior, era uma prova que se subdividia em três etapas, uma prova de Língua Portuguesa, uma entrevista e uma prova específica, em função do curso que se pretendia frequentar.

As Escolas do Desportivo tinham como objectivo, preparar alunos para a realização das variadas etapas, tarefa nada fácil face à variedade de matérias em função do curso que cada aluno designaria como objectivo.

A minha terceira passagem pelas escolas consistiu, na minha preparação para o exame “ad hoc”, a qual recorro com enorme prazer e reconhecimento, pelo empenho e entusiasmo que todos os alunos, que me acompanharam nesse período, demonstraram, bem como dos professores que nos deram aulas das mais variadas matérias.

Foi uma fase extraordinariamente importante, a qual me permitiu verificar as minhas insuficiências, e as minhas mais-valias. Em matéria de conhecimento, diria que foi uma maratona de aprendizagem, e reaprendizagem.

Aula após aula, matéria após matéria, fui abrindo horizontes e consolidando conhecimento, adquiri uma segurança e organização de pensamento, que me permitiu enfrentar a

primeira etapa do exame, e ultrapassá-la com êxito, o resultado levou-me à entrevista a qual apesar de difícil, foi uma nova janela que se me abriu, tinha-me proposto candidatar-me ao curso de “Geografia e Planeamento regional da Universidade Nova de Lisboa”.

Em termos didácticos, sei que foram da maior riqueza todos os ensinamentos e experiências que adquiri ao longo da minha passagem pelas Escolas do Desportivo, e hoje ao olhar para trás guardo boas recordações daqueles que comigo estiveram, acompanharam e guiaram até a minha passagem para a Universidade.

A quarta e última passagem resultou do facto de ter concluído com sucesso as anteriores etapas, concluí a minha licenciatura em “Geografia e Planeamento Regional”, e fui chamado /convidado a participar na preparação de um grupo de alunos que se propuseram a fazer exactamente o que eu fizera, convite esse que consistia em dar aulas de Geografia. Mais uma vez fui aprender nas Escolas do Desportivo, desta vez estando a ensinar.



José Augusto Gonçalves

GRATO PELO ACOLHIMENTO QUE ME PROPORCIONARAM

Meio século, é uma vida, e serão poucos os adjectivos que aqui possamos colocar para qualificar e enaltecer a dedicação que este grupo de pessoas, das Escolas do Clube Desportivo da Cova da Piedade, tem dedicado durante este meio século a partilhar os seus conhecimentos com a comunidade, com todos aqueles que, na expectativa de adquirirem mais conhecimentos podendo-os catapultar para outras plataformas de aprendizagem, aqui têm encontrado o seu porto de abrigo.

Com a humildade que lhes é peculiar e a vontade em ajudar o seu semelhante, estes homens, têm dedicado grande parte do seu tempo na partilha de saberes, oferecendo a quem deles se tem aproximado solicitando ajuda, todo o apoio e dedicação necessária, possibilitando-os de forma desinteressada e fraternal, alcançarem as metas desejadas nas diversas áreas de formação, com predominância na básica e secundária.

Muitas das barreiras que encontramos ao longo na nossa vida, nos levam a pensar e nos conduzem na procura de mais conhecimentos com o objectivo de assim, podermos alcançar outras plataformas de formação e eventualmente, outras colocações profissionais.

Desde cedo me familiarizei com esta escola, nos meus tempos de criança enquanto brincava, via a dedicação que o meu Pai colocava nos trabalhos que fazia e no orgulho que apresentava por poder partilhar diversos momentos com um extraordinário grupo de pessoas que o apoiavam e incentivavam na conquista do saber. Na época, sem muitas vezes conseguir compreender quais os objectivos a que se destinava tal dedicação e entusiasmo que o faziam sair de casa, mesmo em dias de mau tempo, para as escolas do Desportivo da Cova da Piedade como ele se orgulhava de mencionar, me deixavam atento e curioso percebendo que algo de importante para toda a família se tratava, certamente.

Guardo ainda hoje, com o maior orgulho e estima, os trabalhos de desenho e pintura que meu Pai elaborou há cinquenta anos, para mim, verdadeiras obras de arte que emoldurei carinhosamente e relembro com saudade.

Após 42 anos, sentindo a necessidade de ajuda para alcançar a formação que pretendia, também eu abordei a Escola no ano de 2005, manifestando o meu desejo de ali ingressar, sem que para isso tenha existido qualquer manifestação de influência. Curiosamente, ou não, ali encontrei as mesmas pessoas que ao meu procriador tinham ajudado a atingir os seus objectivos, com a mesma disponibilidade espírito de partilha e ajuda que sempre demonstraram com a maior humildade e dedicação. Estou imensamente grato pelo bom acolhimento que me proporcionaram, pelos bons momentos que convosco partilhei e aprendi, por todo o apoio e incentivo que me deram para que fosse possível atingir os objectivos que me propus. Sem o vosso desinteressado apoio não teria conseguido certamente.

Sem excepção, a todos os que me apoiaram e muito me ensinaram na vossa escola, o meu muito obrigado, desejando que, da mesma forma que até hoje o têm demonstrado, continuem a apoiar a sociedade cada vez mais desprotegida e carenciada de pessoas de boa vontade e fraternidade. Finalizo com um cumprimento e louvor muito especial para o Sr. Mário, professor Cavaco e professor Augusto Flor que figuram na génese desta escola, que muito estimo e admiro.

INSCREVI-ME E COMECEI A FREQUENTAR AS AULAS, ALIÁS EU E O MEU MARIDO

**Tomei conhecimento da escola através de um
flyer que encontrei na minha caixa de correio.**



Judite Paris

Na altura tinha como objectivo fazer uma licenciatura em Psicologia do Desporto, que se prende com o facto de ter praticado Andebol durante 22 anos. Achei ser uma excelente via para conseguir os meus intentos.

Sendo assim, inscrevi-me e comecei a frequentar as aulas, aliás eu e o meu marido. Comecei novamente a sentir que tinha voltado aos meus tempos de estudante, estava muito empolgada com esta nova faceta da minha vida.

Ganhei motivação e recomecei a ter gosto pela escola, pelo estudo, foi deveras muito gratificante.

A aprendizagem, a partilha de conhecimentos, o conhecer novas pessoas, tanto os professores como os colegas. Mas, por uma prioridade maior tive de “desistir”, fui Mãe. Mas, esta curta experiência foi muito revigorante e na minha opinião é um projecto que deveria ser apoiado, pois existe muita gente que como eu gostariam de continuar a sua aprendizagem, por um motivo ou outro, e esta escola proporcionava, a qualquer pessoa, a hipótese de aprender, fosse para que fim fosse. E cito aqui uma das frases que mais aprecio, “conhecimento é poder”.

Um bem haja a todos, professores, alunos e colaboradores.

1 xi-coração!



Luís Fontes Ferreira

CONSEGUIDA A APROVAÇÃO NO EXAME AD HOC, CANDIDATEI-ME

Fiquei muito agradado quando recebi o sms do professor Augusto Flor, a solicitar um testemunho sobre as Escolas. Este contacto trouxe à memória os bons momentos que lá passei, quer na companhia de alguns colegas, quer com os professores que nos ajudaram.

Sobre estes últimos realço o trabalho do Professor Cavaco, que com a sua mestria, bondade e persistência, nos incentivava, nos ensinava e nos “obrigava” a realizar os trabalhos que entendia serem importantes para que pudéssemos atingir os nossos objectivos.

Lembro-me de um pequeno episódio que se passou comigo, quando numa das aulas o professor Cavaco pediu para redigirmos um texto – já não me lembro do tema – e eu ao fim de algum tempo ainda não tinha nada escrito, então o professor perguntou o que se passava e eu respondi que não conseguia, que estava completamente sem motivação e ideias. Então, ele do alto da sua sabedoria, disse “Jesus disse a Pedro para caminhar por cima das pedras”, também tu tens que descobrir as tuas pedras e caminhar.

E foi o que aconteceu; eu descobri as pedras e caminhei. Caminhei para o exame ad hoc no ano de 2004 e consegui ter sucesso.

O meu objectivo nesse ano lectivo 2003/2004 era somente concluir o secundário, pois tinha como meta tirar uma licenciatura na área das Ciências Sociais. Daí surgiu a ideia de me candidatar ao exame ad hoc. Para o efeito havia a necessidade de uma preparação específica, nomeadamente para o exame de Português.

Já não me lembro como obtive a informação da existência das Escolas do Desportivo da Cova da Piedade, mas o que é facto, é que lá estive e foram pelo menos três meses de aprendizagem que me levaram ao sucesso.

Conseguida a aprovação no exame ad hoc candidatei-me ao ISCTE para o curso de Psicologia Social das Organizações e fui admitido. Motivos pessoais impediram que concluísse a licenciatura.

Aos professores Cavaco e Augusto Flor e aos outros professores que por lá passaram para nos transmitirem os seus conhecimentos e experiências, deixo aqui expresso o meu sincero agradecimento.

Pelos 50 anos expresso os meus parabéns, e que o novo projecto se revista de sucesso como foram estes últimos anos.

AO FIXAR-ME NA VITRINA OBSERVEI UM CARTAZ PUBLICITÁRIO, CUJA INFORMAÇÃO VINHA MESMO A PROPÓSITO

Um amigo meu da Judiciária dizia-me ultimamente e já com pena de mim: Rosário -eles dizem que não tens o 12º ano e eu considero que tu fazendo o *ad hoc* consegues entrar em Sociologia como pretendes e com facilidade...



Maria do Rosário Arriaga

Era uma saga... Depois de correr seca e meca os corredores do Ministério da Educação, os quais diziam não ter habilitações para o ingresso no Ensino Superior e depois de ter remetido uma carta/requerimento registada, a solicitar intervenção do ministro (cuja resposta ainda hoje não foi recepcionada), eu não entendia, tal desfaçatez, nem sabia como resolver de forma urgente, tal questão já que o curso complementar de secretariado e relações públicas feito em 1975/1976 – o qual me permitiu frequentar Economia na Faculdade de Direito de Coimbra, segundo os senhores da educação, não me permitia inscrever em Sociologia, não sendo assim possível a minha matrícula! Não tinha portanto o 12º ano de escolaridade. Coisas deste Portugal.

De acordo com os senhores da Educação, responsáveis havia, ainda assim, outra possibilidade, para a possível admissão – fazer umas unidades, que de acordo com eles faltavam, para completar o 12º ano.

Matriculei-me então, na Escola Secundária Fernão Mendes Pinto, do Pragal em Literatura, Inglês, Francês e sei lá mais o quê... Sei que Literatura e Inglês eram à mesma hora. Ainda assim fiz Literatura logo no 2º dia de ingresso – recordo bem a professora – amanhã tem prova - Frei

Luís de Sousa... senhora professora, eu posso fazer? Como é possível? Dizia ela ... “Pode, mas chegou hoje” Então eu disse “vou estudar e tento... Fiz o exame e tive que ir a oral mas passei. O tempo urgia... Se não fosse assim nunca mais me despachava de concluir as unidades em falta. Esta não era seguramente, a solução. Tinha que avançar, já que com este sistema ainda teria que andar por ali, pelo menos um ano. Não podia ser. É preciso tenacidade e determinação para se obter o que se pretende.

E eis senão quando aguardava eu pelo autocarro, rumo ao trabalho, de manhã cedo, junto da paragem do Centro Sul, quando ao fixar-me na vitrina observei um cartaz publicitário, cuja informação vinha mesmo a propósito – **aulas para admissão ao Ensino Superior, no clube desportivo da Cova da Piedade!** Arrebitei logo e observo melhor – este dizia ser de admissão, através do *ad hoc* e ainda por cima dizia ser - aulas gratuitas. É que me encontrava numa situação nada pacífica para efectuar pagamento de aulas. Parecia obra de destino, sendo mesmo, o que eu andava à procura e tanto desejava. Ainda por cima dado a minha actividade profissional, não possuía tempo para procurar outros sistemas de ensino. Este cartaz tinha um senão, havia indicação de ter sido o dia anterior, o último dia, para efectuar a inscrição, em tal Clube. Seria que com o dia tão ocupado no trabalho eu ainda conseguiria? E seria ainda, que teriam vaga ou me aceitariam um dia depois? Apontei os números de contacto constantes e lá surgiu o autocarro, que me levaria para mais um dia de serviço, que normalmente não me dava para pensar em mais nada.

Nesse mesmo dia acabei por ter possibilidade de telefonar para o clube e soube então que quem deveria contactar era o professor Cavaco, pessoa de uma cordialidade única que aceitou no ingresso no Desportivo. Este senhor gentil no primeiro contacto verificou posteriormente ser, de uma disponibilidade total marcando positivamente a turma. Disse-me da localização das aulas e respectivo horário. Rua das Salgadeiras - Cova da Piedade.

“ E eis senão quando aguardava eu pelo autocarro, rumo ao trabalho, de manhã cedo, junto da paragem do Centro sul, quando ao fixar-me na vitrina observei um cartaz publicitário, cuja informação vinha mesmo a propósito – aulas para admissão ao Ensino Superior, no clube desportivo da Cova da Piedade!”

Voltando um pouco atrás deste grande desejo de “regressar” ao ensino superior. Não me enganei não, é mesmo esse termo - regressar. Quando em 1976 concluí a formação escolar de um curso complementar de secretariado e relações públicas na Escola Industrial e Comercial de Leiria, tal formação habilitava-me a frequentar qualquer área em ensino superior. Desta feita foram vários os alunos que efectuaram tal formação que viria a ser, o equivalente ao 12ºano. Assim inscevi-me, na

faculdade de Direito, de Coimbra, em Economia. Não seria propriamente esta a área em que eu gostaria de estudar, só que foi organizado um grupo, que pós-laboral se revezava nas viagens para Coimbra e facilitava muito a frequência no mesmo curso. Existiram algumas divergências no grupo e então decidi, não continuar aquela disciplina tendo sido a única, a não concluir essa licenciatura.

O deslumbramento e uma forte vivência no teatro, já que pertencia ao Grupo de Teatro do Orfeão de Leiria, bem como os espectáculos efectuados na área de declamação deram lugar, a grande interregno. Depois veio o casamento, os filhos e a transferência em 1983, por concurso público, para uma nova actividade na Segurança Social, Fiscalização e mais ainda para uma cidade nova para mim, com a abertura de um novo serviço público em Almada. Este serviço sendo até então visto, como um trabalho destinado mais ao género masculino, foi uma experiência assaz motivadora de fortes alterações de comportamento, não só de mim própria, como de colegas e utentes, numa aprendizagem muito do domínio masculino, que me dava um prazer imenso, mas deveras

trabalhoso tendo em conta, os hábitos existentes de então.

Dessa feita tinha sob a minha responsabilidade e tutela, a grande vontade de ser uma boa profissional, independentemente de ser mulher e mãe, ainda e sempre com a forte componente de um comportamento tenaz e de grande afirmação. Por outro lado, não deixando de lado a grandiosidade da descoberta de ser mãe, presente e sempre atenta, esposa, filha, amiga

“ A vida é constituída por prioridades e cada parte desta tem tempos que se vão dividindo e vivendo, consoante as oportunidades e as vontades de mudança. E tudo passa tão depressa.”

e colega. Essa grandiosidade humana, que abrange e dignifica no meu conceito de vida, essa forma de estar, essa forma de ser MULHER. Também entendia que ser responsável e determinada seria sempre a de transmitir os valores cristalizados pelos meus antecedentes, de realizar o meu melhor e levar por diante a vida que me estava acometida. Esta teria que ser levada com o melhor de mim. Criar bem-estar à minha volta, esse seria o caminho a percorrer, não só meu, mas de quem servia publicamente. Eram e são, as minhas convicções, formalizando tais procedimentos, nos papéis, que em cada momento ia desempenhando. Estes foram os meus princípios básicos no desempenho e na afirmação com que fui dotada.

Com tanta responsabilidade acabei por não continuar a estudar, até porque vivia noutra concelho, na altura, concelho do Seixal, com horários de transportes muito asseverados, com trabalho suplementar, por obrigação laboral. Parece uma desculpa mas não é. A vida é constituída por prioridades e cada parte desta tem tempos que se vão dividindo e vivendo, consoante as oportunidades e as vontades de mudança. E tudo passa tão depressa.

Entretanto o desejo de conhecimento mais avançado encontrava-se latente. Verificava a entrada consecutiva de jovens inexperientes na minha actividade, que por força das novas regras e porque eram licenciados, passavam para a carreira subindo e eu sempre a ficar no

mesmo patamar. Estes usavam da experiência de quem não possuía licenciatura. Traziam as ferramentas de trabalho, mas não sabiam como usa-las e não raras vezes encontravam-se pessoas destas muito arrogantes que por serem licenciados consideravam que lhes era devido um tratamento diferente. Quando se inteiravam dos procedimentos da experiência vivida, muitos deles tornavam-se arrogantes e eram os escolhidos para liderar e consequentemente serem melhor remunerados. Claro que havia excepções.

E de novo a “nossa Escola” Escola do Desportivo. Nesta vim a conhecer pessoas maravilhosas. A primeira pessoa foi efectivamente o professor Cavaco, sempre bem disposto e sempre com vontade de transmitir o seu saber. “Gente” de uma generosidade sem par. Os professores: Onofre Sabino, Augusto Flor; Pombeiro; Helena. E depois os colegas alunos: Ribeiro; Paulo; Emília; Cecília; Celeste; Virgínia e tantos outros cujos nomes não recordo.

O professor Onofre, homem “charmoso” que trazia toneladas de papel, dizendo ter pouco tempo durante o dia, mas oferecia aquelas horas da noite tal como os outros, horas de descanso e mencionava ter pedido à sua secretária o fazer cópias, que nos oferecia. Este dava aulas de Direito e Economia. Um homem de grande sabedoria e de uma simplicidade que até doía.

O professor Augusto Flor sempre calmo e de sorriso bem disposto atribuía formação em Sociologia, tal com o professor Cavaco de Português. Ainda me lembro da primeira aula deste senhor que foi, sobre Raúl Brandão e não raras vezes eu dizia alguns poetas a pedido deste. Havia o professor de História, e do Barreiro vinha uma professora ensinar Matemática. Todos de igual importância, no meu conceito de atribuir saber.

Depois das aulas eu ia para casa caminhando, quase sempre com o Ribeiro que fazia a gentileza de fazer uma viragem no percurso, para me deixar próximo da minha casa. Este dando-me boleia a pé, muito calmo e com os seus vastos conhecimentos fazia com que o tempo passasse depressa até chegar a casa e sempre a aprender. E quantas vezes ao sairmos havia mau tempo e o carinho de se verificar quem tinha carro e ia para um lado ou outro dando boleia facilitando sempre, a vida de cada um. Foram tempos de grande solidariedade e esta era de facto pura como o único interesse de inter-ajuda de se chegar à universidade.

Já para o fim das aulas até aos sábados os professores se disponibilizaram para fazer tudo por tudo, nas áreas de que, cada um necessitava.

Recordo o professor Augusto Flor comigo e com a Emília batalhando na Sociologia (disciplina escolhida pelas duas) de modo a que pudéssemos retirar os proveitos necessários. Que adorável esta colega, que vinha de Santo André – Sines.

Foi uma época de grande altruísmo por parte dos responsáveis do Desportivo da Cova da Piedade. Desta feita recordo também o senhor Mário Araújo, que estava sempre presente para apoiar e motivar os alunos desta Escola.

Entretanto recordo, que fomos a Setúbal fazer a inscrição na faculdade pretendida tendo eu solicitado a inscrição no ISCTE, em Sociologia onde existiam duas vagas. Da Escola do Desportivo fui a única a habilitar-me a este Instituto. Fui com a Cecília, muito jovial e com a Celeste, que faz justiça ao seu nome, já que é mesmo celestial.

E chegou a data dos exames. No primeiro dia destes, verifiquei estarem cerca de vinte pessoas para o efeito, todas muito mais jovens e fresquinhas do que eu. Pensei desde logo com os meus botões “não tens muita chance Maria”.

As provas eram constituídas por três fases: matéria escrita sobre Sociologia; entrevista e Matemática, cada uma delas selectiva e sabia-se logo no próprio dia quem passava à seguinte.

Qual não é o meu espanto que na primeira lista saíram logo uns dez. Vi alguns a chorar e quando visualizei a pauta eu mantinha-me. No dia seguinte a mesma coisa tendo ficado uns cinco e por fim ficámos três apuradas – três mulheres. Uma classificada com doze pontos e eu com a nota mais baixa – dez em simultâneo com a outra senhora.

Mais tarde recebi uma notificação do ISCTE no sentido, de que para ser admitida ao *ad hoc* tinha, que efectuar o pagamento de uma determinada importância, cujo valor não recordo o real, mas seria em dinheiro dessa época, cerca de vinte contos.

Assim, decidi dirigir-me à secretaria daquele instituto e pedi para falar com a chefe acerca da pouca probabilidade de ficar, já que quem tinha tido a mesma nota do que eu, era trabalhadora do ISCTE e com a agravante de pertencer à secção de Sociologia.

A Senhora chefe informou que era um erro da minha parte não o fazer, porque muitas vezes se perdiam vagas, sendo que por vezes, os alunos não vinham efectuar este procedimento e assim as vagas não eram ocupadas. Eu mencionei ser-me difícil pagar uma importância daquelas, correndo o risco de não ficar. Foi então que esta alvitrou que fizesse o seguinte “fosse no último dia das inscrições – 31 de Julho (sexta-feira) e que avisasse da minha chegada para esta verificar quantas pessoas estavam inscritas sendo que se só houvesse uma eu aguardaria até cinco minutos antes de encerrar a secretaria, para então elaborar os documentos, para a tão desejada inscrição.

Desta feita no aprazado dia, meu último dia de férias cheguei à secretaria, identifiquei-me, lembrei-a do acordado a senhora chefe e esta foi lá dentro e voltou dizendo que esperasse até os tais cinco minutos antes das quatro horas – hora do fecho da secretaria.

“ E chegou a data dos exames. No primeiro dia destes verifiquei estarem cerca de vinte pessoas para o efeito, todas muito mais jovens e fresquinhas, do que eu. Pensei desde logo, com os meus botões 'não tens muita chance Maria'.”

Sentei-me no banco frontal do público e quando chegou o momento, esta chefia veio dizer-me, para iniciar o preenchimento dos papéis necessários para o efeito.

Entreguei os documentos, paguei e ainda disse à senhora se ela não iria ter problemas na segunda-feira seguinte, já que a outra senhora admitida, trabalhava também no ISCTE.

Nunca mais esqueci o desempenho desta profissional, porque no momento que lhe dei a conhecer tal facto, esta referiu que não existia qualquer preocupação já que na data legal só duas pessoas tinham sido inscritas e uma delas era eu.

Estou ainda a ver os rostos dos professores e alunos do Clube Desportivo da Cova da Piedade e então a cara do professor Cavaco, ao saber do resultado. Todos muito felizes por eu ter conseguido. Foi uma vitória comum.

A todos os intervenientes desta parte da minha história de vida eu digo, com toda a minha gratidão.

– BEM HAJAM por serem as pessoas que são!

Ao Clube Desportivo da Cova da Piedade auguro a sua continuidade no respeito, na liberdade e na requalificação das pessoas, para uma melhor qualidade de vida.

O MEU ENORME OBRIGADA PELA PARTILHA E APOIO

Estudar estava nos meus horizontes há muito tempo, mas conciliar o trabalho e o estudo, não foi tarefa fácil. No final do ano de 2007, após estar integrada num novo gabinete, com uma nova equipa, foi-me permitido candidatar à faculdade. Assim resolvi procurar ajuda porque há quase 15 anos não estudava.



Maria José Rafael

Foi na agenda cultural de Almada que vi a divulgação do projecto das Escolas do Clube Desportivo da Cova da Piedade. O meu primeiro contacto foi com o Mário Araújo. Combinámos um encontro na Rua das Salgadeiras, nº 18 - 1º, no qual me informou acerca dos horários das aulas (segundas, terças e quartas-feiras das 20.00h às 22:30h) e acerca do custo mensal (que era simbólico, uma mensalidade de 5 euros). Comecei em Fevereiro de 2008 e os professores, as aulas e as matérias, fizeram-me voltar atrás no tempo, mas também me fizeram perceber o quanto precisava deste apoio. Os professores, que são antigos alunos licenciados ou professores ainda no activo ou já reformados, eram e são todos voluntários, todos dispostos a transmitir os seus conhecimentos para mais uma “nova” geração de alunos.

Andei dois anos na “Escolinha”, entrei em Sociologia no ISCTE em Setembro de 2009 e acabei o curso em três anos.

Voltando à Escolinha, a minha primeira aula foi no dia 19 de Fevereiro de 2008, uma terça-feira. Entrei na sala quase como uma “intrusa”, pois a aula já tinha começado. O melhor que me podia ter acontecido, assisti a uma aula do professor Augusto Flor. Era uma aula de Direito. O professor resumiu a metodologia para fazer trabalhos académicos (Capa, Índice, Introdução, Desenvolvimento, Conclusões, Bibliografia e Anexos), explicou como apresentar as citações de autores e passou um trabalho para casa, só para quem queria candidatar-se ao curso de Direito. Não era o meu caso, mas mesmo o facto de eu não querer concorrer

ao curso de Direito, não fez com que não me interessasse pelo tema, muito pelo contrário! Fui à biblioteca pesquisar sobre esta disciplina. Foi a confirmação do (re) início da minha vida de estudante! Em cada área que ouvia o professor Augusto Flor era uma descoberta maravilhosa, ficava sempre com vontade de saber mais. O rigor deste professor era (e ainda é) determinante para que os alunos se mantivessem motivados. A forma como se expressa é de uma nitidez que cativa à partida quem, como eu, tem uma imensa vontade de aprender. Foi o seu ritmo, rigor e compromisso que fez com que, a maioria, dos alunos se mantivessem até ao exame.

Com o tempo percebi que era assim em todas as disciplinas de Ciências Sociais que este professor leccionava (Introdução ao Direito, Sociologia, Antropologia, Economia, Ciência Política, Psicologia) através da disciplina de Métodos e Técnicas Estudo das Ciências Sociais. Havia sempre trabalhos semanais para fazer e apresentar na aula seguinte.

Claro que as outras disciplinas são a base sólida para estas *novas* disciplinas orientadas para o curso que cada aluno escolheu.

A professora de Português, Alice Figueira, já estava muito adiantada na matéria, quando eu cheguei. Nos dois períodos que estive na Escolinha, em Português, fizemos exercícios sobre conectores de discurso, coesão e coerência do discurso, argumentação e enriquecimento vocabular, verbos, ortografia, pontuação, conjunções temporais, condicionais, comparativas, consecutivas, causais entre tantas outras matérias. Obrigaram-nos a ler e a perceber, a pensar e a escrever. Esta disciplina foi muito importante.

A professora de Inglês, Ana Borges, que me foi apresentada, era uma rapariga da minha idade, que nos pedia os exercícios mais básicos de inglês e mesmo assim havia muitos erros. Que bom é aprender, principalmente quando pensamos que já sabemos um pouco... mas afinal não sabemos quase nada. Foi à conclusão que cheguei naquele primeiro mês, e foi tanto “assustador” como motivante!

A professora de História da Literatura Portuguesa, Maria Graça Molina, que ensinava com uma paixão tão grande, que depressa aprendemos a gostar ainda mais de Camões e de Fernando Pessoa entre outros escritores.

O professor de Filosofia, José Cavaco, disciplina que não é de fácil entendimento, dada a sua complexidade teórica. Apesar de corresponder apenas a uma introdução, foi o suficiente para conseguirmos separar a Filosofia das demais áreas de estudo e dar-lhe a importância fundamental que tem. No meu 2º ano na Escolinha o professor Cavaco deu aulas de Português. Fizemos ditados, fizemos composições e muitos testes para nos obrigar a pensar e a desenferujar a escrita. Foi engraçado fazer estes exercícios, pois associam-se à escola primária, mas o que foi para mim a Escolinha senão, também ela própria, uma escola primária para adultos. O professor Cavaco cativou-me pela candura e pelo saber com que nos ensinava.

O professor de História, António Ramos, cuja matéria já ia na Revolução Francesa e que mais tarde, já na faculdade, percebi que esta foi a época do despertar, que foi a época que veio a dar origem à maioria das Ciências Sociais, inclusive a *minha* Sociologia.

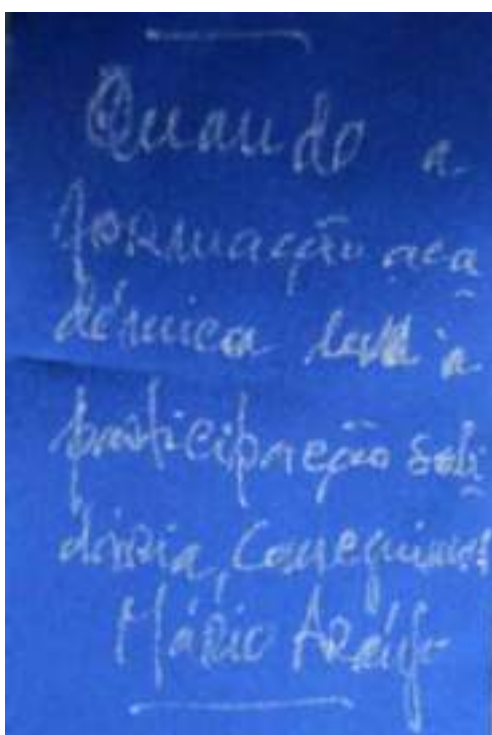
No 2º ano que andei na Escolinha, tive outro professor de História, António Malta, que infelizmente já não lerá este meu agradecimento ao seu bom humor e boa disposição.

O Professor Carlos Nunes foi quem teve a incumbência de ensinar Sociologia. Deu-me as bases para fazer o exame e a entrevista. Lembrar-me-ei sempre de um texto que nos cedeu de Anthony Giddens que falava sobre a importância do café e a sua transversalidade social, económica e cultural nas diferentes sociedades. Foi

muito importante porque através dele conseguiu procurar, com um olhar tão dispar e integrado na área da Sociologia, várias hipóteses/olhares sobre um mesmo assunto. Também os textos que disponibilizou e a incidência dos trabalhos de resumo sobre o livro “O que é a Sociologia?”, de António Firmino da Costa, foram essenciais. No final éramos só dois alunos para esta área. O professor Carlos Nunes presenteava-nos ainda com alguns poemas, penso que, para nos fazer parar e pensar sobre aquelas palavras. Muito lhe agradeço também esses mimos.

E por último, mas sempre na linha da frente, Mário Araújo, porque foi ele o primeiro contacto com a Escolinha, que ainda hoje se mantém, porque é sempre um prazer ouvi-lo. Com um sorriso constante na cara e sempre

“ Foi a
confirmação
do (re) início da
minha vida de
estudante! Em cada
área em que ouvia o
professor Augusto
Flor era uma
descoberta
maravilhosa, ficava
sempre com vontade
de saber mais.”



"Quando a formação académica leva à participação solidária, Consequimos!"

Mário Araújo em Maio 2012
(a minha Fita de Final de Curso)

com uma história ou romanceada ou vivenciada que nos prende e que nos encanta.

Aos colegas que frequentaram a aulas comigo: Olga, Pedro Lago, Belarmino, Vitória, Manuela, Cláudia, Ivete, Lyuba, São Brito, Rui Santos, Carlos Alves, Tiago, António muito obrigada a uns que pelo seu interesse e a outros pelo seu desinteresse pelo que me ajudaram a prosseguir. Aos que entraram para a faculdade. Muitos Parabéns. Aos que não entraram, força! E deixo aqui uma lembrança muito especial à colega Florinda, pelo privilégio que tive em conhecê-la e contactar com ela, com muita pena por já não estar cá, por já não poder partilhar connosco a sua experiência.

É importante referir que as Escolas do Clube Desportivo da Cova da Piedade são referidas no plural porque se trata de escolas com ensinos e objectivos distintos. As primeiras, as Escolas Pré-primárias, tiveram o seu início em 1947, tendo sido as precursoras desta índole no país e tiveram o seu encerramento no final da década de setenta. As segundas, o ensino nocturno, inicia-se em 1963. É a esta última que este livro faz agora um tributo. É um prazer hoje em dia ter contacto frequente com algumas das pessoas aqui referidas, pois estou a apoiar a organização do presente livro.

A todos os que participaram e participam neste projecto, às Escolas do Desportivo, de uma forma descomprometida e voluntária o meu enorme OBRIGADA pela partilha e apoio!

TIVE CONHECIMENTO DESTAS AULAS NUM DOS JANTARES CONVÍVIO DO CLUBE DESPORTIVO

Nasci na Freguesia do Barreiro em 1935. Tenho a 4ª classe, fui doméstica a maior parte da minha vida, só depois de me divorciar, é que me emancipei: fui vendedora de imóveis.



Maria Ondina

Na minha actividade de venda de imóveis, havia muito tempo disponível que podia utilizar em meu proveito, decidi então estudar por correspondência. Tirei um curso de Decoração. Tinha a disciplina de pintura, especializei-me em pintura de vitral. Não tenho técnica porque não aprendi a pintar, foi pura curiosidade e empenho. Ofereci 10 quadros de vitral à URPICA.

A minha experiência com a Escola do Desportivo foi pouca e não sortiu grande efeito prático na minha vida. Tenho três filhos, só o meu filho mais velho, que tem 55 anos, é que andou na Escola Pré-primária do Desportivo na Rua das Salgadeiras.

Fui aluna também na Escola das Salgadeiras no primeiro ano em que retomaram as aulas nocturnas para adultos, nos anos noventa. Tive conhecimento destas aulas num dos jantares convívio do Clube Desportivo, ao qual fui com o meu segundo marido que era sócio. Frequentei durante quase um ano a escola. As aulas estavam a correr bem, mas quando comecei a ouvir falar em fazer exames e no 12º ano, desisti! Tive aulas de Matemática, Português e Inglês. É curioso que em inglês não dava erros de ortografia. Em relação aos professores, não me lembro do nome de todos. Lembro-me do professor Cavaco, da Eurídice Cruz, que leccionava inglês e de um professor novo.

A minha vontade de saber, de aprender e intervir socialmente levou-me, no final a década de sessenta, a ser correspondente do jornal República. Só deixei de ser correspondente do Jornal, porque o meu ex-marido não achava bem, eu tinha mais ou menos 35 anos.

Eu nessa altura lia o jornal todos os dias e andava sempre informada com o que se passava. Um dia um vizinho, numa conversa informal, relatou-me o que aconteceu a um familiar seu no hospital de Almada. Eu fiquei tão indignada que escrevi para o jornal a contar o que se tinha passado. O artigo foi publicado em 1969, com o título “Um banco de hospital pouco eficiente”.

Quem trabalhava nesse jornal na altura era o Canana, jornalista, que mora aqui na Piedade, foi ele que veio dizer ao meu irmão que o artigo ia ser publicado. Hoje em dia só tenho pena de não ter recortado todos os artigos. A partir deste artigo, escrevi regularmente sobre vários assuntos, não me lembro ao certo quanto tempo.

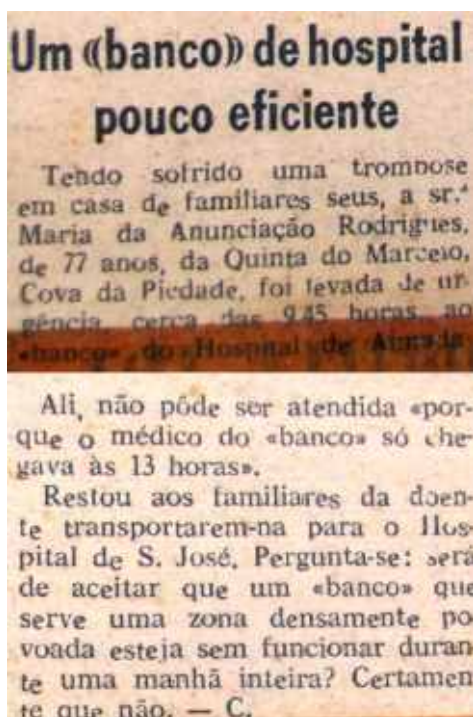
Há um episódio engraçado. Um dia um fulano foi à televisão, o Dr. Barradas de Oliveira, dizer que o português tinha o vício do bife. Escrevi um artigo sobre o consumo da carne em Lisboa, “o vício do bife”, em que fiz

a conta dos quilos de carne que havia nos matadores de Lisboa, distribuído pela população. Dava 350 gramas por cada mês, já não me lembro bem o valor, mas a censura não achou piada. O Director do jornal chamou-me lá, para me mostrar o artigo censurado, e depois convidou-me para ir mais vezes ao jornal ou para ir ter ao café A Brasileira

onde várias pessoas se encontravam. O jornal era na Rua do Alecrim a seguir ao Largo de Camões. Quando cheguei a casa contei e contei o convite que me tinham feito, o meu ex-marido não aceitou que eu continuasse. Só fui Maria Ondina depois de me separar, antes era a mulher do Raúl!

Estes são dois dos artigos que escrevi para o Jornal República.

“ Quando cheguei a casa contei o convite que me tinham feito, o meu marido não aceitou que eu continuasse. Só fui Maria Ondina depois de me separar, antes era a mulher do Raúl!”



"Um 'banco' de hospital pouco eficiente"



"O Vício do Bife"

SÃO GIGANTES PELA DEDICAÇÃO E EMPENHO SEM LIMITES

Entrar para o ensino superior com 56 anos de idade não parece ser algo de sobrenatural. Pode ser uma questão de necessidade, realização pessoal, vaidade ou simplesmente prazer.



Miguel Rei

Quando terminei o curso geral dos liceus, tinha todas as condições para continuar e ingressar na universidade mas, devo confessar, o meu “passatempo” preferido não era o estudo. Interessava-me por História e ia adquirindo livros sobre a matéria, sublinhando, tirando apontamentos e “estudando” à minha maneira.

A Revolução de Abril, tinha eu 24 anos, veio encontrar-me com uma vida estabilizada, tinha um bom emprego e estava bem casado. Para trás ficara a guerra colonial, cumprida em Angola, e uma adolescência igual à dos jovens do meu tempo, alternando submissão com contestação que alimentava a secreta esperança do fim do regime.

Com a chegada de dois descendentes, a família tornou-se não só maior mas também mais coesa.

Entretanto, minha mulher alimentava um certo desejo que eu viesse a frequentar a Faculdade de Letras. Sentia que seria uma realização para mim e uma vitória para ambos.

Tinha conhecimento da existência das Escolas do Desportivo, mas não sabia, no concreto, como funcionava. No livro do Dr. Alexandre Flores: *Almada Antiga e Moderna – Roteiro Iconográfico III – Freguesia da Cova da Piedade* (Almada 1990, CMA, pág. 157-208) são mencionadas as Escolas Pré Primárias das Salgadeiras e a das Barrocas. De facto, era curioso, senão inédito, que um clube, vocacionado essencialmente para a prática do futebol, onde conseguiu uma certa projecção quando militou na

2ª Divisão Nacional, incorporasse uma actividade cultural de grande envergadura no seio de uma população semi analfabeta.

Para um bom piedense, amante do desporto rei, a sede do Desportivo é ponto de passagem. Não me recordo de ter visto, anteriormente, aquilo que vi naquele dia: um cartaz das Escolas convidando possíveis candidatos ao ensino superior. O único sentimento que se apoderou de mim foi a curiosidade. Depois, quando em conversa familiar veio à baila o cartaz das Escolas, minha mulher foi explícita: “Inscreve-te!”

Na realidade, acabei por inscrever-me. Como já afirmei anteriormente, o meu objectivo primário era satisfazer a minha curiosidade. O resto, logo se veria.

Seguidos os trâmites de inscrição, comecei a frequentar o 1º andar do n.º 18 da Rua das Salgadeiras. No rescaldo das primeiras aulas, a curiosidade transformou-se em interesse. O corpo docente (José Cavaco, Augusto Flor, António Ramos, Onofre Sabino e António Pombeiro) era inexcedível em dedicação e saber. A completar esta equipa, lá estava aquele cidadão de corpo inteiro: o Senhor Mário Araújo.

Aulas e trabalhos, textos e fotocópias, tudo era feito com honestidade e aplicação. O professor Flor lançava o “grito de guerra”: “Falta pouco para o dia *D*”. Ora o dia *D* era a data da realização do Exame Extraordinário de Avaliação de Capacidade para Acesso ao Ensino Superior (vulgo exame ad hoc). Fiz a inscrição em Setúbal, no CAE, e escolhi a opção História – Universidade de Lisboa. Em todo este processo tive sempre a companhia da minha mulher que me incitava a continuar. Ela, como ninguém, sabia que eu, dum momento para o outro, podia desistir. Por um lado gostava de agradar a todos os que estavam comigo; por outro lado, receava fracassar. Uma luta interior onde se misturavam medos e remorsos.

E o dia *D* chegou. A prova, com a duração de 2 horas e 30 minutos mais 30 minutos de tolerância, era

**“ Não me
recordo de ter
visto, anteriormente,
aquilo que vi naquele
dia: um cartaz das
Escolas convidando
possíveis candidatos
ao ensino superior. O
único sentimento que
se apoderou de mim
foi a curiosidade.
Depois, quando em
conversa familiar veio
à baila o cartaz das
Escolas, minha
mulher foi explícita:
'Inscreve-te!'"**

constituída por questionário e composição. O texto apresentado focava os problemas da imigração e da exclusão social. Curiosamente, o professor Flor tinha dado um teste com o mesmo tema.

Após a saída dos resultados, o professor Cavaco enviou-me o “diploma”: admitido no ano corrente, opção Universidade de Lisboa – Faculdade de Letras – História. O dia *D* tivera um pôr-do-sol diferente.

Seguiu-se a preparação para a prova específica de História (escrita e oral) já na Faculdade de Letras, após uma entrevista no Departamento de História.

A literatura trovadoresca, séc. XX em Portugal, Regeneração, Poder Central, Feudalismo, Fernão Lopes, Padre António Vieira, Foral de Almada foram alguns dos temas abordados durante a fase preparatória. O corpo docente das Escolas continuava incansável, operante, atencioso, disponível e competente.

No dia 24 de Junho de 2003, realizei a prova

escrita e fui admitido à oral. Esta confirmou o sucesso e, assim, fiquei habilitado a inscrever-me no 1º ano do curso de História. Todos ficaram radiantes. E eu? Sinceramente sentia-me assustado. Ainda não estava convencido, embora continuasse com o binómio medos/remorsos. Tinha ficado bem em todas as provas e achava que era o suficiente. A Universidade era uma utopia.

A minha mulher resolveu a questão. Quando abriram as inscrições, meteu-se comigo no carro, rumou à Faculdade de Letras e quase ordenou: “Vamos. Vais inscrever-te!” Como resistir?

Mas eis que se deu o “milagre”. Solicitaram-me para dar apoio a alguns jovens estudantes e a “coisa” arrefeceu. Quer dizer, inscrevi-me mas não frequentei o ano lectivo. Assim, fui adiando na expectativa que o assunto transitasse para a prateleira do esquecimento.

Em Agosto de 2006 recebi uma carta da Universidade a informar que a minha reinscrição deveria ser feita nesse mês. E eu a pensar que estava tudo esquecido. Não tinha alternativa.

Foi assim que no ano lectivo 2006/2007, o aluno n.º 31014 se apresentou na Faculdade de Letras para iniciar o curso de História.

Consoante as aulas iam decorrendo, verificava que a metodologia utilizada nas diversas disciplinas era, em tudo, idêntica à usada nas Escolas: ensino, aprendizagem e trabalho.

Um caso curioso aconteceu no meu 2º ano na disciplina da História Medieval de Portugal. A base do trabalho durante o semestre foi a análise, interpretação, discussão e apresentação do Foral de Almada. Esse mesmo Foral que tinha sido objecto de um trabalho nas Escolas, a pedido do professor Cavaco. Não é difícil adivinhar o resultado.

Entretanto, lá me ia safando. Não tenho computador nem sei utilizá-lo. Parte dos trabalhos apresentei-os manuscritos ou escritos à máquina. Outros houve que foi o meu filho mais novo que se ofereceu para mos passar.

Cheguei ao 3º ano em 2008. Como tinha sido contemplado com Bolonha, era a última etapa do curso. Para Seminário (último semestre do último ano) escolhi a Idade Média e fui orientado por dois docentes. No dia 4 de Junho de 2009 saíram as pautas; o curso estava concluído.

Não sei bem como tratar os docentes das Escolas do Desportivo. São doutores porque têm habilitações académicas; são professores porque ensinam com uma capacidade superior; mas, sobretudo, são gigantes pela dedicação e empenho sem limites, não regateando esforços e tirando horas ao merecido descanso para bem da comunidade. Quem os poderá esquecer? Certamente nem o coração mais ingrato. Também uma saudação de amizade para o homem do olhar franco e sorriso amável: o Senhor Mário Araújo.

Finalmente e para encerrar este depoimento com chave de ouro, um enorme bem-haja à Maria de Fátima. Jamais poderei pagar o amor que tem dedicado ao longo desta caminhada a dois.



NUNCA É DEMASIADO TARDE, NÃO DESISTAS DE TI

O projecto de uma vida nem sempre é vivido como planeado, são inúmeras as situações a contornar, é na contrariedade do percurso que somos jogados na obrigatoriedade de não nos deixarmos vencer pelos obstáculos que se nos impõem e que testam consecutivamente cada actuação, pondo à prova a persistência, a motivação, a satisfação pessoal. No entanto são as contrariedades que nos obrigam a crescer ao procurar retirar delas ensinamentos para prosseguir um novo caminho. É sempre necessário ter a coragem de não desistir, de enfrentar a realidade e procurar uma oportunidade de concretizar novos projectos que nos conduzam e contribuam para o desenvolvimento pessoal.



Olga Domingos

Posso dar como testemunho na primeira pessoa que aos 40 anos senti o mundo desabar, desempregada, com o marido a trabalhar na mesma empresa e dois filhos em idade escolar. Foi com muito esforço e com a ajuda familiar que procurei encarar a situação como um ponto de viragem, como a oportunidade que não tinha tido de participar em actividades de lazer e intelectuais e que em muito contribuíram para reconstruir e fortalecer a auto estima e a confiança de acreditar que se vai conseguir.

Tenho de agradecer o voto de confiança e a oportunidade que me foi concedida ao ser integrada nos SMAS de Almada, começa então um novo percurso profissional, que me motiva e incentiva a apelar ao espírito de mudança, à valorização pessoal, intelectual e profissional.

É neste contexto que começo a considerar a hipótese de voltar a estudar e ingressar no ensino superior. Tinha consciência de que precisava de ajuda e é num anúncio na Agenda de Almada que encontro “Acesso à Universidade, apoio Pedagógico gratuito”. Estava ali a minha oportunidade, oferta formativa gratuita em horário nocturno, perto de casa.

Logo no primeiro contacto telefónico a amabilidade e a voz afável do Sr. Mário Araújo que prontamente me informou das actividades e dos horários e agendou a que seria a primeira de muitas idas ao Desportivo foi sem dúvida um convite aceite para sentir esta casa, como a nossa, a de todos os que por ela passam.

Fui recebida pelo Sr. Mário Araújo e pelo professor José Cavaco que de igual modo me acolheram que me esclareceram sobre o funcionamento e as actividades prestadas pelos vários colaboradores que, de forma voluntária e empenhada, contribuem com conhecimento e experiência para que os seus associados possam realizar os mais profundos sonhos, numa intensa caminhada onde a partilha de ensinamentos e a aprendizagem de conteúdos têm no seu objectivo/lema o conhecimento e o desenvolvimento pessoal e social.

Professor Augusto Flor, Antropólogo

Determinado, com uma postura séria que ultrapassamos para reconhecer o anfitrião, o mestre, o amigo.

Incentiva e conduz os interessados no processo de aprendizagem e aquisição de novos conteúdos das matérias que selecciona e disponibiliza num programa que se cumpre ao ritmo pensado da evolução do aluno e que tem como objectivo alcançar o fim a que se propõe, a aquisição e o cimentar de novos conhecimentos que promovem o desenvolvimento intelectual.

«Dar para receber»

Professor Carlos Nunes, Sociólogo

Descontraído, olhar calmo e atento que procura descobrir no que vê a compreensão daquilo que o rodeia.

O ensino feito numa partilha de conhecimento e experiência é o método que reconheço e que caracteriza a postura de quem ensina e interage com os alunos, solicitando e incentivando a participação, o diálogo e o expressar de ideias no debate de conteúdos e na análise das temáticas leccionadas. Na análise de conteúdos e no debate das temáticas leccionadas. Ver, pensar e sentir.

«Porque a vida é uma partilha de saberes e experiências»

Professora Alice Figueira, Língua portuguesa

Postura amigável e maternal de quem acolhe com carinho, o olhar meigo e sorriso feliz de quem está bem com a vida, de quem dá e partilha os ensinamentos adquiridos leccionando conteúdos.

Professora Ana Borges, Inglês

Jovem dinâmica, alegre e comunicativa.

Dinamizava as aulas na interacção com os alunos.

Quero agradecer à turma de 2007/2008 o espírito de equipa na partilha, na aprendizagem e na

“ Logo no primeiro contacto telefónico a amabilidade e a voz afável do Sr. Mário Araújo que prontamente me informou das actividades e dos horários e agendou a que seria a primeira de muitas idas ao Desportivo...”

interacção entre colegas motivados pelo mesmo objectivo, o direito ao mérito. Em especial quero agradecer à Maria José Rafael pela amizade pelo companheirismo e pela disponibilidade que sempre teve, pela motivação e pelo empenho que a caracterizam.

Recordo a colega Florinda jovem no espírito, na vontade, na coragem e determinação com que se propôs alcançar um sonho que tinha também como propósito/preensão de ser um exemplo de vida, na vida e para a vida de alguém que era um pedaço seu sem já lhe pertencer. A vida roubou-lhe a oportunidade de mostra/comprovar que conseguiria realizar todos os seus sonhos, mas o exemplo, esse ficará na nossa memória e no nosso coração.

«Nunca é demasiado tarde, não desistas de ti»

O meu muito obrigada a todos os que contribuíram e contribuem com muito do que é seu de forma generosa, profissional e empenhada para a evolução e crescimento de todos os que passaram nesta casa.



Pedro Gameiro

“AQUI, NINGUÉM COPIA!”

Na primeira noite, olhares tímidos se cruzavam entre os candidatos e um silêncio se abatia sobre todos. Ouvindo ao longe, passos cada vez mais fortes e as nossas expectativas subitamente a aumentar enquanto esperávamos pelo professor em roda, na sala. Feita a introdução inicial e logo em seguida a bombástica frase: “Aqui, ninguém copia!”. De imediato, procurei avaliar o rosto dos candidatos e de como eles se sentiam em relação a isso, comparando com a minha própria reacção: uns olhavam para baixo, outros encaravam de frente. Os primeiros quase que lhes podia ler a mente: “Aqui não tenho hipótese de trapacear? Como fazer o caminho mais fácil?”

Não há caminhos fáceis quando temos que aprender porque é necessário dedicação. Lembro-me que a primeira coisa que pensei foi: “Finalmente! Um professor que diz directamente as coisas logo no início! Este é o meu tipo de modelo de ensino!”.

Quais são, então, as implicações do significado da premissa como base de modelo para o ensino?

O que é que significa realmente, para mim, essa proposição?

Significa sobretudo desenvolver responsabilidade; ter confiança em nós próprios; estabelecer objectivos; sermos honestos connosco próprios e progredir na construção das nossas convicções/valores de que somos realmente capazes de aceitar e cumprir o objectivo. Contrariamente àquilo que se pensa inicialmente, essa frase não nos limita mas faz expandir os nossos recursos internos. É evidente que uns serão melhores numa composição, outros no cálculo, mas a ideia base é a de que nós devemos moldar as nossas percepções de que somos capazes de fazer, caso contrário

alguém as moldará por nós; nós é que conduzimos os nossos passos, pegamos no leme e tomamos as nossas próprias decisões. Assumimos o comando do nosso próprio navio. Enfim, o de termos a capacidade de tomar decisões próprias.

Independentemente do resultado, o mais importante, para mim, é o processo que leva a esse mesmo resultado, o saber fazer. Não basta ensinar a pescar. Hoje em dia, temos que aprender a desenvolver a nossa própria cana de pesca. E para isso, uma das melhores formas de o fazer é com a honestidade e frontalidade com que nos dizem as coisas para ajudar a promover o que há de melhor em nós para prosseguirmos com motivação os nossos objectivos.

Eu defendo que esse tipo de ensino devia ser reproduzido nas outras escolas, em geral, e no ensino superior, em particular.

Por isso, estou grato a todos os professores da “Escolas do Desportivo” pela sua dedicação e empenho ao serviço da comunidade, ao longo dos seus 50 anos de existência, primando pelo seu excelente trabalho e afincos.

Bem hajam!

ESPERO SINCERAMENTE QUE ESTA OBRA PERDURE

Foi através das “Escolas do Desportivo” que retomei o estudo interrompido há mais de três décadas, para me preparar para o acesso à Universidade. Para isso contribuiu em grande parte, no caso das Escolas do Desportivo, a insistência de um amigo e professor, que me ajudou a tomar a decisão certa naquela altura e a quem estou eternamente grato.



Pedro Lago

Recomeçar a estudar ao fim de mais de trinta anos não foi decisão fácil, porque não sabia até que ponto conseguia retomar esse ritmo. Já tinha sido trabalhador-estudante, mas numa época em que apesar de tudo o tempo, a disponibilidade, mesmo a capacidade de trabalho, eram outras porque ainda não tinha vinte anos. Retomar esse estatuto agora com 58 anos era um pouco diferente, noutras condições, noutra época, mas também com novos horizontes, com ideias mais consolidadas, num clima de liberdade pelo Abril que lutamos no dia-a-dia, mas acima de tudo com muita vontade de atingir este novo objectivo traçado, de escalar uma nova montanha e de poder gozar de um enriquecimento pessoal grande, pelos novos saberes adquiridos.

O trabalho desenvolvido pelos professores, o ambiente são de camaradagem que se vive, através dos seus coordenadores e dirigentes, assim como dos professores e naturalmente pelo envolvimento que nós, como alunos sentimos, é um factor decisivo para que consigamos atingir os nossos objectivos.

Em cada dia de aulas, em cada semana que passa, vamos pouco a pouco, de uma forma suave mas rigorosa, simples mas eficaz, aumentando, desenvolvendo e consolidando conhecimentos. Aumentando saberes, preparando-nos para essa outra aventura do saber que é, agora numa fase mais

**“ Guardarei
para sempre
na minha memória
e no meu coração,
o importante
contributo que os
professores das
Escolas do
Desportivo deram
para que pudesse
ter mais uma
ferramenta que me
ajudou a alterar o
rumo intelectual
da minha vida.”**

adulta e com algum sacrifício pessoal, entrar na faculdade e fazer uma licenciatura.

A minha opção foi para Sociologia, um mundo a que de uma ou outra forma sempre tenho estado ligado, mas que queria aprofundar, conhecer por dentro, especializar conhecimentos e tentar utilizar os conhecimentos adquiridos, da melhor forma possível, dando-lhes utilidade e sentido prático de uma forma mais consistente.

Passaram-se os três anos de licenciatura, muito mais rápido do que imaginamos, e de facto a sensação de objectivo atingido, de ter ultrapassado uma importante meta da minha vida, mantendo o trabalho normal de sempre e a participação activa na defesa das conquistas de Abril e na luta por melhores condições de vida, é indescritível, mas ao mesmo tempo ficamos com a sensação de que nos falta aprender muito. Novos caminhos se abrem, novos horizontes no campo do conhecimento e do saber foram despertados e foi aumentada a vontade de aprofundar estes conhecimentos, se possível desenvolvendo ainda mais no campo da investigação e mesmo de uma intervenção ainda mais activa nas áreas Sociais.

Nesta construção de futuro, fica a grata recordação das “Escolas do Desportivo da Cova da Piedade”, da importância que o seu trabalho representa, através do esforço desenvolvido pelos seus dirigentes e professores, que de forma solidária e voluntariamente, numa entrega total mantém esta obra de pé, fazendo com que se abram novos horizontes a uns, renasça a esperança a outros e acima de tudo que os caminhos do saber se expandam ainda mais pela estrada do futuro.

Guardarei para sempre na minha memória e no meu coração, o importante contributo que os professores das Escolas do Desportivo deram para que pudesse ter mais uma ferramenta que me ajudou a alterar o rumo intelectual da minha vida. A disponibilidade, a dedicação, o carinho, a amizade que sempre encontrei de todos os professores, que nos dão e fazem tudo para que consigamos atingir os nossos objectivos e passar nesta etapa da nossa vida que é entrar para uma faculdade é de um valor incalculável.

Espero sinceramente que esta obra perdure, sempre com novos alunos que se vão renovando em cada ano, desejando a continuação de muito êxito e votos de muitas felicidades para todos os que participam e colaboram nas Escolas do Desportivo.

Muito Obrigado! Bem hajam a todos!

ESCOLAS DO DESPORTIVO
DA
COVA DA PIEDADE

KARL MARX (1818-1883)
MAX WEBER (1864-1920)

DISCIPLINA:
MÉTODOS E TÉCNICAS DE ESTUDO DAS CIÊNCIAS SOCIAIS

Professor: Augusto Flor

Aluno: Pedro M. C. Lago – N.º 21309

ESCOLA DO DESPORTIVO
DA
COVA DA PIEDADE

DISCIPLINA:
MÉTODOS E TÉCNICAS DE ESTUDO DAS CIÊNCIAS SOCIAIS

FICHA DE LEITURA
Ferreira da Costa, António – Sociologia – Difusão Cultural,
1992, Capítulo 5 – pp111-118

Professor: Augusto Flor

Aluno:
Pedro M. C. Lago – N.º 21309

KARL MARX (1818-1883) vs MAX WEBER (1864-1920)

DISCIPLINA:
MÉTODOS E TÉCNICAS DE ESTUDO DAS CIÊNCIAS SOCIAIS

Professor: Augusto Flor

Aluno: Pedro M. C. Lago – N.º 21308

As Escolas do Desportivo receberam, da Câmara Municipal de Almada, a "Medalha de Ouro Municipal de Mérito Cultural". Ela deve-se à sua actividade académica, sempre acompanhada da actividade cultural e cívica que a tornam um exemplo educativo muito completo.

Foram centenas as iniciativas realizadas entre 1998 e 2012 e sempre de uma grande diversidade. Nos pequenos apontamentos que se seguem não vem referida a visita guiada à Assembleia da República e o convívio que se lhe seguiu, o Magusto realizado pelo São Martinho, outros filmes que foram projectados, como "Spartacus" e "Bowling for Colombine - Violência nas escolas", ou as palestras/debates promovidos pelo Professor Alexandre Castanheira como "Sidónio Muralha, escritor português exilado no Brasil" ou as idas ao Teatro Municipal de Almada, ou ainda a exposição dedicada ao "Dia da Terra". Na comemoração dos seus 40 anos, as Escolas realizaram uma pequena festa com professores, alunos e convidados, em que ZAL, pintor almadense, ofereceu uma tela sua às Escolas. Aproveitando a passagem por Portugal da professora Candelária Moraes, da Universidade de São Paulo, para falar sobre "A independência do Brasil". A preferência, no entanto, foi para a apresentação e venda de livros de autores preocupados com as questões sociais e humanas. De destacar ainda a obra do Dr. António Malta sobre as Constituições da República Portuguesa, uma visão da evolução do Direito Constitucional. Estas iniciativas constituíram um programa que corresponde àquilo que tinha sido idealizado logo no início da retoma das actividades e a que chamámos "**Projecto**".





AS ESCOLAS
E O 25 DE ABRIL
DE 1974
PROJECTOS SOCIAIS
- 1998-2012 -



1998

ÓRGÃOS SOCIAIS

CONSELHO DIRECTIVO

Presidente	Mário Araújo
Directora	Antónia Mota
Director	António Reizinho
Director	João Gentil
Director	José Cavaco
Directora	Maria dos Anjos

CONSELHO PEDAGÓGICO

Presidente	José Cavaco
Professora	Alexandra Francisco
Professora	Eurídice Cruz
Professor	Fernando Aleixo
Professor	Joaquim Marreiros
Professor	Rui Gomes

APRESENTAÇÃO DO PROJECTO

ESCOLAS DO DESPORTIVO DA COVA DA PIEDADE

AS ESCOLAS NOCTURNAS DO CLUBE DESPORTIVO DA COVA DA PIEDADE iniciaram a sua actividade em Outubro de 1963 e suspenderam os cursos que realizavam: em Julho de 1974 o Curso dos Liceus; em Agosto de 1978 o Curso de Cultura Geral.

AS ESCOLAS DO DESPORTIVO retomam agora o trabalho realizado, acrescentando-lhe dois novos tipos de cursos que na altura não foi possível concretizar: os Cursos de Formação Profissional e os Cursos Universitários.

AS ESCOLAS DO DESPORTIVO propõem-se assim dar aos alunos que as frequentem uma formação académica que lhes permita elevar o seu nível escolar e melhorar a situação profissional; AS ESCOLAS DO DESPORTIVO, através dos Cursos de Cultura Geral e de cursos e colóquios complementares irão proporcionar – tal como fizeram no passado – uma formação cultural e cívica a todos os que participem nas ESCOLAS.

O PROJECTO ESCOLAS DO DESPORTIVO irá desenvolver-se por fases. Não vai ser possível – nem é aconselhável – iniciar todos os cursos ao mesmo tempo. O PROJECTO ESCOLAS DO DESPORTIVO é também um projecto dinâmico e poderá ter outros desenvolvimentos para além daqueles que aqui são apontados. Poder-se-á pensar em jardins de infância ou escolas pré-primárias, como já funcionaram no Clube Desportivo, bem como numa Universidade da 3ª Idade e num Instituto Superior.

AS ESCOLAS DO DESPORTIVO realizaram um Encontro-Convívio no dia 30 de Novembro de 1997 – entre antigos alunos e professores – em que foi decidido reiniciar a sua actividade. Posteriormente começaram a organizar, para já, sessões culturais. Em breve, pensam iniciar o Curso Complementar e o Curso de Cultura Geral.

Março 1998

AS ESCOLAS DO DESPORTIVO

O PROJECTO

Os Cursos nocturnos das ESCOLAS DO DESPORTIVO iniciaram-se em Outubro de 1963: tratava-se do antigo Curso dos Liceus (1º Ciclo), que preenchia a semana, excepto à quarta-feira, e do Curso de Cultura Geral às quartas-feiras; este curso complementava a formação cultural dos alunos. No ano seguinte, acrescentava-se o antigo 2º Ciclo dos liceus e as escolas funcionaram até ao seu encerramento com esta estrutura: Curso de Cultura Geral e actual Curso Básico (do 5º ao 9º ano). Para a grande maioria dos alunos, os resultados obtidos foram altamente positivos: as ESCOLAS DO DESPORTIVO foram o “motor de arranque” para muitos alunos que actualmente têm uma formação superior – médicos, advogados, engenheiros, oficiais da marinha – uma formação média – pequenos empresários, empregados bancários, directores de serviços – uma formação associativa que deu autarcas e muitos dirigentes às colectividades do nosso Concelho.

Por variadíssimas razões o PROJECTO inicial ficou a meio: em 1967 não se organizou o antigo 3º Ciclo dos Liceus, a admissão à Universidade e a formação da Universidade Popular. Na altura ainda foi feito trabalho com a Cooperativa PRAGMA para a formação da Universidade, mas esta cooperativa foi encerrada pela força, pelo Estado Novo.

O PROJECTO ESCOLAS DO DESPORTIVO retoma a actividade desenvolvida, no ponto em que ficou e propõe-se organizar, numa 1ª fase:

- O Curso Secundário (do 10º ao 12º ano)
- O Curso *ad hoc* de admissão à Universidade
- Cursos de Formação Profissional
- O Curso de Cultura Geral

sendo este último acompanhado da realização de sessões culturais:

- Conferências
- Colóquios
- Palestras
- Sessões de Cinema
- Visitas de estudo

com a eventual publicação de textos de divulgação cultural.

O PROJECTO ESCOLAS DO DESPORTIVO irá seleccionar algumas áreas de formação académica, de acordo com as instalações de que dispuser e ainda de acordo com a preferência que irá ser dada à ÁREA DAS CIÊNCIAS HUMANAS. A área das CIÊNCIAS EXACTAS deverá ser organizada quando se começar a trabalhar no projecto do INSTITUTO SUPERIOR.

O PROJECTO ESCOLAS DO DESPORTIVO vai procurar ser um projecto de ensino gratuito – tal como o foi sempre – recorrendo a professores e colaboradores, em regime de voluntariado, e contando com o apoio do movimento associativo e as autarquias locais. A excepção poderá ser feita nos CURSOS DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL em que se poderá recorrer aos fundos comunitários e, neste caso, professores e alunos terão um estatuto diferente pois é hábito serem remunerados.

AS ESCOLAS DO DESPORTIVO serão um projecto diferente daqueles que já existem no Concelho (Escolas Secundárias, Cooperativas, Externatos, Institutos Técnicos, etc.) na medida em que vão proporcionar uma formação global, isto é, como se disse inicialmente, formação escolar, cultural e cívica.

O desenvolvimento deste PROJECTO para uma fase superior já se encontra estudado, bem como para uma fase pré-primária. A sua concretização passa, primeiro, pela organização e consolidação da primeira fase, agora enunciada.

Março 1998

Educação e Juventude

Reconhecimento ao mérito

Escolas do C. D. da Cova da Piedade receberam Medalha de Ouro Municipal de Mérito Cultural

Pioneiros no ensino pré-primário em Portugal, continuaram a sua meritória acção no ensino para adultos. Sofreram a repressão do regime fascista, mas não fecharam portas. No presente mantém o apoio aos adultos que querem frequentar o Ensino Superior

O Clube Desportivo da Cova da Piedade foi fundado em 28 de Janeiro de 1947 – após a fusão entre o União Piedade Futebol Clube e o Sporting Clube Piedense – num período de grandes desigualdades sociais e exploração dos trabalhadores, onde a instrução dos filhos não era prioritária para muitas famílias, mais preocupadas em angariar o seu sustento.

Por esse motivo, os dirigentes do clube, muitos deles oriundos da classe operária, aperceberam-se da necessidade em receber crianças com idades compreendidas entre os três e os seis anos de idade, não só para ajudar as mães trabalhadoras, como ministrar os primeiros ensinamentos, rumo ao ensino oficial. Nasceu, assim, na Estrada das Barrocas, a primeira escola pré-primária do país que manteve actividade regular, apesar das perseguições políticas aos seus dirigentes e professores.

Em Novembro de 1963, abriram as aulas nocturnas destinadas a preparar adultos que pretendessem completar o actual 9º ano de escolaridade ou, simplesmente, melhorar a sua cultura geral. Em paralelo realizaram iniciativas complementares, tais como: exposições de artes plásticas, visitas de estudo e debates com figuras da Cultura, com a presença dos escritores Ferreira de Castro, Bernardo Santareno, Matilde Rosa Araújo, Assis Esperança e os actores Fernando Gusmão, Moraes e Castro e Joaquim Benite (encenador).

No ano de 1967 Almada enfrentou a repressão do regime salazarista e as Escolas foram particularmente visadas. António Reizinho, operário do Arsenal do Alfeite, foi preso em Junho, Mário Araújo (actual director da Escola) e Gomerindo de Carvalho, seguiram para os calabouços um mês depois. Todos eram alunos da Escola Nocturna.

José Cavaco foi avisado a tempo e conseguiu fugir para França, onde esteve exilado durante sete anos.

Apesar do perigo, sempre latente, as Escolas continuaram a sua função até 1977, altura em que se acreditou que deixariam de ser necessárias. A Revolução de 25 de Abril abria outras perspectivas para a Cultura e para o Ensino.

Medalha de Ouro de Mérito Cultural

Em 1997 as Escolas do Desportivo voltaram a abrir nos moldes de sempre – sem pagamento de propinas por parte dos alunos e com professores voluntários e benévols – agora votadas para a preparação dos maiores de vinte e três anos de idade, que não tendo acabado os seus estudos foram ali para concluir o



12º ano ou para realizar a candidatura à Universidade. Ao longo destes dez anos, mais de duas centenas de alunos frequentaram as Escolas, dos quais vinte e três ingressaram no Ensino Superior e dois obtiveram a licenciatura.

Em Julho passado, por deliberação unânime da Câmara Municipal de Almada, foi atribuída à instituição a Medalha de Ouro de Mérito Cultural da Cidade de Almada, como forma de reconhecimento pelo meritório trabalho desenvolvido em prol do Ensino, da Cultura e da Democracia

Novo ano lectivo

As inscrições para a Escola, que são gratuitas, continuam abertas a preparar alunos com vinte e três anos e idade superior para o Exame Específico de Acesso ao Ensino Superior.

As aulas iniciam-se a partir das 20 horas (de segunda a sexta-feira) e o número de vagas é limitado.

As matérias que são leccionadas são as seguintes: Formação Geral – Português, História de Portugal e Inglês. Formação Específica: Ciências Sociais – Direito, Ciência Política, Sociologia e Antropologia; Ciências Exactas – Geografia, Planeamento, Biologia e Enfermagem.

Formação Cultural, Orientação Pedagógica e Métodos de Trabalho, complementam o leque de disciplinas.

As Escolas do Desportivo estão sedeadas na Rua das Salgadeiras, 18 – 1º – 2805-243 Cova da Piedade e poderão ser contactadas através do telemóvel 937036886 ou pelo e-mail: escolasdesportivo@megamail.pt.

25 DE ABRIL SEMPRE!

As comemorações do 25 de Abril foram sempre um ponto alto nas iniciativas das Escolas. Sempre foi esse o espírito com que trabalhámos, esse foi o momento pelo qual tantos anos esperámos! Por isso as comemorações do 30º aniversário da Revolução dos Cravos se revestiu de particular importância.



Em 2004, contando com o apoio do Movimento Associativo Popular, foi decidido convidar o maior número de oficiais, sargentos e praças das Forças Armadas, residentes ou ligados ao concelho de Almada, numa representação do Movimento das Forças Armadas (MFA). Como convidado de honra tivemos a presença do General Vasco Gonçalves, antigo 1º Ministro, verdadeiro representante da Democracia portuguesa. O Movimento Associativo também esteve bem representado através de

Augusto Flor, Presidente da Confederação das Colectividades, e também pelos dirigentes das colectividades centenárias do concelho e outras sociedades e clubes. A aliança Povo-MFA no concelho de Almada estava assim representada. Mas as instituições democráticas criadas com o 25 de Abril também se fizeram representar: a Câmara Municipal Almada pela sua Presidente, Maria Emília Neto de Sousa, e a Assembleia Municipal de Almada pelo seu Presidente Sr. José Manuel Maia

Foram cerca de 800 pessoas a participar neste jantar convívio comemorativo da Revolução dos Cravos. As fotografias ilustram bem o convívio, as intervenções públicas e o momento cultural. O General Vasco Gonçalves não deixou de sublinhar a importância da defesa da Constituição da República que aponta como objectivo a construção duma sociedade mais justa, mais fraterna, mais desenvolvida económica e culturalmente. A Senhora Presidente da Câmara referiu a importância do Movimento Associativo na constituição dum concelho onde as pessoas se sentem bem: "É bom viver em Almada!" A sessão cultural foi assegurada por Maria do Rosário Arriaga, aluna das Escolas e por Fernando Jorge do Teatro Extremo, que declamaram poesia de Abril, actuaram também a actriz Teresa Gafeira e a cantora Luísa Basto. A sessão terminou com o gigantesco coro de 800 pessoas a cantar a "Grândola Vila Morena".



AS ESCOLAS E O 4 DE OUTUBRO



Almada, e também Loures, anteciparam-se um dia a implantação da República, celebrando-se por esse motivo a revolução no dia 4 de Outubro

Associadas a outras entidades, as Escolas do Desportivo têm procurado comemorar a data com a dignidade que sempre lhe foi atribuída. Em 2010 a celebração revestiu-se de alguma solenidade, com a presença da Presidente da Câmara Municipal de Almada – Maria Emília Neto de Sousa, Almirante Gonçalves de Brito – Administrador do Arsenal do Alfeite, António Matos – Vereador da Cultura da Câmara Municipal de Almada, José Manuel Maia – Presidente da Assembleia Municipal de Almada e com Maria Adelaide Pedro – vendedeira do Mercado de Almada, resistente anti-fascista, representante do Povo. A sessão teve as honras da Banda da Sociedade Filarmónica União Artística Piedense que tocou o Hino da Maria

da Fonte e o Hino Nacional ao mesmo tempo que se hasteavam as bandeiras Nacional e do Concelho. Na sua intervenção a senhora Presidente da Câmara lembrou que em Almada se anteciparam algumas datas históricas porque o Povo assim o quis: a batalha Liberal dá-se na Cova da Piedade no dia 23 de Julho de 1833 com a derrota dos Absolutistas de D. Pedro, quando em Lisboa só no dia seguinte, a 24 de Julho, as tropas foram totalmente derrotadas. Quando se dá o 25 de Abril e dada a ligação da população à Base Naval e ao Arsenal do Alfeite, Almada soube na primeira hora que se tratava duma Revolução pela Democracia.

ALFABETIZAÇÃO

Nos anos 70, um em cada quatro portugueses não sabia ler (25%). Hoje são menos de 5%, mas Portugal continua no topo da tabela dos países europeus com maior taxa de analfabetismo. Logo após a Revolução de Abril, o Movimento das Forças Armadas organizou brigadas de alfabetização que percorreram o interior do País para combater essa chaga social que é o analfabetismo. Nas regiões do litoral foram as associações populares que organizaram essas campanhas.

No concelho de Almada formou-se uma associação não governamental que chamou a si essa tarefa: o GDACA - Grupo de Dinamização da Alfabetização do Concelho de Almada. A sua acção incidiu sobre as freguesias e algumas empresas do concelho. E foram obtidos muito bons resultados. Na Sociedade de Reparação de Navios (SORENA), por exemplo, foi possível erradicar o analfabetismo. Mais tarde, já na segunda fase das Escolas do Desportivo, também se deram aulas de alfabetização ou de ensino da língua portuguesa a cidadãos moldavos e russos a trabalhar em Portugal. Também foram conseguidos bons resultados, mas entretanto esses cursos foram abertos nas escolas públicas e os alunos passaram a frequentar o ensino oficial.



CAMPANHA DAS TAMPINHAS

Um dia houve uma aluna que nos disse: – Nós podíamos coleccionar tampinhas de plástico, daquelas que tapam garrafas e outros frascos. – Há uma campanha para recolha das tampinhas que até dá aparelhos ortopédicos.



Valorização e tratamento de resíduos sólidos Ecoparque de Palmela

A campanha estava lançada. A partir desse dia um garrafão de plástico passou a ficar em cima da secretária do professor e rapidamente se encheu de tampinhas. E todos os alunos decidiram participar na campanha. E houve a colaboração dos vizinhos. E houve a participação da empresa "Mecânica Piedense" que também começou a recolher. Em breve havia um camião de tampas para entregar na Amarsul. E em poucos meses conseguiu-se cumprir a quota e receber uma cadeira de rodas. Que, por sinal, foi logo necessária: o nosso antigo aluno António Reizinho estava a precisar. E as Escolas puderam ajudar. E foi assim, com a boa vontade de todos, que conseguimos uma segunda cadeira de rodas. Hoje as Escolas têm um diploma dado pela empresa AMARSUL, que recebeu as tampas e que decidiu felicitar-nos pelos resultados obtidos. Outros foram também ajudados no mesmo sentido, como Armindo Venâncio (ex-Presidente do CDCP) e António Reizinho.

CINE-CLUBE DAS ESCOLAS DO DESPORTIVO

Sexta-feira às 20h na Sala de Aulas

A QUEDA DO IMPÉRIO ROMANO



É um filme de 1964 realizado por Anthony Man e que tem como protagonistas Alec Guinness (Marco Aurélio), Christopher Plummer (Cómodus), Stephen Boyd (Lívius) Sophia Loren (Lucilla) e James Maisson (Timonides).

O filme conta ainda com o português Virgílio Teixeira no papel do General Marcello.

O filme começa por nos dizer que as causas da queda do Império são inexplicáveis ainda hoje. Mas não! Hoje temos instrumentos de análise histórica que nos permitem afirmar que essas causas são outras e bem conhecidas!

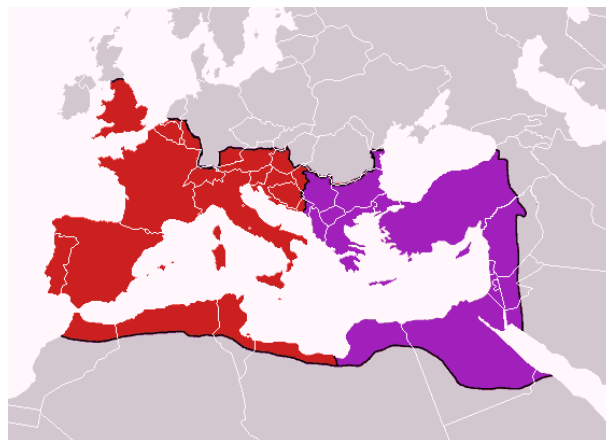
Marco Aurélio está na Germânia e, com uma nova atitude, estabelece a Pax Romana com os bárbaros e convoca os governadores do império para o seu quartel-general. A sua intenção é entregar o trono ao general Lívius e não ao seu filho ilegítimo Cómodus, que tem um temperamento colérico e egoísta.

Mas Marco Aurélio acaba por ser assassinado pelo velho adivinho, apoiante de Commodus. Seguem-se as guerras partidárias entre Commodus e Lívius, acabando aquele por ser morto e a coroa de César ser disputada por quem der mais dinheiro.

Esta é uma verdade, do ponto de vista histórico. Mas não explica por que razão o Império acaba por se desmoronar.

Há outra verdade histórica que normalmente não é citada que é a movimentação das massas populares, porque se quer dar a ideia de que a causa da queda está na guerra entre os protagonistas do "drama". A verdade é que o Império começa a sofrer as invasões bárbaras (ou invasões de estrangeiros) e a revolta dos escravos (isto é, dos trabalhadores).

Aliás, são conhecidas a revolta de Spartacus e a invasão dos Hunos, comandada por Átila, o "flagelo de Deus".



O Império Romano crescera muito.

As classes do Poder (nobres e sacerdotes) tinham enriquecido também muito, com as pilhagens feitas aos outros povos.

A corrupção alastrara entre os membros do Poder e eles já não eram capazes de administrar o Império.

As revoltas dos oprimidos eram cada vez maiores. Quando os de cima já não conseguem e os de baixo já não querem, dá-se a revolução. E o Império cai, ou melhor, divide-se em várias regiões que irão dar origem aos actuais países.



The End

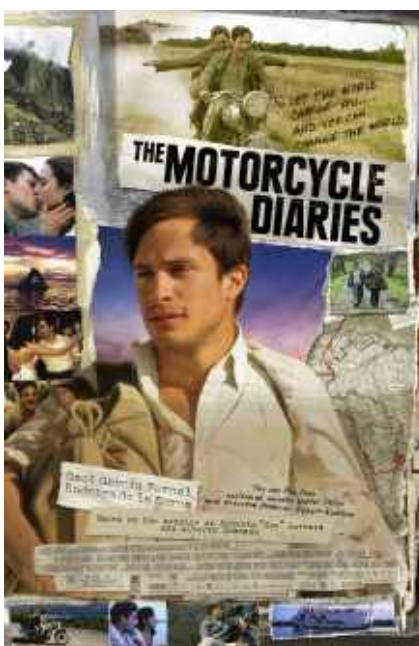
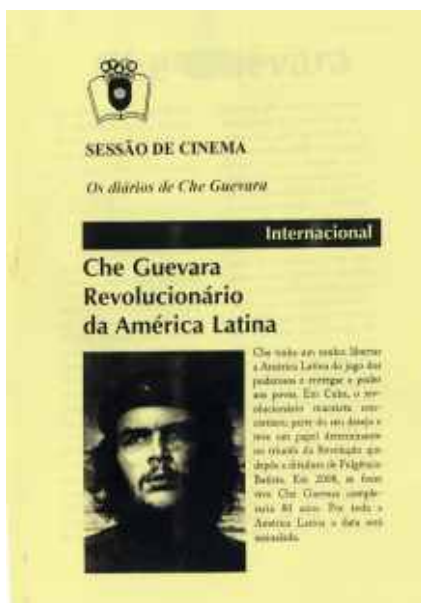
CINE CLUBE

"OS DIÁRIOS DE CHE GUEVARA"

Che Guevara tinha um sonho: libertar a América Latina dos grandes grupos financeiros e entregar o poder aos povos. Neste filme vemos Ernesto "Che" Guevara percorrer a sua Argentina e ter um contacto directo com as populações que vivem na miséria. Em 1952, Ernesto Guevara, tem 23 anos e estuda medicina. Quase no fim do curso, deixa a sua casa em Buenos Aires para seguir numa viagem com o amigo Alberto Granado. Os dois partem na temperamental Norton 500, a mota de Alberto a que chamam "La Poderosa", para realizar um sonho comum: explorar a América Latina. O mapa de viagem que desenham é ambicioso: leva-os de Buenos Aires à Venezuela, passando pelos Andes, pelas costas do Chile e pelas ruínas de Machu Picchu até Caracas, onde tencionam chegar a tempo do 30º aniversário de Alberto. Mas a viagem torna-se mais do que uma descoberta geográfica e conduz os dois amigos numa grande odisséia de descoberta interior. Os dois começam a questionar o valor do progresso dos sistemas da época, que exclui tantas pessoas, e ganham uma consciência de justiça e uma

vontade de mudar o mundo para melhor. Enquanto Alberto regressa ao seu trabalho, agora com diferentes objectivos e perspectivas, Ernesto "Che" Guevara tornar-se-á num dos mais importantes

líderes revolucionário do século XX. "Diários de Che Guevara", do realizador Walter Salles baseia-se nos diários dos dois companheiros de viagem, em relatos da família de Che Guevara e nas memórias do próprio Alberto, ainda vivo. O Che estuda e faz o curso de Medicina que o leva a compreender melhor o sofrimento humano. Vai até à Guatemala, depois visita o México. Aí conhece Raúl de Castro, irmão de Fidel, e assim fica ao corrente da Revolução em curso liderada pelo seu irmão em Cuba que vive sob a ditadura de Fulgêncio Batista. Acaba por se encontrar com Fidel Castro e da teoria passa à prática, participando na Revolução. Cuba é ainda um país envolto em polémica, mas ao assistir a este filme, ao vermos a miséria que grassa na América Latina, compreendemos melhor a luta pela transformação que os povos tanto anseiam.



O debate que se seguiu à projecção do filme deu para aprofundar os conhecimentos sobre a História Universal e também sobre a evolução da História da Humanidade.

OBRAS LITERÁRIAS E OUTRAS INICIATIVAS CULTURAIS

Foram tantas as iniciativas realizadas ao longo destes 50 anos que é impossível a memória não falhar num ou noutro caso. Durante o período de 1975 a 1997 as Escolas não realizaram cursos de liceu ou de acesso à universidade. No entanto foram muitas as iniciativas de âmbito cultural, social e político, em cooperação com outras organizações, que acabaram por se realizar. A apresentação de livros, quer de ensaio quer de ficção, com a presença dos seus autores, foi talvez a actividade mais desenvolvida a partir de 1998.

URBANO TAVARES RODRIGUES EM ALMADA

*O Movimento Associativo e Popular do Concelho de Almada expressa
reconhecimento e amizade ao escritor Urbano Tavares Rodrigues*

O escritor Urbano Tavares Rodrigues completou no ano de 2004, cinquenta anos de vida literária e em Dezembro passado oitenta e um anos de existência.

Ainda que natural de Lisboa é no Alentejo, terra natal de seus pais que irá fazer a sua instrução primária. No regresso a Lisboa, frequenta o Liceu Camões, seguindo-se a Faculdade de Letras de Lisboa, onde tira o curso de Literatura Filologia Românica. Começa aqui o seu envolvimento social e político, as greves académicas, o combate jornalístico pela liberdade de expressão, a luta sem tréguas contra a ditadura, o que o leva a militar na Oposição Democrática.

Perseguido pela PIDE de Salazar, é proibido de leccionar. Mesmo açoitado, mesmo proscrito, a resposta à ditadura deu-a ele pela escrita literária, pelo trabalho jornalístico e pela acção conspirativa, aderindo ao Partido Comunista Português em 1969. Após o 25 de Abril de 1974 ingressa na Faculdade de Letras como professor extraordinário e, em 1984, obtém o doutoramento em letras com a tese "Manuel Teixeira Gomes, o Discurso do Desejo", aprovada com distinção e louvor.

Diz-nos João de Melo que não há praticamente domínio algum da vida portuguesa a

que o nome de Urbano Tavares Rodrigues não possa ou não deva ser associado. Nascido em Lisboa, foi no entanto, no Baixo Alentejo, mais propriamente em Moura que, nas suas terras e entre as suas gentes, aprendeu a amar profundamente os seres e as coisas. De facto se a infância é eterna no Homem, no Escritor ela será sempre o ponto de partida daquela afectividade que costuma acentuar a poesia e a gesta da obra por ele produzida.

Mais do que escrever, Urbano viveu por dentro a sua escrita e, vivendo-a, multiplicou por ela a inquietação interior, o combate ideológico, o rebate, a denúncia, o povoamento cultural que mais e melhor consciencializavam os homens da sua geração. Captando a necrose burguesa, os males de viver, as frustrações e as esperanças de uma geração, é um autêntico baixo-relevo, no dizer de Óscar Lopes, também do país presente, vindo e visto do tempo de todos nós.

Contando hoje com mais de sete dezenas de volumes, com uma centena de edições portuguesas e brasileiras, cerca de uma vintena de traduções em diversos países, um sem número de participações em antologias, a sua obra revela outras tantas tarefas dos seus interesses sociais e culturais. Essa a razão por que foi agraciado com o Prémio de Carreira Literária. Mas para nós, os participantes no

O MOVIMENTO ASSOCIATIVO E POPULAR DO CONCELHO DE ALMADA



- 50 ANOS DE VIDA LITERÁRIA -

Expressa Reconhecimento
e Amizade ao Escritor
URBANO TAVARES RODRIGUES

• ALMADA 19 DE MARÇO DE 2005 •

Movimento Associativo, são sem dúvida "Uma Pedrada no Charco" e "Bastardos ao Sol", aqueles romances que mais nos marcaram para sempre, explicando-nos a angústia, a opressão do regime em que vivíamos nos anos 50 e 60.

É por tudo isto e a pretexto dos 50 anos de vida literária do escritor Urbano Tavares Rodrigues que, as colectividades de Almada, a autarquia, sindicatos, comissões de trabalhadores e outras instituições populares - onde a sua presença, através de várias visitas, nesses referidos anos difíceis, deixou marca influente e indelével na formação social dos seus leitores - decidiram testemunhar-lhe o seu apreço e amizade pela obra realizada como escritor, professor universitário, cidadão determinado, resistente antifascista e exemplo de democrata convicto. É sobretudo considerando o seu permanente empenho, registado em toda a sua obra, no esclarecimento das populações do nosso concelho e de todo o país, nomeadamente no meio

operário e nas "camadas mais jovens e estudantis" que o Movimento Associativo e Popular de Almada realiza, amanhã às 15 horas na Cooperativa Piedense, e às 17 horas no Fórum Romeu Correia, em Almada, um **encontro de reconhecimento e amizade** onde será manifestado a Urbano Tavares Rodrigues todo o apreço que nutrimos por tão relevante e elevada figura da Cultura Nacional.

Contamos consigo. Conviva com o escritor. Conheça a sua obra.
Aqui fica o nosso convite.
Até sábado.

Texto publicado no "Jornal de Almada" de 18 de Março de 2005, pag. 6. A homenagem de amizade decorreu na Biblioteca da Cooperativa Piedense aonde foi descerrada uma fotografia do Escritor e no Fórum Romeu Correia com a apresentação do Dr. Manuel Gusmão, que traçou a biografia do homenageado.

LIVRO DE CONTOS DE UMA VIDA

"A LUA ALCOVITEIRA"



Manuel Viana

Manuel Viana não é um escritor que tenha por detrás de si uma grande editora ou um importante órgão de comunicação social. Mesmo assim, foi escrevendo os seus livros em edição de autor com o apoio de pequenas editoras solidárias.

Manuel Viana também não é daqueles escritores cujas obras serão adaptadas ao cinema ou à televisão. Mas o que escreveu é muito importante pois é o olhar dum marinheiro sobre o mundo e a humanidade.

Marinheiro de profissão na Armada Portuguesa viajou pelo mundo e foi apurando a sua forma de conhecer e interpretar aquilo que foi vendo e vivendo, com uma sensibilidade por vezes irónica, a rir das dificuldades do ser humano.

"A lua alcoviteira" é um apanhado de contos, pequenos pedaços de vida vividos neste mundo desgraçado. A lua é romântica mas quando está encoberta, encobre também amores escondidos. Mas quando se descobre e descobre aquilo que devia estar escondido, então é mesmo alcoviteira!

E esta "Lua" vai também descobrir um acontecimento bizarro. Há um camarada de armas (quem sabe se não é o autor, que nunca disse quem era) que vai a terra para se desforrar da solidão passada em tantos dias no mar. O navio atraca em Macau e "ao ver as belas pelas janelas, saltam logo em terra para as conquistar" como canta o hino. E lá vão eles saciar os amores. Vão todos mas quando regressam falta um. Que se passa, que não se passa? O camarada adoeceu e foi internado no Hospital Central. O navio não pode ficar à sua espera, tem que regressar a Lisboa, o camarada fica internado, depois há-de regressar por outros meios pagos pela Marinha. Passados tempos, quando regressa - já não era sem tempo - fazem-lhe uma festa. Vai depois a exames médicos de rotina para ver se está tudo bem. Espanto dos espantos, falta-lhe um rim! Ora aí está a "doença" em Macau. Mas como foi possível?! Tira-se assim um rim a um marinheiro, sem mais nem menos? Mas só pode haver em Macau uma rede "hospitalar" capaz de agir duma forma tão profissional para abrir, retirar o rim, depois fechar, cozer, cicatrizar, tudo isto em tempo útil. Que profissionalismo!

Aconteceu em Macau, como poderia ter acontecido em qualquer parte do Mundo, enquanto houver a exploração do homem pelo homem. Manuel Viana descreve este episódio, duma vida que conheceu, com uma certa ironia - Foste buscar lâ, ficaste tosquiado! Devias ser uma pessoa prevenida! Mas ao mesmo tempo faz este relato para nos mostrar que o Mundo em que vivemos tem que ser mudado.

Manuel Viana deixou-nos cedo demais: faleceu em 25 de Maio de 2011. Mas a sua obra continua viva com "Melopeia", "A alma das coisas", "Abalada de Pijiguiti". Todos eles nos chamam a atenção para a necessidade de criarmos um Mundo Novo!

LITERATURA



O Escritor João Aguiar, tão aclamado pelo enorme sucesso do romance "A voz dos Deuses", veio até às Escolas do Desportivo apresentar o seu livro **"O menino do**

Lapedo", relato sobre a descoberta do esqueleto dum menino pré-histórico que é o cruzamento do Homem de Neandertal com o Homem de Cro Magnon.

Fernando Correia e o seu livro **"Jornalistas, Grupos económicos, democracia"** diz-nos que não há jornalistas "independentes", pois todos têm uma opção de classe face aos grupos económicos e à ideologia dominante.

"O eterno efémero" romance de Urbano Tavares Rodrigues foi apresentado pela Professora Doutora Helena Barbas e fala-nos sobre os eternos jogos do amor e, no fundo, do eterno sedutor que sempre foi o próprio escritor.

"Alva", do seu irmão Miguel Urbano Rodrigues é um romance de amor que viaja pelo Mundo e que nos fala sobre o Afeganistão, o México, o Peru ou a Índia, numa narrativa do escritor/jornalista para quem "a medida de todas as coisas é o Homem".

"O crepúsculo dos Deuses" foi apresentado na Oficina da Cultura e teve o apoio da Câmara M. de Almada. Na mesa estiveram o autor, o Professor Augusto Flor, pelas Escolas e o Dr. José Lourenço em representação da Câmara. O livro é um estudo de Jorge Messias, que nos fala sobre as religiões e em especial sobre a religião católica. Ela faz parte da

cultura dos portugueses em geral, foi referência da tradição familiar, mas os jovens de hoje já não acompanham. Por outro lado, está-se a verificar uma proliferação de religiões baseadas no cristianismo, fenómeno que veio retirar importância à religião católica.

"A lua alcoviteira" e também **"Abalada de Pijiguiti"** um livro de contos e um romance do marinheiro/escritor de Manuel Viana de quem já falámos.

"Disseste o meu nome?" romance de Manuel Rodrigues que nos fala dos problemas das pessoas com deficiência, e cuja apresentação teve a participação do autor e de Eduardo Caeiro, dirigente da Associação Portuguesa de Pessoas com Deficiência.

"Branqueamento de capitais" estudo feito pelo Professor Sérgio Ribeiro, Economista e Deputado, sobre questões de economia e de corrupção no Portugal Democrático. Sérgio Ribeiro



não deixou de referir, para além do livro, a sua participação em diversas palestras antes do 25 de Abril, numa altura em que era difícil encontrar espaços como as Escolas do Desportivo para falar sobre questões que eram consideradas de oposição ao Regime de Ditadura.

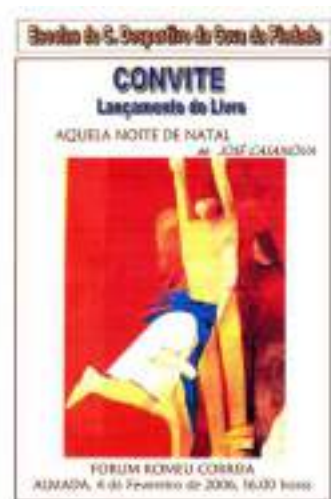
POLÍTICA

Foram vários os livros políticos que apresentámos e que nos falaram sobre as guerras coloniais, sobre a resistência ao fascismo, sobre as lutas clandestinas pela liberdade, mas também sobre o processo português decorrido após a Revolução de Abril, como foi o caso do livro **"A verdade e a mentira sobre a Revolução"**, directamente apresentado por Álvaro Cunhal, o seu autor.

O livro foi apresentado pelo Professor António Ramos. **"Guerra colonial, autópsia de uma operação"** de José Martins, é uma narrativa da passagem do autor pela guerra em Moçambique. É também a demonstração da estupidez da guerra e a epopeia dos jovens de 20 anos lançados num conflito ignóbil que envergonhou Portugal.



"Aquele noite de Natal" e também **"O caminho das aves"** de José Casanova, dois romances que nos falam sobre a vida clandestina dos revolucionários, lutadores pela democracia, pelo fim das guerras coloniais, pelo desenvolvimento, pela paz, escritos com palavras que não escondem a amizade pelo próximo, e o amor por a mulher escolhida.



"O abalo do poder" e a actividade da ARA (Acção Revolucionária Armada" é o tema deste livro de Jaime Serra, Deputado e Dirigente político, que nos fala das bombas que abalaram a ditadura e que contribuíram para o processo de contestação ao chamado "Estado Novo" de Salazar e Caetano.

O mesmo Jaime Serra escreveu também **"Eles têm o direito de saber"**, testemunho de uma vida dedicada à luta por um Portugal democrático e desenvolvido que veio a acontecer após a Revolução de Abril de 1974. Escreveu para que os seus filhos - e não só - ficassem a saber a vida que passou na clandestinidade quando o que pretendia era apenas que os seus filhos vivessem uma vida livre e com igualdade de oportunidades para todos.

Os temas sobre questões políticas sempre fizeram parte dos programas das Escolas do Desportivo. O **"Homem Político"** é o Ser Humano integrado na Pólis, no centro urbano vivendo e actuando sobre a sociedade. Honrar a memória das **vítimas do Campo de Concentração do Tarrafal**, depositando flores no monumento alusivo que se encontra no Cemitério do Alto de São João, é uma iniciativa anual, regular das Escolas para não esquecer os que deram a vida pela Democracia. Mas também debater **"O estado do planeta Terra"** com o Professor Luís Vicente, do Comité Internacional, constituiu uma iniciativa política pois chamou a atenção para os problemas do ambiente, do clima, e para as políticas que se praticam e que degradam o nosso planeta.

As Escolas renderam **homenagem a João Raimundo**, antigo operário corticeiro e uma referência à luta antifascista dos operários. Organizaram **excursões à Fortaleza Prisão de Peniche** por onde passaram 2.494 presos políticos até ao dia 25 de Abril de 1974. Uma delas foi orientada por António Dias Lourenço, Deputado, Dirigente Político, Director do jornal "Avante!" e por Mário Araújo, Director das Escolas.

A PAZ

As Escolas promoveram uma sessão sobre "**A questão da Paz a nível mundial**" e os problemas que afectam a nossa sociedade e a participação de Portugal na Nato, fonte de constantes conflitos mundiais. A sessão tinha por objectivo alertar para "o facto da Europa não estar em guerra, não significa que não venha a estar envolvida". Foi organizada pelo CPPC (Conselho Português para a Paz e a Cooperação) e teve como oradores a Dra. Sandra Benfica e o Dr. Gustavo Carneiro.

AS REVOLUÇÕES

E todos os anos se comemorou a Proclamação da República, implantada em Almada a 4 de Outubro de 1910. E todos os anos se comemorou a Revolução dos Cravos, de 25 de Abril de 1974 sempre com a participação de militares de Abril e do Povo/Associações Populares em perfeita aliança. Chegámos a contar, entre outros, com a participação do **General Pezarat Correia**, do **Almirante Rosa Coutinho**, com os **Comandantes Machado Santos, António Pessoa, Armando Nabais, Costa Santos, Duran Clemente, Lara Cardoso, Lopes Mendonça**, entre outros, com o **Sargento António Lima Coelho** e o **Cabo Inocêncio Cebola**.

OUTRAS ÁREAS

A **Dra. Odete Santos**, Deputada à Assembleia da República veio falar-nos sobre "**A procriação medicamente assistida**", isto é a inseminação artificial, as "barrigas de aluguer" e as questões que ainda hoje se põem à Sociedade sobre os direitos e a dignidade da Mulher. Também abordámos o problema da "**Toxicod dependência**" sob a orientação do **Professor João Goulão**, Director do Serviço de Intervenção nos Comportamentos Aditivos e nas Dependências (SICAD). Foi uma sessão muito participada pois são muitos os problemas deste tipo que se levantam em Almada. Houve ainda uma sessão realizada no salão da Cooperativa Piedense sobre "**Vamos falar de Musica**", com a participação do **Professor Alfredo Flores**, Presidente da Confederação das Colectividades, e animada pelos grupos musicais Grupo de Abril, Cantos de Além Rio e o Conjunto de Guitarras de Carlos Falcão.

CULTURA GERAL

Ao mesmo tempo que se realizavam iniciativas abertas ao público, dava-se também aulas de Cultura Geral destinadas aos alunos: - Anton Makarenko e a Pedagogia Soviética pelo Professor José Cavaco; Questões de Antropologia pelo Professor Augusto Flor; Filosofia e Educação pelo Professor Eduardo Costa; Ciências Sociais e Humanas pelo Professor Augusto Flor; Questões de Sociologia pelo Professor Eduardo Costa; A Saga dos Descobrimentos pela Professora Teresa Lacerda.

As Escolas do Desportivo, tiveram origem nos anos de 1947/48 após a fusão de dois clubes que deram lugar ao Clube Desportivo da Cova da Piedade, tal como o conhecemos hoje. Este é um assunto já tratado no nosso primeiro capítulo mas que prova que desde cedo, o CDCP é um caso de sucesso de interação associativa.

O Clube Desportivo da Cova da Piedade, está inserido num vasto movimento associativo desportivo mas também recreativo, social e cultural. O concelho de Almada conta com mais de 200 instituições de cultura, recreio, desporto e social, constituindo mais do que uma rede quantitativa, uma verdadeira rede qualitativa que, no seu conjunto, respondem a praticamente todas as necessidades da comunidade almadense.

Estas instituições são espaços de partilha e de parceria quer no plano interno de cada uma, dando resposta às necessidades dos seus associados, famílias e mesmo população envolvente, quer no plano externo, ou seja, entre congéneres em sessões solenes e iniciativas conjuntas evocativas ou comemorativas. Não obstante as diferenças identitárias que as tornam únicas, existem muitos e bons exemplos de cooperação e de solidariedade entre elas.

A análise ao “correio” de longos anos das Escolas do Desportivo, comprovam o conjunto de relações que estas estabeleceram com outras expressões associativas das quais se destacam as que a seguir nos oferecem uma perspectiva do que têm sido e são as relações com as Escolas do Desportivo.



CAPÍTULO

IX

RELAÇÕES COM AS RESTANTES EXPRESSÕES ASSOCIATIVAS E INSTITUIÇÕES



Colectividades Populares

Mais Participação, Melhor Democracia

A importância das colectividades populares decorre do facto de constituírem uma criação e realização viva e independente do povo português; uma expressão da acção social das populações nas áreas da cultura, desporto, recreio, educação, património e em muitos outros domínios; uma expressão da consciência cívica, da criatividade e do talento das massas populares, assumindo-se como elemento valioso da qualidade de vida dos portugueses.

Não é demais lembrar que já no tempo da ditadura, apesar das limitações e mesmo perseguição, as colectividades se afirmaram, pela sua natureza e pelas suas raízes populares, como um factor de consciência cívica, de cultura e de vida democrática dos cidadãos, de transformação social, e depois de participação na construção da Democracia Portuguesa.

Na Cova da Piedade, podemos orgulhar-nos do papel desempenhado pela Sociedade (a SFUAP, como era conhecida na altura), a Cooperativa, e mais tarde o Desportivo com as suas Escolas. Mas também as pequenas colectividades de bairro tiveram uma função insubstituível. Aí se forjaram muitos dos dirigentes que participaram ou participam no Poder Local ou Regional e também nas Colectividades que, após o 25 de Abril, se constituíram como instituições – pilares da vida colectiva do Concelho, do nosso País.

Pela sua natureza, as colectividades populares proporcionam o exercício de vida democrática. São, como sempre lhes chamámos, as “universidades populares”, escolas de vida colectiva, de cooperação, de solidariedade, de generosidade, de humanismo, de cidadania e de independência. Conciliam valores colectivos e individuais. Por isso, defender, reforçar, apoiar e promover o desenvolvimento das colectividades populares é aprofundar o sistema democrático português e a participação dos cidadãos na vida social, nas decisões políticas, económicas, sociais, culturais e desportivas, numa palavra, defender a nossa sociedade, a nossa vida colectiva, aprofundar a nossa democracia.

Hoje, as colectividades populares continuam a constituir um dos corpos intermédios da sociedade, um movimento imparável face às necessidades concretas das populações, necessidades de que são profundamente conhecedoras. São geradoras de múltiplos recursos e potencialidades, espaço de afirmação de identidade nacional, face ao processo de descaracterização cultural no quadro da integração de Portugal na União Europeia. São, por isso alvo dos ataques de todos aqueles que, à escala nacional e internacional, concebem o exercício da democracia, única e exclusivamente, como o acto periódico de votar.

As colectividades populares são um produto social. Transformam-se com a evolução social participam

activamente nessa transformação. O Movimento Associativo sempre soube acompanhar as transformações sociais, adaptando-se às novas exigências, procurando as respostas adequadas para as novas necessidades sentidas pelas populações. Assim, quando não havia um sistema de previdência social que protegesse os trabalhadores e as suas famílias em situações de desemprego, de doença ou de reforma, criaram-se as associações mutualistas; quando a instrução constituía um privilégio dos estratos sociais mais favorecidos, criou-se uma rede de escolas nas colectividades, para permitir que os trabalhadores e os seus filhos se alfabetizassem e instruissem; quando começaram a surgir, entre as populações, necessidades de carácter cultural, desportivo, de ocupação dos tempos livres, de protecção civil, foram-se criando sucessivamente as sociedades culturais vocacionadas para a prática do teatro, da música, do folclore, os clubes desportivos, os grupos excursionistas, as associações humanitárias de bombeiros voluntários, as associações de defesa do património natural ou construído, as casas regionais, os cine-clubes, as instituições de solidariedade social para a infância ou para os reformados e idosos, e muitas outras.

Actualmente o Movimento Associativo, no nosso Concelho, na nossa Freguesia, continua a expandir-se porque continua a ser um espaço de participação e realização pessoal e colectiva, porque continua a ter um papel insubstituível. Por isso, os Órgãos do Poder Local têm que fugir à tentação de se substituírem ao Movimento Associativo criando estruturas sociais na dependência directa dos Serviços Municipais, estruturas que, pela sua natureza, devem ser geridas pelas colectividades populares.

O Movimento Associativo realiza-se tanto mais profundamente quanto mais claros sejam os objectivos da sua intervenção, quanto mais objectivo seja o seu projecto próprio, e o projecto de sociedade para que está orientado o conteúdo fundamental da sua acção. É necessário continuar a contribuir para elevar o nível e a capacidade de intervenção do Movimento Associativo, na consciencialização e resposta aos problemas das populações e na construção de uma sociedade mais democrática, mais participativa e de maior bem estar e justiça social.

José Cavaco
Director das Escolas do Desportivo

ASSOCIAÇÕES DE AMIZADE

Logo após o 25 de Abril começou a organizar-se um Movimento de amizade com os povos dos países socialistas, nomeadamente os da União Soviética, de Cuba e da República Democrática Alemã (RDA). Esse Movimento formalizou-se depois em Associações de Amizade e na Liga de Intercâmbio Social, Cultural e Científico com os Povos Socialista, com programas, estatutos e direcções eleitas.

Portugal saía do seu isolamento ao fim de 48 anos de ditadura fascista e relacionava-se com os países do mundo inteiro. Depois, vários países socialistas ofereceram ajuda a um país saído duma revolução e a construir uma democracia. Nomeadamente nas áreas da economia, mas também na oferta de bolsas de estudo para cursos superiores, com o objectivo de formar jovens quadros para um país tão carente como o nosso.

Na Cova da Piedade formaram-se os núcleos das Associações de Amizade Portugal/União Soviética, Portugal/Cuba e Portugal/RDA. Funcionaram em antigas instalações da Cooperativa Piedense, num edifício de



dois andares, por cima da Almeida Ferrão Ferragens, na Avenida 23 de Julho, aonde hoje se ergue o edifício Fórum Piedade. Estas associações estavam intimamente ligadas às Escolas do Desportivo pois formaram-se com antigos elementos das Escolas como a Olga e o José Vieira e o Gomerindo Carvalho. Mantendo o mesmo espírito de cooperação e amizade, estas associações procuraram divulgar a realidade destes países, nomeadamente no campo da cultura. Um parêntesis aqui para registar que na Cova da Piedade figuras como Fidel de Castro, Che Guevara, Yuri Gagarine e Valentina Tereskova eram muito populares e

também os símbolos e as bandeiras desses países, mesmo durante o período fascista.

Divulgar a cultura desses países, dar a conhecer essa nova realidade, organizando visitas ou promovendo a venda de revistas como a “Vida Soviética” ou “Sputnik” ou “O Granma” e outras, leccionando cursos de russo, de castelhano ou de alemão, eram os objectivos dessas associações. Assim foi possível projectar no cinema da SFUAP (instalações antigas) e gratuitamente filmes históricos como “O couraçado de Potemkin”, “A Mãe” ou ainda clássicos como “O primeiro Mestre”, a história de um jovem que se oferece para alfabetizar a população de uma aldeia perdida nas montanhas, logo após a Revolução de Outubro. Os filmes não eram legendados em português mas falados em russo e por vezes legendados em francês. E aqui também as Escolas deram uma ajuda “fornecendo” os tradutores.

A Associação de Amizade Portugal/Cuba também desenvolveu acções de divulgação desse novo país e das suas actividades culturais, tendo-se destacado a apresentação do “Ballet Alicia Alonso” que actuou no Pavilhão da Escola D. António da Costa e que prestou uma bela homenagem à Revolução dos Cravos, com uma dança em que “Capitães de Abril fardados empunhavam a bandeira da liberdade”!

Durante algum tempo ainda essas Associações desenvolveram importante actividade, mas acabaram por se extinguir os núcleos da Cova da Piedade, com a morte prematura de Gomerindo Carvalho.



José Cavaco

Academia de Instrução e Recreio Familiar Almadense

Academia, tal como é conhecida familiarmente, é uma das Colectividades centenárias do Concelho de Almada, fundada em 27 de Março de 1895. Desenvolve diversas actividades culturais e desportivas, tendo sido considerada de utilidade pública em 1978.

As actividades vão desde a Banda Filarmónica, Escola de Música, Teatro, Aulas de Canto, Música para Bebés, Piano, Guitarra, Violino, Coro, diverso tipo de Danças, Ginástica e Artes Marciais. Dispõe, há mais de 50 anos, de dois edifícios conhecidos vulgarmente como o Teatro e o Cinema. Este edifício comporta mais de 900 espectadores. Foi aqui que a Câmara Municipal de Almada realizou a cerimónia de entrega de medalhas, tendo as Escolas do Desportivo recebido a Medalha de Ouro de Mérito Cultural. Foi também aqui, no salão de entrada que as Escolas realizaram diversas iniciativas de que se destacam o debate sobre "Toxicoddependência", "As diversas Constituições Portuguesas" e o lançamento de alguns livros, como foi o caso da obra "Reforma Agrária - A Revolução no Alentejo", de José Soeiro e Agostinho Lopes. A Academia é uma das colectividades que, a par da SFUAP, mais apoio tem dado à actividade cultural das Escolas do Desportivo.



Amigos do Museu Naval de Almada

Inspirados no exemplo de uma grande figura da cultura e do associativismo almadense, Raúl Pereira de Sousa, foi constituída a associação Amigos do Museu Naval de Almada no dia 30 de Novembro de 2011.

Esta associação tem por objectivo promover o Museu Naval, a recolha de materiais relacionados com a indústria naval no concelho e dar pareceres sobre as actividades marítimas e ribeirinhas numa perspectiva cultural, técnica e científica.

No acto de formalização junto do Registo Nacional de Pessoas Colectivas enquanto entidade privada sem fins lucrativos, nas Finanças (AT) e na escritura notarial, consta com sede social - onde reúne regularmente a sua Direcção - a Rua das Salgadeiras, nº 18, 1º Cova da Piedade, resultado de uma autorização da Direcção do Desportivo.

Esta cooperação entre entidades tão diferentes nos objectivos, demonstra o elevado espírito de solidariedade dos Dirigentes do Clube Desportivo da Cova da Piedade e, em particular, daqueles que se disponibilizaram desde a primeira hora para estabelecer os contactos entre as duas instituições.

A todos o nosso muito obrigado!

A Direcção
Amigos do Museu Naval de Almada



Associação Amigos da Cidade de Almada

Como presidente da AACCA – Associação Amigos da Cidade de Almada o meu testemunho é que sempre encontramos na Escola do Desportivo a colaboração que foi solicitada quer a cedência das suas instalações para a realização de vários eventos como também a utilização de materiais audiovisuais que a AACCA não possui.

Sempre encontramos na Escola do Desportivo a vontade de ser ainda mais interveniente nas actividades que vamos realizando e isso para nós é muito motivante.

Carlos Canhão



Associação de Colectividades do Concelho de Almada



A Associação de Colectividades do Concelho de Almada (ACCA) representa o Movimento Associativo Popular do Concelho de Almada (MAPCA) e é uma estrutura descentralizada da Confederação Portuguesa das Colectividades de Cultura, Recreio e Desporto (CPCCRD).

A Associação tem autonomia e órgãos sociais que dinamizam um conjunto de projectos para a população em geral. Engloba as colectividades centenárias como a SFUAP (Sociedade Filarmónica União Artística Piedense), a Academia (Academia de Instrução e Recreio Familiar Almadense), a Incrível (Sociedade Filarmónica Incrível Almadense), o Clube Recreativo Charnequense, o Clube Recreativo União e Capricho da Caparica, a Sociedade Recreativa Musical Trafariense e representa as cerca de 100 colectividade, clubes e sociedades do concelho. As grandes iniciativas realizadas pelas Escolas do Desportivo têm tido sempre o apoio da Associação de Colectividades - Movimento Associativo.

Associação Cultural Manuel da Fonseca

Fundada a 24 de Maio de 1994 com o objectivo de divulgar a obra literária e o legado universalista do seu patrono Manuel da Fonseca, assim como a promoção cultural dos sócios e cidadãos em geral, através de acções recreativas e publicações, a Associação Cultural Manuel da Fonseca, é uma instituição aberta a todos os cidadãos, às entidades colectivas e autárquicas.

Nesse sentido, é intenção dos corpos gerentes reforçar o relacionamento com todas as instituições, sejam elas colectividades ou autarquias e estejam elas onde estiverem, visando o intercâmbio de iniciativas culturais ou outro tipo de manifestações que concorram para a afirmação dos princípios e do legado deixados por Manuel da Fonseca, promovendo a sua divulgação. Desta Associação fazem parte Luísa Basto, conhecida cantora que é uma referência do 25 de Abril, e João Fernando, cantor/autor, dono de uma extensa obra musical. A Associação dispõe de um Grupo de Teatro e de um Grupo Coral. As Escolas do Desportivo participaram em actividades culturais conjuntas e também nos convívios realizados no Restaurante Forno de Cima, ligado à Associação.



Grupo Dinamizador de Alfabetização do Concelho de Almada



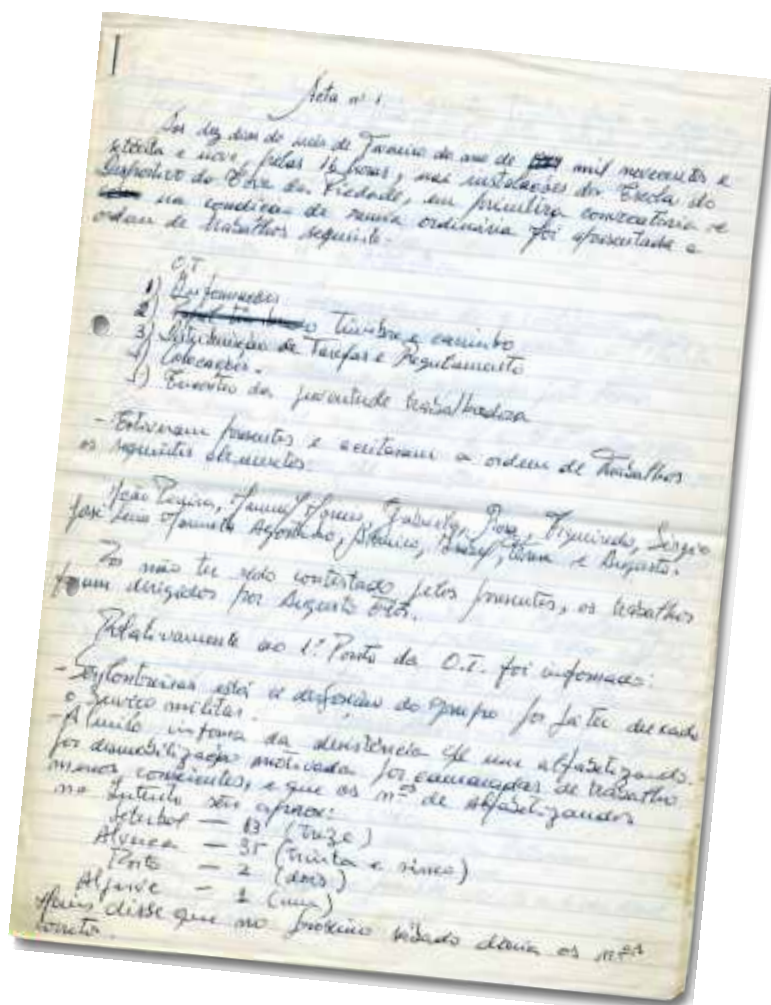
Decorria o ano de 1976 quando um grupo de jovens operários (trabalhadores estudantes) da Sociedade de Reparações de Navios, no Ginjal, Cacilhas, decidiram criar um Centro de Alfabetização para os colegas de trabalho. O projecto avançou internamente e rapidamente, se projectou na comunidade almadense através das Comissões de Moradores que existiam um pouco por todo o lado, proporcionando a centenas de almadenses aprender a ler e a escrever e a tirar a 4ª classe, sendo esse o objectivo final de muitos deles.

Existiram centros de alfabetização na SRN (Cacilhas), Comissão de Moradores do Bairro do Matadouro, Comissão de Moradores do Pragal (Beco do Cão e Cooperativa), Comissão de Moradores das Torcatas, Comissão de Moradores do Chegadinho, Comissão de Moradores da Ramalha, Comissão de Moradores da Mutela (Sindicato Corticeiros), Comissão de Moradores do Castelo e Comissão de Moradores do Bairro Bento Gonçalves.

O alargamento desta actividade, proporcionou ainda contactos com a DGEP - Direcção Geral de Educação de Adultos, Assembleia Popular do Concelho de Almada, Câmara e Assembleia Municipal de Almada. Os centros de alfabetização do GDACA chegaram a ter actividade regular em Setúbal, Alverca, Porto e Algarve pela dispersão geográfica de alguns dos seus monitores por razões de deslocalização profissional.

Fizeram parte desse projecto: Adelino Cardoso, Almiro Figueiredo, Augusto Flor, Avelino, Figueiredo, Carlos Júlio, Elsa, Gabriela, Gregório, Henrique da Mata, Isabel, João Pereira, Leonor, Lucília, Luísa, Manuela Agostinho, Manuel Paulo, Maria das Dores, Pescadinha Paixão, Rosa Contreiras, Sérgio Contreiras, Teresa Salgado e Zulmira.

No dia 10 de Fevereiro de 1979, decidiram constituir uma associação formal, onde foram aprovados os Estatutos, Regulamento Interno, Símbolos e Carimbos. Foi ainda, de acordo com a acta dessa reunião, que as Escolas do Desportivo, nas Barrocas, se tornaram a sua sede provisória, ficando assim ligadas para sempre a este importante projecto.



Sociedade Cooperativa de Consumo Piedense

Na Cova da Piedade tinham sede no jardim central a Cooperativa Piedense, a Sociedade de Socorros Mútuos Piedense, a Sociedade Filarmónica União Artística Piedense (SFUAP), o Clube Recreativo Piedense (CRP) e o Clube Desportivo da Cova da Piedade (CDCP).

O jardim é ladeado por dois edifícios monumentais: o palácio neoclássico da família Gomes e um Chalet romântico onde viveu o gerente da fábrica de moagens. E a freguesia é uma das "capitais" do associativismo popular, que tem ainda outras associações e clubes implantados um pouco por todo o lado.



A Cooperativa, como é conhecida vulgarmente, foi fundada a 4 de Março de 1893. Sendo uma Cooperativa de consumo sempre deu um grande valor às actividades culturais. A sua Biblioteca foi um polo de dinamização cultural, através dos livros que proporcionava aos sócios - muitas vezes com edições únicas - como também pelas palestras que a Comissão da Biblioteca organizava. Foi na Cooperativa Piedense que as Escolas organizaram um dos mais importantes eventos dos anos de 1960: a conferência do escritor Ferreira de Castro, um opositor ao regime de Salazar, e a homenagem ao Homem que escreveu "A selva", "A lã e a neve", "Emigrantes" e outros livros que foram traduzidos e editados no estrangeiro.

Ainda há bem pouco tempo se faziam outras palestras e iniciativas que as Escolas do Desportivo realizaram, sempre com o apoio das respectivas direcções.



Visita do escritor Ferreira de Castro na década de sessenta



Sociedade Cultural de Artes e Letras de Almada

A SCALA – Sociedade Cultural de Artes e Letras de Almada é uma Associação Cultural sem fins lucrativos, que foi fundada a 5 de Março de 1994 por quinze almadenses, com uma ligação profunda ao movimento associativo e cultural do nosso Concelho, com o objectivo de contribuir activamente para o enriquecimento das artes e das letras no seio da população de Almada.

A sua contribuição tem sido dada através da promoção de colóquios, exposições, encontros, digressões de estudo, edições de obras literárias, recitais tertúlias e outras actividades de interesse cultural, didático e artístico, em largas centenas de eventos. Alguns deles memoráveis, como foram as “Tertúlias do Dragão”, o Concurso de Fotografia “Almada a Terra e as Gentes”, - que visitou as então onze Freguesias do Concelho - e são a “Festa das Artes da SCALA” e a “Festa da Poesia de Almada”.

A SCALA é hoje uma Colectividade com o estatuto de Utilidade Pública, fruto de toda a dinâmica cultural criada desde a sua fundação. Tem sido sempre uma Associação inclusiva, colaborando com uma boa parte das instituições almadenses - colectividades de cultura e recreio, autarquias e estabelecimentos de ensino, inclusive as Escolas do Desportivo da Cova da Piedade, onde foi feita a apresentação do livro de Fernando Barão, “Mais Histórias de um Almadense”, cuja crónica se transcreve nesta obra tão significativa.

TEMPOS DIFÍCEIS

Um herói chamado Gomercindo



Fernando Barão
Presidente da Mesa
da Assembleia Geral da SCALA

Neste triângulo de povoações que incluía Cacilhas, Almada e Cova da Piedade, esta última, por ser um meio primordialmente industrializado, era a povoação política por excelência. Cacilhas também era pródiga em número efectivo de operariado que servia as indústrias de reparação e construção naval; das fábricas corticeiras; das tanoarias e armazéns vinícolas do Ginjal; das conserveiras; mas grande parte dos obreiros que por aí militavam, tinham moradas fora deste burgo.

A Cova da Piedade, também com as suas conserveiras; as moagens; os estaleiros de construção em madeira, que pontificavam na zona do Caramujo; tinha um factor politicamente mais evoluído, que se sediava no Alfeite, quer através do operariado e também das escolas de marinhagem.

Ora eu, cacilhense de gema, muito ligado ao desporto através do Ginásio Clube do Sul, andei, até certo ponto distraído dos problemas sociais do meu concelho embora tivesse nutrido sempre um relativo respeito pelas ambições dos piedenses. Já espigadote, tomando algum gosto pela leitura de alguns intemeratos escritores da sublime literatura luso-brasileira comecei a criar expectativas, que até aí, tinham ficado adormecidas.

O Soeiro Pereira Gomes, o Alves Redol, o Fernando Namora, o Jorge Amado, o Urbano Tavares Rodrigues, o Miguel Torga, o Ferreira de Castro, e tantos outros da mesma calibragem, começaram a enfeitar a minha mesa de cabeceira e, esportulando do meu bolso, ou com apoio das bibliotecas da Incrível e da Academia o consumo eléctrico da minha casa começou a encarecer desmedidamente...

Os livros de estudo começaram a ficar por baixo desses neo-realistas que me encantavam. Depois, logo no principio do mês de Outubro, os alcoviteiros das minhas tertúlias anunciavam com o maior entusiasmo:

- Olha pá, não te esqueças, logo à noite, na Incrível, há uma sessão solene e vem cá falar o professor Simões Raposo. Vai ser um prato! Vai cedo, senão, ficas na rua...

Depois veio o gosto pelo campismo, modalidade estrategicamente avançada para o tempo e também avançada contra a inércia e o imobilismo dos “distraídos” como eu fora.

E os ideais estenderam-se e deitaram algumas raízes, embora dentro do comedimento que ia sendo sentenciado pela paternidade, sempre ansiosa por poder haver descuidos e entusiasmos fora do comum. Mas, para que o leitor se incorpore mais familiarmente com os meus sentimentos creia que me fiz um paladino da liberdade. Mas uma liberdade “tout court” como diriam os nossos irmãos franceses. Liberdade sem peias e sem comandos...

Talvez por isso tinha (e tenho) uma aceitação generalizada a ponto de ter tomado parte activa na atribuição de alguns nomes de artérias almadenses que justificavam uma criteriosa aceitação como: João Luís da Cruz, Incrível Almadense e Romeu Correia. Esta última deverá ter caído no “indigesto” pela actividade neo-política do afamado escritor e

dramaturgo da nossa terra. Mas tudo isto se concretizou, com alguma crítica velada de alguns, que não compreenderam os intuitos...

E os tempos foram passando e os ideais foram cristalizando de forma a entrar no associativismo extra Cacilhas.

E ainda, nesta sublimação política dos piedenses, fui sendo visita assídua nalgumas sessões organizadas, pela comissão bibliotecária da Sociedade Cooperativa Piedense onde o Fernando Cid Simões (isto nos finais da década de 50 e o dealbar da década de sessenta do século passado) era infatigável no convite a personalidades de “pedra branca” (11) e avessas ao regime de então... Estou-me a lembrar dos encantamentos que me despertaram o Dias Agudo, o Ferreira de Castro, o José Carlos de Vasconcelos, a Álvaro Salema, a Matilde Rosa Araújo, a Maria Lamas, o Bernardo Santareno, o Fernando Gusmão, o Alexandre Babo, o Óscar Lopes, o Manuel da Fonseca, o Urbano Tavares Rodrigues, o Alves Redol, o Soeiro Pereira Gomes, a Lídia Nunes, e Mário Viegas e tantos outros mais que já se me vão passando de memória. Mas como figurino político-literário acho que já não está nada mal...

E por esta altura já me ia inteirando do panorama progressivo dos amigos lá de baixo (da Cova da Piedade) como alguns iam afirmando.

Mas porque esta gentinha não era de qualidade de cruzar os braços, houve um grupo que resolveu ir mais longe e organizou cursos de aptidão a vários patamares de ensino e, por que não, ao próprio ensino.

É então que surge na Cova da Piedade, um rapaz, oriundo do norte do país, de nome Gomercindo de Jesus Carvalho, que terá nascido na freguesia de Ermesinde, concelho de Valongo, no ano de 1931.

Era filho de agricultores, gente pobre e de trabalho.

Fez o ensino primário em S. Gião e veio residir para Lisboa, para casa de uma tia. Como era costume empregou-se como marçano. Quando chegou a idade de “ir às sortes” (12) cumpre o serviço militar, obrigatório, na Armada.

Quando passa à disponibilidade, inicia os estudos frequentando aulas, em regime nocturno, até concluir o curso liceal. Ingressa então nos quadros do pessoal do Serviço Meteorológico Nacional e, em 31 de Maio de 1958, contrai matrimónio com Crisanta Dias Antunes.

No início da década de sessenta Gomercindo e a família fixam-se na freguesia da Cova da Piedade relacionando-se com os dinamizadores culturais do concelho de Almada e integra-se no movimento associativo, desenvolvendo uma acção muito meritória, como animador e organizador de núcleos de cidadãos tendo, como objectivo, a sua educação e formação de indivíduos cultos e autónomos na sua personalidade.

Em 1963 inscreve-se como associado na Cooperativa Piedense e alinha num projecto educativo e formativo que o receio de retaliações, por parte da Polícia Política, levaram a direcção daquela instituição a interromper... Mas o número crescente de jovens que tinham aderido ao projecto, de que Gomercindo era a figura mais visível, o seu prestígio e as suas qualidades humanas e pedagógicas, conduzem à mudança para umas instalações, que o Clube Desportivo da Cova da Piedade possuía na estrada das Barrocas.

Resolvi aprontar aqui esta pequena biografia do Gomercindo visto que é, a partir deste momento que tenho o primeiro contacto com ele. E por quê?

Porque o Gomercindo era imparável. A sua dinâmica tentacular e, além de ter consciência que o movimento educativo das instalações da estrada das Barrocas funcionava em deslizamento perfeito, com muita gente qualificada academicamente a apoiar o sistema, ele não queria ficar por ali.

Creio que foi no ano de 1964 que o Orlando Laranjeiro dos Santos, vice presidente da direcção que era comandada pelo Juvenálio dos Santos Guerreiro um indefectível amigo da sua Sociedade Incrível Almadense mas com ideias políticas relativamente timoratas, me bichanou aos ouvidos – eu era o presidente da Mesa da Assembleia Geral – que alguma rapaziada dos cursos nocturnos da Cova da Piedade gostaria de falar connosco. Éramos na ideia deles, os homens fortes do sistema democrático, embora, nessa direcção, houvesse também “malta” fixe.

Marcou-se a reunião e creio que apareceram com o Gomercindo o Mário Araújo, o António Reizinho e o José Alves de Almeida, meu companheiro de lides campistas.

Disseram ao que iam: que a Incrível, mãe do movimento associativo do concelho de Almada, poderia ceder uma sala para a concretização de um curso de cultura geral, dado pelo Gomercindo, a exemplo do que estava em estado latente, lá em baixo, na Cova da Piedade. E palavras daqui, palavras d'acolá e coniventes da simpática conspiração pedimos que a pequena ambição instrutiva fosse expressa por ofício, porque, nesse paralelo, se organizaria uma reunião de corpos gerentes e quer eu, quer o Orlando, seríamos acérrimos defensores da ideia. E assim aconteceu. Fez-se a reunião em que havia elementos distraídos sobre os acontecimentos da cultura concelhia e os que tinham alguns rumores auditivos que, esses cursos de cultura, poderiam trazer “água no bico” por serem nitidamente de esquerda e que a esquerda e a PIDE não se davam muito bem... É claro que se dourou a pílula, assimilou-se que a cultura (sendo uma questão inocente) deveria fazer parte do quotidiano dos cidadãos e, após muita retórica dos “advogados de defesa” venceu o sector intelectual (ou mais politizado)...

Passado algum tempo, no rés-do-chão (sala de ensaios da banda) iniciou-se o curso, com um número razoável de assistentes, onde eu e o Orlando éramos participantes assíduos.

Logo nas primeiras sessões se verificou que as aulas tendiam para a elevação do homem com o espírito de fraternidade e equidade... O livro mais requisitado era o Processo Histórico do professor cubano Juan Clemente Zamora e o clima de entendimento era notável, a tal ponto que, chegámos a ter saídas de estudo a teatros e a cinemas na esperança de se osmosearem mensagens anímicas que, possivelmente, passariam despercebidas, noutras circunstâncias...

Lembro-me, como se fosse hoje, termos ido ao nosso cinema (Incrível) ver o Fellini 8 ½ e termos ido ao cinema Império (neste caso teatro) ver a peça teatral o “Render dos Heróis”, do Luís Sttau Monteiro, numa encenação do Fernando Gusmão. Foi uma sessão a um domingo, a partir das 11 horas da manhã.

Há que afirmar que tudo isto era executado com a maior transparência e que as aulas eram elaboradas de porta encostada e de “sinal” aberto a quem quisesse assistir. Assim com o andar dos tempos, e com a divulgação alheia, começaram a aparecer, na sala, alguns “figurões”, com uma cultura aceitável que se pelavam para contradizer as convicções de Gomercindo que, conforme podia, ia defendendo as suas teses. Aquilo começou a cheirar a esturro e parece-me que estou a ouvir o Manuel Beato, meu dilecto amigo, a afirmar-me:

- Oh senhor Barão creio que isto não vai longe. – E não foi longe como era de prever. Os informadores estavam atentos...

De qualquer forma durante o 116º aniversário da nossa vetusta sociedade, o Gomercindo foi convidado a fazer uma palestra que ele intitulou de: “As Instituições Populares e a Emancipação do Povo”.

O nosso salão de festas encheu-se e o orador entronizou-se de tal forma nas palavras que as lágrimas lhe corriam copiosamente pelas faces. Só quem, como ele, lutava por uma sociedade mais válida e mais consciente é que sabia fazer a avaliação de multidões inconscientes, sem personalidades vincadas, que se deixam flutuar ao sabor do vento ou de palavras tetricamente falsas.

E o epílogo desta fase foi triste. A 17 de Junho de 1967 o nosso herói é preso na sua residência por dois agentes da PIDE, sendo levado para o posto da GNR de Almada, e de seguida transportado para a sede (maldita) da Rua António Maria Cardoso, em Lisboa, onde foi identificado e de seguida é enviado para o Forte de Caxias.

Era uma perda irreparável para a cultura popular no concelho de Almada. Certamente que o Mário de Araújo, o Reizinho e o José Cavaco, grandes impulsionadores das (chamadas) Escolas do Desportivo, se sentiram fortemente desacompanhados. E também muitos mais, já que o movimento educo-social, se tinha alastrado notavelmente.

Mas continuando, já que esta crónica assenta essencialmente no Gomercindo de Jesus Carvalho, a 18 do mesmo mês volta à sede da PIDE, para ser interrogado pelo chefe de brigada Silva Pais. Voltou novamente para Caxias, onde aguardou quatro meses e meio na maior das incertezas quanto ao seu futuro e de sua família visto que acabaria por ser despedido de funcionário do Boletim Meteorológico Nacional.

Sempre que voltava à rua António Maria Cardoso era sujeito a tortura do sono durante doze dias e doze noites... Muito se tinha aprendido com a Gestapo alemã...

Na segunda fase dos interrogatórios, na sede da PIDE, houve uma fase que durou cinco dias e cinco noites, sendo o Gomercindo Carvalho privado do sono e sujeito à tortura da estátua, que o afectou física e psiquicamente, passando a sofrer de problemas renais.

O regime total de isolamento terminou ao fim de seis meses, prazo em que a PIDE o teria de levar ao Tribunal Plenário ou o devolver à liberdade. Poucos dias depois é apresentado o despacho de pronúncia, ficando a aguardar julgamento que aconteceu, quase um ano, após a sua detenção.

É por esta altura que a Crisanta, entra receosa no meu estabelecimento e solicita-me, por indicação do Gomercindo, que eu possa ser testemunha abonatória do marido. Para talvez engrandecer a minha resolução afirmava-me sucumbida:

- Senhor Fernando Barão, o meu marido decidiu que só precisava de quatro testemunhas. Já tem garantido os nomes dos escritores Ferreira de Castro, do Álvaro Salema e da Matilde Rosa Araújo. Penso que são individualidades com algum peso no panorama dos artistas nacionais e gostaria que, o seu nome, como frequentador do curso de Cultura Geral e de presidente da Mesa de Assembleia Geral da Incrível Almadense, pudesse enfileirar nesse painel.

Juro por tudo o que houver de mais sagrado que, mesmo que os outros elementos da defesa do Gomercindo fossem uns pobres pedintes e não por frequentar o curso ou por ser presidente, eu não recusaria o pedido: é que havia uma razão soberana, eu ficara amigo de Gomercindo e compreendia, na plenitude, a sua luta política. Ele seria membro do Partido Comunista eu não, mas isso não me contrariava qualquer propósito de respeito mútuo, alicerçado até em algumas pequenas divergências, que sempre foram frontalmente expostas, com a finalidade de fazer luz clara e transparente, sobre esses pequenos casos.

Sabia aquilo em que me iria meter: contrariedades de horários, adiamentos de última hora e tantas outras coisas que acontecem no poder judicial português. E aquele poder judicial... Por isso não pedi escusas, nem reflexões temporárias e respondi-lhe momentaneamente:

- Diga ao Gomercindo que pode contar comigo para tudo! – Ela ainda é, felizmente, viva e pode confirmar o que aqui está escrito.

Ora, para além dos acontecimentos já profetizados, foi uma experiência inesquecível ter de privar com personalidades tão esclarecidas que, nos espaços livres, naquele café que ocupa uma espécie de cave, junto ao tribunal da Boa Hora, conseguimos trocar opiniões não só sobre o clima político do país (em voz baixa já se vê) mas também sobre o figurino literário, onde todos eles eram mestres. O Ferreira de Castro então tinha o “pavio sempre aceso” e nunca estava calado, demonstrando até uma determinada rivalidade com o Aquilino Ribeiro... São coisas que acontecerão sempre em o todo, não fosse este país uma aldeia...

Quando entrei na sala de audiências lá estava o Gomercindo sentado na cadeira dos réus e logo que me viu acenou-me com um sorriso. Estava magro, macilento, mas em vez de dó por aquele homem, desprotegido por uma sociedade impotente para reagir só senti revolta. Olhei para a mesa dos juizes e recordei-me das peças do Ramada Curto com o Alves da Cunha como protagonista. Aquilo era uma maquiavélica cena teatral, onde os depoimentos pouco deveriam contar. Os resultados já estavam combinados antecipadamente...

O delegado do Ministério Público bem tentou puxar por mim mas mantive a questão de que, sendo participante de um curso de Cultura Geral, nada encontrava de subversivo... E se pude tecer uma pequena vingança (que nada contava) tive essa oportunidade quando o advogado de defesa me perguntou o que é que eu pensava sobre o senhor Gomercindo de Jesus Carvalho como homem. Então virei-me para a mesa teatral e afirmei com a minha melhor voz:

- O que eu penso do senhor Gomercindo de Carvalho? Penso que, se todos os homens tivessem a sua estatura de carácter o mundo seria muito melhor!...

Eles sorriram... os resultados do jogo tinha os dados viciados.

É claro que foi condenado a dois anos de pena maior e medidas de segurança. Estas medidas de segurança, se eles quisessem, poderia equivaler a prisão perpétua. Para aqueles filhos da puta não havia complacência nem meios termos...

Que lhes interessaria que um homem fosse condenado, que perdesse o emprego, que a mulher e a filha tivessem de perder o lar e irem viver para casa da mãe, com dificuldades económicas e com o pai doente. Que o pai do Gomercindo, com oitenta e cinco anos, tivesse de rumar para outras paragens...

Calculem as pressões psicológicas a que uma pessoa ficava sujeita.

Esteve no Forte de Peniche e em Caxias...

Quando saiu, veio em liberdade condicional. Ou seja, sem liberdade... Não podia sair do concelho onde

residia sem autorização da PIDE ou da GNR. Não se podia avistar com amigos, nem se dedicar a tarefas de cunho cultural.

O dia 25 de Abril de 1974 abriu-lhe outras perspectivas e começou novamente a sua luta. Todavia o futuro é sempre imprevisível e como a conselho médico deveria andar bastante de bicicleta, no dia 18 de Outubro de 1984, perto do Centro Sul, em plena via rápida da Caparica, um automóvel conduzido em alta velocidade, atirou-o para mais de trinta metros de distância. Acabou ali o seu afã em prol dos outros. Fui acompanhá-lo ao cemitério do Monte de Caparica...

Agora, numa altura em que se pretende branquear o regime despótico que nos atormentou durante quase meio século e no momento em que estou a terminar estas minhas últimas palavras só vos quero pedir um favor: dêem isto a ler aos jovens da vossa família, aos jovens vossos amigos, aos vossos filhos, aos vossos netos.

Esta literatura pode não ser de primeira água mas é verdadeira. E é bom que os jovens não percam a oportunidade de conhecer a verdade.

O maior orgulho da minha vida foi a transmissão da tal frase perante um tribunal fantoche: - O QUE PENSO DO SENHOR GOMERCINDO DE CARVALHO? PENSO QUE, SE TODOS OS HOMENS TIVESSEM A ESTATURA DO SEU CARÁCTER O MUNDO SERIA MUITO MELHOR!...

Nota: As Escolas do Desportivo da Cova da Piedade continuam a sua excelente missão, agora em lugar mais amplo e renovado.

Acabadas estas últimas obras de renovação e de aproveitamento de espaços, os seus mentores tiveram a bondade de me convidarem e, vejam bem, de enaltecer, por palavras, a minha intervenção e a do Orlando Laranjeiro pela nossa atitude, de alguma firmeza, para que a Incrível, em devido tempo, tivesse aceitado aquele curso de cultura geral ministrado pelo Gomercindo. Os homens sérios não se esquecem... Mas eu fiquei feliz. Não só por isso. Vim de lá com alegria nos olhos, por ter verificado que passaram por ali operários e marinheiros que hoje têm dois cursos superiores. Ainda que durante alguns dias da semana uma senhora vem do concelho da Moita dar aulas graciosamente e nem sequer cobra os gastos com o combustível que o seu carro consome...

Será possível que isto aconteça nos dias de hoje?

Afinal nem tudo está perdido...

Crónica da autoria de Fernando Barão, extraída do seu livro, “Mais Histórias de um Almadense”, publicado em 2005.

O Gomercindo e as Escolas do Desportivo

Uma das coisas boas dos trabalhos de reportagem ou de investigação, são as pessoas que conhecemos e que invariavelmente nos transportam para histórias e lugares até aí desconhecidos. Ficamos quase sempre com a sensação de que muitas destas realidades, bem documentadas, dariam certamente mais que um livro...

Foi isso que me aconteceu em 1997, quando comecei a preparar o livro; “Almada e a Resistência Antifascista”. Nas várias entrevistas que fiz, ouvi falar pela primeira vez das “Escolas do Clube Desportivo da Cova da Piedade”.

Numa primeira impressão, este título poderá sugerir a existência de uma “escolinha de futebol” no seio do clube mais emblemático da Vila. Mas não, era algo muito mais importante, pelo menos para quem gosta das coisas da Cultura e da Educação. Tratava-se de uma Escola onde se preparavam alunos para as provas de acesso ao ensino superior, ao mesmo tempo que elevavam os seus conhecimentos culturais e sociopolíticos.

Associado às escolas veio também um nome, Gomercindo de Carvalho, outra boa novidade...

Graças a Mário Araújo fiquei a saber que toda esta caminhada (com mais subidas que descidas...) pelas ruas da cultura começou com a chegada de Gomercindo à Cova da Piedade. Ele ficou de tal forma encantado com a energia e a envolvimento humana do Associativismo local, com epicentro na Cooperativa Piedense, que apresentou aos seus dirigentes uma proposta para a realização de cursos de Cultura Geral.

A ideia parecia interessante e foi aceite com alguma naturalidade.

Os directores da Cooperativa não estavam à espera que os temas desenvolvidos nos cursos fossem tão abertos e pertinentes, especialmente as aulas de ciência política, ao ponto de ficarem preocupados com o que se estava a passar. Eram praticantes habituais da “autocensura”, em nome do colectivo que dirigiam, para

não terem problemas com a PIDE, atenta a todos os “passos trocados” que se davam, graças à cumplicidade de uma rede de “bufos”, também sempre com atenção a tudo o que “cheirasse” a subversivo...

Gomercindo e os seus companheiros receberam a mensagem e trataram de arranjar outro lugar para as suas aulas de Cultura Geral. Ainda viajaram até Almada, na direcção da Incrível Almadense, mas seria uma passagem curta, pois encontraram os mesmos problemas, os mesmos medos...

Foi desta forma que foram bater à porta do Clube Desportivo da Cova da Piedade e no começo do ano lectivo de 1963, abraçaram todos aqueles que queriam saber mais, que sonhavam ser mais qualquer coisa que simples operários...

Mas não pensem que foi uma “viagem” fácil. Pelo meio houve várias prisões, inclusive a de Gomercindo, que apenas interromperam por alguns “momentos” o trajecto seguido por todos aqueles amantes do conhecimento, da liberdade e da justiça social.

E entretanto já passaram mais de 50 anos.

É por isso tempo de relembrar esta longa viagem, para centenas de homens. Ou serão milhares?

É que cinquenta anos são muitos dias. E uma boa parte destes homens e mulheres – que foram alargando o Concelho de Almada... - não só conseguiram o acesso ao ensino superior, como concluíram as suas licenciaturas, com sucesso, para gáudio dos seus professores e amigos.

Mesmo correndo o risco de estar a ser injusto para algumas pessoas, devo destacar o papel extremamente importante de José Cavaco e Mário Araújo. Sem a sua dedicação às históricas “Escolas do Desportivo”, provavelmente, não estávamos aqui a comemorar esta bonita efeméride.

O Gomercindo e todos os seus Companheiros, que já não estão entre nós, talvez estejam lá em cima a sorrir, orgulhosos, por saberem que tudo aquilo por que lutaram, valeu a pena. Até mesmo os anos de cárcere, injustos, e quase sempre sem culpa formada, de que foram vítimas.



Luís Alves Milheiro
Presidente da Direcção da SCALA

Sociedade Filarmónica Incrível Almadense



A Sociedade Filarmónica Incrível Almadense tem Sede e Ginásio no Largo Luís de Camões e Salão de Festas na Rua da Incrível Almadense, em Almada. Possui uma massa associativa de cerca de 5000 sócios.

A S.F. Incrível Almadense foi fundada em 1 de Outubro de 1848. Aos 92 anos de existência (1940), foi-lhe concedida, pelo Presidente da República a Ordem de Beneficência e em 1980, o Estado Português atribuiu-lhe o Estatuto de Utilidade Pública. Muitas outras distinções a bafejaram por direito próprio, diplomas de honra, homenagem de mérito e agradecimento, ao longo dos seus mais de 165 anos de vida.

Desenvolve múltiplas actividades culturais para valorização pessoal dos seus associados em particular e dos almadenses em geral. Banda Filarmónica e Escola de Música, Teatro, Cursos de alfabetização, Canto Coral, Biblioteca, Cinema entre outras e ainda modalidades desportivas como Ginástica de várias disciplinas, Dança competitiva e de salão. É indubitavelmente a colectividade mãe do movimento associativo almadense que os almadenses veneram reconhecidamente pelo caminho percorrido.

Uma nota que queremos tornar pública por justiça e merecimento: foi a primeira colectividade a ser contactada para a instalação dos Cursos de Cultura Geral após a saída destes da Cooperativa Piedense e, onde Gomercindo Carvalho efectuou a primeira conferência sobre a emancipação e os Direitos da mulher.

Sociedade Filarmónica União Artística Piedense

As Escolas do Desportivo têm contado incondicionalmente com o apoio da SFUAP, pela cedência do seu Cine Ginásio, onde têm realizado as iniciativas de maior relevo que têm mobilizado mais de 200 pessoas. Esta associação foi fundada em 23 de Outubro de 1889, numa altura em que a região se foi industrializando.

A progressiva alteração do tecido social e urbano, motivada também pela deslocação dos trabalhadores rurais para a zona ribeirinha (Margueira, Mutela e Caramujo) concentrou populações antes dispersas pelos campos do interior. Aos poucos vai surgindo a ideia do associativismo e da sua força colectiva como forma de evolução do novo trabalhador, através das Artes e do Ensino. Um novo espírito de classe foi consciência obtida pela actual situação. Era agora necessário interessar o Homem pelos valores que proporcionassem a sua ascensão cultural.

Imperava a vontade dos Homens movida pela necessidade geradora do Progresso! Criar uma Colectividade como ponto de Reunião era função primordial a tais intentos. De um grupo alargado de consciências mais abertas para o Futuro, logo 12 dos mais audazes e determinados foram nomeados para a tarefa e missão que se impunha: fundar uma escola primária para as crianças, filhos dos trabalhadores, e mais tarde também para os adultos e uma Banda de Música Filarmónica, eram as prioridades iniciais, pouco depois ampliadas à criação de um Grupo de Teatro e uma Biblioteca.

E os 12 mais audazes foram:

.....
**José António Gomes, Domingos da Saúde,
António Francisco Caramelo,
Artur Ferreira de Paiva, António Pedroso,
António Vicente Padrão, Carlos Ahrends,
Daniel Andrade, Francisco Maria Batista,
Manuel Tavares, António Xavier Araújo
e Salustiano Andrade Paiva.**
.....



Estas foram, entre outras, algumas das fundamentais conjunturas que levaram à fundação da prestigiosa Sociedade Filarmónica União Artística Piedense.

Hoje a Sociedade, como é vulgarmente conhecida, dispõe de imensas actividades de que se destacam a escola de música e a banda filarmónica que fazem jus ao seu nome.

Mas também dispõe de piscinas onde se formam nadadores para competição - com uma selecção de sete nadadores participam no Campeonato da Europa de Juniores de águas abertas - aonde se pratica a hidromobilidade, a hidroginástica, a natação de bebés. E também as artes marciais como Judo, Iaido, Aikido, e outras actividades como Pilates, ginástica rítmica, ballet, dança contemporânea, atletismo e campismo.

Sendo uma das associações centenárias do Concelho de Almada, mantém as características com que foi formada: trabalho voluntário dos seus dirigentes, modalidades a preços módicos para os seus associados, preocupação com o bem-estar da população da Cova da Piedade. Está reconhecida como instituição de utilidade pública.



Luís Manuel Delgado Gonçalves
Presidente da Direcção da da SFUAP

Há cerca de 10 anos que temos o privilégio de manter contactos muito estreitos, de várias ordens, com as Escolas Noturnas do Clube Desportivo da Cova da Piedade. É esse também o tempo já decorrido no desempenho da função de Presidente da Direcção da Sociedade Filarmónica União Artística Piedense.

Esta circunstância permite-nos assim uma abordagem em duas perspetivas distintas.

Por um lado, a vivência diretamente experimentada entre as duas instituições, de cerca de uma década, rica de emoções e empenho mútuos que se tem traduzido na realização de inúmeras parcerias. Das mais recentes podemos destacar duas iniciativas

públicas de comemoração do 25 de Abril, no Complexo Municipal dos Desportos Cidade de Almada, por ocasião dos 30 anos e na Cooperativa Piedense, aquando dos 35 anos da revolução dos cravos. Mas também as comemorações do 4 de Outubro e a homenagem que o povo de Almada quis fazer a Mário José d' Araújo.

Uma segunda vertente, resulta do conhecimento entretanto adquirido da vasta e antiga ligação entre as Escolas do Desportivo e a Sfuap, desde a fundação daquelas, há cerca de 50 anos.

E aqui, nalguns casos, a memória dilui-se, noutros confundem-se propósitos e objetivos, já que ambas as instituições se posicionaram sempre no mesmo lado da barricada e assumiram trabalho coletivo.

Há 50 anos, como ainda hoje, subsiste um objetivo comum, que é a formação cívica dos cidadãos.

Umas vezes esse objetivo tem sido concretizado através da melhoria da escolaridade e outras através da formação cultural e desportiva.

Mas o que fica e importa realçar, é sobretudo o sentimento de união e de cooperação fraterna, que ambas as instituições, ainda hoje, são desafiadas a continuar.

Para tal contribui decisivamente a contínua e crescente diminuição das condições de vida da nossa população, a que temos vindo a assistir, sobretudo nos últimos anos, em paralelo com a persistente desresponsabilização do Estado no cumprimento dos seus deveres básicos perante os cidadãos, em atropelo constante à Lei fundamental, que é a Constituição da República Portuguesa.



União de Resistentes Antifascistas Portugueses

A URAP - União de Resistentes Antifascistas Portugueses - é uma associação que foi fundada em 30 de Abril de 1976 mas que surge na sequência da antiga Comissão de Socorro aos Presos Políticos criada durante a ditadura fascista e que lutava pela libertação dos presos políticos e apoiava as suas famílias.

Hoje a URAP, que reúne antigos presos políticos e democratas antifascistas, tem desenvolvido a sua acção na defesa dos ideais do 25 de Abril e da Democracia. Alerta para medidas que põem em causa as conquistas de Abril, denuncia actividades das forças reaccionárias, promove e participa em iniciativas de carácter democrático e antifascista. Dir-se-ia que a sua actividade já não se justifica depois da Revolução dos Cravos, mas não nos podemos esquecer que a Revolução derrubou o regime fascista mas não acabou com os fascistas!

Num momento histórico em que as forças de extrema direita se levantam por todo o Mundo, a URAP detém um papel fundamental na luta contra a guerra, pela paz e pela democracia. A URAP - Cova da Piedade - Almada desenvolve a sua actividade guiando-se por estes princípios, tendo uma das suas mais importantes iniciativas incidido sobre a Guerra Civil de Espanha que deixou marcas em toda a Península Ibérica.

URPICA

União dos Reformados, Pensionistas e Idosos do Concelho de Almada

Actividades sócio-culturais levadas a efeito pelas Escolas do Desportivo em parceria com a URPICA, realizadas nas instalações desta última.

Apresentação dos seguintes livros dos autores:

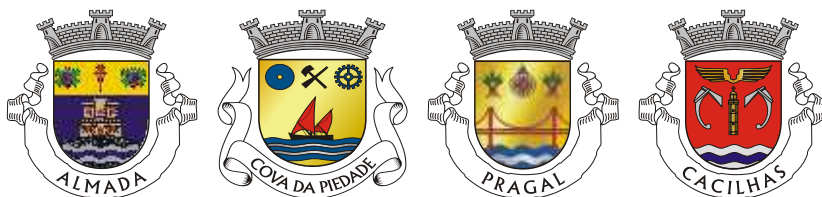
- Manuel Rodrigues: *Disseste o meu nome*;
- Jaime Serra: *Eles têm o direito de saber*;
- Jaime Serra: *O abalo do poder*;
- Américo Leal: *Reforma Agrária*;
- Álvaro Cunhal: *A arte o artista e a sociedade*.



URPICA



União das Freguesias de Almada, Cova da Piedade, Pragal e Cacilhas



A União das Freguesias foi criada em 2013. Durante o período 1998-2013 foi a Junta de Freguesia da Cova da Piedade quem deu um apoio consequente às Escolas do Desportivo.

Junta de Freguesia da Cova da Piedade

Acova da Piedade é uma freguesia do concelho de Almada, com 1,28 km² de área e 19904 habitantes (2011). Com uma densidade de 15550 hab/km², uma das maiores densidades populacionais do país. Faz parte integrante da cidade de Almada. Faz fronteira a norte com a freguesia de Almada, também a norte e a oeste com o Pragal; a sul com o Laranjeiro e o Feijó, a leste com o Rio Tejo, e a nordeste com Cacilhas.

A freguesia foi criada em 7 de Fevereiro de 1928. Até 1985 compreendia as freguesias do Laranjeiro e do Feijó que, nesta data, se tornaram independentes. Hoje é composta pelas localidades da Ramalha, Barrocas, Caranguejais, Romeira, Pombal e Bairro.

A Cova da Piedade é uma das freguesias urbanas da Cidade de Almada. Encontramos referências ao lugar desde a Idade Média, onde a desaparecida igreja de São Simão era local de culto e veneração. Nesta região de quintas e beira-rio, a população dividia-se entre a agricultura, pequenas unidades piscatórias, algumas actividades artesanais como tanoeiros, sapateiros, carpinteiros navais, oleiros e outros. Era ainda terra de almocreves que ajudavam na descarga e transporte de mercadorias e produtos hortícolas de e para Cacilhas, beneficiando da proximidade de Lisboa.

Nos anos de 1960 chegou a ser uma importante freguesia naval, com a construção do estaleiro da Lisnave. Com o seu desmantelamento tem vindo a transformar-se numa freguesia de comércio e serviços.

O número de colectividades da freguesia é de 23, envolvendo mais de 50 mil cidadãos nas suas actividades, existindo ainda três instituições de solidariedade social que beneficiam aproximadamente cinco mil utentes.

Duas das preocupações dos eleitos da Cova da Piedade são as crianças e os idosos. A Freguesia tem quatro escolas do Ensino Básico de primeiro ciclo, frequentadas por 900 crianças, um jardim-de-infância de ensino Público e três IPSS, onde mais de 400 crianças frequentam o ensino Pré-escolar. A pensar em todas estas crianças a Junta de Freguesia realiza, pelo Natal, no Dia da Criança, nas festas de Nossa Senhora da Piedade e no Aniversário da Freguesia diversos espectáculos, animações desportivas e lúdico-culturais, com a oferta de livros, jogos, brinquedos, T-shirts, balões, etc, no intuito de colaborar com pais e professores em todo o processo educativo.

Existem também a Escola Comandante Conceição e Silva (de 2º e 3º ciclos) e a Escola Secundária Emídio Navarro. Em relação aos idosos tem sido implementado todo um programa de actividades desportivas e sociais integrados no “Alma Sénior” (natação, hidroginástica, desporto), espectáculos musicais e saídas de interesse cultural. A Junta apoia ainda instituições que prestam apoios de cuidados domiciliários e de centro de dia. As Escolas do Desportivo são uma das associações que sempre contaram com o apoio da Junta da Piedade que subsidiou algumas actividades e que tem participado na divulgação das Escolas e dos seus cursos, afixando cartazes nas suas vitrinas.

União das Freguesias de Laranjeiro e Feijó



A União de Freguesias foi criada em 2013 no âmbito da reforma administrativa nacional, pela agregação das antigas freguesias de Laranjeiro e Feijó, ficando a sua sede no Laranjeiro.

Junta de Freguesia do Laranjeiro

O laranjeiro é uma freguesia do concelho de Almada com 20988 habitantes (2011) e com 3,88km² o que traduz uma densidade populacional de 5415,2 hab/km². Integra o concelho de Almada e confronta-se geograficamente a norte com a freguesia da Cova da Piedade, a poente com a freguesia do Feijó, a nascente com o rio Tejo e a sul com a freguesia de Corroios, esta última pertencendo já ao concelho do Seixal.

Antigo lugar do termo e Freguesia de Almada, a povoação de Laranjeiro é hoje, uma das onze freguesias do Concelho de Almada.

Nos seus primórdios, era conhecido como local de passagem, ligando o sul do concelho a Cacilhas e à Vila de Almada, através da estrada que passando pelas Barrocas e Cova da Piedade conduzia à Mutela. Tratava-se de um amplo espaço rural onde pontificavam várias quintas, com as respectivas casas senhoriais.

Elevada à categoria de Freguesia em 4 de Outubro de 1985, em consequência da aprovação, por parte da Assembleia da República do Decreto-Lei 126/85, o território da Freguesia de Laranjeiro, constitui hoje um espaço urbano, o qual, conjuntamente com o das Freguesias de Almada, Cova da Piedade, Cacilhas, Feijó e Pragal, integram a actual Cidade de Almada.

Com uma área de 400 ha fica situada a nascente do Concelho e confronta a Sul com a freguesia de Corroios (concelho do Seixal), a norte com a freguesia da Cova da Piedade, a poente com a freguesia de Feijó e a nascente com o mar da Palha, abrangendo toda a área actualmente ocupada pela Base Naval de Lisboa – no Alfeite.

O apoio ao associativismo e a ligação às Escolas do Desportivo fizeram sempre parte da missão governativa da Junta de Freguesia. Ainda recentemente e

nesse âmbito, por ocasião das comemorações do 67º Aniversário do Clube Desportivo da Cova da Piedade, instituição com largas tradições no nosso concelho, decorreu no auditório do Estádio Municipal José Martins Vieira uma cerimónia solene que contou com a presença do Presidente da União das Freguesias de Laranjeiro e Feijó, Luís Palma.

Além dos discursos alusivos ao momento, a ocasião foi também marcada pela imposição dos emblemas de prata e ouro, aos sócios do clube que perfizeram 25 e 50 anos de filiação.

Convidado a dirigir algumas palavras aos presentes, o Presidente Luís Palma enalteceu as qualidades deste clube, que sendo desportivo teve sempre uma preocupação cultural e educativa, (...) *“tendo desde a primeira hora até hoje um papel importante na formação de muitas crianças e jovens, não esquecendo a educação para adultos, conhecida como Universidade do Povo na qual se consciencializaram politicamente muitos operários e marinheiros desta terra”*. Lembrou ainda que o actual Presidente da Câmara, Joaquim Judas, foi professor nas Escolas do Desportivo e que o patrono do Estádio, José Martins Vieira, para além de atleta do clube foi o primeiro presidente do Município após o 25 de Abril”.

Câmara Municipal de Almada



Almada tem uma área de 71Km², localiza-se na margem esquerda do rio Tejo, fazendo fronteira com o concelho do Seixal a Leste e com o concelho de Sesimbra a Sul. A Oeste o concelho de Almada é rodeado pelo Oceano Atlântico. Pertence ao distrito de Setúbal e à Área Metropolitana de Lisboa.

Segundo o Censo de 2011, o concelho tem 174 030 habitantes, 72 236 famílias, 101 619 habitações, 34 750 edifícios. 81 500 habitantes constituem a população activa do concelho, que corresponde a uma taxa de actividade de 50,6%. Actualmente existem mais de 500 instituições, formais e não formais, das quais mais de uma dezena são centenárias, que fazem de Almada a capital do associativismo.

Após o 25 de Abril, com o Poder Local Democrático, Almada cresceu e desenvolveu-se, planeou e inovou nos processos de participação, afirmou-se na Área Metropolitana de Lisboa.

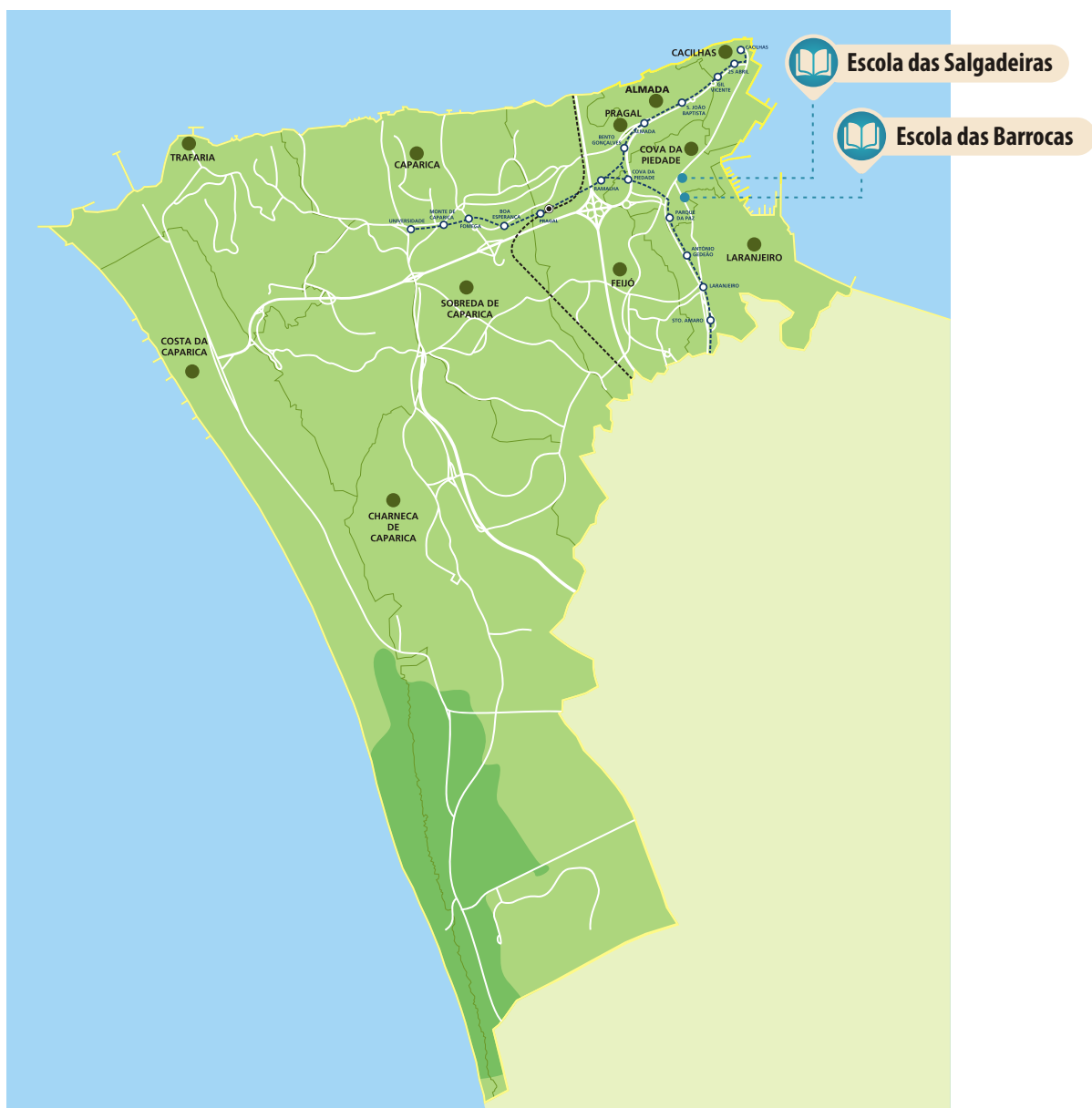
A Câmara de Almada fixou objectivos para as fases do desenvolvimento concelhio, os quais foram desde logo assumidos ao nível do planeamento urbanístico, e consagrados em instrumentos de gestão do território.

O planeamento e a infraestruturação, com a elaboração de planos de urbanização para 90% do território concelhio alcançados em meados dos anos oitenta, a par da elaboração do Plano Interconcelhio de Ordenamento da Circulação e do Plano Municipal de Saneamento Básico, constituíram os principais objectivos da primeira fase de desenvolvimento do concelho.

Na segunda metade dos anos 80 avançou-se para a elaboração do Plano Director Municipal e estabeleceu-se o “Desenvolvimento Integrado” como objectivo central para a segunda fase da estratégia de desenvolvimento do concelho.

Nos anos noventa – Década do Desenvolvimento Integrado –, o Plano Director Municipal começou a ser implementado e trabalhou-se para a concretização dos respectivos objectivos estratégicos, previamente fixados. Com o novo milénio o Município iniciou uma nova fase: o “Desenvolvimento Sustentável e Solidário”.

Embora se considere que agora é que se iniciou o desenvolvimento solidário, a verdade é que a Câmara Municipal de Almada sempre se mostrou solidária com o Movimento Associativo Popular do Concelho.



As Escolas do Desportivo sempre contaram com o seu apoio, particularmente do Pelouro da Cultura, para a realização das suas iniciativas, apoio financeiro e logístico, com a cedência dos seus espaços culturais: Oficina da Cultura, Fórum Romeu Correia, Sala Pablo Neruda, Salão de Cinema.

Como os próprios eleitos afirmam, sendo Almada a “Capital do Associativismo Popular”, é nele que é feito um grande investimento, quer em recursos quer em meios humanos. Reafirma-se assim uma das características de Almada: a integração de novas populações através do associativismo.



ANEXOS



QUADRO DE HONRA DAS PERSONALIDADES

Ao logo dos seus 50 anos as Escolas do Desportivo convidaram inúmeras personalidades para nos falarem de Cultura. Procurámos elaborar uma lista o mais completa possível. Pedimos desde já desculpa pela omissão de quem eventualmente não esteja citado no quadro que a seguir publicamos. É um lapso só explicado por ter passado meio século sobre a fundação das Escolas. A todos queremos agradecer o contributo fundamental que deram à formação cultural e cívica dos alunos e de outras pessoas que nos têm acompanhado.

Alexandre Babo	ESCRITOR
Alexandre Castanheira	PROFESSOR, ESCRITOR
Alfredo Flores	MÚSICO
Almeida Faria	ESCRITOR
Álvaro Cunhal	SECRETÁRIO GERAL DO PCP
Álvaro Salema	JORNALISTA, ESCRITOR
Alves Redol	ESCRITOR
Armando Caldas	ACTOR, ENCENADOR
Assis Esperança	ESCRITOR
Carlos Carvalhas	POLÍTICO
Carlos Paredes	MÚSICO
Correia da Fonseca	JORNALISTA
Fernanda Lapa	ACTRIZ, ENCENADORA
Fernando Alvim	MÚSICO
Fernando Correia	JORNALISTA
Fernando Gusmão	ACTOR, ENCENADOR
Fernando Lopes Graça	MÚSICO, COMPOSITOR
Ferreira de Castro	ESCRITOR
Gastão Cruz	POETA
Herberto Goulart	ECONOMISTA
Jaime Serra	DIRIGENTE POLÍTICO, DEPUTADO
João Aguiar	ESCRITOR
João Goulão	MÉDICO
Jorge Messias	ESCRITOR, JORNALISTA
José Carlos de Vasconcelos	JORNALISTA
José Martins	ESCRITOR, POLÍTICO
José Tavares da Cruz	ECONOMISTA
Lima de Freitas	ARTISTA PLÁSTICO
Lindim Ramos	ECONOMISTA
Luís Vicente	BIÓLOGO
Manuel Rodrigues	POLÍTICO
Manuel Viana	ESCRITOR
Matilde Rosa Araújo	ESCRITORA
Miguel Urbano Rodrigues	JORNALISTA, ESCRITOR
Morais e Castro	ACTOR, ENCENADOR
Odete Santos	ADVOGADA, DEPUTADA
Óscar Lopes	PROFESSOR, ESCRITOR
Rogério Paulo	ACTOR, ENCENADOR
Romeu Correia	ESCRITOR
Sérgio Ribeiro	ECONOMISTA
Severiano Falcão	POLÍTICO
Urbano Tavares Rodrigues	PROFESSOR, ESCRITOR

QUADRO DE HONRA DOS ALUNOS

Cursos mais procurados

No que respeita aos cursos mais procurados, podemos constatar uma enorme multidisciplinariedade e uma preferência pela área das Ciências Sociais. Assim temos: Psicologia: 38 alunos, Direito 26, História 17, Sociologia 14, Informática 9, Gestão 8, Antropologia 7, Filosofia 7, Ciência Política 5, Arquitectura 3, Enfermagem 3 e Geografia 2.

A tabela de alunos admitidos no Ensino Superior entre 1998 a 2013 que se segue, não pretende de modo algum criar qualquer forma de diferenciação com base na segregação e no elitismo, já que muitos outros alunos, igualmente com capacidades e competências suficientes para aceder ao ensino superior, não o conseguiram em grande parte, por questões de índole pessoal. Pretende assim, apenas demonstrar a pluridisciplinariedade dos cursos académicos a que os nossos alunos acederam, o que espelha igualmente a abrangência disciplinar do grupo docente das Escolas do Desportivo da Cova da Piedade.

Alunos admitidos no Ensino Superior entre 1998 a 2013	Cursos
Alcina Maria Ramos	ENFERMAGEM
António Correia	HISTÓRIA
António dos Santos Santinho	DIREITO
António Manuel Cardoso Pombeiro	GEOGRAFIA (PLANEAMENTO)
Belmiro José da Silva Ribeiro	DIREITO
Carina da Costa Gomes	ASSISTENTE SOCIAL
Cátia Alexandra Mandes Matos	PSICOLOGIA
Cecília M ^a dos Santos Silva	ESTUDOS AFRICANOS
Cristina Mendes Afonso	SERVIÇO SOCIAL
Deolinda Nunes	DESENVOLVIMENTO COMUNITÁRIO
Eduardo Pádua	ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA
Elisabete de Jesus Ferreira Gil	SOCIOLOGIA
Fernando António Rodrigues Fernandes	DIREITO
Fernando Luís Silva Alvoeira da Costa	CIÊNCIA POLITICA
Filomena Gaspar	SOCIOLOGIA
Florival Coelho	ESTUDOS PORTUGUESES E LUSÓFONOS
Francisco de Carvalho Martins	CIÊNCIAS SOCIAIS
Francisco Manuel Lopes Pais	DIREITO
Hugo Oliveira Lima de Almeida	ANTROPOLOGIA
Isabel M ^a Ramos Marinho	CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
João Carreira Gentil	GEOGRAFIA (PLANEAMENTO)
João Gordo Martins	GEOGRAFIA (PLANEAMENTO)
João Granadeiro	HISTÓRIA
João José Monteiro	SOCIOLOGIA
João Paulo de Sousa Dias Ribeiro	AGRONOMIA
Jorge Manuel Costa Silva Valente	ADMINISTRAÇÃO E CONTAS
José António de Almeida Martins	DIREITO
José Augusto Martins Gonçalves	ARQUITETURA
José Joaquim Catalino dos Santos	CIÊNCIA POLÍTICA
Licínio Rodrigues da Fonseca	DIREITO
Liliana Floriana Ulici	DIREITO
Luís Armando Tocha Lopes	HISTÓRIA
Luís Francisco Fontes Ferreira	PSICOLOGIA SOCIAL E DAS ORGANIZAÇÕES
Luís Tavares Rodrigues	PSICOLOGIA SOCIAL E DAS ORGANIZAÇÕES
M ^a do Rosário D. dos Santos de Arriaga	SOCIOLOGIA
M ^a Emília Batista Almeida Guerreiro	SOCIOLOGIA
M ^a Ivone Paulo do Nascimento Marques	ANTROPOLOGIA
M ^a José Costa Rafael	SOCIOLOGIA
Miguel Ângelo de Sousa Martins Rei	HISTÓRIA
Olga Maria Domingos	SOCIOLOGIA
Paulo Armando S. Jardim Alves Borges	DIREITO
Paulo Jorge Peneda	ANTROPOLOGIA
Paulo Jorge Pereira de Jesus	CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO
Pedro Manuel Lago	SOCIOLOGIA
Ricardo Jorge Gameiro da Silva Araújo	DIPLOMACIA
Rui Jorge Palma de Sousa Martins	ESTUDOS AFRICANOS
Rute Lopes Xavier	SOCIOLOGIA
Thaiana Gonçalves Mello Monteiro	GESTÃO
Vânia Isabel Raposo Dimas Casanova	CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
Vítor Ribeiro Antunes	CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO

AS ACTAS

AS ACTAS DO CLUBE DESPORTIVO DA COVA DA PIEDADE E OUTROS DOCUMENTOS REFERENTES ÀS ESCOLAS

As Direcções do Clube Desportivo da Cova da Piedade sempre acompanharam, de forma empenhada, a formação e o desenvolvimento da Escola Pré-primária e da Escola Nocturna de Cursos dos Liceus e de Cultura Geral do Clube. Uma análise feita às Actas do Clube Desportivo revelam esse mesmo interesse e acompanhamento. Por outro lado, quer a Cooperativa Piedense e mesmo o Museu da Cidade de Almada mostraram sempre um grande interesse pela sua actividade. Esta análise deveria ter sido feita pelo Professor António Malta que fez uma recolha exaustiva da documentação, mas infelizmente para todos nós, o Professor faleceu de forma súbita. Assim, o seu trabalho foi continuado pelo Professor António Ramos.

Análise das Actas sobre as Escolas do Desportivo

Fomos convidados a procurar fazer uma análise breve do levantamento de dados realizado pelo professor António Malta, tarefa que havia recebido em nome da Comissão Preparatória das Comemorações dos 50 anos das Escolas do Desportivo.

António Malta fora incumbido de consultar as fontes informativas constituídas pelas Actas de Direcção e Assembleias Gerais do Clube e ainda da Cooperativa Piedense, bem como todas as outras que pudesse compulsar junto de outras associações bem como as fontes periódicas do Concelho (Jornal de Almada, Boletins associativos) e outras que houvesse.

Ficou na altura, com essa missão pois a ele caberia fazer uma análise dessas fontes. Infelizmente não pôde concluir a tarefa. Contudo, uma primeira nota merece este nosso apontamento: o seu levantamento das referidas fontes foi realizado de forma tão exaustiva quanto rigorosa, anotando de forma meticulosa todos os registos que encontrou desde 1959 até aos nossos dias, numa pesquisa onde desde o início procurou o cruzamento informativo para melhor fundamentar de forma científica as conclusões que procurava. Desse trabalho notável, não pela extensão ou volume mas pelo rigor das notas de pesquisa, damos conta noutra parte deste livro com a sua transcrição. Posta esta necessária introdução, o que podemos para já concluir?

Em primeiro lugar devemos registar que o Clube Desportivo da Cova da Piedade vinha assumindo com especial carinho desde 1948 a manutenção de uma escola pré-primária para os seus associados. Esta iniciativa coaduna-se com um espírito associativista profundamente ligado ao meio social envolvente onde imperava uma realidade de enormes dificuldades económicas, sociais e culturais que eram as do operariado local.

Procurando combater essa triste realidade através do fomento das práticas desportivas, não se esquecia o Clube, os seus dirigentes e a massa associativa, de outras necessidades nomeadamente as culturais ao nível da instrução.

Desde 1959 os registos compulsados dão prova dessas preocupações no que à escola se referem. De notar o carinho com que bastas vezes a escola é referida bem como seu funcionamento em prol de crianças que assim podiam aprender e preparar-se adequadamente.

Em segundo lugar fica claro como a partir de 1963 o Clube acarinha a iniciativa de acomodar nas suas instalações o Curso de Cultura Geral, primeiro, e depois o Curso dos Liceus. Esta medida, tomada após várias discussões argumentativas e sem oposição (evidenciada em actas), revela um espírito de matriz claramente

democrático por parte dos sócios do Clube. Transitando estas iniciativas da Cooperativa Piedense para o Clube e tendo na sua génese fundadora pessoas não sócias, estas decisões do Clube Desportivo atestam uma consciência associativa assaz avançada e progressista mesmo para a época. Estavam constituídas aquilo a que se passaram a chamar com propriedade as “Escolas do Desportivo”

Alguns anos depois, já em 1970, quando os fundadores dessas iniciativas (Cultura Geral e Cursos dos Liceus) são acolhidos por unanimidade no seio da massa associativa do Clube como “sócios de mérito”, cumpria-se a rigor o justo e profundo reconhecimento cívico pelo trabalho então efectuado, trabalho esse em prol não só dos associados mas de todos os Piedenses. Naturalmente que o Clube também saía engrandecido pelo prestígio que granjeara ao ter albergado essas iniciativas de Instrução e Cultura.

De forma embora subentendida (questões de despesas) dá para se entender, como o avanço das conquistas democráticas, dada a criação de uma nova rede escolar que supriu todas as necessidades educativas quer da freguesia quer do concelho, contribuíram para terminar com as Escolas do Desportivo.

Em terceiro lugar, o respigar de umas entrevistas dadas ao Boletim da Secção Cultural (bibliotecária) em 1963, vêm colocar em relevo o pensamento dos organizadores do Curso dos Liceus, obra inédita no país pelo que temos conhecimento. Nessas entrevistas podemos acompanhar a argumentação de como um Clube de génese desportiva podia e devia desenvolver outras actividades de cariz cultural e como isso não era contraditório, antes complementar. O desenvolvimento do ser humano na sua integridade total, física e espiritual segundo o ideal clássico, era a visão defendida e praticada. Era, e continua sendo, uma visão revolucionária.

Naturalmente que outros aspectos há merecedores de análise e que os registos de António Malta dão conta: aspectos relativos a preocupações financeiras, de resolução organizacional, voluntariado associativo e outras incluindo preciosos dados sobre estatística de presenças em assembleias gerais. Respigamos ainda o “clima” de entrega dos sócios à resolução dos problemas da colectividade, o seu “O Clube”, através de algumas intervenções algo apaixonadas.

Estamos em crer, pela nossa parte, que essas e outras análises poderão ser feitas pelos leitores, agora que têm acesso a esses registos, também eles tomados de forma empenhada e apaixonada, numa total entrega de muitas dezenas de horas (meses), não contabilizadas, por António Malta. Resta-nos a gratidão pelo seu trabalho.

António Alberto C. P. Ramos

ESCOLAS DO DESPORTIVO (DA COVA DA PIEDADE) 50.º ANIVERSÁRIO (1963-2013) ALMADA

LISTAGEM DOS LIVROS/DOCUMENTOS CONSULTADOS¹:

1. *Livro de Presenças da Assembleia Geral* – 130 fls. x 2 = 260 pp. não numeradas + 5 x 2 = 270 pp. (8, MAR, 1947-26, FEV, 1976)
2. *Livro de Actas da Assembleia Geral II* – 200 pp. numeradas (7, AGO, 1958- 7, DEZ, 1964)
3. *Cova da Piedade* – Boletim Mensal do C. D. C. P. – Edição da Comissão Bibliotecária – N.º: 4, Ano I, 20 de Julho de 1963 (12 pp. fotocopiadas em A3 : 2 = A4)
4. *Livro de Actas da Assembleia Geral III* – 100 fls. numeradas (no anverso) x 2 = 200 pp. (28, DEZ, 1964 – 21, JAN, 1971)
5. *Livro de Actas da Direcção* – 50 fls. numeradas (no anverso) x 2 = 100 pp. (9, AGO, 1968-13, JUN, 1969)
6. *Livro de Actas da Assembleia Geral IV* – 200 fls. (numeradas no anverso, de 1-200) x 2 = 400 pp. (3, JUN, 1971-16, JUL, 1987)
7. *Livro de Actas da Direcção* – 100 fls. numeradas (no anverso, de 1-100) x 2 = 200 pp. – preenchidas, apenas, até à *Acta n.º 25*, de 29 de Março de 1974 (1, AGO, 1971-29, MAR, 1974) isto é, até à p. 85v
8. *Estatutos do CDCP* – 32 pp. + capa, em formato A5 - (aprovados na Assembleia Geral de 30 de Junho de 1967)
9. *Livro de Actas da Direcção* – 50 fls. numeradas (no anverso, de 1-50) x 2 = 100 pp. – iniciando, no verso da f. 1, com a continuação da *Acta n.º 16*, de 12 de Janeiro de 1979 (12, JAN, 1979-30, NOV, 1979)
10. *Livro de Actas da Direcção e Corpos Gerentes de 1981* – 100 fls., das quais apenas as primeiras 25 numeradas (no anverso) e preenchidas apenas até ao anverso da f. 3 (24, ABR, 1981-10, DEZ, 1984)
11. *Livro de Actas da Direcção* – 50 fls. numeradas (no anverso) x 2 = 100 pp. (6, AGO, 1981-22, OUT, 1982)
12. *Livro de Actas da Direcção* – 50 fls. numeradas (no anverso) x 2 = 100 pp. (22, OUT, 1982-4, MAIO, 1984)
13. *Livro de Actas da Direcção* – 50 fls. numeradas (no anverso) x 2 = 100 pp. – iniciando com a conclusão da *Acta* de 4 de Maio de 1984 - (4, MAIO, 1984-29, MAR, 1985)
14. *Livro de Actas da Direcção* – 50 fls. numeradas (no anverso) x 2 = 100 pp. (3, ABR, 1985-1, JUL, 1988)
15. *Livro de Actas da Direcção* – 100 pp. numeradas frente e verso, escritas apenas até à p. 87, inclusive (9, AGO, 1968-13, JUN, 1969)
16. *Livro de Actas da Direcção* – 50 fls. numeradas (no anverso) x 2 = 100 pp. (20, SET, 1990-29, MAIO, 1992)
17. *Programa de Acção Directiva para o Biénio 1990/92* (candidatura encabeçada por Jaime João Santos Rocha, como Presidente da Direcção)
18. *Programa de Acção Directiva para o Biénio 1992/94 – Redobrar Esforços, Superar Dificuldades*
19. *Relatório da Direcção – Referente ao Exercício do Biénio de 1990/1992*
20. *Candidatura – Biénio 2012/2014* – 8 pp. (candidatura encabeçada por Manuel José Garção Branquinho, como Presidente da Direcção)
21. *Jornal de Almada* (1957-1977) – Semanário Regionalista, Almada.
22. ABREU, Carlos & BRANCO, Francisco (1984) – *Associativismo – Tradição e Arte do Povo de Almada*, Almada, Ed. Câmara Municipal de Almada.
23. COSTA, Ana, LUZIA, Ângela & JULIÃO, José (2007) – *Associativismo e Cidadania – Exposição sobre o Movimento Associativo em Almada*, Almada, Ed. Museu da Cidade/ Câmara Municipal de Almada.
24. *Actas da Direcção da Cooperativa Piedense, de 1959 a 1963*².
25. [maltez.info/respublica/Cepp/anuario/secxx/ano\(s\)1963/1964/1965/1966/1967/1968/1969/1970/1071/1972/1973/1974/.htm](http://maltez.info/respublica/Cepp/anuario/secxx/ano(s)1963/1964/1965/1966/1967/1968/1969/1970/1071/1972/1973/1974/.htm)

+

¹ Na transcrição de excertos respeita-se a grafia, ortografia e sintaxe dos documentos originais (Nota do Editor: António Malta – NE:AM)

² Excertos em fotocópia – trabalho de pesquisa de Miguel Rei.

1. Livro de Presenças da Assembleia Geral – 130 fls. x 2 = 260 pp. não numeradas + 5 x 2 = 270 pp. (8, MAR, 1947-26, FEV, 1976³
(Apenas se refere a distinção de Assembleia Geral – AG Ordinária - Ord.^a e AG Extraordinária – Ext.^a, quando ocorrem, sucessivamente, na mesma data)

	<u>AG Tipo</u>	<u>Data</u>	<u>Presenças</u>	<u>AAGG Ano</u>	<u>Média Pres.</u>	
1.	AG	1947MAR08	100			
2.	<u>AG</u>	1947DEZ19	114	2	107	
3.	AG	1948JAN02	46			
4.	AG	1948MAIO11	69			
5.	AG	1948DEZ03	142			
6.	<u>AG</u>	1948DEZ10	83	4	85	
7.	AG	1949ABR15	66			
8.	<u>AG</u>	1949DEZ19	140	2	103	
9.	<u>AG</u>	1950DEZ15	72	1	72	
10.	AG	1951OUT05	64			
11.	<u>AG</u>	1951DEZ07	102	2	83	
12.	<u>AG</u>	1952DEZ19	46	1	46	
13.	AG	1953JAN16	41			
14.	AG	1953JUN08	46			
15.	<u>AG</u>	1953DEZ18	42	3	43	
16.	AG	1954JAN29	37			
17.	AG	1954MAR26	43			
18.	AG	1954AGO11	61			
19.	<u>AG</u>	1954DEZ22	20	4	40 ⁴	
20.	AG	1955JUL29	34			
21.	<u>AG</u>	1955DEZ16	29	5	32 ⁵	
22.	AG	1956JAN13	28			
23.	<u>AG</u>	1956DEZ17	26	2	27	
24.	<u>AG</u>	1957NOV28	52	1	52	<u>AG</u>
25.	AG	1958JUN27	15			
26.	AG	1958JUL16	29			
27.	AG	1958AGO07	33			
28.	AG	1958AGO21	43			
29.	AG	1958SET08	23			
30.	<u>AG</u>	1958DEZ22	18	6	27 ⁶	
31.	AG	1959JAN08	27			
32.	AG	1959MAIO12	47			
33.	AG	1959AGO17	31			
34.	AG	1959AGO24	29			

³ Apenas se refere a distinção de Assembleia Geral – AG Ordinária - Ord.^a de Extraordinária – Ext.^a, quando ocorrem, sucessivamente, na mesma data.

⁴ Arredondamento a partir da média de 40,25 presenças.

⁵ Arredondamento a partir da média de 31,50 presenças.

⁶ Arredondamento a partir da média de 26,83 presenças.

	AG Tipo	Data	Presenças	AAGG Ano	Média Pres.
35.	AG	1959DEZ21	24	5	32 ⁷
36.	AG	1960FEV11	29		
37.	AG	1960AGO22	29		
38.	AG	1960DEZ22	26	3	28
39.	AG	1961MAR31	31		
40.	AG	1961MAIO17	40		
41.	AG	1961JUL26	91		
42.	AG	1961AGO28	71		
43.	AG Ext. ^a	1961DEZ27	37		
44.	AG Ord. ^a	1961DEZ27	37	6	51 ⁸
45.	AG	1962FEV01	53		
46.	AG	1962ABR19	73		
47.	AG	1962MAIO03	52		
48.	AG	1962JUL03	45		
49.	AG	1962AGO02	60		
50.	AG	1962DEZ11	97		
51.	AG	1962DEZ27	35	7	59 ⁹
52.	AG	1963MAIO03	48		
53.	AG	1963JUN31	53		
54.	AG	1963OUT03	57		
55.	AG	1963NOV18	83		
56.	AG Ext. ^a	1963DEZ19	37		
57.	AG Ext. ^a	1963DEZ19	39	6	53 ¹⁰
58.	AG	1964FEV27	35		
59.	AG	1964MAIO12	58		
60.	AG	1964JUN21	36		
61.	AG	1964AGO18	47		
62.	AG	1964NOV09	42		
63.	AG	1964NOV20	61		
64.	AG	1964DEZ07	73		
65.	AG	1964DEZ28	47	8	50 ¹¹
66.	AG	1965MAR29	40		
67.	AG	1965MAIO24	69		
68.	AG	1965JUN25	61		
69.	AG	1965AGO10	42		
70.	AG	1965NOV22	54		
71.	AG	1965DEZ13	64	6	55
72.	AG	1966MAIO23	54		
73.	AG	1966JUL25	35		
74.	AG	1966DEZ06	72		
75.	AG	1966DEZ14	36		
76.	AG	1966DEZ22	48	5	49
77.	AG Ext. ^a	1967ABR26	37		
78.	AG Ord. ^a	1967ABR26 (39+46 ¹²)=85:2=42,5			
79.	AG	1967JUL12	49		

⁷ Arredondamento a partir da média de 31,60 presenças.

⁸ Arredondamento a partir da média de 51,16 presenças.

⁹ Arredondamento a partir da média de 59,28 presenças.

¹⁰ Arredondamento a partir da média de 52,83 presenças.

¹¹ Arredondamento a partir da média de 49,87 presenças.

¹² Continuação da AG (NE:AM).

	AG Tipo	Data	Presenças	AAGG Ano¹³	Média Pres.
80.	AG	1967NOV17	46		
81.	AG	1967DEZ27	55	5	45 ¹⁴
82.	AG	1968FEV29	45		
83.	AG	1968ABR22	50		
84.	AG	1968JUN30	50		
85.	AG	1968AGO09	48	4	48 ¹⁵
86.	AG Ord.^a	1969MAIO14	58		
87.	AG Ext.^a	1969MAIO14	57		
88.	AG	1966JUN26	39		
89.	AG	1966JUL18	35	4	47 ¹⁶
90.	AG	1970JUN29	114		
91.	AG	1970JUL15	62	2	88
92.	AG	1971JAN21	54		
93.	AG	1971JUN03	89		
94.	AG	1971JUN22	52		
95.	AG	1971JUN25	56		
96.	AG	1971OUT29	119		
97.	AG	1971DEZ22	85	6	76 ¹⁷
98.	AG	1972JUN07	125		
99.	AG	1972JUL13	41	2	83
100.	AG	1973MAIO28	139		
101.	AG	1973JUL02	95		
102.	AG	1973JUL09	46		
103.	AG	1973SET24	47	4	82 ¹⁸
104.	AG	1974FEV04	60		
105.	AG	1974JUN14	57		
106.	AG	1974JUL12	61		
107.	AG	1974JUL25	28	4	52 ¹⁹
108.	AG	1975ABR14	70		
109.	AG	1975JUN16	69		
110.	AG	1975JUL14	71		
111.	AG	1975AGO06	45		
112.	AG	1975AGO14	(60+33²⁰)=93:2=46,5		
113.	AG	1975OUT03	64		
114.	AG	1975OUT10	48		
115.	AG	1975OUT16	37		
116.	AG	1975OUT21	37		
117.	AG	1975NOV10	32	10	51 ²¹

¹³ Do ano de 1976 apenas se teve acesso a um registo de AG:1976FEV26 com 38 presenças, pelo que não é utilizado para o computo de **AAGG Ano** e **Média de Presença - Média Pres.** (NE:AM).

¹⁴ Arredondamento a partir da média de 45,33 presenças, para a qual se contabilizou 39+46 da AG Ord.^a (78) de 1967ABR26, dividindo-se, no final por 6.

¹⁵ Arredondamento a partir da média de 48,25 presenças.

¹⁶ Arredondamento a partir da média de 47,25 presenças.

¹⁷ Arredondamento a partir da média de 75,83 presenças.

¹⁸ Arredondamento a partir da média de 81,75 presenças.

¹⁹ Arredondamento a partir da média de 51,50 presenças.

²⁰ Continuação da AG (NE:AM).

²¹ Arredondamento a partir da média de 51,45 presenças, para a qual se contabilizou 60+33 da AG (112) de 1975AGO14, dividindo-se, no final por 11.

2. Livro de Actas da Assembleia Geral II – 200 pp. numeradas (7, AGO,1958- 7, DEZ, 1964) 198 pp. numeradas, onde se inscrevem as Actas, da número 26 à número 61.

Acta n.º 30 (12 de Maio de 1959), pp. 25-32:

[...]

“Intervém o Senhor Filipe Moreira [...]. Referindo-se a propósito à carreira do Clube desde a secção educativa e cultural à desportiva, diz ser francamente favorável, apesar de todos os azares e injustiças, inclusive financeiramente.”

p. 27

[...]

Acta n.º 31 (12 de Agosto de 1959), pp. 32-37:

[...]

“Manuel Francisco lembra que há uma proposta da mesa e que ainda não foi apresentada à Assembleia, a qual foi lida pelo presidente da Mesa, Senhor António Pereira da Costa.”

----- “Proposta” -----

- 1.º Que a partir desta data todos os associados auxiliares da classe B (senhoras), desde que tenham filhos ou tutelados matriculados na Escola Pré-Primária do Clube, passem a pagar mensalmente a cota mínima de 7\$50;
- 2.º Que igualmente os associados auxiliares da classe A (menores) desde que se encontrem matriculados na Escola Pré-Primária do Clube, passem a pagar mensalmente a cota mínima de 7\$50;
- 3.º Que atendendo ao elevado custo do material escolar, que seja elevada de 3\$00 para 5\$00 mensalmente a cota da Caixa Escolar;
 - a) Que esta alteração entre em vigor a partir do dia 1 de Outubro de 1959;
- 4.º Que se esta proposta for aprovada seja distribuída uma circular a todos os associados, dando conhecimento do seu conteúdo e da sua aprovação;
 - a) Que a referida circular seja distribuída com a maior brevidade.

Cova da Piedade, 12 de Agosto de 1959

O sócio n.º 110, Filipe Andrade Moreira.”

“Fala o autor da Proposta para melhor esclarecer a referida proposta.

O secretário da Direcção diz que tinha a actual Direcção uma proposta em estudo que ia previsivelmente ao encontro da mesma apresentada. Ficando a proposta em suspenso até a Direcção apresentar a sua mas com a maior brevidade visto o tempo de férias estar quase terminado.”

pp. 35-36

[...]

Acta n.º 32 (24 de Agosto de 1959), pp. 38-45:

“[...] entrando-se na ordem de trabalhos que era a seguinte:

- 1 – Eleição dos cargos vagos;
- 2 – Apreciação e discussão duma proposta para rever o castigo aplicado ao atleta António Silva Rendeiro;
- 3 – Apreciação e discussão de um regulamento da Escola Pré-Primária.

[...]

Entrou-se então no parágrafo 3.º - Apreciação e discussão dum regulamento para a Escola Pré-Primária.

O sr. Presidente da Mesa deu entrada à proposta do teor seguinte:

- “1 - A Escola Pré-Primária do Clube Desportivo da Cova da Piedade, destina-se unicamente a ministrar a instrução pré-primária às crianças de ambos os sexos, filhos de associados do clube, ou suas tuteladas e que se encontrem no pleno gozo dos seus direitos.
- 2 - Antes de dar ingresso na Escola, a criança será submetida a um exame médico e conforme as conclusões deste será ou não admitida.
- 3 - Só podem ser admitidas na Escola crianças de idade inferior a 5 anos.
- 4 - Todos os alunos que atingiram os 7 anos de idade não podem continuar a frequentar a escola.

- 5 - Após a admissão do aluno, os indivíduos referidos no artigo 1.º do presente regulamento além da cota mínima de associado efectivo de esc.: 7\$50 [...] ficam obrigados ao pagamento da matrícula escolar de esc.: 10\$00 e ainda cota mensal suplementar de esc.: 5\$00 destinada à Caixa Escolar.
- 6 - Verificando-se um atraso superior a 3 meses no pagamento da cota social ou escolar, a criança será demitida da escola.
- 7 - O disposto no artigo anterior, não será extensivo aos que demonstrarem estar inibidos de efectuar o pagamento por falta de trabalho ou doença.
- 8 - Será igualmente demitido o aluno que der 60 faltas consecutivas ou 90 interpoladas, durante o seu período de frequência escolar.
- 9 - Os alunos têm o direito aos serviços de enfermagem, sempre que deles necessitem e seus pais entendam beneficiar dessa regalia.
- 10- Aos alunos que atinjam sete anos será conferido um diploma de aproveitamento, que terá a seguinte norma classificativa:

ÓPTIMO APROVEITAMENTO; BOM APROVEITAMENTO; ou REGULAR APROVEITAMENTO.

- 11 - A todos os alunos será fornecido o material escolar indispensável, excepto livros.
- 12- A escola será regida por um director próprio bem como um substituto, os quais deverão reunir as condições morais e culturais indispensáveis para o cabal desempenho da sua missão.
§ único – A nomeação para estes cargos é feita por proposta da direcção e sancionada na Assembleia Geral.
- 13- A regência da Escola fica autorizada a administrar os fundos da mesma e a angariar sócios auxiliares, com cota a fixar, revertendo esse produto ao fundo de manutenção e expansão da Escola.
- 14- Este regulamento entra em vigor no dia 1 de Outubro de 1959 e anula todas as disposições vigentes até esta data.

Cova da Piedade, 24 de Agosto de 1959

A Direcção”

“*Este regulamento foi admitido e aprovado sem discussão, por voto unânime.*” pp. 40-42

[...]

Acta n.º 39 (26 de Julho de 1961), pp. 68-80:

[...]

“*A seguir foi lida outra proposta da Direcção do seguinte teor:*”

“Ex.mo Senhor Presidente da Mesa da Assembleia Geral do Clube Desportivo da Cova da Piedade – Cova da Piedade.

Presados consócios - A Direcção cõscia dos encargos que a subida de divisão trará e convencida do espírito que anima a massa associativa em contribuir para a manutenção do clube em tão importante prova, tem a honra de propor:

Alteração do Art.º 9.º do Estatuto e seu aditamento, aprovado em Assembleia Geral de 14/4/1949 para: sócios efectivos maiores: cota de 10\$00. – Sócios auxiliares da classe A – menores de 16 anos: cota mensal de 7\$50. – Sócios auxiliares da classe B – senhoras – cota mensal de 7\$50. Sócios auxiliares da classe A ou B, respectivamente matriculados na Escola Pré-Primária ou tutelados da classe B – cota mensal de 10\$00. Matrículas da Escola – 20\$00. – Que esta proposta merecendo aprovação tenha efeitos a partir de 1 de Agosto de 1961. A Direcção.”

“*Posta à discussão, como nenhum consócio quis fazer uso da palavra, foi a proposta imediatamente submetida à aprovação sendo aprovada por unanimidade.*”

pp. 69-70

[...]

Acta n.º 43 (30 de Maio de 1962), pp. 112-116:

[...]

“*Pedindo a palavra o Sr. Domingos Cabrita perguntou se devia falar na Escola uma vez dado início à ordem de trabalhos ou na meia-hora concedida? Discutido o assunto, foi de novo concedida a palavra ao Sr. Domingos Cabrita que pediu para lhe porem a claro a situação da Escola, sugerindo se seria criar nova Escola, ou se acabava a antiga.*”

Concedida a palavra ao director Sr. Mário Rodrigues este fez em resumida dissertação a análise ao problema, revelando ser intuito da Direcção aproveitar a Escola Antiga para um infantário aproveitando para escola pré-primária apenas uma das salas das novas instalações, isto por falta de verba pois as despesas prováveis orçavam por vinte e oito mil escudos.

O Sr. Presidente da Mesa [o Vice-Presidente, Sr. Nuno Telles Pinto (p. 112)] perguntou ao consócio Sr. Domingos Cabrita se estava satisfeito com o que havia dito o Director Mário Rodrigues, respondendo o Sr. Domingos Cabrita que de modo algum podia estar satisfeito pois era de opinião que a Escola Velha não podia acabar.

Fortes aplausos manifestaram a concordância da Assembleia com as palavras proferidas.

No uso da palavra o Sr. António Pereira Costa manifestou o mesmo sentir do Sr. Domingos Cabrita alvitando que se passasse para instalações novas o respectivo Infantário.

O consócio Sr. Mário Rodrigues objectou que a Escola da Rua das Salgadeiras não tinha condições pois se encontrava em péssimo estado.

O Sr. Filipe Moreira manifestou satisfação por ver na Assembleia caras de velhos amigos do clube, falando na Escola Velha como alicerce do clube; nos subsídios para ela dispensados e que são aplicados noutras actividades; manifestando a sua opinião de que havia viabilidade em manter a Escola da Rua das Salgadeiras, declarou que gostaria de se interessar por este assunto se para isso tivesse vida; [...]

No uso da palavra o Presidente da Direcção Sr. Armando Cardoso Rosa manifestou satisfação pela opinião do Sr. Domingos Cabrita dizendo que ela fizera modificar a opinião da Direcção quanto às Escolas solicitando a Filipe Moreira a comparência na secretaria do clube para falar no assunto. [...]

[...]

Pedindo a palavra o Sr. Clemente Sequeira [...] retirou o alvitre acrescentando o Presidente da Mesa que no futuro as Escolas eram possíveis e que quanto mais escolas melhor.

Terminado o período de meia-hora concedido, entrou-se imediatamente na ordem de trabalhos:

Proposta de alteração ao Regulamento da Escola Pré-Primária, aprovado em Assembleia Geral Extraordinária de 24/8/1959.

No uso da palavra o Sr. Presidente da Mesa leu a proposta feita pela Direcção, no quadro das alterações ao Regulamento, a verificar, fazendo sobre elas algumas considerações.

Concedida a palavra ao Sr. Domingos Cabrita disse este prezado associado não haver necessidade de se alterar o regulamento [...] pois isso iria com certeza criar controvérsias.

O Sr. Presidente da Mesa disse que lhe parecia haver necessidade, respondendo o Sr. Domingos Cabrita que talvez não.

[...]

[O Sr. Filipe Moreira no que se refere aos aumentos] Propondo-se ir estudar de novo a situação trocando em seguida impressões com a Direcção.

O Sr. Presidente disse não ver inconveniente no adiamento da Assembleia.

O Sr. Filipe Moreira no uso da palavra disse que a Escola Velha não tem problemas e que os encargos da nova orçam pelos dois mil e quinhentos escudos, para os encargos de expediente. Referiu algumas vantagens do Infantário e que tinham de arranjar subsídios na ordem dos dois mil e quinhentos escudos para não haver necessidade de aumento, dizendo ir solicitar auxílio ao Sr. Domingos Cabrita, não de dinheiro, acentuou, mas sim de opiniões.

[...]

O Sr. Manuel Francisco propôs que se rejeitasse a proposta da Direcção para ser de novo proposta não conforme mais tarde se resolvesse.

Posta a proposta à discussão, votação e aprovação, foi aprovado por unanimidade rejeitar a proposta da Direcção.” pp. 113-116

[...]

Acta n.º 45 (2 de Agosto de 1962), pp. 118-120 - Assembleia Geral Extraordinária (logo a seguir ao termo da Assembleia Geral Ordinária, **Acta n.º 44**):

“Ordem de Trabalhos:

[...]

IV – Apreciação do Regulamento das Escolas Pré-Primárias e Infantário e nomeação do conselho escolar respectivo.

p. 118

[...]

Na IV alínea da Ordem de Trabalhos foi lida pelo 1.º Secretário da Mesa o Regulamento das Escolas Pré-Primárias e Infantário, sendo interrompido após a leitura do 24.º artigo do Regulamento, pelo consócio Sr. Alberto Gomes que pediu esclarecimentos que lhe foram prestados pelo consócio Sr. Filipe Moreira, passando daí em diante o Regulamento a ser lido pelo Sr. Presidente da Mesa. No uso da palavra o Sr. Filipe Moreira fez um resumo dos factos passados, quanto às Escolas desde a última Assembleia, salientando o enorme auxílio dispensado pelo Clube Recreativo Piedense.

O Sr. Alberto Gomes disse serem estas Escolas e Infantário uma obra grandiosa e colocando-se ao dispor das comissões.

O Sr. Jaime Amorim Ferreira referindo-se às palavras do Sr. Filipe Moreira disse nada haver que agradecer ao Clube [Recreativo Piedense] de que era Presidente, declarando que o subsídio dispensado às Escolas passaria para [não é concluída, na Acta, a frase deste período/parágrafo].

O Sr. Fernando Alves propôs votos de louvor ao Sr. Nuno Teles Pinto pela elaboração do regulamento das Escolas e ao Clube Recreativo Piedense pelos benefícios a suas expensas levados a cabo na Escola n.º 1.

O Sr. Presidente da Mesa leu em seguida listas da Comissão e Conselho das Escolas que postas à admissão, discussão e aprovação foram aprovadas por unanimidade.

Assim deu por encerrada a Assembleia, agradecendo à Cooperativa Piedense a cedência da sua dependência e aos associados a sua presença.

O Presidente:

O 1.º Secretário:

O 1.º Secretário:”

pp. 119-120

Acta n.º 48 (27 de Dezembro de 1962), pp. 136-138:

[...]

“Entrando em seguida no período de tempo concedido para tratar de assuntos diversos falou o consócio Sr. Filipe Moreira estranhando não haver sido lida uma carta que tinha sido enviada por ele ao presidente da Assembleia e em que pedia, por falta de tempo, a demissão de membro da Comissão da Escola, esclarecendo, no entanto que, segundo sua opinião, o Regulamento das Escolas estava deficiente.

Usaram em seguida da palavra diversos associados, sobre o problema levantado por Filipe Moreira, tendo ao fim ficado decidido que este associado se manteria na comissão até à posse da nova Direcção.”

p. 137

Acta n.º 50 (31 de Julho de 1963), pp. 148-149:

[...]

“Ordem de Trabalhos

[...]

3.º - Discutir e votar a manutenção ou revogação do actual Regulamento Escolar.

- No caso de ser revogado, até à elaboração de um novo regulamento as escolas serão orientadas por uma comissão de emergência composta por três associados escolhidos nesta Assembleia.

[...]

[...] Entra-se no último ponto da ordem do dia, o qual suscitou grandes dúvidas quanto ao seu conteúdo.

Usando da palavra os associados Alberto Gomes e Artur Castro Rodrigues, pedindo o último a manutenção do Regulamento, mas se houver uma comissão que apresente um estudo melhor é de aceitar, solicitando ao mesmo tempo a palavra os Srs. Nuno Teles Pinto, Fernando Alves e Arquimínio Serra. Nuno Teles Pinto dissertou sobre a proposta da Direcção, revelando que as Escolas estavam super esgotadas mas muito particularmente a da Rua das Salgadeiras, que deveria comportar cerca de quarenta alunos, comportando cerca de sessenta.

[...] O Senhor Presidente da Assembleia Geral fez várias observações sobre este ponto apelando para o

bom senso da massa associativa para a resolução deste assunto que pode perigar [...] e impor em Clubes desportivos portugueses a manutenção das suas Escolas.

Segue-se no uso da palavra os associados Manuel José, M. Francisco e Filipe Moreira, este último pede para ser provisoriamente substituído na Mesa, para esclarecer alguns pontos em discussão, começando por abordar a orientação dada ao actual Regulamento, focando a falta da Festa Anual e passeio não realizado. Demonstra também o pouco trabalho desenvolvido pela actual comissão, observando as faltas de reuniões que se verificava, por ocupação dos elementos comissionistas nunca se poderem juntar. [...] Fernando Alves, segue-se no uso da palavra só para afirmar o seu grande amor pelo Clube e pelas suas Escolas.” **p. 150**

[...]

Acta n.º 51 (3 de Outubro de 1963), pp. 154-158:

[...]

“O Sr. Presidente [...] concedendo após estas dissertações a meia-hora que é habitual nestas sessões. Dentro deste período aborda uma carta na qual o associado Sr. Filipe Andrade Moreira, pedia a demissão como membro da comissão Escolar. [...] Filipe Moreira, explicando as suas causas, disse: - o mau andamento dado às Escolas [...] dificuldades que havia de reunir a Comissão Escolar e por último um desentendimento com o Sub-Director das mesmas.” **p. 154**

[...]

“O Sr. Presidente da Mesa, sugere a formação de uma comissão para solucionar a crise, reforçando o pedido que fizera no início ao associado para que ele retirasse o pedido de demissão, o qual retirou. O associado Sr. Alberto Gomes, abordando este problema, pede alguns esclarecimentos acerca da actual Direcção dada às Escolas. Sr. Fausto Martins, focou a acção da referida Comissão, e explicou a sua dissidência como Sr. Filipe Moreira.

Seguidamente o associado Sr. Alberto Gomes, procura a verdade acerca de dinheiros pedidos à biblioteca para a mesma fazer funcionar alguns cursos nas instalações da Rua das Salgadeiras. O sócio Sr. Manuel José responde ao associado ficando este esclarecido, e assim toda a Assembleia. **p. 155**

[...]

[...] Osório Armando Fonseca propõe um voto de confiança à Direcção e Comissão Escolar.” [...] **p. 156**

Acta n.º 54 (19 de Dezembro de 1963), pp. 164-188 – Assembleia Geral Extraordinária:

[...]

“Ordem de Trabalhos: [...] 2.º - Revogação do actual “Regulamento Escolar”

[...]

p .

1 6 5

“Entra-se no terceiro ponto. Pede a palavra o sócio Manuel José, que pede uma maneira prática de resolver este assunto que já se vem a arrastar de Assembleia em Assembleia, e ainda está por resolver. Dr. Castro Rodrigues responde dizendo que o regulamento está pré feito, mas difícil de cumprir e por a razão da proposta. Filipe Madeira, no uso da palavra diz:-----

O Conselho Escolar nunca tomou posse assim como a Comissão Escolar. Referindo-se depois à criação das Escolas Pré-Primárias e os problemas que advi[e]ram e foram combatidos, era para ver como se encontravam tantos esforços tantas boas vontades assim como quem anda abandonado. Manuel José retoma a palavra pedindo para que se forme uma comissão de angariação de fundos para compra do mobiliário para o Infantário, sendo a proposta entregue para estudo da direcção.-----

O Sr. Presidente da Mesa, aproveitou a ideia e pôs a mesma à aprovação sendo por unanimidade.”

pp. 166-167

[...]

Acta n.º 59 (9 de Novembro de 1964), pp. 182-185 – Assembleia Geral Extraordinária:

[...]

“2.º Ponto: Discussão e votação duma proposta da Direcção para criação duma Comissão Escolar:

Artur Castro Rodrigues, falou sobre a necessidade de criação da comissão das escolas, indicando a direcção os nomes de António Aires de Moura e Fernando Nunes Alves.

Sobre o assunto ousarão [sic] da palavra, Alberto Gomes, Fausto Lucas Martins, Ricardo Casadmont, Manuel Francisco, Victor Quaresma e Fernando Alves. Ficando aprovada a criação duma comissão, que para o estudo sobre a melhor forma de resolver o assunto [sic]. Sendo indicados para essa comissão os consócios António Aires de Moura, Fernando Nunes Alves, Victor Quaresma e Manuel Francisco: a qual foi aprovada por unanimidade.

p. 184

Acta n.º 60 (20 de Novembro de 1964), pp. 185-187:

[...]

“Ousou [sic] da palavra o consócio Fernando Alves, que lastimou não ter sido incluído em ordem de trabalhos da assembleia a criação da comissão escolar.

p.184

Acta n.º 61 (7 de Dezembro de 1964), pp. 187-200:

[...]

“Referindo-se ao caso da Escola ter sido cedida à Câmara Municipal de Almada, o consócio Filipe Andrade Moreira esclareceu que fora ele e o consócio Sérgio Canhoto os responsáveis, pois lembraram-se de que cedida uma sala pudessem advir benefícios económicos para o clube, podendo assim pagar-se ao senhorio, que já o tem abeirado a pedir-lhe a renda da escola. Salientou que ao a parecer [sic] o Delegado Escolar se teria lembrado de que era uma possibilidade de o Clube poder alcançar uma receita e, falando com o Vice-Presidente das Actividades Administrativas, Senhor Doutor Castro Rodrigues, expôs-lhe o caso para que o mesmo em reunião Direcção fosse resolvido, como veio a acontecer. Melhor esclarecendo, o consócio Filipe Andrade Moreira disse que tanto ele como o consócio Sérgio Canhoto, só eram responsáveis, na medida em que haviam apresentado o assunto para a direcção do clube o resolver conforme melhor aproovesse e que a intenção era a de o clube, cedendo uma das salas da Escola das Barrocas, vir a lucrar financeiramente com o assunto.

p. 193

[...]

“Continuando o consócio Fausto Lucas Martins, disse que havia sócios que tinham tido responsabilidade no caso da cedência da Escola à Câmara. Referindo-se às contas da Biblioteca, dizendo que não há contas exactas durante o tempo que a comissão funcionou.

pp. 197-198

3. Cova da Piedade – Boletim Mensal do C. D. C. P. – Edição da Comissão Bibliotecária – 11 Números (1-11), Ano I, de Abril de 1963 a Fevereiro de 1964 (exemplares do Arquivo Histórico Municipal de Almada em pp. fotocopiadas em A3 : 2 = A4)

3.1. Cova da Piedade – “Boletim Mensal do C. D. C. P. – Edição da Comissão Bibliotecária” – N.: 1, Ano I, 20 de Abril de 1963 (exemplar do Arquivo Histórico Municipal de Almada em pp. fotocopiadas em A3 : 2 = A4), p. 1.

“RUMO AO FUTURO” (1º artigo)

“[...] nas ESCOLAS PRÉ-PRIMÁRIAS, preocupa-nos pensar, [...] na fase de crescimento que atravessamos, é preciso pensar nas crianças que à sombra da nossa bandeira balbuciam as primeiras letras, é preciso, para atingir a nossa finalidade principal, ensiná-las a dar os primeiros passos no desporto.

Como fazê-lo – perguntarão decerto, esperando normas que guiem”

p. 1

[...]

3.2. Cova da Piedade – “Boletim Mensal do C. D. C. P. – Edição da Comissão Bibliotecária” – N.: 4, Ano I, 20 de Julho de 1963 (exemplar do Arquivo Histórico Municipal de Almada em pp. fotocopiadas em A3 : 2 = A4), p. 2.

“Inscreva-se no Curso Geral de Liceus (1 Ciclo)”²³

“A Comissão Bibliotecária no âmbito de facilitar a instrução a todos os sócios e seus familiares, vai realizar o curso Geral dos Liceus, iniciando-se pelo primeiro ciclo (mas garantindo o 2º e 3º ciclos para os anos seguintes).

Este curso será nocturno e TOTALMENTE GRÁTIS e regido por professores competentes, procurando habilitar todos os que o frequentarem a resolverem a melhor maneira as suas presenças nos exames respectivos.

As aulas começarão a funcionar no próximo mês de Outubro e desde já são aceites inscrições na Biblioteca do Clube.”

“Um infantário sem crianças é como um jardim sem flores”

“Colabora nas iniciativas da Comissão Escolar, ou propõe um novo sócio, e em breve o nosso sonho será realidade”

“Apelo aos antigos alunos da Escola Pré-primária do Cova da Piedade”²⁴

“A vossa presença numa festa, a realizar em breve, torna-se imprescindível, porque, acima de tudo, revela a indesmentível Obra do nosso Clube.

Àqueles que frequentaram a nossa Escola Pré-Primária, que funciona normalmente desde 1947, solicitamos, pois, o obséquio de entrarem em contacto com a Comissão Bibliotecária e que não deixem de ler mais notícias no próximo Boletim ”

p. 2

3.3. Cova da Piedade – “Boletim Mensal do C. D. C. P. – Edição da Comissão Bibliotecária” – N.: 4, Ano I, 20 de Agosto de 1963 (exemplar do Arquivo Histórico Municipal de Almada em pp. fotocopiadas em A3 : 2 = A4), p. 2.

“FESTADOSANTIGOSALUNOSDAESCOLAPRÉ-PRIMÁRIA”

[artigo ilustrado com fotografia, de sala com aluna(o)s com bibe branco, acompanhada(o)s da respectiva Educadora]

“Encontrou eco a ideia lançada pelo nosso Boletim da realização de uma Festa de Antigos Alunos da nossa Escola pré-Primária.

A grandeza desta reunião, que merece vir a repetir-se anualmente, sempre com novas caras, porque todos os anos se inscrevem nas nossas escolas cerca de CEM ALUNOS, será hoje grande pelo número. Será amanhã, quando os primeiros alunos deixarem de ser jovens, extraordinariamente grandiosa, pela presença dos garotos dos sete anos, junto dos rapazes dos vinte, mais os homens dos quarenta anos, com seus filhos, talvez já antigos alunos!...

Será a Família da Cova da Piedade, reunida numa festa, realizada pela obra mais bela que o nosso clube criou: 'A SUA ESCOLA PRÉ-PRIMÁRIA'.

Todos os antigos alunos que queiram comparecer ou colaborar na organização da festa, devem dirigir-se à nossa Biblioteca ou os mais jovens [junto de] João de Almeida Ferreira e Carlos Alberto Santos Ferreira que encabeçam uma comissão para tal fim.”

p. 2

3.4. Cova da Piedade – “Boletim Mensal do C. D. C. P. – Edição da Comissão Bibliotecária” – N.: 6, Ano I, Setembro de 1963 (exemplar do Arquivo Histórico Municipal de Almada em pp. fotocopiadas em A3 : 2 = A4), pp. 4, 7 e 11.

²³ p. 2.

²⁴ Ao lado uma foto de um grupo de 53 meninas e meninos, vestindo bata branca, distribuindo-se por 6 filas, em cascata, com a Educadora/professora (?) ao lado, de pé. A(o)s 10 meninas e meninos sentados na primeira fila seguram/ostentam uma grande “tarja” branca, com o emblema colorido do CDCP, ladeado das seguintes inscrições: “ESCOLA INFANTIL” – “CLUBE DESPORTIVO DA COVA DA PIEDADE” (NE:AM).

“FESTA DOS ANTIGOS ALUNOS DAS ESCOLAS PRÉ-PRIMÁRIAS

É um êxito em perspectiva pela finalidade que encerra e pelo número de adesões já registadas.

Esta festa, por nós tão desejada, realizar-se-á durante o próximo mês [Outubro], em dia, hora, local e programa, em breve divulgado por uma circular dirigido aos antigos alunos.

Apelamos, no entanto, que [todos] aqueles que frequentaram a nossa Escola o obséquo de contactarem [sic] com a Comissão bibliotecária que lhes fornecerá todos os pormenores sobre a organização.” **p. 4**

“CURSO GERAL DOS LICEUS

(1.º Ciclo)

As inscrições terminarão no próximo dia 10 de Outubro, mês em que se iniciaram as aulas.

Este Curso, como é do conhecimento público, será gratuito para sócios e seus familiares.” **p. 7**

“CURSO DE CULTURA GERAL

Voltará à actividade, no próximo mês de Outubro, este curso que tanto êxito estava a alcançar.

Informamos quantos o frequentavam e aqueles que o desejem iniciar o obséquo de se dirigirem à Comissão Bibliotecária que lhes prestará todos os esclarecimentos necessários.” **p. 11**

- 3.5. Cova da Piedade** – “Boletim Mensal do C. D. C. P. – Edição da Comissão Bibliotecária” – N.: 7, Ano I, Outubro de 1963 (exemplar do Arquivo Histórico Municipal de Almada em pp. fotocopiadas em A3 : 2 = A4), pp. 1, 5 e 10-11.

“A FESTA ANUAL [a toda a largura da página]

das nossas Escolas Pré-Primárias a realizar-se após um interregno de dois anos

[fotografia de grupo de crianças, de ambos os sexos, com 1 senhor, ao centro, ladeado por duas senhoras educadoras e a seguinte legenda: “Na gravura ao lado vêm-se alguns dos alunos que compareceram na festa acompanhando o Snr. Dr. Glória Pacheco, Digno Presidente da C. M. de Almada, ladeado pelas professoras das nossas Escolas – Foto dos Estúdios Modernos]

A Comissão Escolar do Clube Desportivo da Cova da Piedade, levou a efeito no passado dia 13 de Outubro, no magnífico salão do Clube Recreativo Piedense, uma festa dedicada aos alunos das nossas Escolas Pré-Primárias, cujos nomes podem ser lidos noutra local deste Boletim.

Reportagem de João Gama”

(continua na 5.º página [e 10.ª]) **p. 1**

**“Relação dos Alunos que transitaram do ano lectivo de 62/63 para o ano de 63/64
ESCOLA N.º 1 (SALGADEIRAS)**

Meninas: [34 nomes]

Rapazes: [35 nomes]

ESCOLA N.º 2 (BARROCAS)

Meninas: [27 nomes]

Rapazes: [33 nomes]”

pp. 5 e 10

“Jardim-Escola Infantário

(transcrição de uma Circular)

[...]

Para um Desportivo Maior, Todos Não Seremos Demais

A Comissão Escolar **pp. 10-11**

- 3.6. Cova da Piedade** – “Boletim Mensal do C. D. C. P. – Edição da Comissão Bibliotecária” – N.: 8, Ano I, Novembro de 1963 (exemplar do Arquivo Histórico Municipal de Almada em pp. fotocopiadas em A3 : 2 = A4), pp. 9 e 10-12.

[...]

A ACTIVIDADE DO CURSO DE CULTURA GERAL

Além de outras actividades levadas a cabo pela Comissão bibliotecária do nosso Desportivo, contam-se o Curso dos Liceus (1.º Ciclo) e o Curso de Cultura Geral.

No primeiro destes cursos a frequência dos alunos é actualmente superior ao dobro da verificada no início, continuando num óptimo ritmo de crescimento que traduz, assim o cremos, o seu sucesso.

Igualmente o Curso de Cultura Geral – a nossa melhor iniciativa – tem verificado actualmente entusiastas adesões que muito hão-de contribuir para o seu êxito.

Resolveram os participantes deste Curso alargar as suas actividades de modo a nelas englobar o cinema, a Música e mais tarde o Teatro.

Assim foram já vistos e analisados os seguintes filmes:

- 1) O Eclipse, de Antonioni;
- 2) Um Verão de Amor, de Ingmar Bergman;
- 3) O Tecto, de V. de Sica.

Também este Curso se deslocou à Cooperativa Piedense, a fim de assistir a uma conferência subordinada ao título “Correntes da Poesia Contemporânea”.

No final desta conferência, desejando expressar o quanto sentem que a Arte e consequentemente os Artistas significam para a emancipação do homem, o curso de Cultura Geral ofereceu ao distinto conferencista uma placa como prova de gratidão pelos momentos de beleza vividos, e a viver, que em parte a ele devemos.

Assim, estamos convictos que ambos estes cursos, a continuarem este ritmo de crescimento, transformarão dentro em pouco o Desportivo da Cova da Piedade num verdadeiro foco de cultura, o que, aliado ao Desporto, prestará um grande serviço à Cova da Piedade e consequentemente ao nosso país.”

p. 9

O CURSO DE CULTURA GERAL DOS LICEUS (1.º CICLO)

No nosso Clube, é uma realidade

Entendi desde logo que o Clube Desportivo da Cova da Piedade tinha possibilidades de bem cumprir a sua missão no sector da Cultura – afirmou-nos o Sr. GOMERCINDO DE CARVALHO

(Entrevista de Francisco Semedo)

[a toda a largura da 12.ª e última página, onde, ao lado de cada uma das fotografias se identificam os três entrevistados – Gomercindo de Jesus Carvalho; José de Sousa Cavaco; e, Eduardo José Gonçalves. As entrevistas de Gomercindo de Jesus Carvalho e de Eduardo José Gonçalves continuam, respectivamente, nas pp. 10 e 11]

“Adentro das actividades culturais da Comissão Bibliotecária do desportivo da Cova da Piedade, instituíram-se dois cursos com o objectivo de promover a cultura entre os seus associados. Um deles – o Curso de Cultura Geral – foi iniciado há alguns meses já: o outro – onde se lecciona o programa do 1.º ciclo dos liceus –, está a funcionar desde Outubro passado.

Relativamente a este último curso, entrevistámos os seus leccionadores, a fim de nos inteirarmos dos seus objectivos, assim como também do espírito que anima este grupo de jovens.

Assim fomos levados à presença dos Srs. Gomercindo de Jesus Carvalho, José de Sousa Cavaco e Eduardo José Gonçalves que se dispuseram amavelmente a responder às nossas perguntas.

Gomercindo Jesus Carvalho²⁵

“Como surgiu a ideia da organização do Curso?

Há algum tempo já que me venho dedicando ao estudo da Filosofia e que verifiquei que ela somente é válida na medida que se transforma numa filosofia da acção – e devo acrescentar, da acção cooperativa.

²⁵ O nome do entrevistado - **Gomercindo Jesus Carvalho** – colocado ao lado da sua fotografia, do tipo “bilhete de identidade”.

Na realidade, para mim, uma Filosofia tem mérito quando ajuda compreender o homem de carne e osso a fim de o emancipar. Foi, [**conclui na página 10** (*de facto* na página 12)] portanto, adentro desta ideia que iniciei as minhas actividades culturais de índole profundamente cooperativista. Assim, quando um membro da Comissão Bibliotecária do Desportivo da Piedade me solicitou a organização de dois cursos – um de Cultura Geral e outro do 1.º ciclo dos liceus, acedi entusiasmado.

O primeiro destes cursos tem como objectivo a divulgação, a nível acessível, de temas cuja importância é imediata, uma vez poderem ajudar à solução dos mais instantes problemas do homem, mesmo do homem comum. Tal curso, regido inteiramente por mim, aborda na generalidade temas de Literatura, Arte, Filosofia, Sociologia, Psicologia, etc. É um curso que, a generalizar-se, poderá ter as mais salutares repercussões. Por isso, muito apreciei o espírito largo dos dirigentes da referida Comissão Bibliotecária em troná-lo num curso aberto a todos – aos sócios e não sócios da instituição.

O segundo curso – o do 1.º ciclo dos liceus – está organizado em moldes diversos, uma vez visar um objectivo que se entende mais utilitário. Para tanto tive de aliciar alguns jovens que acederam entusiasmados, cuja competência e vontade estão por demais demonstrados.

Já alguma vez tinha tentado uma iniciativa desta natureza?

Sim. Quando membro da Comissão Cultural da Cooperativa Piedense, propus a essa Comissão, o que foi aceite por unanimidade, um Curso de Cultura Geral, onde eu pretendia democratizar o ensino, tornando-o extensível a todos e tornar igualmente acessível a todos a solução de problemas eminentemente concretos. A seguir, propus a essa mesma Comissão, o que também foi aceite por unanimidade, a criação de um Curso Geral dos Liceus, o que me levou a mobilizar um grupo de jovens que aceitaram também entusiasmados.

Acha que as actividades de uma colectividade desportiva se conciliam com as culturais?

Vivemos numa época em que se torna urgente cultivar o homem a fim de contribuir para a sua emancipação, e tal urgência não permite a hesitação da escolha de locais ou situações. Além disso estou profundamente convicto de que, para uma democratização do ensino e da cultura, as instituições, sejam quais forem a suas actividades, têm o dever de contribuírem com o máximo do seu esforço para tão nobre finalidade. Pena é que as mentes retrógradas (ia a dizer tacanhas) de certos dirigentes de algumas instituições não vejam as coisas assim.

Foi por essa razão que desde logo entendi que o desportivo da Cova da Piedade tinha possibilidades de bem cumprir a sua missão no sector da cultura. Os seus dirigentes têm dado provas de horizontes largos, o que me leva a prestar-lhes as minhas homenagens.

Quais as disciplinas que lecciona no Curso do 1.º Ciclo?

Escolhi duas: a de Língua e História Pátria e a de Ciências Geográfico-Naturais.

Poderá nesta altura do ano falar sobre as possibilidades de êxito de alguns alunos?

Há muito a esperar desses alunos, na sua maioria adultos. Claro que o Curso está ainda no princípio e portanto é cedo ainda para vaticínios. Contudo, vejo com alegria que tanto o seu entusiasmo como o seu aproveitamento justifica o seu esforço.

Acha possível esta iniciativa ser extensiva a outras colectividades do nosso concelho?

Entendo que sim e mais: que é urgente. Gostaria, não claro por espírito bairrista, que fosse o concelho de Almada a dar o exemplo, através das suas instituições, de uma maciça actividade cultural de feição totalmente cooperativista, e que tal exemplo viesse a produzir os seus frutos à escala nacional.

José de Sousa Cavaco²⁶

A seguir abordámos o Sr. José de Sousa Cavaco:

Na sua colaboração dada a este Curso encontra plena satisfação?

Sem dúvida. Creio assim ter possibilidades de ver realizados todos aqueles meus ideais de comunicação com o próximo, de cooperação para um duplo esclarecimento. Já Vêm de longe estas minhas aspirações. Há cerca de quatro anos pretendeu-se organizar um princípio de colectividade, a que me liguei e que tinha como objectivo a difusão da cultura junto das massas operárias; contudo tais actividades não conseguiram concretizar o seu ponto de acção. É afinal este curso que vem pôr ao meu alcance aquilo que sempre desejei: um contacto directo com indivíduos sequiosos de uma verdadeira cultura. Convidaram-me e aqui estou a colaborar, convicto de que se poderá

²⁶ O nome do entrevistado - **José de Sousa Cavaco** – colocado ao lado da sua fotografia, do tipo “bilhete de identidade”.

fazer muito, plenamente satisfeito por vir encontrar grande vontade de construir algo de válido.

Qual a disciplina que lecciona e porque a escolheu?

Escolhi o Francês por dois motivos: primeiro, porque tive oportunidade, há pouco, de contactar com um povo de língua francesa e isso dá-me o à-vontade necessário para conduzir melhor o ensino da disciplina; segundo, porque ela se presta a um contacto directo, um diálogo vivo entre quem ensina e quem aprende.

Os alunos têm correspondido àquilo que você esperava?

Todos, de um modo geral. Sabendo de antemão que é o Francês a disciplina que mais aflige os alunos do 1.º ciclo dos liceus (é o seu primeiro contacto com uma língua estrangeira) verifico com agrado que todos se mostram cheios de vontade em vencer as dificuldades que surgem.

Acha adequadas as funções culturais adentro de uma colectividade desportiva?

Uma colectividade desportiva pressupõe um agregado de indivíduos interessados em desportos. Mas se há um agregado, porque não juntar às actividades desportivas uma cultura que o esclareça e que lhe faça ver até que ponto é o desporto uma manifestação salutar e não um passatempo embrutecedor? O exemplo dado pelo Desportivo da Cova da Piedade, aliando a cultura física à cultura do espírito deve ser seguido.

Para finalizar, queria ainda deixar expresso o meu desejo sincero de ver surgir mais iniciativas deste género e de que as más vontades se desfizessem, dando assim à cultura o lugar que lhe é devido.

Eduardo José Gonçalves²⁷

Por último encontramos-nos com o Sr. Eduardo José Gonçalves que respondeu às perguntas formuladas.

Quais as razões que o levam a dar a sua colaboração a este curso?

Tendo acompanhado de perto o grande entusiasmo de alguns jovens que participaram das realizações da Comissão Cultural da Cooperativa Piedense, quis a eles associar-me. Assim ao pedirem-me a colaboração para este curso [**conclui na página 11**] logo me prontifiquei a dá-la, podendo desta forma ensinar alguns dos meus conhecimentos, para os quais sinto maior vocação.

Quais as disciplinas que lecciona?

Matemática e Desenho.

Tais disciplinas coordenam-se com a sua vocação?

Sim. Desde há muito que tenho tendência para as ciências. Tanto assim é, que talvez venha a enveredar, na minha via particular, pelo vasto e interessante campo da Electrónica, onde as Matemáticas ocupam um lugar de destaque.

Que pensa do aproveitamento do Curso?

Como se trata de um curso de adultos, penso que todos eles têm possibilidades, pois que não lhes falta vontade em aprender qualquer coisa de útil para a sua vida. Quer-me parecer que o curso talvez venha a elevar um pouco o nível dos seus conhecimentos, podendo vir a beneficiá-los no aspecto económico.

Não acha que esta actividade cultural esteja em desacordo com as funções de uma colectividade desportiva?

Não. Acho que uma colectividade desportiva deve, não só cultivar o corpo pela prática do desporto, como também o espírito, instruindo-o e educando-o, o que aliás está contido no conhecido ideal clássico “*Mens sana in corpore sano*”.

3.7. Cova da Piedade – “Boletim Mensal do C. D. C. P. – Edição da Comissão Bibliotecária” – N.º 9, Ano I, Dezembro de 1963 (exemplar do Arquivo Histórico Municipal de Almada em pp. fotocopiadas em A3 : 2 = A4), p. 4.

“O Regulamento das Escolas Pré-Primárias foi revogado”

[...]

p. 4

²⁷ O nome do entrevistado - **Eduardo José Gonçalves** – colocado ao lado da sua fotografia, do tipo “bilhete de identidade”.

- 3.8. **Cova da Piedade** – “Boletim Mensal do C. D. C. P. – Edição da Comissão Bibliotecária” – N.: 11, Ano I, Dezembro de 1963 (exemplar do Arquivo Histórico Municipal de Almada em pp. fotocopiadas em A3 : 2 = A4), p. 9.

“PÁGINA DA BIBLIOTECA
Continuam as Ofertas de Livros

[...]

A Actividade do Curso de Cultura Geral

Além de outras actividades levadas a cabo para a [pela!] Comissão Bibliotecária do nosso Desportivo, contam-se o Curso do liceu (1.º ciclo) e o Curso de Cultura Geral.

[...]

SENSACIONAL!
Instrução primária para adultos

Cursos Nocturnos Grátis

Inscrições abertas na Biblioteca

4. **Livro de Actas da Assembleia Geral III – 100 fls. numeradas (no anverso) x 2 = 200 pp. (28, DEZ, 1964 – 21, JAN, 1971)**

Acta n.º 64 (24 de Maio de 1965), pp. 18-20v:

[...]

“Seguidamente, Óscar António Carreira elucida a Assembleia sobre a situação da Escola Pré-Primária que se encontra com um “deficit” de mil escudos mensais e que não tem dinheiro para os compromissos da mesma.---

Casadmont fala sobre o assunto e Fernando Alves alega que existem alguns directores que não pagam os respectivos subsídios e refere-se também à cobrança.

Celestino Costa aponta que a professora da Escola das Barrocas abandona a mesma dias seguidos.

Falou depois o consócio Virgílio Pereira, esposo da citada professora, alegando que a mesma faltava para ir ao especialista, mas deixava sempre a irmã no seu lugar.

Óscar António acusa a falta de comparência da Comissão Escolar.

Óscar Pereira opina que as crianças da escola das Barrocas caberiam na das Salgadeiras, eliminando-se um encargo dessa maneira

Óscar António aponta a falta de alguns directores no que diz respeito à colocação dos dinheiros do Bufete.

O Alberto Gomes diz que a acusação feita à professora era assunto para a Direcção e não para a Assembleia Geral. Pois considera isso vergonhoso. Pede depois que se acabem estas polémicas e que a futura Assembleia Geral traga os novos moldes sobre as eleições de época a época.”

pp. 19v-20

[...]

Acta n.º 92 (21 de Janeiro de 1971), pp. 97-100v:

[...]

“Ordem de Trabalhos:-----

[...]

2.º - Discutir e votar a nomeação de dois colaboradores a Sócios de Mérito, propostos pela Direcção.

[...]

2.º Ponto da ordem de Trabalhos:-----

Discutir e votar a nomeação de dois colaboradores a Sócios de Mérito, propostos pela Direcção;-----

É lida uma proposta da Direcção com o seguinte teor:-----

A Direcção do C.D.C.P., reunida em 27 de Novembro de 1970, analisando as actividades culturais do n/ Clube, decidiu por unanimidade propor à Assembleia Geral a nomeação a Sócios de Mérito, os n/ colaboradores, Srs. Gonercindo [sic] de Jesus Carvalho e José Cavaco, fundadores em 1963, dos Cursos de Cultura Geral e Liceal, que até à presente data tanto têm prestigiado a nossa Colectividade.-----

É posta em seguida à discussão e simultaneamente à aprovação, pelo sistema nominal, com o seguinte resultado:-----

48 associados responderam sim.-----

1 não respondeu à chamada.-----

O consócio Sérgio Canhoto propõe que os sócios nomeados de mérito seja[m][sic] por aclamação, o que é aprovado por unanimidade.

pp. 97-98v

[...]

5. Livro de Actas da Direcção – 50 fls. numeradas (no anverso) x 2 = 100 pp. (9, AGO, 1968-13, JUN, 1969)

Acta n.º 6 (13 de Setembro de 1968), pp. 10v-12:

[...]

“Ofícios para a Transul e Sociedade industrial Aliança solicitando auxílio para as nossas escolas pré-primárias [...].”

p. 11v

Acta n.º 10 (4 de Outubro de 1968), pp. 17v-19:

[...]

“Vitor Quaresma Francisco diz que no dia da apresentação nas escolas apenas foi o colega Mário Augusto Gomes que compareceu, ficando bastante aborrecido pelo facto dos outros colegas não se terem feito representar, mas mesmo assim, não deixou de proferir algumas palavras em nome da Direcção. Diz ainda o mesmo dirigente que no próximo dia quinze, abrirá a inscrição para a quarta classe, adultos de ambos os sexos; todavia, só começará a funcionar se obtiverem o mínimo de vinte inscrições; as condições para a admissão de alunos é de vinte escudos para a matrícula e sete escudos e cinquenta centavos para a quota mensal.

[...]

p. 18

Acta n.º 15 (8 de Novembro de 1968), pp. 24v-25:

[...]

“Vitor Quaresma Francisco [...] e comunica que a Escola das Barrocas foi assaltada; diz ainda que se iniciaram as aulas da quarta classe no passado dia 13 [de Outubro].

p. 25

[...]

Acta n.º 25 (17 de Janeiro de 1968), pp. 34v-35v:

[...]

“Usou da palavra Vitor Quaresma Francisco, solicitando a percentagem de dez para vinte por cento, sobre as rifas que a comissão escolar passar, posto o assunto à discussão, foi aprovado por unanimidade aceitar o pedido da comissão; sobre o jantar de aniversário do clube falou nos convites aos professores de ambas as escolas, a exemplo dos anos anteriores. Sobre este assunto foi aprovado aceitar apenas um representante, sendo escolhido o mais antigo de ambas as escolas.

[...]

p. 35

Acta n.º 27 (31 de Janeiro de 1969), pp. 36v-37v:

[...]

“Vitor Quaresma Francisco [...]. Diz também que integrado na festa de aniversário, na quarta-feira, dia cinco de Fevereiro [de 1969], haverá uma palestra sobre desporto pelo Doutor Sérgio Ribeiro. Por fim diz que a comissão escolar solicita um telefone, o que é aprovado por unanimidade.”
[...]
p.37

6. Livro de Actas da Assembleia Geral IV – 200 fls. (numeradas no anverso, de 1-200) x 2 = 400 pp. (3,JUN,1971-16,JUL,1987) – termina, na última página – 200v – com reconhecimento no 1º Cartório Notarial de Almada, em 29 de Julho de 1987.

Acta n.º 93 (3 de Junho de 1971), pp. 2-7v:
[...]

“O Consócio Carlos Alberto em nome da Comissão das Escolas do Desportivo fez uma breve panorâmica do seu funcionamento, e da sua situação financeira, lembrando as dificuldades monetárias, que a Comissão tem tentado resolver da melhor maneira. Depois de apresentar as contas dos três sectores, Liceu, Cultura Geral e Pré-Primária, lembra que com a receita dos liceus se têm coberto os prejuízos da Pré-Primária, e que no fim do exercício da Comissão se apurou um saldo positivo de 9.000\$00, quantia insuficiente para o movimento das escolas, tendo em vista a necessidade de um melhor aproveitamento, aquisição de novas carteiras e apetrechamento de material didáctico e termina com um apelo à Direcção e a todos os sócios, que contribuam dentro das suas possibilidades para o desenvolvimento das nossas escolas.

António Matos refere-se à honrosa representação na festa do Desportivo, da Escola Comercial e Industrial de Setúbal e propõe que se endere-sse [sic] um voto de agradecimento.
[...]

Mário Araújo comunica que a direcção vai agradecer a todas as colectividades que participaram na nossa festa e no que diz respeito à Escola Comercial e Industrial de Setúbal, a Direcção pediu uma audiência que se efectuou hontem [sic], onde fomos recebidos da melhor maneira, pelo Director e diversos elementos do Corpo Docente, em que tivemos opu[o]rtunidade [sic] de apresentar os nossos agradecimentos.”
[...]
pp. 4v-5

Acta n.º 96 (25 de Junho de 1971), pp. 7v-9:
[...]

[Fernando Valverde – Presidente da Direcção] “Pensa que um Clube como o nosso não se deve dedicar só ao futebol, e p[r]erconiza [sic] a formação de um grupo de dirigentes capazes de dinamizar a vida da Colectividade, dando um maior apoio ao sector Cultural.”
[...]
p. 18

Acta n.º 106 (24 de Setembro de 1973), pp. 29v-33v:
[...]

“Ricardo Casadmont pergunta se é verdade o P. da Câmara [sic] tirar o subsídio à Escola. José Alves informa ser e[i]ntenção [sic] da Câmara por a funcionar na Piedade um Curso do Ciclo Preparatório, pensando a mesma já não haver justificass[ç]ão [sic] para conceder subsídio às Escolas do Desportivo.” [...]
p.33

Acta n.º 112 (14 de Abril de 1975), pp. 44v-47v:
[...]

“Seguidamente o associado Mário Augusto Macêdo [sic] pergunta se as escolas pré-primárias estão em funcionamento.
[...]
p. 44v

Acta n.º 112 (25 de Março de 1979), pp. 102v-107:
[...]

“Mais foram votados [votos de louvor] por unanimidade os votos propostos [...]. Foi a vez de se proceder à votação dos votos de louvor propostos pelo Conselho Fiscal, às entidades que a seguir se mencionam: a Direcção, aos Excelentíssimos Professores das nossas Escolas, a todos quanto [sic] contribuíram para o engrandecimento da cultura nas Escolas, [...]”

p. 105v

Acta n.º 139 (10 de Julho de 1980), pp. 118v-123v:

[...]

“Igualmente houve um voto de louvor aos Professores das Escolas Pré-Primárias e Liceus, foi aprovado por unanimidade. [...]”

p. 121v

Acta n.º 145 (27 de Julho de 1981), pp. 130-132v:

[...]

“O Armino Venâncio diz que uma das dívidas vai ser paga por ele no valor de oito mil escudos, que diz respeito à comparticipação do Clube na feitura do Mausoléu de Gomercindo de Carvalho.

p. 132

[...]

Acta n.º 174 (16 de Julho de 1987), pp. 185v-200v:

[...]

*“Estatutos
Capítulo I*

Denominação, Natureza, Fins, Sede e Direcção de Clube

[...]

Art.º 2.º - O Clube Desportivo da Cova da Piedade tem por objectivo o desenvolvimento e a prática da Educação Física e de todos os desportos em geral e do futebol em especial, e também a promoção de actividades de cultura e recreio.

[...]

p. 186

7. Livro de Actas da Direcção – 100 fls. numeradas (no anverso, de 1-100) x 2 = 200 pp. – preenchidas, apenas, até à Acta n.º 25, de 29 de Março de 1974 (1,AGO,1971-29,MAR,1974) isto é, até à p. 85v.

Acta n.º 11 (5 de Novembro de 1971), pp. 10-10v:

“Propostas aprovadas por unanimidade, nesta reunião:”-----

[...] *“Deliberado escrever-se à Sociedade Cooperativa Piedense, dizendo que esta Direcção, atendendo às dificuldades que a cooperativa atravessa no momento, deliberou prescindir temporariamente do subsídio escolar e não quotas, que até ao momento vinha recebendo.”*

p. 10v

Acta n.º 8 (12 de Setembro de 1972), pp. 41v-42v:

[...]

“Aberta a sessão, foi dada autorização para que Joaquim José Lopes Godinho, terceiro suplente do Conselho Fiscal e também delegado das Escolas junto da Direcção, tomasse parte na mesma e apresentasse alguns assuntos referentes às Escolas. Lopes Godinho começou por solicitar à Direcção um auxílio complementar, na importância de quatro mil escudos, para pagamento de uma professora, que esteve ausente com parte de “nascimento”. A Direcção depois de discutir a proposta aceitou-a por maioria, apenas com um voto contra. Perguntado também se se mantinha o subsídio de quinhentos escudos, ofertado pela Direcção, ao que lhe foi respondido afirmativamente. Pelo mesmo Delegado, foi apresentada a seguinte proposta: da importância das multas e descontos feitos aos jogadores, quinhentos escudos seriam exclusivamente destinados para as Escolas. Caso algum mês não houvesse excedente dessa importância, seria a mesma doada à Secção de

Andebol ou à Secção de Rugby. Devido à complexidade desta proposta, foi a mesma adiada para melhor apreciação.” **p. 41v-42**
[...]

Acta n.º 42 (27 de Abril de 1973), pp. 65v-66:
[...]

“Recebidos alguns elementos da Comissão das Escolas que informaram qual o programa que escolheram para comemorar o décimo aniversário da fundação das Escolas do Clube, ao mesmo tempo que convidam oficialmente a Direcção do Clube a fazer-se representar nesses actos festivos.” **p. 66**
[...]

Acta n.º 1 (10 de Julho de 1973), pp. 70-71v:
[...]

“Por unanimidade foram nomeados os dirigentes para trabalharem com os vários departamentos, nomeação essa que ficou assim distribuída: [...], Relações internas e escolas – Lopes Godinho; [...].” **p. 70**

Acta n.º 3 (10 de Agosto de 1973), pp. 71-72:

“Por unanimidade, foi decidido efectuar-se, no próximo dia dezasseis, uma reunião com a Comissão das Escolas, a fim de que a mesma apresente os seus problemas imediatos e ideias futuras.” **p. 70v**
[...]

Acta n.º 7 (12 de Outubro de 1973), pp. 74-74v:
[...]

“Autorizada a cedência do campo, mediante o pagamento quatro mil escudos, para que nele se efectue uma sessão de esclarecimento da Comissão Democrática Eleitoral do Distrito de Setúbal.” **p. 74v**
[...]

Acta n.º 14 (28 de Dezembro de 1973), pp. 78v-79:
[...]

“Por unanimidade, foi decidido passar-se cartões de livre ingresso no nosso campo de jogos, aos elementos da Comissão de Escolas.” **p. 79**
[...]

8. Estatutos do CDCP – 32 pp. + capa, em formato A5 - (aprovados na Assembleia Geral de 30 de Junho de 1987)

**“CLUBE DESPORTIVO DA COVA DA PIEDADE”
“FUNDADO EM 28-01-1947”
“COLECTIVIDADE DE UTILIDADE PÚBLICA”
“ESTATUTOS”**

“Aprovados em Assembleia geral Extraordinária no dia 30/06/87, os quais alteram na totalidade os anteriores estatutos, que tinham sido aprovados por despacho ministerial conforme “Diário do governo” n.º 84 II Série de 12/04/1947, e alterados por despacho ministerial, conforme “Diário do Governo” n.º 159-III Série de 06/07/1968.

- A certidão de alteração total dos anteriores estatutos foi publicado [sic] no “Diário da República” n.º 228-III Série de 03/10/1987.

- Foi lavrada escritura em 29/07/1987, nas fls. 15 e 15 v.º do livro de notas para escrituras diversas n.º 489-R, do 1.º Cartório Notarial de Almada.” **p. 1**

“ESTATUTOS”²⁸

“CAPÍTULO I”

“DENOMINAÇÃO, NATUREZA, FINS, SEDE E DURAÇÃO DO CLUBE”²⁹

[...]

Artigo 2º - O CLUBE DESPORTIVO DA COVA DA PIEDADE, tem por objectivo o desenvolvimento e a prática da Educação Física e de todos os desportos em geral e do futebol em especial e, também, a promoção de actividades de cultura e recreio.”

p. 3

[...]

9. **Livro de Actas da Direcção** – 50 fls. numeradas (no anverso, de 1-50) x 2 = 100 pp. – iniciando, no verso da f. 1, com a continuação da *Acta n.º 16*, de 12 de Janeiro de 1979 (12,JAN,1979-30,NOV,1979)

Não se assinala qualquer referência às “Escolas do Desportivo”.

10. **Livro de Actas da Direcção e Corpos Gerentes de 1981** – 100 fls., das quais apenas as primeiras 25 numeradas (no anverso) e preenchidas apenas até ao anverso da f. 3 (24,ABR,1981-10,DEZ,1984)

[Apenas as primeiras folhas, com excepção das primeiras cinco, que não são numeradas são preenchidas com 2 (duas) actas, 1ª e 2ª dos corpos Gerentes, fls. 1-3, com anverso até à 2 (inclusive) e em branco a partir da folha 3]

Não se encontra qualquer referência às “Escolas do Desportivo”.

11. **Livro de Actas da Direcção** – 50 fls. numeradas (no anverso) x 2 = 100 pp. (6,AGO,1981-22,OUT,1982)

Acta n.º 40 (9 de Julho de 1982), pp. 42-43:

“António Martins [Presidente da Direcção]. *Informa também que as finanças de almada [sic] vai mandar avaliar a Escola primária do C.D.C.P., para um aumento de renda. Sobre este assunto vai a Direcção contestar.*”

p. 43

12. **Livro de Actas da Direcção** – 50 fls. numeradas (no anverso) x 2 = 100 pp. (22,OUT,1982-4,MAIO,1984)

[Conclusão da *Acta n.º 9*, e início da *Acta n.º 10*, de 29 de Outubro de 1982]

Não se encontra qualquer referência às “Escolas do Desportivo”.

13. **Livro de Actas da Direcção** – 50 fls. numeradas (no anverso) x 2 = 100 pp. – iniciando com a conclusão da *Acta* de 4 de Maio de 1984 - (4,MAIO,1984-29,MAR,1985)

Acta n.º 10 (7 de Setembro de 1984), pp. 15-16v:

[...]

“José Pedra: [...]. *Informa ainda que o senhor Mesquita foi forçado a aumentar o preço das inscrições dos alunos em virtude dos empregados pedirem aumento e só desta maneira ser possível dar aumento.*”

p. 16

[p.51, acrescentado o número manuscritamente, a página não é pautada, isto é, não tem linhas, sendo a última deste livro]:

“[Teigas, Presidente da Direcção] *Dá depois conhecimento de uma sugestão a apresentar à Câmara Municipal de Almada, de Filipe Andrade Moreira, para que em função das razões que apresenta, a Rua das Salgadeiras passe a chamar-se Rua das Escolas do Clube Desportivo da Cova da Piedade.*”

p. 51(última)

²⁸ p. 1.

²⁹ p. 3.

14. **Livro de Actas da Direcção** – 50 fls. numeradas (no anverso) x 2 = 100 pp. (3, ABR, 1985-1, JUL, 1988)

Acta n.º 9 (29 de Setembro de 1985), pp. 16v-18:

[...]

“Joaquim Oliveira, salienta a necessidade de uma vedação em rede nas instalações das nossas escolas para melhor protecção das crianças, e diz também que dado ainda o número insuficiente de inscrições de crianças, ainda não é possível obter a receita necessária para o pagamento dos ordenados às professoras, havendo nesta altura falta de esc.: 800,00.”

p. 17

[...]

Acta n.º 9 (11 de Abril de 1986), pp. 27v-28:

[...]

“Carlos Ludovico pergunta a [Joaquim] Lopes de Oliveira como vai o andamento da Escola [...]. Sendo-lhe respondido que não vai muito bem visto que o número de alunos ser insuficiente ao ponto de as receitas inerentes [riscado a lápis e entrelinhado previstas] ao pagamento das mensalidades não cobrirem as despesas inerentes à sua manutenção:-----

- Então o Presidente diz que teremos necessidade de pensar numa forma da Escola ser rentável ou então criar outros objectivos ao ponto de se tirar o máximo proveito das salas existentes. Pois os tempos são outros e daí a justificação para o número diminuto de alunos e consequentemente a pouca procura. Logo, e a continuar assim a Escola teria de sofrer uma alteração. Devendo esta Direcção numa próxima oportunidade debruçar-se sobre este assunto.

pp. 27v-28

[...]

Acta n.º 13 (29 de Maio de 1986), pp. 30-31:

[...]

“Lopes de Oliveira fala de problemas relacionados com a Escola, nomeadamente com a sua organização. Sendo opinião da Direcção que a Escola deverá ser autónoma, e como tal há que criar uma comissão para a gerir.”

p. 30v

[...]

15. **Livro de Actas da Direcção** – 100 pp. numeradas frente e verso, escritas apenas até à p. 87, inclusive (9, AGO, 1968-13, JUN, 1969)

Não se encontrou qualquer referência às “Escolas do Desportivo”.

16. **Livro de Actas da Direcção** – 50 fls. numeradas (no anverso) x 2 = 100 pp. (20, SET, 1990-29, MAIO, 1992)

Não se encontra qualquer referência às “Escolas do Desportivo”.

17. **Programa de Acção Directiva para o Biénio 1990/92** (candidatura encabeçada por Jaime João Santos Rocha, como Presidente da Direcção)

“Programa de Acção Directiva para o Biénio 1990/92”³⁰

[...]

“Consolidar o Presente”

[...]

“Reactivar a escola das “Barrocas”, logo que esteja concluído o estudo de viabilização, como as obras necessárias ao seu funcionamento. [...]

p. 1

³⁰ p. 1.

18. Programa de Acção Directiva para o Biénio 1992/94 – Redobrar Esforços, Superar Dificuldades

Não faz qualquer referência às “Escolas”, quer no “Programa”, quer no “Plano Orçamental de Tesouraria, Ano de 1993/94 - Despesas”

19. Relatório da Direcção – Referente ao Exercício do Biénio de 1990/1992

“Relatório da Direcção – Referente ao Exercício do Biénio de 1990/1992”³¹

[...]

“No que se relaciona com a chamada escola das “Barrocas”, em tempos informámos os associados de estarmos a diligenciar a ocupação dessas instalações através de um protocolo de colaboração com a firma Clímadex para instalação de um centro de recuperação de lesões desportivas e outras de natureza médica, cujas contrapartidas serão as seguintes: pp. 1-2

[...]

20. Candidatura – Biénio 2012/2014 – 8 pp. (candidatura encabeçada por Manuel José Garção Branquinho, como Presidente da Direcção)

“PROGRAMA DE ACÇÃO”³²

[...]

“Nos capítulos sócio culturais e desportivos, manteremos o símbolo cultural das escolas do desportivo, órgão que se tornou imensurável e por esse facto, obrigatório da nossa disponibilidade para continuação da prestação de apoio ao trabalho daqueles que generosamente têm de dicado parte da sua vida e interesse pelas causas da cultura no seio do Clube Desportivo da Cova da Piedade, e por isso reconhecido amplamente no nosso concelho.”

p. 5

[...]

21. Jornal de Almada (1957-1977) – Semanário Regionalista, Almada.

Jornal de Almada (1968) – Ano XIV, n.º 699, 4 de Maio, Sábado, p. 3:

“JORNAL DAS COLECTIVIDADES”

“Notícias do Clube Desportivo da Cova da Piedade”

[...]

“Respigamos alguns números das contas dignos de serem conhecidos:”

[...]

“Escolas Pré-Primárias e Cursos Nocturnos: 53 contos de receita e 51 contos de despesa.”

[...]

p. 3

Jornal de Almada (1969) – Ano XV, n.º 751, 10 de Maio, Sábado, p. 10 (última), artigo de Fernando Barão:

“VIRTUDES DO CONCELHO DE ALMADA”

“As Escolas Pré-Primárias e Outras Coisas”

[...]

“Foi há muitos anos [...]. penso que esse advento se ficou a dever ao Desportivo da Cova da Piedade, localizando-se a escola na antiga sede do extinto Sporting Piedense.”

[...]

“Assim alegra-se a nossa vista ao ler constantemente que esta e mais aquela agremiação inaugurou a sua Escola Pré-primária, que a Cantina de tal... fornece refeições aos alunos.”

[...]

p. 10 (última), artigo de Fernando Barão

³¹ pp. 1-2.

³² p. 5.

22. ABREU, Carlos & BRANCO, Francisco (1984) – *Associativismo – Tradição e Arte do Povo de Almada*, Almada, Ed. Câmara Municipal de Almada.

“CLUBE DESPORTIVO DA COVA DA PIEDADE”

[...]

“Data da fundação: 28 de Janeiro de 1947.”

p. 259

[...]

“A fundação do Clube foi resultante da fusão entre o União Piedense Futebol Clube (também conhecido com o epíteto de “Espanhóis”, devido às cores do seu equipamento) fundado em 9/4/1914, e o Sporting Clube Piedense, fundado em 28/12/1928.”

[...]

“Os factos salientes na história do clube, são os seguintes:

No campo cultural, ter mantido desde sempre escolas pré-primárias, onde colheram as primeiras luzes da instrução milhares de crianças.”

[...]

“No aspecto cultural mantemos a Escola sita nas Barrocas, na qual funcionam as tradicionais aulas pré-primárias.”

[...]

pp. 260-261

23. COSTA, Ana, LUZIA, Ângela & JULIÃO, José (2007) – *Associativismo e Cidadania – Exposição sobre o Movimento Associativo em Almada*, Almada, Ed. Museu da Cidade/Câmara Municipal de Almada.

“Em Almada, o fenómeno associativo encontra-se, desde meados do século XIX, em estreita relação com o processo de industrialização, a vinda de migrantes e o desenvolvimento urbanístico do seu território, sendo inevitavelmente influenciados por contextos políticos em vários períodos e pela proximidade com as correntes intelectuais da capital.”

p. 15

[...]

“Cronologia”

pp. 121-165

[...]

“1863”

“A rede escolar do concelho é constituída por 11 escolas, 4 públicas e 7 particulares, com um total de 329 alunos (3 em Almada, 3 no Monte de Caparica, 2 na Trafaria, 2 em Cacilhas e uma nas Barrocas).”

[...]

“1878”

“O concelho tem duas freguesias e 11.531 habitantes: 4.940 na freguesia de Almada (resultante da união das freguesias de Santa Maria do Castelo e Santiago), e 6.591 habitantes na freguesia de Nossa senhora do Monte de Caparica.”

[...]

p. 122

“1900”

[...]

“População residente no Concelho: 15.764 habitantes.”

[...]

p. 124-125

“1915”

[...]

“No concelho existem 11 escolas oficiais com um total de 13 professores e 979 alunos, a que corresponde uma taxa de escolarização de 40%. Os centros escolares associativos colmatam a carência de equipamentos associativos.

[...]

p. 127

“1929”

[...]

“Existem cerca de 47 associações activas no concelho.”

[...]

p. 130

“1939”

[...]

“Existem cerca de 40 associações activas no concelho.”

[...]

“1940”

“População residente no Concelho de Almada: 29.546 habitantes.”

[...]

p. 133

“1947 – (28 de Janeiro)”

“Fundação, na Freguesia da Cova da Piedade, do Clube Desportivo da Cova da Piedade, resultado da fusão do União Piedense Futebol Clube com o Sporting Clube Piedense, que se virá a destacar a nível nacional nas modalidades de futebol, andebol de onze e rugby.”

[...]

“1948”

[...]

“O Clube Desportivo da Cova da Piedade inaugura uma escola [pré] primária mista, para os filhos dos sócios.”

p. 136

[...]

“1955/74”

“As comissões culturais das associações do Concelho imprimem uma nova dinâmica ao movimento associativo. Até à revolução de 1974, as colectividades recebem palestras, colóquios, sessões de poesia, música e leitura ou apresentação de livros [e] intelectuais da capital. Visitam Almada, entre outros [...] Ferreira de Castro, numa sessão organizada pelas Escolas do Desportivo da Cova da Piedade e pela Comissão Cultural da Cooperativa Piedense e na inauguração da biblioteca do CRIL [Clube de Ilustração e Recreio do Laranjeiro], baptizada em seu nome [1960].”

[...]

p. 139

“1960”

“A biblioteca do Clube de Ilustração e Recreio do Laranjeiro sofre remodelação e é inaugurada com a designação de Biblioteca Ferreira de Castro, contando com a presença do escritor.”

p. 140

“1963” – (Novembro)

“Criação, no Clube Desportivo da Cova da Piedade, das Escolas Nocturnas – a leccionar o 5º e o 6º ano, com génese na actividade cultural que, na Cooperativa Piedense, Gomercindo de Carvalho, Ramiro Ferrão e José Cavaco tinham iniciado. Uma vez por semana, faz-se uma conferência temática para os associados. A baixa escolaridade dos sócios conduz à ideia de se leccionar matéria do curso geral dos liceus. A colectividade que disponibiliza o espaço é o Desportivo da Cova da Piedade. Inscrevem-se 11 alunos. São professores Eduardo Gonçalves, Gomercindo de Carvalho e José Cavaco.”

[...]

p. 141

“1964” – (Outubro)

“As Escolas Nocturnas do Desportivo da Piedade são formalizadas e transferidas para instalações próprias na Estrada das Barrocas (Rua União Piedense). Passam a leccionar o[s] 1º e 2º ciclos da secção de Letras e de Ciências e aulas de Cultura Geral. A intensa actividade académica, cultural e de intervenção cívica que fomentam conduz à prisão de vários professores e alunos: em 1967, entre outros, Gomercindo de Carvalho, Mário Araújo, António Reizinho [Falcão] e Albino Quaresma. Outros conseguem sair do país, como foi o caso de José Cavaco, Maria do Céu Cavaco, António Santana, Amélia Pinto, Fernando Cid e Dulcília Simões. Mesmo na adversidade, as Escolas conseguem manter-se em funcionamento.”

[...]

p. 142

“1973”

“Existem cerca de 90 associações no concelho.”

[...]

p. 145

“1997”

[...]

“As chamadas Escolas do Desportivo da Cova da Piedade retomam actividade plena após duas décadas de paragem com o objectivo de preparar estudantes para o acesso universitário e término do ensino secundário.”

[...]

p. 160

“1999”

[...]

“Existem 405 associações no concelho, das quais cerca de 150 não se encontram formalizadas.”

[...]

p. 161

“2001”

[...]

“População residente no Concelho: 160.825 habitantes.”

[...]

p. 1162

“2006”

[...]

“O movimento associativo almadense conta com um total de 595 associações, formais e não formais. Deste total cerca de 214 associações, a maioria na área da criação artística (bandas de garagem maioritariamente), não estão formalizadas. As 381 associações formais do Concelho encontram-se distribuídas pelas seguintes tipologias: 58 associações de carácter sócio-económico (prestação de serviços de sociais, protecção civil, habitação consumo); 305 associações na área sócio-cultural (educação, formação, cultura, desporto; identidade de origem; criação artística e artes performativas), 18 associações relacionadas com novas causas emergentes (ambiente; comissões de utentes; património, reivindicação de direitos sociais).”

[...]

pp. 164-165

24. Actas da Direcção da Cooperativa Piedense, de 1959 a 1963³³

24.1. Acta (sem número) de 2 de Janeiro de 1959

[...]

“Pedi para ser recebido o membro da Comissão Cultural, de 1958, Fernando Pedroso, afim (sic) de informar a Direcção sobre a situação da Biblioteca, começando por dizer, que esta, por motivo da reorganização da mesma estava fechada [h]á dois meses, estando este trabalho quase terminado, faltando somente proceder-se à numeração dos livros, pelo que desejava saber se a Direcção já tinha escolhidos novos elementos, afim de acompanhá-los na conclusão do trabalho e ao mesmo tempo entrar na nova orgânica.

Falou Carlos Pinto para dizer que se tinha feito uma grande asneira, em se abrir um Curso de francês e inglês ao mesmo tempo da reorganização da Biblioteca, pois obrigou os principais elementos a desviarem-se, sendo isto uma das principais causas da Biblioteca ainda não ter abrido (sic), tendo o elemento da Comissão Cultural, Fernando Pedroso explicado que não tinha sido isto o principal motivo, mas sim a falta de comparência de alguns elementos.”

[...]

pp. 23v-24

24.2. Acta (sem número) de 5 de Janeiro de 1959

[...]

“Apresentou-se a Comissão Cultural de 1958 afim (sic) de pedir a sua demissão, ficando este assunto para se resolver na próxima reunião.”

[...]

p. 26

24.3. Acta (sem número) de 13 de Janeiro de 1959

[...]

“Foi aprovado para pertencerem à Comissão Cultural os seguintes associados: Orlando Gouveia dos Santos, Diamantino Raimundo, João Gomes Fernandes, Raul Costa, Fernando Pedroso, Manuel Rosa e o filho de um associado de nome Orlando José.”

³³ Excertos em fotocópia – trabalho de pesquisa de Miguel Rei.

[...]

p. 30v

24.4. Acta (sem número) de 16 de Janeiro de 1959

[...]

“Compareceu o associado Ivo Calvário, para perguntar qual a razão [porque] a direcção não tinha aceitado o seu oferecimento para pertencer à Comissão Cultural, tendo esta respondido que não o aceitava devido [a] estar informada que ele não servia para pertencer àquela comissão, devido ao seu temperamento um pouco explosivo.”

[...]

p. 31v

24.5. Acta (sem número) de 20 de Janeiro de 1959

[...]

“Foi aprovado por unanimidade, os seguintes associados e filhos de associados para pertencerem à Comissão Cultural: Francisco Machadinho, José Justino, Francisco Hélder de Carvalho Quaresma, Joaquim do Carmo, José João Gonçalves, Carlos Alberto Gouveia dos Santos, Álvaro Martins Mariani e Américo da Silva Lopes, assim como para pertencerem à Comissão Feminina as seguintes esposas de sócios e filhas: Sofia do Nascimento Pinto, Maria Aurora Roque Ribeiro, Virgínia de Jesus Fortunato, Maria Albertina Caldeira Gomes, Maria Lucília Figueiredo Roxo, Maria Vitorina Pereira Batista, Ruth Azeredo Manso, Fernanda, Laura Maria Laranjeiro.

[...]

p. 32v

24.6. Acta (sem número) de 27 de Janeiro de 1959

[...]

“Pelo vice-presidente Carlos Pinto, foi dito que o fiscal Joaquim Luanda o tinha chamado à atenção pelo motivo de alguns elementos da Comissão Cultural terem violado a porta do Bar afim (sic) de entrarem na Biblioteca, o que era uma grande responsabilidade, pois tinham deixado a porta aberta, que podia entrar alguém elevar alguma coisa, e ele como fiscal é que era o responsável.

Foi aprovado em chamar-se os elementos da Comissão Cultural, José João e Diamantino Raimundo, assim como o fiscal Joaquim Luanda afim (sic) de se esclarecer este assunto.”

[...]

p. 33v

24.7. Acta (sem número) de 30 de Janeiro de 1959

[...]

“Chamou-se em seguida o fiscal Joaquim Luanda, para esclarecer melhor o assunto da violação da porta da secção do Bar, pelos elementos da Comissão Cultural, Diamantino Raimundo e José João, ao que este disse que nesse dia essa secção tinha a porta aberta, pelo qual chamou a atenção do vice-presidente Carlos Pinto, tendo este dito que de futuro, quando qualquer elemento da Comissão Cultural lhe pedisse as chaves, fora do horário habitual da biblioteca, não desse.

Sobre este assunto foi chamada a atenção dos referidos elementos, ao que responderam que tinham feito sem má intenção, pois se o fizeram foi pelo motivo de não terem encontrado a chave da biblioteca, e como tinham o dia disponível, pensaram dar um avanço nos livros, para assim poderem abrir a biblioteca o mais breve possível, e que a partir desse dia o fiscal tinha recusado sempre em dar-lhes a chave.

Mais uma vez foram chamados à atenção, para que de futuro não tornassem a fazer o mesmo, pois nenhum elemento estranho aos corpos directivos estava autorizado a abrir secções que se encontrassem encerradas, excepto o fiscal da Cooperativa, que era o elemento responsável por todas as secções durante o dia.

Sobre a recusa da entrega da chave foram informados, que foram ordens dadas ao fiscal nesse sentido, por um director, até este assunto ser discutido em reunião de direcção, pelo que, de futuro, estava autorizado o fiscal a entregar as chaves aos elementos da Comissão Cultural, sempre que necessitassem tratar alguns assuntos inerentes a esta.”

[...]

pp. 34-35

24.8. Acta (sem número) de 5 de Fevereiro de 1959

[...]

“Compareceu a Comissão Cultural para apresentar algumas sugestões para as Festas de Aniversário da nossa Cooperativa.”

[...]

“Informaram também que dois elementos da Comissão Cultural tinham assistido a uma reunião da Comissão de Propaganda da Unicoop, para a qual tinham sido convidados, sendo o assunto da reunião, em que se prestou uma homenagem ao grande cooperativista António Sérgio, comemorando também a passagem do aniversário do Boletim Cooperativista, coordenado por aquele cooperativista, ao que seria oferecido um almoço na Cooperativa dos Trabalhadores de Portugal, sendo aprovado em se inscrever cinco elementos, três da direcção e dois da Comissão Cultural.

Foram aprovados para pertencerem à Comissão Cultural, os seguintes filhos associados: Guilhermina dos Santos Rebelo e Odília Aguiar e o associado Diamantino Roxo.”

[...]

pp. 35-35v

24.9. Acta (sem número) de 24 de Fevereiro de 1959

[...]

“Pelo director e responsável pela Escola do Desportivo, Filipe Moreira, informou que o seu colega Fernando Alves lhe tinha pedido para autorizar o snr. Teles Pinto a dar uma reunião com os seus alunos, nas dependências daquela escola, e que ele tinha autorizado por ver que nada havia de mal, e mais informou que o snr. Teles Pinto só podia dar aulas desde escrevesse um ofício à Direcção do Desportivo e mesmo assim só seria cedida a dependência depois da direcção do Desportivo se avistar com a da Cooperativa. Lamentou que este snr. tivesse dado aulas nas dependências da Escola, mas se o fez foi com inteiro desconhecimento da direcção, pois o único responsável era o elemento Fernando Alves.

Terminou dizendo que o snr. Teles Pinto passaria a dar aulas no Desportivo, por ver que este snr. nada tinha feito que pudesse prejudicar a Cooperativa, apelando que a Cooperativa fizesse todos os esforços no sentido de chamar os pais dos alunos, para que estes voltassem a ter as suas aulas na Cooperativa.”

[...]

p. 37

24.10. Acta (sem número) de 27 de Fevereiro de 1959

[...]

“Compareceram os elementos da Comissão Cultural para tratar de alguns assuntos inerentes à Festa de Aniversário.

1.º Preparar-se os beberetes para os seguintes dias: [...].

2.º Mandar-se fazer 6 placas [...].

3.º Mandar-se fazer 1 galdão para oferecer ao Ginásio Clube do Sul.

4.º Ceder-se a camioneta à Comissão Cultural para no domingo pelas 13 irem buscar o piano, gentilmente cedido pelo n/ associado, para as variedades, e ir na sexta-feira, às 19 horas, buscar os aparelhos de ginástica a Almada.

5.º Apresentar a distribuição de [...].”

[...]

pp. 38v-39

24.11. Acta (sem número) de 21 de Abril de 1959

[...]

“Recebeu-se a Comissão Cultural que veio tratar do recomeço dos cursos de inglês e francês. Apresentaram também a ideia de construção de uma piscina na Quinta.”

[...]

pp. 44-44v

24.12. Acta (sem número) de 4 de Junho de 1959

[...]

“Pelo vogal Coelho foi apresentado que a secção desportiva da nossa Comissão Cultural se tinham inscrito provisoriamente até à resolução da direcção no Torneio de Andebol de sete, organizado pela Sociedade F. U. A. Piedense, aos quais pediram autorização para adquirirem um equipamento de guarda-redes e uma bola de andebol.

Foi deliberado autorizar estes pedidos, cujas despesas correrão por conta da Comissão Cultural.”

[...]

pp. 48v-49

24.13. Acta (sem número) de 11 de Junho de 1959

[...]

“Foi apresentada uma carta da Comissão Cultural, a qual discriminava o[s] nomes de alguns associados que têm livros em seu poder [h]á bastante tempo, e apesar de terem enviado já alguns avisos no sentido de os entregarem, não o tendo feito até hoje, por isso apresentaram o caso à direcção.

Foi deliberado em se chamar estes associados.

Pela Comissão Cultural foi também apresentado um pedido, no sentido de se autorizar a frequência de sócios e famílias de outros consócios nos Cursos de Inglês e Francês.

Foi autorizado este pedido.

Foi também deliberado atender-se o pedido da Comissão Cultural, no sentido de darem sessões de cinema aos domingos de manhã e à noite, de quinze em quinze dias.

Foi aprovado em se abonar dinheiro afim (sic) de a Comissão Cultural adquirir 1 ficheiro.

Foi apresentada uma proposta de uma nova Cooperativa denominada Cooperativa da Esperança para produção de filmes, [...].

[...]

p. 49v

24.14. Acta (sem número) de 3 de Julho de 1959

[...]

“Compareceu o membro da Comissão Cultural, Pedroso, para informar que não aceita o lugar de leccionador nas disciplinas de dactilografia e caligrafia em substituição do leccionador Fernando Mateus que pediu demissão, conforme tinha sido convidado e aceite em reunião da Comissão Cultural, cuja resolução foi dado conhecimento à direcção, em virtude de andar à volta deste assunto algumas mesquinhices.

Carlos Pinto informou que o leccionador Fernando Mateus lhe informou que uns dos motivos que o levou a pedir a demissão foi a falta de frequência dos alunos, sem por culpas seja a quem for, pelo que Carlos Pinto pergunta a Pedroso se a Comissão Cultural fez alguma coisa no sentido de indagar qual (sic) os motivos da falta de assiduidade dos alunos, tendo Pedroso respondido que escreveram cartas aos encarregados de educação, tendo alguns vindo fazer zaragata.”

[...]

“Foi lida a carta da Comissão Cultural em que participava a resolução desta Comissão em nomear para leccionador nos cursos de dactilografia e caligrafia o seu colega Fernando Pedroso, mas sem virtude da recusa dele, o assunto arquivou-se sem discussão.

Carlos Pinto diz que [o] leccionador lhe disse que três membros do Conselho Fiscal fora ter com ele no sentido de se informarem qual o motivo do seu pedido de demissão, pelo que não haja [sic] bem por este assunto estar fora das suas atribuições, pelo que o presidente Jaime chama à atenção o presidente do Conselho Fiscal, Armando da Piedade.

Foram aprovados para pertencerem à Comissão Cultural os seguintes associados: Laurentino e Américo de Carvalho.

Foi apresentado um pedido da Comissão Cultural no sentido de levantarem o subsídio correspondente até ao fim do ano, afim (sic) de poderem suprir as despesas feitas com a compra de livros.

Foi deliberado em se ceder este pedido, mas descontando algumas despesas pagas pela direcção e pertencentes à C. Cultural.”

[...]

pp. 53v-54v

24.15. Acta (sem número) de 16 de Julho de 1959

[...]

“Compareceu o consócio e lecciona[do]r da aula de caligrafia Mateus, afim (sic) de se saber qual o motivo do seu pedido de demissão de leccionador, o qual disse: que tinha avisado com antecedência que só continuaria até trinta de Junho, e a razão principal é estar a preparar-se para um concurso da sua vida particular e profissional, e não via justificação para que este curso continuasse na Cooperativa, pois não via da parte dos alunos qualquer interesse pois compareciam ao primeiro turno oito a dez ao segundo turno três.

Perguntado se tem razões de queixa da C. Cultural, diz que não, embora se descuidassem um pouco, com o Curso de dactilografia, pois muitas vezes teve de arrumar a sala, e quando pedia auxílio, havia membros da C. Cultural que lhe davam mas contra vontade, assim como não mostravam muito interesse aos relatórios que mandava.

Sendo-lhe perguntado pelo presidente Jaime se a pessoa indicada para [o] substituir tinha competência para o fazer, respondeu que não.

Depois da saída deste consócio, foi apresentado que havia mais assuntos da C. Cultural para tratar mas, mas por sugestão de Vitor Costa, motivada pela não comparência do director seccionista [sic], foi deliberado convocar uma reunião para terça-feira para se tratar deste assunto.

Carlos Pinto apresenta que tendo ido à biblioteca para ver uma fotografia que vinha no jornal – República – e estando nessa altura de tratarem do passeio a Espanha, como sócio, apresentou a sua discordância da maneira como este passeio estava a ser conduzido, o que deu azo a uma troca de palavras com o elemento Fernando Pedroso, chegando este elemento a dizer: o snr. dá cá ordens malcriadas.

Foi deliberado em chamar-se o Fernando Pedroso na reunião de terça-feira.”

[...]

pp. 56-56v

24.16. Acta (sem número) de 20 de Julho de 1959

[...]

“Compareceram o membro da C. Cultural Pedroso, afim [sic] de se esclarecera discussão que tinha tido com o vice-presidente da direcção: Carlos Pinto.

Carlos Pinto pergunta a Pedroso se na discussão que teve com ele, o esclareceu que falava simplesmente como sócio.

Pedroso respondeu que sim, mas que na sua opinião falava como director, pois no seu entender não podia ser de outra forma.

Carlos Pinto pergunta porque razão Pedroso lhe tinha dito que dava ordens malcriadas.

Pedroso respondeu que mais de uma vez, Carlos Pinto tinha tido alguma discussão com membros da Comissão Cultural, por divergências de opinião que a seu ver não eram certas, e era isto que considerava ordens malcriadas, e que Carlos Pinto também tinha chamado-lhe [sic] ditador.

Carlos Pinto afirma que nã[o] disse esta palavra.

Pedroso apresenta como testemunha o membro da C. Cultural, Semedo, que diz que numa altura da discussão, Carlos Pinto disse esta palavra.

Caeiro diz que deve haver respeito mútuo, e pede para que se encerre esta discussão.

Depois da saída dos membros da C. Cultural, Carlos Pinto pede a palavra para dizer que lamentava a atitude de alguns directores, principalmente Caeiro, durante a discussão deste caso e diz que de futuro se recusa a tender qualquer assunto inerente da [sic] C. Cultural.”

[...]

pp. 57-57v

24.17. Acta (sem número) de 10 de Agosto de 1959

[...]

“Pelo presidente Jaime foi apresentado que a Comissão Cultural tinha pedido emprestado a quantia de mil e seiscentos escudos, mas que na sua opinião não aprovava, em virtude da Comissão não ter apresentado contas.

Caeiro diz que é da mesma opinião, mas que a Comissão Cultural ficou de apresentar as contas até a [...] Agosto.

O presidente Jaime pede para acompanhar Caeiro numa próxima reunião da C. Cultural.”

[...]

p. 58v

24.18. Acta (sem número) de 4 de Setembro de 1959

[...]

“Por pedido da C. Cultural foi deliberado em se ceder a esta Comissão a secção de mercearia, para o ensaio de uma peça de teatro.

Mais informou o vogal Caeiro que na última reunião da C. Cultural travou-se uma polémica entre Diamantino Raimundo e Américo Amorim o que levou este último elemento a pedir a demissão da C. Cultural.”

[...]

pp. 60v-61

24.19. Acta (sem número) de 12 de Setembro de 1959

[...]

“Foi lida uma carta enviada da Escola Pré-Primária do Clube Desportivo da Cova da Piedade, pedindo um pequeno auxílio para esta secção.

Foi deliberado em contribuir com uma quota mensal de vinte escudos, sendo deliberado também em se contribuir com a mesma importância mensalmente para os Bombeiros de Almada e Cacilhas.”

[...]

p. 62v

24.20. Acta (sem número) de 22 de Setembro de 1959

[...]

“Foi autorizado à C. Cultural em escrever duas cartas, uma destinada ao Clube Recreativo Piedense, pedindo o seu palco para o ensaio do teatro e outra destinada aos fornecedores da Cooperativa, pedindo auxílio para esta modalidade.”

[...]

p. 63

24.21. Acta (sem número) de 31 de Outubro de 1959

[...]

“Pelo secretário Vitor foi apresentado que o Clube José Avelino [sic, deveria ter escrito: Clube Recreativo Piedense!?] tinha cedido a sua sala à Comissão Cultural a fim desta poder dar ensaios, e um espectáculo das peças que está a ensaiar.

Mais informou que havia um elemento que entrava numa das peças que não era sócio nem familiar desta Cooperativa, sendo porém sócio da cooperativa Almadense.”

[...]

pp. 67v-68

24.22. Acta n.º 7 de 30 de Janeiro de 1960

[...]

“O vogal Manuel Mor pediu que lhe fosse dada prioridade por o seu estado de saúde não sero melhor neste momento, a que o Presidente acedeu. Começou por dizer que a Biblioteca estava quase pronta a retomar a sua actividade, apresentando nomes que viriam a ser elementos da próxima Comissão Cultural. Foram aprovados; porém antes de se entrar na aprovação ou reprovação, gerou-se aqui polémica em que entrevieram [sic] fazendo várias considerações apresentando cada o seu ponto de vista. Manuel Mor, Carlos Faia, Victor Costa, Machadinho e Viegas e porque se estava a entrar em diálogos o Presidente começou por pedir ao Segundo Secretário que comesse a anunciar os nomes e se entrasse em deliberações. Foram aprovados por maioria os seguintes nomes, que representavam sócios ou filhos, Fortunato, Vasco, José João Lavrador, Manuel Luz Romana, Carlos Gouveia, Carlos Veiga Martins, Carlos Alberto Amaral Pereira, Silvino Manuel Pereira Tavares, e reprovados por maioria Fernando Pedroso, Domingos Semedo. Conforme seu desejo aqui fica lavrada a reprovação de Victor Costa aos seguintes nomes indicados para a Comissão Cultural: Fortunato, Vasco Costa, Fernando Pedroso e Domingos Semedo. Manuel Mor procurou se a Direcção achava que se deveria editar o Boletim pelo aniversário, lembrando para coordenador o consócio João Mangualde Boquinhas a que todos anuíram, lembrando também que tinha a intenção de de convidar o escritor Alves Redol. [...]”

pp. 20-21

24.23. Acta n.º 8 de 6 de Fevereiro de 1960

[...]

“[Manuel Mor] Passou a ler um projecto do que seriam os festejos pelo aniversário, procurando também se todos estavam de acordo que se publicasse o Boletim a que todos acordaram, disse mais que em face do atrazo [sic] que se verificava na chegada do Primeiro de Janeiro que era sua opinião bem como da Comissão Cultural disistirmos [sic] dessa assinatura a que toda a Direcção achou bem. Foi incumbido de officiar o dito Jornal o primeiro secretário. [...]”

p. 24

24.24. Acta n.º 21 de 3 de Maio de 1960

“[...] Manuel Mor informou que no dia doze o architecto Jacobeti irá à quinta com os engenheiros da Junta de Colonização Interna. Mais diz que os elementos da comissão Cultural pediram os seus cartões de Identidade, a que o segundo secretário respondeu que os mesmos trouxessem as fotografias para se tratar dos cartões. [...]”

p. 49

24.25. Acta n.º 37 de 30 de Agosto de 1960

[...]

“Foi apresentada a sugestão da Comissão Cultural se deslocar às Ermidas, com a máquina de projectar afim [sic] de dar uma sessão de cinema, na Cooperativa daquela localidade, mas em virtude de algumas dificuldades não foi autorizado.”

[...]

p. 74

24.26. Acta n.º 13 de 29 de Março de 1962

[...]

“Havendo livros interditos na Biblioteca que não é permitida a sua leitura, foi resolvido que os colocassem em vitrine [sic] com respectiva ficha e continuando a não ser permitida a sua leitura. [...]”

p. 63

24.27. Acta n.º 21 de 7 de Junho de 1962

[...]

“Foi apresentado pelo Snr. Barbosa, uma proposta para aquisição de livros para a juventude e infância, no total de 160 livros que deve de importar em cerca de 2.000.00. Foi aprovada a sua compra.”

Foi presente assunto tratado com a secção Biblioteca que apresentava os seguintes ordens de trabalho: conferências sobre diversos temas e dar publicidade às actividades culturais levadas a efeito, com a publicação dos programas na imprensa em geral. Abertura para a inscrição para o Curso Cultura Geral, o qual será leccionado pelo Snr. Gomercindo Carvalho. Foi aprovado que as conferências sobre cultura geral sejam dadas uma vez por mês, de princípio.”

[...]

pp. 77-78

24.28. Acta n.º 38 de 21 de Setembro de 1962

[...]

“Foram aprovados todos os pedidos feitos pela Comissão Cultural, como sejam: chamar novos elementos para colaborar com o explicador cultural, para se poder preparar alguns assistentes que desejam tirar o 1.º e 2.º ciclo. Aceitou-se um filho de sócio para colaborar com a comissão. Ter elementos femininos para dar explicações em sessões ainda a apresentar, como sejam alguns de a Vida Sexual, o Parto Sem Dor, A Vida da Mulher, e a devida autorização para se fazer a respectiva propaganda. O empréstimo do gravador para gravar as leituras dos livros de principais filósofos, visto que aos assistentes não lhes é possível possuir os livros da maioria dos filósofos, e então fará gravações dos assuntos mais em evidência dos principais professores.”

[...]

p. 111

24.29. Acta n.º 41 de 18 de Outubro de 1962

[...]

“No uso da palavra o Presidente dá conhecimento à Direcção do que lhe fora solicitado pela Comissão Cultural, que pede para se utilizarem do saldo que resta, para a compra de livros. Tendo sido autorizado. – Pedem para autorizarem a saída de livros que con[]ocam na vitrine que só é permitida a leitura na Biblioteca. Não foi autorizado o levantamento desses livros e continuando como até aqui a ser permitido a leitura na Biblioteca. – Procuram saber se este ano se volta a fazer a festa de Natal. Foi pedido para que a Comissão elaborasse [sic] um programa das festas e que se limitasse a idade das crianças. Depois de apresentado esse programa será posto à aprovação.

[...]

pp. 119-120

24.30. Acta n.º 43 de 8 de Novembro de 1962

[...]

“Eugénio Barbosa, continuando, informa que a Comissão Cultural, devido às constantes inscrições que continuam a aumentar, o espaço na Biblioteca já é curto, e então pedem se não haveria possibilidade de se conseguir dar o curso noutra sala. E Eugénio Barbosa, lembrou que se poderia utilizar a sala do Bar; visto que na hora em que se dá o Curso, são nas horas de pouco movimento do Bar. O horário do Curso é o seguinte: aos sábados das quinze às dezanove horas, e aos domingos das dez às treze. – Foi aprovado que a Comissão Cultural se utilizasse da sala do Bar; dentro do horário indicado, mas não sendo interdita a entrada do sócio ao Bar.”

[...]

pp. 124-125

24.31. Acta n.º 3 de 18 de Janeiro de 1963

[...]

“Boletim – é ideia da Comissão Cultural, levar a efeito a publicação do Boletim da nossa Cooperativa; pretendem também organizar vários intercâmbios espirituais, tendo recebido os nossos bibliotecários convites para se deslocarem a Almada, Amora, Seixal e Alhos Vedros; pensam também numa sub-comissão, tendo já a colaboração de Maria Luíza de Jesus Inácio, filha de um associado, Victor Nunes Antunes, João Gama, Afonso Henriques, José Carlos Mateus e António Saraiva Albuquerque, este também filho de associado; está em estudo também umas conferências e programas de cinema infantil.”

[...]

“Ainda sobre o programa da Biblioteca, apresentado pelo seu Delegado, foi resolvido aceitar o programa estabelecido.”

[...]

p. 138

24.32. Acta n.º 6 de 1 de Fevereiro de 1963

[...]

“Carlos Figueiredo - dá conhecimento que a Comissão Cultural tem marcado para o dia dez o primeiro espectáculo infantil. Sendo para o efeito distribuídos os convites que dá [sic] ingresso.

Bibliografia

Livro de Presenças da Assembleia Geral – 130 fls. x 2 = 260 pp. não numeradas + 5 x 2 = 270 pp. (8, MAR,1947-26, FEV, 1976)

Livro de Actas da Assembleia Geral II – 200 pp. numeradas (7, AGO,1958- 7, DEZ, 1964)

Cova da Piedade – Boletim Mensal do C. D. C. P. – Edição da Comissão Bibliotecária – N.º 4, Ano I, 20 de Julho de 1963 (12 pp. fotocopiadas em A3 : 2 = A4)

Livro de Actas da Assembleia Geral III – 100 fls. numeradas (no anverso) x 2 = 200 pp. (28, DEZ,1964 – 21, JAN, 1971)

Livro de Actas da Direcção – 50 fls. numeradas (no anverso) x 2 = 100 pp. (9,AGO,1968-13,JUN,1969)

Livro de Actas da Assembleia Geral IV – 200 fls. (numeradas no anverso, de 1-200) x 2 = 400 pp. (3,JUN,1971-16,JUL,1987)

Livro de Actas da Direcção – 100 fls. numeradas (no anverso, de 1-100) x 2 = 200 pp. – preenchidas, apenas, até à *Acta n.º 25*, de 29 de Março de 1974 (1,AGO,1971-29,MAR,1974) isto é, até à p. 85v

Estatutos do CDCP – 32 pp. + capa, em formato A5 - (aprovados na Assembleia Geral de 30 de Junho de 1967)

Livro de Actas da Direcção – 50 fls. numeradas (no anverso, de 1-50) x 2 = 100 pp. – iniciando, no verso da f. 1, com a continuação da *Acta n.º 16*, de 12 de Janeiro de 1979 (12,JAN,1979-30,NOV,1979)

Livro de Actas da Direcção e Corpos Gerentes de 1981 – 100 fls., das quais apenas as primeiras 25 numeradas (no anverso) e preenchidas apenas até ao anverso da f. 3 (24,ABR,1981-10,DEZ,1984)

Livro de Actas da Direcção – 50 fls. numeradas (no anverso) x 2 = 100 pp. (6,AGO,1981-22,OUT,1982)

Livro de Actas da Direcção – 50 fls. numeradas (no anverso) x 2 = 100 pp. (22,OUT,1982-4,MAIO,1984)

Livro de Actas da Direcção – 50 fls. numeradas (no anverso) x 2 = 100 pp. – iniciando com a conclusão da *Acta* de 4 de Maio de 1984 - (4,MAIO,1984-29,MAR,1985)

Livro de Actas da Direcção – 50 fls. numeradas (no anverso) x 2 = 100 pp. (3,ABR,1985-1,JUL,1988)

Livro de Actas da Direcção – 100 pp. numeradas frente e verso, escritas apenas até à p. 87, inclusive (9,AGO,1968-13,JUN,1969)

Livro de Actas da Direcção – 50 fls. numeradas (no anverso) x 2 = 100 pp. (20,SET,1990-29,MAIO,1992)

Programa de Acção Directiva para o Biénio 1990/92 (candidatura encabeçada por Jaime João Santos Rocha, como Presidente da Direcção)

Programa de Acção Directiva para o Biénio 1992/94 – Redobrar Esforços, Superar Dificuldades

Relatório da Direcção – Referente ao Exercício do Biénio de 1990/1992

Candidatura – Biénio 2012/2014 – 8 pp. (candidatura encabeçada por Manuel José Garção Branquinho, como Presidente da Direcção)

Jornal de Almada (1957-1977) – Semanário Regionalista, Almada.

ABREU, Carlos & BRANCO, Francisco (1984) – **Associativismo – Tradição e Arte do Povo de Almada**, Almada, Ed. Câmara Municipal de Almada.

COSTA, Ana, LUZIA, Ângela & JULIÃO, José (2007) – **Associativismo e Cidadania – Exposição sobre o Movimento Associativo em Almada**, Almada, Ed. Museu da Cidade/ Câmara Municipal de Almada.

Actas da Direcção da Cooperativa Piedense, de 1959 a 1963.

[maltez.info/respublica/Cepp/anuario/secxx/ano\(s\)1963/1964/1965/1966/1967/1968/1969/1970/1071/1972/1973/1974/.htm](http://maltez.info/respublica/Cepp/anuario/secxx/ano(s)1963/1964/1965/1966/1967/1968/1969/1970/1071/1972/1973/1974/.htm)

Fontes:

Fotografias e documentação cedida por: Castro Rodrigues, José Cavaco, Mário d'Araújo, António Fontinha, José Paiva, Celeste Mesquita, Manuel Nobre, Augusto Flor, Ivone Chocalhinho, Carlos Barbosa.

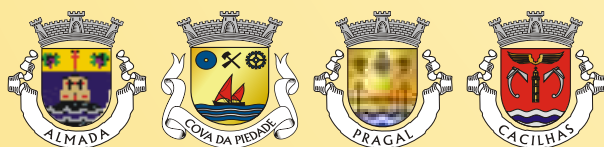
(...)

Eles não sabem, nem sonham,
que o sonho comanda a vida,
que sempre que um homem sonha
o mundo pula e avança
como bola colorida
entre as mãos de uma criança.

António Gedeão

Extracto do poema Pedra Filosofal

In, Movimento Perpétuo, 1956



UNIÃO DAS FREGUESIAS

ALMADA • COVA DA PIEDADE • PRAGAL • CACILHAS



UNIÃO DAS FREGUESIAS

LARANJEIRO • FEIJÓ